

INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DO TRABALHO E DA EMPRESA



“AFRIKIKIS”

Dinâmicas familiares e intergeracionais das mulheres africanas em
contexto de bairro

Karina Ismael

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Família e Sociedade

Orientadora

Professora Doutora Maria das Dores Guerreiro

Professora Coordenadora no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa

Dezembro, 2008

“AFRIKIKIS”

Dinâmicas familiares e intergeracionais das mulheres africanas em
contexto de bairro

Karina Ismael

Dezembro, 2008

RESUMO

Este trabalho centra-se no estudo das dinâmicas familiares e intergeracionais das mulheres africanas em contexto de bairro, tendo na sua base a esfera cultural. O seu principal objectivo é contribuir para a compreensão do objecto de estudo em questão, à luz de três dimensões de análise: familiar, pessoal e espacial e posteriormente, repensar a possibilidade de adopção de novos quadros de valores e perspectivas, em relação ao conceito de ghetto/bairro e ao papel da mulher africana no processo de reprodução cultural.

Neste sentido foi desenvolvida uma abordagem multidisciplinar para compreender as dinâmicas familiares e intergeracionais a partir dos enquadramentos teóricos e conceptuais existentes.

O estudo empírico foi desenvolvido através de um trabalho de natureza qualitativa, recorrendo-se à análise de conteúdo de entrevistas semi-directivas para assim dar visibilidade e compreensibilidade às práticas e experiências existentes no bairro. Fazem parte da amostra um grupo de mulheres africanas residentes em bairros sociais das zonas de Lisboa e Vale do Tejo constituída por 8 jovens mulheres, com idades compreendidas entre 16 e os 25 anos e 8 avós com mais de 50 anos.

Como conclusão reconhecemos a necessidade de representar os ghettos de hoje uma vez que, após esta investigação, novas questões orientadoras poderiam ser formuladas, já que não se conheceu definições únicas ou consensuadas sobre o mesmo.

Palavras-chave: família, dinâmicas sociais, bairro, identidades

ABSTRACT

This social work focuses on the study of family dynamics and intergenerational context of African women in the neighborhood with its base in the cultural sphere. Its main objective is to contribute to the understanding of the subject of study in question, in three dimensions of analysis: family, individual/personal sphere and space, and then review the possibility of adoption of new tables of values and perspectives in relation to the concept of ghetto/neighborhood and the role of African women in the process of cultural reproduction.

In this sense was developed a multidisciplinary approach to understand the family dynamics and intergenerational from existing conceptual and theoretical frameworks.

The empirical study was developed through a work of a qualitative nature, using up to content analysis of semi-guided interviews. It was a way to give visibility and understandability to the practices and experiences existing in the neighborhood. They are part of the sample, a group of African women living in social areas/neighborhoods of Lisbon and Tagus Valley that have the following distribution: 8 young women aged between 16 and 25 years and 8 grandparents over 50 years.

In conclusion we recognize the need to represent the ghettos of today because, after this research, some issues and new guidelines could be made, since it is not known single definitions about this reality.

Keywords: family, social dynamics, neighborhood, identities

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO.....	3
CAP.1 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	5
A) Ghettos: a sua história e evolução	
1.1 – Conceito de Ghetto.....	5
1.2 – Ghettos, pobreza e segregação.....	7
1.3 – Bairro social: identidades e interacção.....	8
1.4 – Identidades de Bairro: cultural e colectiva.....	10
1.5 – Redes sociais, vizinhança e colectividades no Bairro.....	14
1.6– Papéis femininos no Bairro.....	16
B) Família: estrutura, funções e mudança	
1.2 – A educação nas famílias africanas e europeias.....	17
1.3 – Os avós: socialização, educação e herança cultural.....	21
Quadro1 – Representações cruzadas sobre os bairros sociais e os seus modos de vida – Um olhar de fora para dentro.....	23
CAP. 2 – PROBLEMÁTICA, OBJECTO DE ESTUDO, QUESTÕES	
ORIENTADORAS E METODOLOGIA.....	24
2.1 – Objecto de Estudo e Finalidades.....	24
2.2 – Modelo de Análise.....	26
2.2.1 Quadro conceptual.....	28
2.3. – Questões orientadoras.....	29
2.4 – Opções e abordagens metodológicas.....	30
CAP.3 – CARACTERIZAÇÃO SOCIO-FAMILIAR.....	35
Quadro2: Caracterização sócio-familiar das avós (Grupo A).....	32
Quadro3: Caracterização sócio-familiar das netas (Grupo N).....	33
Quadro4: Tipologia do agregado doméstico das avós e netas segundo a proposta de classificação de Laslett (1972).....	36
Quadro5 – Distribuição do grupo das avós e netas (segundo as variáveis naturalidade e 1.ª língua)	37

CAP.4 – ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	38
A) Dimensão familiar	
4.1 - Famílias africanas de bairro.....	38
Quadro6 – Definição de família por palavras-chave.....	40
4.2 - Convivência intergeracional.....	41
4.2.1 – Valores, tradição e conhecimento	44
4.2.2 – Práticas culturais do país de origem.....	45
B) Dimensão pessoal	
4.1 – Cultura africana e formas de manifestação.....	47
Quadro7 – Definição de cultura segundo as perspectivas das avós e netas.....	49
4.2 – Dinâmicas familiares e culturais.....	51
4.2.1 – Língua materna.....	52
C) Dimensão espacial	
4.1 – Bairro e interações.....	54
4.1.1 – Definição, caracterização e imagem social de Bairro.....	54
4.2 – Redes de comunicação e empowerment comunitário.....	58
4.2.1 – Participação comunitária no feminino.....	58
 CAP.5 – REFLEXÃO FINAL.....	 61
Quadro8 – Representações cruzadas dos bairros sociais e os seus modos de vida – Um olhar de dentro para fora.....	63
BIBLIOGRAFIA.....	64
ANEXOS.....	

Introdução

“A diversidade cultural é a maior oportunidade deste princípio de século e estes bairros são um museu vivo, de línguas e modos de vida, que permitem à sociedade portuguesa renovar-se e reconciliar-se com a sua própria história, inventando um novo percurso onde todos somos precisos.”

Isabel Guerra, 2005

Actualmente temos a sensação que as contradições e desigualdades sociais têm enfraquecido os laços sociais que, em tempos, construíram os diferentes “territórios” da vida colectiva, tais como a escola, o trabalho e o bairro. Nos bairros sociais, a população africana residente tem enfrentado um quotidiano esforçado de trabalho e de sobrevivência, numa busca constante por um melhor nível de vida, já que se apercebem, diariamente, da existência de múltiplos factores de exclusão social que convergem entre si, quer pela via do mercado de trabalho e dos rendimentos, quer pela via da escola e da participação. São visíveis as mudanças nos traços culturais e vários desequilíbrios no seio destas famílias africanas. Tudo se passa em fracções de segundo, num ritmo intenso de trabalho, onde as famílias estão fechadas para si procurando estratégias de reequilíbrio, que assentem no alargamento das relações de parentesco, de entreajuda, de solidariedade e de compadrio à vizinhança. Por outro lado, a ausência dos pais acaba por estar envolta num ambiente de instabilidade profissional, onde as diversas relações que se estabelecem encontram-se marcadas por carências e outros condicionalismos socioeconómicos assim como por confrontos gerados pelos constrangimentos de integração numa sociedade “estranha”.

Importa então explorar e conhecer e divulgar cada vez mais, todo o conhecimento já existente sobre estes territórios e as suas populações, no sentido de se perceber o que realmente se passa, o que diferente, semelhante ou igual existe, de se aproximar ao nível das oportunidades de interacção e relação entre as pessoas, exigindo um maior rigor na informação que se produz e se divulga, pois como salienta Fernando Luís Machado (2005), “a opinião faz-se sobre o que se conhece ou se dá a conhecer!”. Isto porque, para além desta visão superficial e generalista que se tem das pessoas que vivem nos bairros, pouco se sabe sobre a figura mulher africana, nomeadamente quem são elas e quais os papéis destas mulheres nestes territórios? Terão um “papel basilar”, em que a sua participação é fundamental para (re)encontrar a sua identidade cultural e para definir as principais lacunas ao nível de equipamentos e serviços como refere Godelieve Meersschaert (2001)?

É certo que cada bairro tem as suas próprias características, as suas carências e os seus problemas, mas é através da persistência de uns e o interesse de outros (levada a cabo pelas

peças mais velhas), que ainda se preservam os hábitos e costumes culturais, criando uma imagem positiva do bairro e da comunidade existente. Organizam-se vários convívios e eventos típicos dos países de origem, que retratam um pouco das vivências destas famílias, tendo em vista a aproximação às raízes e a construção da identidade individual e colectiva. E serão os bairros sociais “uma produção de dinâmica dos territórios nas suas formas de serem ocupadas, apropriadas, vividas, geridas..., onde a fobia presente na sociedade dá continuidade àquela que “empurrou” estes bairros e as suas gentes para as periferias, para “longe da porta e da vista de cada um”, para “becos sem saída... para os chamados “ghettos”?”¹

Muito embora, os bairros tenham sido objecto de análise na sociologia, produzindo um conjunto de trabalhos segundo várias perspectivas e com diferentes objectivos, estes continuam a ser uma incógnita para a maioria das pessoas (sociedade no geral), que continuam a assimilar uma informação manipulada e estereotipada transmitida pelos meios de comunicação que os rotula como uma ameaça social.

Para contrariar este curso, proponho este trabalho de investigação intitulado “*AFRIKIKIS*”²: *Dinâmicas familiares e intergeracionais das mulheres africanas em contexto de bairro*, em que a escolha do objecto de estudo se funde em três interesses, fios condutores desta investigação: a) o académico, pelo facto de existirem poucos trabalhos de investigação centrados neste tema e principalmente, no que se refere às mulheres africanas residentes nos bairros sociais; b) o sociológico, no sentido de saber e perceber o que está para além da pobreza, exclusão social/“ghettização” nestes contextos; c) e por fim o pessoal, pelo contacto diário com esta realidade, onde neles existe uma identidade cultural enquanto quadro específico de relações sociais (que não implica homogeneidade social) e onde se esconde uma riqueza cultural diversa que é quase inexistente aos olhos da sociedade.

No capítulo que se segue pretende-se constituir um “pano de fundo”, onde serão apresentadas várias perspectivas e linhas de pensamento de autores das ciências sociais.

¹ “*Ghettos*” são bairros de uma cidade, onde vivem indivíduos de uma etnia ou grupo minoritário devido a injunções, pressões ou circunstâncias económicas ou sociais. Por extensão, designam todo o estilo de vida ou tipo de existência resultante de tratamento discriminatório “*Ghetto*” provém do latim 'jacere' (atirar), que é a raiz de palavras como 'projecto', 'injectar', 'adjectivo' e 'jacto'. A palavra veneziana “ghetto” era o nome de uma ilha onde existia uma fundição que fabricava peças para a artilharia da cidade. Mais tarde, quando os judeus de Veneza foram obrigados a viver nesta ilha, fugindo de perseguições, o local passou a designar uma zona isolada onde vivia um povo confinado.

² *Afrikikis*: mulheres africanas que nasceram ou não em África, que acreditam que acima do indivíduo está a comunidade.

CAP.1 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Os Ghettos: a sua história e evolução

*“Residents of the ghettos of all countries: unite!
You have nothing to lose but your walls!”*
Sasha Weitman 2004

1.1. Conceito de Ghetto

Na metade do século XIX, o termo “ghetto” passou a ser usado para falar de concentrações residenciais de judeus europeus nos portos do Atlântico e era claramente distinto de *slum*³, enquanto área de moradia precária e de patologia social. O conceito expandiu-se de tal forma que passou a incluir todos os distritos urbanos degradados, onde imigrantes exóticos (como os do Sudoeste Europeu e os afro-americanos) se juntavam. Os indesejados bairros centrais das cidades norte-americanas foram ocupados primeiramente pelas indústrias e depois pelas populações de classes baixas, que a partir da década de 1950, começaram a ser abandonados pelos brancos (os “white flight”). Esta situação levou a uma desvalorização imobiliária drástica e consequente deterioração do tecido urbano.

À medida que o termo foi reflectindo preocupações de classe dominante em relação à assimilação desses grupos ao padrão anglo-saxão predominante, o “ghetto” passou a referir-se à intersecção entre bairros étnicos e *slums*, onde a segregação juntava-se ao abandono físico e à superpopulação, exacerbando problemas urbanos como a desintegração familiar, a pobreza, a criminalidade e a falta de participação na vida nacional. O conceito foi modificado sob a pressão do movimento dos direitos civis e passou a referir-se aos enclaves compactos e saturados, a que os afro-americanos eram relegados quando migravam para os centros industriais do Norte dos EUA (depois da 2ª Guerra Mundial).

Denotava-se assim, um forte contraste entre o crescimento de uma “metrópole negra no seio de outra branca”, onde os negros desenvolviam instituições distintas e paralelas para compensar e proteger-se do isolamento imposto pelos brancos (Drake e Cayton, 1945) e da dispersão residencial dos euro-americanos de descendência estrangeira. Durante o auge das revoltas negras dos anos 60, Kenneth Clark (1965) escreveu sobre a relação de subordinação etno-racial, salientando que *“os EUA adicionaram ao conceito de ghetto, a restrição das pessoas a uma área específica e a limitação da sua liberdade de escolha com base na sua*

³ É uma área de dilapidação imobiliária que, por extensão, tende a designar uma vizinhança de má reputação e indesejável para as classes sociais. *Slum* descreve um tipo de ocupação urbana similar à das favelas brasileiras, mas que também pode ser aplicada para descrever algo similar aos cortiços.

cor. As paredes invisíveis do ghetto escuro foram erigidas pela sociedade branca, por aqueles que têm o poder.”⁴ Por outros documentos, fez-se saber que os EUA estavam transformados em duas sociedades, uma negra outra branca, segregadas e desiguais, face à intransigência racial dos brancos, que viera a provocar uma desordem civil.

No entanto e passado duas décadas, o “ghetto” escuro entrou em decadência devido à desindustrialização e às políticas estaduais de redução de previdência e compactação urbana, tornando-se um território abandonado, foco de desintegração. Por outro lado, a dominação racial tornou-se cada vez mais difusa através do prisma de classe, sendo o conceito substituído pelo eufemismo geográfico “centro urbano” e pelo neologismo “*underclass*”. Este último significava um substrato de residentes do “ghetto” associados a comportamentos anti-sociais, elevadas taxas de desemprego e isolamento social (Wilson, 1987).

Nos anos 90, o termo “ghetto” foi neutralizado e culminou na expurgação de qualquer traço de raça ou poder. Deu-se uma nova redefinição do termo como qualquer grupo de pobreza extrema, independentemente da sua composição populacional e institucional, regredindo ao ponto de partida – o de *slum*. Para Nardi Sousa (2002), o “ghetto” é um “*outro veículo para extrair a força de trabalho cabo-verdiana e matar o corpo dos trabalhadores à distância para benefício simbólico e material da sociedade portuguesa*”⁵. Também Loïc Wacquant (1997) salientou que o “ghetto” não é uma área natural, produto da “história da migração” (como defendia Louis Wirth), mas sim uma forma especial de violência colectiva concretizada no espaço urbano. Entende o “ghetto” como um instrumento bifacetado de cercamento e controle etno-racial, uma espécie de dispositivo sócio-organizador que usa o espaço para maximizar os lucros materiais extraídos de um grupo visto como pervertido e perverso e para minimizar o contacto íntimo com os seus membros, no sentido de evitar uma ameaça de corrosão simbólica e de contágio.

Na opinião deste autor, as ciências sociais falharam por não terem desenvolvido um conceito analítico e robusto de “ghetto”, que se reflectiu na forma como os “ghettos” passaram a ser vistos: um espaço segregado, uma comunidade etnicamente homogênea, um território de grande pobreza ou de casas abarracadas, onde existe o mito/crescimento de uma “*underclass*”⁶, uma mera acumulação de patologias urbanas e comportamentos anti-sociais.

⁴ In Revista de Sociologia e Política, n° 23, Novembro 2004, págs. 157

⁵ In Sebenta II Congresso dos Quadros Cabo-Verdianos da Diáspora, Praia, Abril 2002, pág. 210

⁶ WACQUANT, Loïc, *Slavery to Mass Encarceration*, In New Left Review 13, January/February, 2002. Pág.45

A diferença entre os “ghettos” do passado e os do presente assenta na capacidade de produzir e sustentar uma rede de instituições locais viáveis que assegurem as necessidades básicas dos seus moradores. Outrora, os “ghettos” tinham essa capacidade, isto é o capital social, mesmo com grande carência de recursos e perante a “crueldade” das autoridades; ao passo que os “hiperghettos” não a têm e são constantemente afectados (como também os “ghettos” do passado) pelos males da segregação racial e do confinamento territorial. Presentemente, estão também sujeitos à exclusão permanente do trabalho rentável e à repressão violenta por parte da polícia, caracterizada pelos moradores como indiscriminada e interminável, em sintonia com o poder judiciário.

Os negros eram recrutados nas cidades norte-americanas pelo seu trabalho não qualificado, já depois da I Guerra Mundial. À partida não havia perigo de mistura ou confraternização com os brancos, pois consideravam aquelas pessoas como vis, inferiores e com orgulho étnico maculado pela escravidão. Com a migração dos negros do Sul (aos milhões), a hostilidade branca aumentou e os padrões de discriminação e segregação tornaram-se mais rígidos na moradia, nas escolas e nas acomodações públicas, na economia e na política. Os afro-americanos fugiram para dentro do perímetro do Cinturão Negro e tentaram desenvolver uma rede de instituições próprias que cuidassem das necessidades básicas da comunidade refugiada. Acabou por emergir uma cidade paralela fundamentada em jornais, clubes, pensões, escolas, empresas, igrejas para negros e associações civis e políticas negras, situada no centro da metrópole branca, ainda que isolada por uma cerca construída por costumes, discriminação económica, violência e motins que intimidavam aqueles que ousavam atravessar a linha racial. (Spear, 1968).

O paralelismo institucional imposto que se predicava no isolamento espacial inflexível e não na pobreza extrema, nas condições sub-humanas de moradia, na diferença cultural ou no simples isolamento residencial diferenciou os afro-americanos de outros grupos na história dos EUA, já sugeridos por alguns estudiosos da experiência urbana negra, tais como W.E.B. Du Bois, Kenneth Clark e Oliver Cox.

1.2. Ghettos, pobreza urbana e segregação

O conceito de “ghetto” permite-nos então perceber a relação entre “ghettização”, pobreza urbana e segregação, esclarecer as diferenças estruturais e funcionais entre os “ghettos” e os bairros étnicos como também salientar o papel do “ghetto” como um incubador social e matriz na produção de uma identidade maculada. O facto de a maioria dos “ghettos” terem sido, historicamente, lugares de miséria, devido à carência de espaço, densidade demográfica e da exploração económica, não quer dizer que o “ghetto” seja um lugar de destituição ou um lugar uniformemente desprovido.

James Johnson (1937) afirmou que Harlem nos anos 30, não era um *slum* ou periferia, mas a “capital cultural” dos negros dos EUA, onde as vantagens e oportunidades dos negros eram maiores de que em qualquer outro lado do país. Da mesma forma, o “Bronzeville” de Chicago era muito mais próspero em meados do século, do que as comunidades negras do Sul, com uma burguesia afro-americana mais afluyente da época (Drake e Cayton, 1945).

Portanto, o facto de um “ghetto” ser pobre não se resume apenas ao que é negativo. Depende de factores externos como a demografia, as políticas públicas e o estado da economia que o circunda. Por outro lado, nem todos os distritos despossuídos são “ghettos”. Por exemplo, as favelas das metrópoles brasileiras, que são frequentemente retratadas como refúgios de abandono e desorganização, não são mais do que bairros de classe trabalhadora com laços bem definidos com a indústria e com os bairros afluentes.

Os “ghettos” e os bairros étnicos têm estruturas diferentes e funções opostas: o primeiro é como uma “parede”, isto é, uma ilha de isolamento material e simbólico direccionado à desassimilação, enquanto o segundo é uma “ponte” que serve de apoio para a assimilação por meio do aprendizado cultural e da mobilidade sócioespacial. Para além de ser o meio concreto de materialização da dominação etno-racial por via da segmentação do espaço, o “ghetto” é uma máquina de identidade colectiva potente, que ajuda a incrustar e a elaborar, justamente, a divisão de duas formas complementares e associadas. Em primeiro lugar, o “ghetto” reafirma o limite entre a categoria marginalizada e a população que a circunda, pois intensifica o abismo sociocultural entre elas e em segundo, é um motor de combustão cultural que derrete as divisões dentro do grupo confinado e alimenta o orgulho colectivo, fortificando o estigma que o assola.

É de sublinhar que, a “ghettização” está intimamente ligada à etnia, segregação e pobreza, sendo difícil saber o que são traços culturais específicos do “ghetto” em oposição às propriedades expressivas de classe, comunidade ou masculinidade. As formas culturais que são produzidas no “ghetto” podem atravessar fronteiras e circular pela sociedade que o circunda, onde frequentemente se transformam em sinais de manifestos de rebelião cultural e excentricidade social; bastante visível na fascinação dos adolescentes burgueses no mundo afora pelo *gangster rap afro-americano*. Ora isto causa algumas dificuldades em fazer a distinção entre formas culturais efectivamente usadas pelos residentes de “ghettos” e a imagem pública que é difundida na sociedade como um todo.

1.3. Bairro social: identidade e interacção

Muitos jovens da dita segunda geração de afro-descendentes em Portugal vivem em bairros sociais, vulneráveis a várias situações de pobreza extrema. Por vezes, as populações dos bairros fingem ignorar o que lhes tenta camuflar. Mantêm-se bloqueados, paralisados por este *“décalage entre o ressentido e o que projectam para o exterior, desenvolvendo uma raiva*

*surda, sufocada e até mesmo uma certa agressividade.”*⁷ (Sousa, 2002). É toda uma frustração que os conduz em direcção e a um estado de insatisfação permanente, tornando-os vulneráveis. Como refere este autor: “*Condena-se o opressor no imaginário, fechando-o num esquema de comportamento sem que ele se aperceba. É assim que se instala um mal-estar, porque as pessoas chegam à conclusão de que se vive em duas velocidades, dado que todo o pensamento e outros os escapam e que os delas são estranhos aos outros. Nesta caça, onde a classe dominante é sempre o caçador, os oprimidos contentam-se com o papel das presas*”⁸. E Steve Biko (1973)⁹, reforçou esta ideia ao dizer que “*a arma mais potente nas mãos do opressor é a cabeça do oprimido.*”

Desenvolvem, muitas vezes, uma contracultura oposta à erudita e passam da lógica académica à comercial, em que o lazer se torna um produto a consumir. Mesmo com a nacionalidade portuguesa, crescem numa situação de discriminação racial e social devido à sua visibilidade. Muitos desses jovens vivem fora da escola, escolas que os pais construíram e que não vão frequentar. Habitam nos arredores da Grande Lisboa, Margem Sul do Tejo e Porto, formando autênticas cidades juvenis. São muitas vezes, vítimas de políticas pós-coloniais, que não tiveram em consideração a sua socialização escolar.

Segundo o sociólogo cabo-verdiano, César Monteiro (2002), é importante manter a identidade cultural e cada vez mais, os jovens da segunda geração tentam se organizar e começam dar respostas, aquilo que se chama de contracultura: respostas mais ou menos organizadas a todo um conjunto de situações que lhes aparecem. Através da música, por exemplo, têm a hipótese de organizar formas de contracultura. A primeira geração é uma geração mais passiva e conformista, que evita correr riscos. Por exemplo, os imigrantes mais velhos que vieram sobretudo de São Tomé e Príncipe e mesmo de Cabo Verde, já nos finais de década de 60 e inícios de 70, foram vítimas de uma imigração forçada e violenta.

⁷ In Sebenta II Congresso dos Quadros Cabo-Verdianos da Diáspora, Praia, Abril 2002, pág. 212

⁸ Idem, pág.210

⁹ Steve Bantu Biko (1946 -1977) foi um conhecido activista. negro que travou uma luta contra as desigualdades raciais entre brancos e negros na África do Sul do Apartheid, durante a década de 1960. Biko fundou a Organização dos Estudantes da África do Sul, organizou e liderou o Movimento de Consciência Negra que tinha como objectivo, desenvolver o orgulho e a auto-estima dos negros sul-africanos como eixo central para a luta contra o apartheid. Este jovem médico mobilizou a juventude negra sul-africana para assim lutar pelos direitos da maioria negra sul-africana violentamente negados pelo regime de segregação racial – o Apartheid. O seu ideal, pelo qual lutou ferozmente, foi por uma África do Sul que garantisse oportunidades iguais para brancos e negros, uma sociedade sul-africana de direitos para todos, onde a cor da pele não fosse um critério para garantir privilégios para uma minoria e negar direitos para a maioria. Acabou por ser assassinato em 1977.

As relações de vizinhança tornam-se um aspecto de reforço, já que se dão, essencialmente, com os vizinhos mais próximos e com familiares; e com estes últimos verifica-se um certo grau de solidariedade e entreajuda. Já há muitos que nasceram, cresceram e viveram nestes bairros sem conhecerem outra realidade. A cultura continua a sobreviver através dos grupos culturais e informais, que têm uma presença muito forte, de afirmação de uma tradição muito rica de folclore como o batuku¹⁰, que é constituído por mulheres cabo-verdianas, na sua maioria empregadas domésticas, as danças e os cantos de inspiração africana, que procuram a valorização da cultura da comunidade africana radicada nos bairros bairros. Dirige-se, prioritariamente, aos jovens, fazendo-os despertar e assumir a sua identidade cultural.

Para a socióloga Ana Horta (2002), a questão da identidade é uma questão feita de muitos caminhos, de muitas experiências e de muitas línguas. É através destas experiências que a noção de “cabo-verdianidade” é constantemente construída. Segundo esta socióloga, não se trata das segundas gerações perderem a cultura dos pais e não terem a cultura portuguesa. Acredita que seja uma questão que passa pelo facto de “não os deixarem ser portugueses”, sendo importante pensar, a questão do ser português descendente de cabo-verdiano e ser ao mesmo tempo cabo-verdiano. Considera ainda, que é importante que as novas gerações se organizem, não em termos de associações periféricas, mas que reivindiquem o espaço do centro, não de se auto-excluírem ou de aceitarem a exclusão, mas de reivindicarem uma participação activa nos processos de decisão das sociedades de acolhimento.

1.4. Identidades de bairro: cultural e colectiva

A identidade de bairro da qual a população local é produtora e portadora pode surgir como uma *identidade colectiva* ou como *identidade cultural* do bairro. A primeira aparece enquanto atributo identitário de um conjunto de indivíduos do bairro, na medida em que é um perfil identitário que cada indivíduo vai incorporando no contexto social local e no decurso das suas experiências e aprendizagens. Já a segunda faz parte dos padrões culturais da população local, em que a representação simbólica do bairro, é a entidade colectiva: “*o bairro com todas as conotações que ali tem enquanto local físico, conjunto populacional de quadro social, enquanto palco de experiências de vida e cenário emblemático de formas culturais,*

¹⁰ De origem africana, o batuque surge em Cabo Verde, mais provavelmente, só na Ilha de Santiago, existente também no Brasil através da ida dos escravos para lá. É executado num ritmo de tempo binário, mas de divisão ternária, marcado pela percussão de “tchabetas” e palmas, acompanhadas pela cimboa monocórdica, às quais se juntam o canto e a dança.

*enquanto referente mitificado de afectividade, memória e património patrimonial*¹¹. (Costa, 1999).

Daí que se fale de uma identidade colectiva, pois inscreve-se nas representações simbólicas partilhadas por um conjunto de indivíduos, reportando-se a algo que nos padrões culturais é representado por uma identidade colectiva singular – neste caso o bairro de Alfama¹². O que articula as duas formas de identidade colectiva são as representações e os sentimentos de pertença ao bairro. Na identidade cultural de bairro podem existir hierarquias sociais, relações de dominação ou conflitos de interesse como também, ligações profundas e permanentes aos contextos sociais que envolvem a sociedade de bairro e que se processam através de um conjunto diverso de dinâmicas, redes de relacionamento e práticas sociais. Em suma, a noção de identidade cultural abrange quatro sentidos diferentes: a) sentimentos afectivos e representações cognitivas que vão sendo desenvolvidas ao longo do relacionamento social em relação ao bairro onde a população reside, b) imagem social do bairro, que se fixa nas representações sociais correntes no exterior como por exemplo, discursos turístico, escolar, jornalístico; c) configuração sociocultural singular que pode ser identificada pela pesquisa sociológica, no quadro social urbano; d). e por último, carga mítica ou ideológica, usada cada vez mais nos discursos profissional, activista ou mediático. Estes significados têm conteúdos complexos e especificações diversas e estabelecem entre si vectores de comunicação recíproca.

As pessoas do bairro não se desconhecem e nem vivem dispersos e isolados uns dos outros, muito pelo contrário. Para os residentes do bairro, a teia relacional, o quadro de interacção local, os processos sociais que protagonizam, as formas culturais que ali se criam e recriam é fundamental para a sua existência social e em especial, para a formação e activação da sua identidade de bairro. Como refere António Firmino da Costa (1999), as relações entre o exterior e o interior ao bairro não se reduzem somente a relações entre os diferentes níveis de estruturação social. São também as relações entre os protagonistas sociais situados dentro e fora do bairro, práticas de circulação entre eles e outros espaços, processos de comunicação e de formação de representações simbólicas efectuadas através de formas diversas de contacto interactivo entre a população residentes e outros actores sociais.

¹¹ COSTA, António Firmino da, *Sociedade de Bairro. Dinâmicas Sociais da Identidade Cultural*, Oeiras, Celta Editora, 1999, pag.165

¹² Embora Alfama não seja um bairro social considerou-se importante salientar alguns aspectos culturais ao nível dos protagonistas, identidade, vizinhança, redes sociais, colectividades de bairro, que poderão estar integrados ou visíveis nos bairros sociais.

Como salienta Firmino da Costa (1999), o bairro é ainda um quadro social em que se produz, continuamente, um conjunto de formas culturais singulares, que ilustram bem a medida em que o conceito de capital cultural, também oriundo do quadro teórico desenvolvido por Bourdieu, necessita de ser objecto de reelaboração, pelo menos no que diz respeito às culturas populares. Populações como a de bairro possuem outros capitais culturais com feição própria, com curso corrente e eficácia específica nos quadros relacionais e nas situações sociais. São esses capitais culturais populares, que alguns chamam de “capitais de subcultura” ou “capitais subculturais” e que lhes permitem produzir e desfrutar de formas culturais diversas.

Ao falar-se de formas culturais e de processos sociais é imperativo fazer referência aos protagonistas (que fazem parte deste quadro). São desenvolvidos por pessoas e grupos e passam-se em meios sociais com características específicas. Questiona-se assim, quem são os protagonistas sociais dessas formas culturais, aqueles que criam e apreciam, aqueles que produzem e fruem no bairro? Quem são os portadores e produtores de padrões culturais, os agentes das práticas culturais, os sujeitos locais da identidade cultural de bairro? É certo que as formas culturais produzidas no bairro constituem-se como uma linguagem específica e um meio de expressão localmente partilhado, uma espécie de codificação simbólica de experiências de vida e um resultado de criação cultural própria. É nesta medida que as formas singulares de cultura urbana acabam por revelar-se um dos elementos-chave dos processos identitários locais, assim como o é a população residente, enquanto protagonista local de práticas culturais e de modos de vida conotados como populares. No entanto, em que consiste a identidade de bairro? Como se gera e que efeitos desencadeia? Quais as dinâmicas sociais que lhe estão associadas?

Para encontrar respostas para estas questões, alguns autores analisam três dimensões: cultura, classe e interacção. Focando-nos primeiramente nos meios urbanos, estes são vistos como palco apenas das formas de cultura erudita e de cultura de massas. De facto, o que está em causa são formas de cultura popular, especificamente urbanas, tomadas como manifestações por excelência de uma cultura popular lisboeta (Costa, 1999). O fado, as marchas, o tipo de festas, as colectividades de bairro, o estilo de conduta, a maneira de falar é emblemático do urbano. Uma variante deste argumento “das sobrevivências” atribui as formas específicas de cultura observáveis no bairro ao seu hipotético carácter de “ghetto”,

onde teriam sobrevivido em grande isolamento, fechadas sobre si próprias, em regime de reprodução auto-contida.

Para o sociólogo Firmino da Costa (1999), o bairro é palco de produção intensa e continuada de formas notáveis de cultura popular urbana, ao passo que o “ghetto” é pouco atravessado por relações com o exterior, e quando assim acontece, poucas são protagonizadas directamente pelos seus habitantes. Pode-se revelar no bairro, um conjunto de aspectos entrelaçados, que vão desde as formas culturais festivas até aos padrões altamente codificados da interacção quotidiana, em domínios como os da sociabilidade e da sobrevivência, da competição e da solidariedade, do relacionamento sexual e da actividade associativa, da ocultação e da exibição face ao exterior. São exemplos da redundância de mecanismos simbólicos e comunicacionais que impregnam e regulam a vida social local.

Pierre Bourdieu (1970) apresenta um sistema teórico, apresentando os conceitos de habitus, trajectória e histerese. Segundo o autor, as condições sociais de existência, particularmente enquanto posições relativas no espaço estruturado das distribuições desiguais de recursos e das relações de poder, produzem sistemas de disposições incorporadas pelos agentes sociais, o *habitus*. Estes actuam como princípios geradores das práticas sociais nos vários campos em que elas se desdobram e como esquemas classificatórios dessas mesmas práticas desenvolvidas pelos próprios e pelos outros. O habitus, “estruturas estruturadas e estruturantes” como diz Bourdieu, são deste modo geradores e organizadores das práticas culturais e em geral, das práticas sociais desenvolvidas pela população do bairro, bem como os seus estilos, gostos, julgamentos e representações. Acrescenta o autor, que os agentes sociais estão envolvidos em trajectórias de vida, no decurso das quais podem ser colocados em condições sociais diferentes das quais presidiram à inculcação anterior dessa “gramática geradora de práticas e classificações que é o *habitus*. É o que Bourdieu designa por histerese do habitus, isto é, activação retardada das disposições incorporadas que resulta do desfasamento entre as características sociais do espaço estrutural de inserção dos agentes em dois momentos de respectiva trajectória, o da aquisição das regras de prática social e do seu accionamento efectivo.

Complementando o conceito de sistemas de disposições de Pierre Bourdieu com o conceito de quadro de interacção: os quadros de interacção são também como sistemas de disposições, ou seja, formas de mediação entre as estruturas sociais e as práticas sociais. Tal como os sistemas de disposições, os quadros de interacção podem conceber-se como

estruturados pelos espaços relacionais de condições de existência e pelas dinâmicas sociais globais e estruturantes, das práticas e representações cuja produção contribuem como princípios geradores e fundamentais.

1.5. Redes sociais, vizinhança e colectividades no bairro

A malha urbana do bairro e as redes sociais em que está envolvida a população residente são os pilares da configuração do quadro de interacção. Emergem processos de interacção de um tipo particular, os processos de vizinhança cujas repercussões são decisivas nas práticas sociais, culturais e identitárias. *“Ora quem cresceu a brincar pelos meandros do bairro ou se habitou a conhecer-lhe os recantos no decurso da vida quotidiana, pode dizer-se que “domina” a vários títulos esse espaço local, onde além do labirinto físico, conhece as pessoas, tem inventariadas as localizações de actividades, sabe decifrar os sinais do que se passa, pelas presenças e ausências, pelos gestos e pelos sons, pelos ritmos e pelos objectos”*¹³. Este carácter labiríntico do espaço local, na forma urbana e no ambiente sociocultural contribui assim para os sentimentos de pertença colectiva que os residentes tendem a desenvolver para com o bairro: *“lhe pertencem”, mas de que ele “lhes pertence”. Frequentam-no, percebem-no, sabem usá-lo.* ¹⁴(Costa, 1999)

Nas cidades actuais encontram-se em coexistência sobreposta, redes sociais de dimensão e densidade variáveis, em que se processam interacções de maior ou menor frequência, envolvendo papéis sociais diversos, (tais como os laços entre os familiares directos, parentes mais afastados, amigos, vizinhos, colegas de trabalho ou membros das mesmas associações) com graus diferentes de especialização em termos de conteúdos e de assimetria, relações de poder e às trocas de recursos. Essas redes estabelecem-se em contextos espaciais próximos (habitação, vizinhança, bairro), entre locais relativamente distantes, (por exemplo, entre zonas diferentes da mesma área metropolitana), ou mesmo em escalas muito mais amplas, em co-presença, e através de dispositivos tecnológicos.

A participação nessas redes não impede que a grande maioria dos residentes no bairro, ou seja, as redes sociais de vizinhança adquiriram uma densidade muito maior do que as referidas, formando um tecido apertado de relações entrecruzadas. Esta densidade (tão falada por Firmino da Costa) é reforçada pela proximidade espacial e pela repetição frequente das interacções e muito em especial, por outras duas propriedades das redes sociais, que se

¹³ Idem, pag.173

¹⁴ Idem, 175

estabelecem entre habitantes do bairro: uma é a multiplicidade das redes sociais, isto é o carácter múltiplo dos laços estabelecidos. Muitos deles são em simultâneo, parentes, vizinhos, conterrâneos, parceiros de sociabilidade, associados comuns de colectividades locais, colegas de trabalho, membros do mesmo sindicato, militantes do mesmo partido, simpatizantes do mesmo clube desportivo.

As colectividades são importantes no bairro como espaços de convívio como locais de práticas lúdicas, culturais e desportivas como sedes de estruturação de redes sociais como núcleos de ancoragem identitária, isto é de sedimentação interaccional de sentimentos e representações de pertença ao bairro. Apesar dos altos e baixos, as colectividades de cultura e recreio continuam a ser formas institucionais locais com grande importância na vida colectiva do bairro. Constituem núcleos de estruturação de redes sociais, sedes de condensação de interacções quotidianas, pontos de apoio para o desenvolvimento de estratégias sociais, em complementaridade ou rivalidade com outras fontes de poder e influência: círculos de profissionais, afinidades de origem geográfica, pertenças partidárias, grupos de pares, etc. E é em grande medida pela pertença, pela participação nas suas actividades, pela inclusão nas redes, que a têm como centro, pelo envolvimento denso nas dinâmicas interaccionais que por elas perpassam, pela socialização nos padrões relacionais e culturais que as impregnam; que os habitantes do bairro ou pelo menos uma parte importante deles, constroem e sedimentam a relação identitária com o bairro de que em geral são portadores, com a intensidade, os sentidos e as formas de manifestação que a caracterizam.

As redes sociais e as interacções quotidianas condensam-se também em sítios de vizinhança, os quais constituem como que uma quadricula de subzonas dentro do bairro. Para além disso estabelecem-se relações tanto de conjugação como de rivalidade entre os elementos organizadores de um sítio de vizinhança. Por um lado, desenvolvem-se formas de entajuda, divisões de trabalho, diferenciação de utilizações entre diversos elementos, para cada um dos quais tende a haver horas e momentos próprios. Por outro lado, não é rara a emergência de episódios de conflitualidade ou concorrência entre eles. Se nestes sítios se organizam, por exemplo, actividades festivas, podem observar-se formas de cooperação entre a colectividade, mas também podem ocorrer disputas pela captação de visitantes, pela partilha de receitas, pela visibilidade de protagonismo efectivo. Destacam-se no quadro de interacção do bairro como locais preferidos de encontro e de convívio, como espaços de contactos

repetidos e redes entrecruzadas e também como sítios preferenciais de ancoragem identitária, mediadores de uma mais ampla identidade bairrista.

Os locais de encontro preferidos, as principais amizades locais, os circuitos de entreatajuda e sociabilidade podem em certos casos não se formar, de maneira exclusiva ou sequer privilegiada, nos sítios mais próximos da residência. Há, por sua vez, uma reorganização das redes sociais e uma recomposição dos parceiros de interação quotidiana por força das próprias dinâmicas relacionais, com as novas afinidades que se vão desenvolvendo ou com as zangas que se declaram e as hostilidades que se geram.

1.6. Papéis femininos no bairro

As dinâmicas demográficas e residenciais que atravessam o bairro têm vindo a conduzir a uma certa polarização entre uma população idosa, reformada, viúva; sobretudo mulheres sós a viverem em habitações sub-ocupadas e outra baixa de residentes, habitando com frequência em casas pequenas, em situação de sobrelotação. Nesta última, as razões são de vária ordem que conduzem à coabitação de familiares de várias gerações e graus de parentesco.

Desta feita, não se trata tanto de famílias com dois ou mais núcleos conjugais, mas de outro conjunto de situações mais heterogêneas e lateralizadas, que têm a ver com os papéis femininos no bairro e com a correspondente forma de inserção das mulheres nas relações familiares. Não são incomuns, por exemplo, situações em que os grupos domésticos incluem mulheres com filhos mas sem relação conjugal estável, que vivem com os respectivos pais. Nos meios populares do bairro e em muito especial nos modos de vida que se caracterizam como instabilizados e irregulares, as estratégias familiares assentam com muito mais frequência nas mulheres do que nos homens.

Um número significativo de agregados familiares, pelo menos em fases importantes dos ciclos de vida, são centrados nas mulheres, as quais assumem lugar de charneira na organização da vida familiar e na sua reprodução e em torno das quais circulam os homens tendencialmente com ligação mais efémera e difusa ao grupo doméstico. Além disso, a maior parte das entreatajudas familiares correspondem, de facto, a solidariedades femininas intergeracionais. E no bairro concretizam-se um número substancial de casos, em contexto de vizinhança.

Para o activista negro Malcolm X¹⁵ (1965), os países africanos são países desenvolvidos assim como as suas mulheres o são ou o seu inverso; ou seja, nos países onde as mulheres foram postas de parte sem instrução, a área inteira ou o país seguiu o mesmo percurso: o de *“uneducated, and underdeveloped.”* Nos lugares onde as mulheres foram incentivadas a estudar e a ter um papel mais activo em torno da sua comunidade e do país, também o povo tornou-se mais activo e progressivo. Na sua minha opinião, havia uma necessidade eminente de reavaliar e transmitir ao povo africano, uma posição positiva e de peso em relação à necessidade de instruir o povo e com especial enfoque, à instrução das mulheres. Propôs um programa vasto, que deveria ser lançado para elevar o padrão da instrução, reforçando com um antigo provérbio africano: *“Educate a man and you educate an individual; educate a woman and you educate an entire family.”*¹⁶

B) A Família: estrutura, funções e mudança

“Família é um sistema de membros interdependentes que possuem dois atributos: comunidade dentro da família e interacção com outros membros”
Stanhope, 1999

1.1. A educação nas famílias africanas e europeias

Na sociedade, chamada ocidental, moderna e “civilizada”, a educação dos(as) filhos(as) é um tema bastante discutido. Nota-se que há uma transferência de responsabilidades, já que os indivíduos questionam-se sobre qual o segmento da sociedade que deve se preocupar com esta missão tão nobre, urgente e importante na vida das crianças e adolescentes, nomeadamente a família, a escola, os media, a rua, o bairro?” Contudo, quando falamos na cultura tradicional africana, surge-nos um provérbio africano: “Quem educa uma mulher (menina), educa um povo.” Isto porque, embora a sociedade africana seja machista (é uma herança cultural), esta delega a responsabilidade da educação dos filhos à mulher, pois é

¹⁵ Malcolm X (1925-1965) foi um activista negro norte-americano que lutou pela libertação dos negros, pela independência económica e pela criação de um Estado autónomo para os negros. Seguindo a doutrina da Nação do Islã (1954), Malcolm X defendeu a separação entre negros e brancos, além do orgulho negro diante do racismo branco e a auto-defesa pela força, se necessária. Fez uma viagem pelos países africanos e do médio oriente e retornando da viagem a Meca, cidade sagrada do Islamismo situada na Arábia Saudita, Malcolm X, adoptou o nome de El-Hajj Malik El-Shabazz, passando a renunciar ao racismo e a voltar-se para o Islamismo ortodoxo. Em 1964, fundou a Organization of Afro-American Unity (Organização da Unidade Afro-Estadunidense) e permaneceu na defesa do nacionalismo preto, a ideia de que só os negros poderiam cuidar de seus males e defendendo ideias socialistas. Acabaria por ser assassinado em Harlem, a 21 de Fevereiro de 1965.

¹⁶ “HALEY, Alex, *The Autobiography of Malcolm X*”, 1965

com a mãe que as crianças convivem e passam mais tempo. Pode-se relacionar ainda um outro aspecto que é estritamente cultural: o sistema matriarcal. Esse sistema determina que a herança vem do lado maternal e não do paternal. Logo, a criança é educada e orientada pela sua família do lado maternal.

Para as populações africanas, o conceito de família difere das europeias. Para estas, a família tem uma conotação mais alargada: os laços de sangue ou de tribo são mais abrangentes do que a própria filiação paterna ou materna, pelo que a responsabilidade na educação das crianças ou adolescentes é de todos os membros da família onde existe sempre, o respeito e a aceitação da correção educacional. Portanto, a família é a elemento base da estabilidade da sociedade africana, porque tudo o que diz respeito a uma pessoa envolve toda a família. Se no futuro houver um problema entre o casal, será também problema de toda a família, que intervirá de todos os lados para ajudá-lo a superar a desavença. Os filhos e os netos educados nesse ambiente, saberão à partida como orientar as suas vidas no futuro, porque terão como ponto de referência a tradição familiar herdada de seus pais, avós e antepassados.

Nesta óptica, trabalhos mais recentes sobre a educação nas famílias têm adoptado modelos de análise que integram as relações e interações que se estabelecem entre o núcleo parental e outras instâncias socializadoras na educação da criança. Passou-se a integrar e a inter-relacionar os vários círculos sociais por onde a criança circula e interage e que constituem factores relevantes na sua socialização.

Contudo, o papel educativo desempenhado pelos avós neste conjunto de interações, raramente, foi alvo de análise sistemática e as crescentes transformações que têm ocorrido a um nível global, como é o caso da entrada crescente das mulheres no mercado de trabalho, que têm alterado significativamente o quotidiano da vida familiar. Ainda em anos recentes e na sociedade portuguesa, as mulheres ocupavam-se das tarefas domésticas e da educação dos filhos (tradicionalmente), aliadas à falta de equipamentos sociais públicos dedicados à ocupação das crianças fora do tempo escolar e durante o período laboral dos pais e à falta de recursos económicos, seriam os avós o recurso possível na “guarda das crianças” e na passagem de valores sociais, culturais e morais.

Portanto, tendo em conta as famílias que recorrem com alguma regularidade aos avós por várias razões, entre quais as económicas/laborais, colocam-se algumas questões que

passam por saber qual o papel educativo atribuído aos avós pelas famílias? Qual a importância que lhes é dada ao nível da educação dos seus filhos? Que herança cultural é transmitida, de avós para os netos?

Começando por adoptar uma perspectiva estruturalista, os estudos de Kohn (1993) sobre a educação familiar acentuam a relação existente entre a posição dos pais na estrutura socioprofissional - classe social – e os estilos educativos adoptados pelas famílias na transmissão de valores, atitudes e práticas aos filhos. A posição de classe social dos pais seria variável e portanto, a que melhor explicava as diferenças encontradas relativamente aos estilos educativos adoptados pelos pais na educação dos filhos. O autor salienta ainda que, as características das actividades profissionais desempenhadas pelos pais estão na base da formação do seu sistemas de valores -estruturantes do quadro de referência familiar – que por sua vez se reflectem nas diferentes formas de transmissão, isto é, nos métodos e práticas adoptadas na educação dos filhos.

Com base nesta ideia, o autor salienta que as famílias oriundas das classes populares, ao exercerem funções que apelavam mais à manipulação de objectos de forma rotineira, sem apelo à criatividade, sujeitos a supervisão e controlo, sem autonomia, iniciativa e possibilidade ou capacidade de tomada de decisão, em que o sucesso depende mais de factores colectivos do que de esforços individuais, valorizavam mais a ordem e a obediência na educação dos filhos, adoptando um estilo mais *autoritário*. Já as famílias pertencentes às classes mais favorecidas, exercendo actividades caracterizadas pela manipulação de ideias e símbolos, com recurso à criatividade, à autonomia e capacidade de tomada de decisão, onde o sucesso depende mais do desempenho individual, tendem a valorizar mais a criatividade e a autonomia, adoptando um estilo mais democrático e *participativo* nas práticas educativas com os seus filhos.

Existem alguns trabalhos que procuram abordar as relações entre as gerações, nomeadamente as formas de que se revestem e os contextos. Embora ainda não abordem de forma explícita o papel da rede familiar alargada no processo educativo das crianças, nomeadamente o papel dos avós, o conceito de relações intergeracionais remete-nos para algumas ideias importantes e permite-nos ter em conta, as interacções entre transformações globais e vida quotidiana familiar, dentro das quais as relações intergeracionais que se vão constituindo, modificando e reproduzindo.

As profundas alterações demográficas que se verificaram nas últimas décadas no que concerne a família (aumento da taxa de divórcio, banalização da coabitação sem casamento formal, importância crescente das famílias monoparentais e reconstruídas) introduziram modificações significativas no relacionamento entre a família nuclear e a família alargada. As relações entre gerações tendem a complexificar-se pela extensão vertical da rede devido à recente coexistência (nas sociedades ocidentais) de três ou quatro gerações e à multiplicação das famílias recompostas. Vários estudos empíricos conduzidos nas décadas de 70 a 90 negam uma ruptura radical entre família nuclear e alargada e confirmam a existência de dois grupos de relações que se podem situar a três níveis distintos: expressivo, normativo e instrumental (Coenen-Huther, Kellerhals e Von Allmen, 1994)

O *plano expressivo* inclui os contactos no seio da família alargada e os laços afectivos entre os seus membros e o *plano normativo* remete para a dimensão simbólica - a parentela enquanto quadro de referência e de orientação. Através da transmissão das memórias familiares e das redes de relações que se constituem no seio da família alargada transmitem-se modelos normativos de comportamento, valores e de crenças. Finalmente, o *plano instrumental* que se refere às trocas entre a família nuclear e a sua envolvente e apela a uma certa solidariedade intergeracional (que estará em análise neste estudo). Esta solidariedade pode assumir diversas facetas: auxílio financeiro, apoio nas tarefas domésticas, guarda de crianças, alojamento de familiares e apoio moral no quotidiano ou em situações de “crise”. (Coenen-Huther, Kellerhals e Von Allmen:1994).

Como se pôde constatar, as relações intergeracionais têm uma importância significativa, nomeadamente as relações netos – avós, num contexto global de inserção crescente das mulheres no mercado de trabalho, em que o recurso aos avós para a guarda das crianças é prática corrente. Actualmente é reconhecido que o processo de socialização da criança não se faz unicamente no seio da família mas também na escola, junto do grupo de pares - colegas e amigos - e com o visionamento de televisão. Cada uma destas instâncias assume um papel educativo em inter-relação recíproca, podendo ser, mais ou menos relevante, dependendo do tipo de posicionamento que as famílias adoptam face a elas.

Como já foi referido ao longo deste quadro, Montandon e Kellerhals¹⁷ têm vindo a estudar os estilos educativos das famílias, relacionando-os com o seu meio social e tipo de

¹⁷ KELLERHALS, Jean e MONTANDON, Cléopâtre (1991), *Milieu social, interactions familiales et styles éducatifs*, Neuchâtel, Delachaux et Niestlé.

coesão. Para este efeito investigaram, entre outros factores, o tipo de cooperação desenvolvida com as três instâncias socializadoras externas acima referidas. Analisaram dois vectores: a missão atribuída e o envolvimento parental ou participação.

Para este estudo importa perceber o papel dos avós enquanto agentes socializadores, que no caso das crianças que passam uma parte considerável do seu tempo com os avós, estes têm um papel de relevo. Kellerhals e Montandon (1991) apresentam um esquema de análise, onde analisam a missão atribuída aos avós pelos pais e a participação destes últimos no processo, tentando relacionar estas duas dimensões com o meio social e com o significado desta escolha sócio-educativa.

1.2 Os Avós: socialização, educação e herança cultural

Tendo em conta o objecto de estudo será mais adequado falar aqui das avós e não dos avôs, uma vez que se verifica aquilo a que chamamos de matrilinearidade das relações intergeracionais. De facto, são vários os autores que fazem referência a esta matéria e que importa referir.

Maria das Dores Guerreiro (1986), no seu estudo sobre o caso de Alfama, encontra fortes “redes de entreajuda entre mulheres da mesma família” e destaca o seu protagonismo familiar, económico e social. Já Coenen-Huther, Kellerhals e Von Allmen (1994) referem que as trocas se fazem sobretudo através da linha feminina e que as mulheres são as actrizes principais deste jogo familiar.

Bawin-Legros e Gauthier (1992) destacam em particular, o caso da manutenção de fortes relações afectivas entre netos e avós maternas em caso de divórcio, uma vez que a guarda das crianças é preferencialmente dada à mãe. Estas autoras, numa pesquisa envolvendo 100 indivíduos, partem de uma tipologia dos avós com duas categorias principais: os “avós substitutos educativos” e os “avós transmissores” para uma interrogação acerca da produção social da permanência ou da ruptura intergeracional.

Os “avós substitutos educativos” encontram-se (ainda que não exclusivamente) nos meios mais desfavorecidos e caracterizam-se pela tendência para substituírem os pais na responsabilidade de educar. Este tipo de relacionamento é marcado por um ritmo de contactos intenso – duas a três vezes por semana ou mesmo diariamente, é favorecido pela proximidade geográfica e constitui o prolongamento dos laços privilegiados mãe-filha; uma vez que se

tratam, na sua maioria, dos avós maternos. Para além da motivação económica, o estudo destaca a continuidade com o processo de apoio prestado aos filhos casados, enquanto expressão específica da solidariedade inter-geracional.

Os “avós especialistas” são aqueles que se caracterizam por pertencer com mais frequência a classes médias e superiores, dotadas de um capital cultural importante e que privilegiam a sua independência e auto-realização para além do círculo familiar. Este tipo de relacionamento não implica uma menor solidariedade familiar. Significa apenas outras formas de expressão dos laços afectivos. O termo *especialista* é assim aplicado, pois estes avós tendem a se auto-atribuírem uma responsabilidade mais limitada e portanto específica. O seu relacionamento baseia-se numa atitude de companheirismo com um acompanhamento escolar activo e prolongado, uma forte componente de organização dos tempos livres dos netos (que os autores denominaram de ‘atitude clube’ - actividades lúdicas, desportivas, passeios, visitas...) e a transmissão de bens simbólicos que inculquem nos netos, ligações às suas raízes.

Finalmente Bawin-Legros e Gauthier (1992) descrevem um terceiro perfil de relacionamento como passivo (avós ausentes ou quase ausentes) em que o contacto entre avós e netos é muito raro e que advém frequentemente da existência de problemas relacionais entre duas gerações. Poder-se-á dizer que, se identificaram factores de ruptura tais como a mobilidade social ascendente e factores de continuidade tais como a transmissão e a transferência de objectos e saberes, o ambiente, os ritos e os mitos familiares.

Tentando perceber estas perspectivas apresenta-se alguns trabalhos: um estudo realizado por Robertson (1976) sobre as atitudes dos netos para com os avós, em que inquiriu 86 jovens de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 18 e os 26 anos, verificou que os inquiridos tinham para com os avós atitudes muito favoráveis, que gostavam muito dos avós ou que gostavam muito de estar com eles. Deste estudo, emergiram duas grandes conclusões: primeira, os netos não vêem os avós como antiquados e nem sentem que devam estar fora de contacto, mas antes, que eles são uma importante fonte de influência; e segunda, os netos sentem que têm responsabilidades para com os avós no sentido de providenciar apoio emocional, ajuda palpável e evidente e tempo significativo em conjunto.

Quadro 1 – Representações cruzadas sobre os bairros sociais e os seus modos de vida
Um olhar de fora para dentro



CAP. 2 – PROBLEMÁTICA, OBJECTO DE ESTUDO, QUESTÕES ORIENTADORAS E METODOLOGIA

*A Sociologia procura o seu objecto de estudo na realidade social.
Os fenómenos que acontecem na realidade social (...)
Só são objecto de estudo da Sociologia quando constatados e verificados
através de técnicas, métodos ou teorias da Sociologia*
João Camilo, 2003

2.1 - Objecto de Estudo e Finalidades

A problematização deste tema nos campos da pesquisa, da investigação e até mesmo da intervenção pode seguir caminhos diversos, em função do quadro de valores que orienta a tomada de decisões. Investigar esta temática poderá conduzir-me enquanto investigadora, a uma discussão de preconceitos e estereótipos enraizados e a repensar a possibilidade de adopção de novos quadros de valores e perspectivas, nomeadamente:

- *Repensar o conceito de “ghetto” e bairro étnico*, uma vez que, como se pode verificar no quadro teórico, alguns autores como Wacquant (1997) fazem uma distinção fundamentada em relação a estes dois conceitos. Contudo e actualmente, existem bairros sociais que estão no limiar da linha que dá acesso ao “ghetto”(ou já transpuseram), por serem um “mundo à parte”. São construídos em zonas isoladas, com fraco acesso a serviços, nomeadamente transportes e apresentam inúmeros problemas como a desocupação, desemprego, abandono e insucesso escolar, tráfico e consumo de estupefacientes, fechamento e falta de mobilidade, falta de documentação, desestruturação familiar e maternidade/paternidade na adolescência.

Os jovens, maioritariamente, descendentes de imigrantes têm baixas expectativas, falta de auto-estima, de auto-confiança e desmotivação, alguns conformados outros não tanto, acabando estes últimos por cair da teia da marginalidade. Passam a maior parte do tempo no bairro e para o bairro, criando uma parede interminável e de difícil acesso para quem quer lá entrar. Vivem um longo período de interrupção de projectos de vida com uma necessidade de respostas imediatas. Por outro lado, contam com o apoio da família (extensa), união e solidariedade dos vizinhos e amigos, através dos quais procuram preservar a história, a cultura, a língua, as tradições africanas pelos momentos de convívio e de confraternização.

No entanto, os dois grandes chavões continuam a ser a Pobreza e a Exclusão Social. São exemplos vivos, os casos do Bairro da Quinta da Princesa, Bairro da Jamaica, Bairros da Arrentela, Bairro da Belavista, Bairros do Monte de Caparica, entre muitos mais.

- *A mulher negra é guerreira... deixa os homens assustados porque fala!* É antes de mais, contrariar todo e qualquer pensamento machista em relação às mulheres sejam elas adolescentes, mães ou avós, com especial atenção para o facto de, para além de MULHERES, serem NEGRAS/AFRICANAS e viverem em BAIRROS SOCIAIS. São poucos os estudos realizados na área das ciências sociais que incidem sobre esta temática e parece-me que está ali uma riqueza de conhecimento, de saber, que importa estudar e dar a conhecer à sociedade: são experiências de vida, lutas de sobrevivência travadas por estas mulheres, todos os dias, na sua esfera familiar, laboral e afectiva, para criar e educar os seus filhos e netos em condições, muitas vezes, sub-humanas, para lhes transmitir algo de positivo e encorajador, para que, como diz Amílcar Cabral¹⁸ (1974) “ (...) *o teu filho viva amanhã no mundo dos teus sonhos*”. Presentemente, muitas mulheres africanas continuam na “sombra do mundo”, oprimidas pela sua condição na sociedade e pelos longos anos de escravidão física e mental.

É a partir desta realidade (que sustenta a necessidade de fazer emergir estas mulheres deste silêncio) e da reflexão sobre o quadro de valores apresentado, que considere interessante e pertinente apresentar como tema da minha investigação “*AFRIKIKIS*”.

¹⁸ Amílcar Cabral (1924-1973) era engenheiro agrónomo de profissão e distinguiu-se mundialmente pelo seu pensamento político e pela posição de dirigente anti-colonialista. Fundou em 1956, o Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC) com o objectivo de liquidar o colonialismo português na Guiné e Cabo Verde. Foi debaixo do sistema colonial português, num clima de opressão e racismo, que se desenvolveu como homem negro oprimido e desenvolveu todo um pensamento para a Independência – A Luta de Libertação Nacional. Morreu assassinado em Conackry, a 20 de Janeiro de 1973.

2.2 - Modelo de Análise

*O tal "modelo de análise", onde articula explicativamente conceitos (...)
Só dotado de tal "modelo de análise" do problema sociológico é que o sociólogo pode avançar para a
construção de instrumentos técnicos de observação/construção de dados
significativos para a sua problemática teórica*
Leonardo Negrão, 2005

Neste capítulo, o principal objectivo consiste em abordar a estruturação do quadro conceptual, ou seja, identificar os conceitos, dimensões e componentes dos mesmos, que vão guiar a parte empírica desta investigação. Desta forma, torna-se relevante referir, novamente, o objecto de estudo, para que se proceda a uma interpretação e explicação da grelha analítica: *"AFRIKIKIS": Dinâmicas familiares e intergeracionais das mulheres africanas em contexto de bairro.*

Como já foi referido anteriormente, no capítulo referente à definição do objecto de estudo, esta pesquisa pretende perceber e focalizar, partindo da questão cultural, as dinâmicas familiares e intergeracionais das mulheres africanas em contexto de bairro, através da análise de alguns aspectos que as caracterizam. Pegando em três dimensões, que estão interligadas entre si: 1) *dimensão familiar*, 2) *dimensão pessoal* e 3) *dimensão espacial*, procurar-se-á:

- Ao nível da *primeira dimensão*, perceber quais as representações das netas e avós face à família, nomeadamente o papel que esta ocupa na vida destas mulheres assim como os elementos que a constituem, com o intuito de daí retirar as figuras emblemáticas ou de referência familiar. Partindo desta base será, também, reconhecer as relações que se estabelecem entre as avós e as netas (e vice-versa), já que estamos perante duas gerações distintas e identificar os *inputs* e *outputs* dessas relações, incidindo sobre a questão das origens/cultura. Isto é, questiona-se se da relação "avó-neta" e "neta-avó" há, efectivamente, uma transmissão de memórias familiares, de valores étnicos, religiosos, sociais e culturais, que se reflectem nas atitudes e práticas culturais destas mulheres; e que no seu conjunto, espelham a cultura do país de origem – encontrando-se assim, uma herança cultural africana.

- Na *segunda dimensão* que surge como complemento à dimensão familiar, o objectivo passa por perceber até que ponto as dinâmicas intergeracionais contribuem para o *(re)encontro* ou *(re)construção* ou *renovação* da identidade destas mulheres enquanto africanas, identificando as atitudes, as práticas; portanto, os padrões culturais e os agentes sociais que intervêm (com especial atenção, para as redes de vizinhança e os grupos de pares)

neste processo de reprodução cultural. As práticas são várias, nomeadamente fazer tranças ou deixar de fazê-lo (rito de passagem: de criança a mulher), contar histórias (de líderes negros, da história do país de origem), organizar convívios culturais de rua, ir à igreja, ensinar a tocar batuque, dançar kutorno, cozinhar, rezar, cantar cânticos fúnebres e de festa, falar outras línguas, entre muitas outras.

Por fim, a *última dimensão* que tem por base o bairro como contexto, onde à partida as dinâmicas familiares e intergeracionais têm lugar. Na dimensão espacial, interessa recolher as percepções e avaliações que estas mulheres têm do bairro e sobre o bairro, ao nível das suas problemáticas e especificidades e a partir daí, perceber as relações que se *constroem e se mantêm* e os sentimentos de pertença ao bairro. Será que o contexto bairro é um factor de peso na construção de relações? Que tipo de relações se estabelecem, que vêm reforçar a identidade cultural colectiva do bairro? Qual a imagem social do bairro? Por outro lado e mais ao nível das atitudes e dinâmicas das netas, pretende-se identificar em primeira instância, as redes de relações que existem, sejam elas internas ou externas ao bairro, que contribuem para a emergência de modos de vida, formas culturais e dinâmicas identitárias; e posteriormente, a forma como se efectivam no dia-a-dia, uma vez que podem fortalecer a identidade do bairro numa perspectiva positiva e construtiva e identificar as manifestações de participação para atingir esse fim.

Para esse efeito, a análise foi guiada por um conjunto de conceitos e componentes, que passo a referenciar: *representações (percepções/avaliações e valores) atitudes/práticas, papel social, família, habitus, identidade cultural, bairro, reprodução/herança cultural, sociabilidades, redes e empowerment comunitário*. O quadro conceptual elaborado pretende articular cada um dos conceitos referenciados com os componentes e os indicadores que irão conduzir a parte empírica desta investigação.

Quadro Conceptual

	Conceitos	Componentes	Indicadores
<i>Familiar</i>	Representações (percepções/avaliações)	Família	<ul style="list-style-type: none"> Definição de família; Papel da família; Constituição da família (elementos que a compõem); Pilares da família ou figuras familiares de referência
		Convivência Intergeracional (avós/netas)	<ul style="list-style-type: none"> Papel das netas/avós; Importância na vida quotidiana das netas/avós; Presença das netas/avós: esporádica/constante; Tipo de relação: de proximidade/confiança/sólida ou de afastamento/desconfiança/fragilizada; Partilha ou não de conhecimentos: confidências, conselhos, etc.
		Herança Cultural	<ul style="list-style-type: none"> Tipologia de valores; Transmissão ou não de valores das avós para as netas; Tradição familiar: continuidade/ruptura; Conhecimento origens (netas): necessidade de saber/conhecer por reconhecimento e iniciativa própria/imposição da família
	Atitudes/Práticas	Habitus	<ul style="list-style-type: none"> Práticas culturais de continuidade/ruptura das avós com a tradição/cultura: passagem de conhecimento; Idade das intervenientes (netas) na 1ª passagem; Frequência: regularidade/irregularidade das práticas na vida quotidiana.
<i>Pessoal</i>	Representações (percepções/avaliações)	Identidade Cultural	<ul style="list-style-type: none"> Importância das práticas para a (re)construção da identidade enquanto mulher africana; Processo de fortalecimento ou renovação/rejeição da sua cultura Sentimentos de pertença Capital Cultural
	Atitudes/Práticas	Dinâmicas e Reprodução Cultural	<ul style="list-style-type: none"> Reprodução ou não dos hábitos familiares tradicionais; A língua: crioulo (falar e frequência) Dinâmicas de continuidade/ruptura (netas): onde, a quem e com quem (grupo de pares, vizinhos, familiares, avós); Tipo de relações Origem étnica dos actores; Frequência das práticas: regularidade/irregularidade; Situação formal/informal
<i>Espacial Bairro</i>	Representações (percepções/avaliações)	Bairro e Tipo de Relações	<ul style="list-style-type: none"> Definição e caracterização do bairro: problemáticas e especificidades; Imagem social do bairro Relações que se estabelecem (vizinhos, grupo de pares, familiares, etc.) e sua importância; Espaço físico de fortalecimento ou não de laços culturais e de amizade entre as intervenientes; Relações de proximidade/afastamento; união/desunião; Sentimento ou não de pertença a um grupo; Solidariedade/Individualismo; Contexto/ambiente do bairro;
		Redes e Empowerment Comunitário	<ul style="list-style-type: none"> Necessidade ou não de “ressuscitar” a história, cultura e tradição africana como riqueza física e intelectual; Existência ou não de grupos de discussão formais/informais de mulheres e sua relevância; Comunicação ou não com o exterior /outras mulheres, através do trabalho, escola, grupo de pares (fora do bairro) e a sua importância; Interesse ou não pelas questões sociais do bairro;
	Atitudes/Práticas		<ul style="list-style-type: none"> Participação activa ou não das netas no mundo associativo e em movimentos socioculturais (manifestações, debates, eventos culturais, etc.) que reforcem, positivamente, a identidade do bairro. Redes de relações (internas ou externas) que se estabelecem como forma de união entre as mulheres/netas e partilha da cultura herdada.

2.3 – Questões orientadoras

"Não há observação ou experimentação que não se assente em hipóteses. Quando não são implícitas ou, pior ainda, inconscientes. E, quando não são explicitamente construídas, conduzem a becos sem saída; as informações recolhidas são fragmentárias, parciais..."
Raymond Quivy; 1992

Após a apresentação do objecto de estudo e do modelo de análise, as hipóteses de trabalho surgem como preposições que prevêem uma relação entre dois termos: segundo os casos, podem ser conceitos ou fenómenos. Apresentam-se como uma resposta provisória a uma pergunta - uma pressuposição - alicerçada numa reflexão teórica e num conhecimento preparatório do fenómeno estudado.

Assim sendo, apresenta-se as hipóteses de trabalho para este trabalho, que surgem da reflexão do conhecimento apresentado até aqui, que passo a enunciar:

- 1) Embora as avós não façam parte do agregado familiar, estas *assumem-se como um agente social importante na educação das netas e a ponte de ligação das gerações mais novas às raízes africanas do país de origem;*
- 2) *As netas reproduzem as dinâmicas familiares tradicionais* transmitidas pelas avós no seu *meio familiar* (com os pais, avós, irmãos, primas, etc.), mas não nas suas *relações de vizinhança* e do seu grupo de pares (*relações de amizade*), onde partilham outros gostos, estilos e práticas culturais transnacionais, os quais contribuem para uma menor coesão, união, incentivo e sentimento de pertença à cultura de origem;
- 3) Os bairros sociais enquanto ilhas de isolamento material e simbólico *são um motor de combustão cultural em ebulição* (Drake e Cayton, 1945), que procuram através das redes de relações e dos padrões culturais do bairro (re)afirmar a sua identidade cultural e re(encontrar) pontos de referência cultural positivos para a população residente;
- 4) *As jovens mulheres (netas) reforçam as suas redes de relações*, tendo em vista uma *maior mobilidade sócio-espacial* e a *produção e reprodução de conhecimento* junto de outras mulheres de culturas diferentes como ponte de ligação à sociedade de acolhimento.

2.4 – Opções e abordagens metodológicas

“É a explicação minuciosa, detalhada, rigorosa e exacta de toda acção desenvolvida no método (caminho) do trabalho de pesquisa. É a explicação do tipo de pesquisa, do instrumental utilizado (questionário, entrevista etc.), do tratamento dos dados, enfim, de tudo aquilo que se utilizou no trabalho de pesquisa.
José Bello, 2004

Após reflexão sobre os vários problemas, a nível metodológico, que advêm de investigações já realizadas e em conformidade com o objecto de estudo e o modelo analítico apresentado, seleccionou-se da população – *mulheres africanas residentes em bairros sociais das zonas de Lisboa e Vale do Tejo* – uma amostra por conveniência (uma vez que se tem um contacto próximo com os entrevistadas e consequente à vontade para falar destas questões), constituída por *8 jovens mulheres*, com idades compreendidas entre *16 e os 25 anos e 8 avós com mais de 50 anos*.

Estipulou-se a idade mínima de 50 anos para as avós, no sentido em que, temos noção de que, presentemente, as mulheres nestes casos específicos são mães cada vez mais cedo e portanto, as avós ainda são “jovens”. No entanto, interessa-nos recolher informação sobre as suas vivências que remontam mais a um passado, a uma história, pelo que não será viável baixar esta faixa etária. Por outro lado, ao trabalharmos com duas faixas etárias teremos uma riqueza de informação bastante interessante para estabelecer comparações.

Independentemente do fenómeno social que se pretenda analisar, não se pode esquecer que a realidade social é muito complexa e, como tal, não é possível aceder a um conhecimento sobre a sua totalidade. No entanto, consoante as características e pretensões, tanto do objecto como da investigação, existem estratégias metodológicas mais adequadas de acordo com a sua particularidade.

Tratando-se então de situações heterogéneas, este estudo empírico pretende captar os quadros de representações e sistemas de disposições que integram as sociabilidades e dinâmicas familiares e intergeracionais em contexto de bairro, o que implica uma reconstrução do discurso das intervenientes. Neste sentido, justifica-se que a recolha de dados seja feita num registo de tipo intensivo/qualitativo.

Num estudo de carácter intensivo, as entrevistas não directivas não constituem instrumentos de grande utilidade na fase preparatória de elucidação do objecto de estudo, devido ao seu carácter livre e à ausência de estrutura. A escolha prende-se sobretudo pelas

entrevistas semi-directivas: “*L’entretien semi-directif se définit par rapport aux remarques faites à propôs de l’entretien libré*” (Ghiglione e Matalon, 1985). Privilegiou-se esta técnica em detrimento de uma análise quantitativa, já que através da estruturação rígida desta última não seria possível obter uma compreensão rica e profunda do conteúdo da informação recolhida. Optou-se por uma metodologia que articula várias técnicas de investigação, nomeadamente pesquisa bibliográfica sobre os diversos conceitos subjacentes (para uma melhor esquematização e conhecimento sobre o próprio tema); entrevistas exploratórias junto das avós para recolha de informação sobre as suas vivências no país de origem, aplicação de entrevistas semi-directivas, recolha de material fotográfico (situação actual: bairro, família, etc.) e por fim, mas já articulada com esta última técnica mencionada, a análise de conteúdo das entrevistas.

Pretende-se definir um conjunto de tópicos orientadores da entrevista, já que a escolha das questões é determinada pelas respostas às questões precedentes. Procurar-se-á conhecer as especificidades do objecto de estudo.

As entrevistas vão ser realizadas no Concelho do Seixal, mais precisamente nos *bairros da Quinta da Boa-Hora e Quinta do Cabral (Arrentela)*, no Concelho de Almada, *nos bairros Branco e Cor-de-Rosa (Monte de Caparica) e Bairro Santa Filomena (Amadora)* onde residem populações africanas cujo modo de vida atravessa várias problemáticas que caracterizam estes bairro, nomeadamente a desocupação, desemprego, abandono e insucesso escolar, tráfico e consumo de estupefacientes, fechamento e falta de mobilidade, falta de documentação, desestruturação familiar e maternidade/paternidade na adolescência, entre outras.

Como investigadora e entrevistadora, parto do pressuposto de que, não irão surgir limitações e hesitações no discurso das entrevistadas e que vai ser recolhida um conjunto de informações de uma riqueza única, pelos largos anos de experiência das avós e pelo contributo das netas, com uma mentalidade diferente. Será um complemento/confronto de duas gerações.

Após a aplicação das entrevistas irá proceder-se ao tratamento dos dados recolhidos através da caracterização sócio-familiar das entrevistadas e da análise de conteúdo. Esta técnica de análise do discurso visa, sobretudo, a construção de conhecimento a partir do que está implícito nas informações fornecidas pelos entrevistados.

CAP.3 – CARACTERIZAÇÃO SÓCIO-FAMILIAR

O objectivo principal deste capítulo é realizar uma breve caracterização social e familiar das entrevistadas que compõem a já enunciada amostra, recorrendo às variáveis com as quais se pretende trabalhar e relacionar a análise de conteúdo. São elas: *idade, naturalidade, nacionalidade, nº de anos a residir em Portugal, nº de anos a residir no bairro, língua mãe, escolaridade, profissão/ocupação, nº de avós/netos, agregado familiar e tipologia de habitação.*

Para uma melhor compreensão, a caracterização supracitada irá ser apresentada numa *vertente sócio-familiar* das entrevistadas (avós e netas) com base nos quadros de caracterização 2 e 3 e procurar-se-á dar a conhecer os dados obtidos, para efectuar, posteriormente, uma abordagem mais aprofundada de algumas questões no decorrer da análise de conteúdo.

Quadro2 – Caracterização Sócio-Familiar das Avós – (Grupo A)

	<u>Avó 1</u> “Zeza”	<u>Avó 2</u> “Romana”	<u>Avó 3</u> “Bibinha”	<u>Avó 4</u> “Abiba”	<u>Avó 5</u> “Maria”	<u>Avó 6</u> “Pipa”	<u>Avó 7</u> “Bebita”	<u>Avó 8</u> “Dadá”
Idade (anos)	83	64	70	65	58	66	55	62
Naturalidade	Angola	Moçambique	Cabo Verde	Moçambique	Cabo Verde	Moçambique	Angola	Cabo Verde
Nacionalidade	Portuguesa Angolana	Portuguesa	Cabo Verdeana	Moçambicana Portuguesa	Portuguesa	Portuguesa	Portuguesa	Cabo Verdeana
Nº de anos a residir em Portugal	12	32	25	23	28	26	8	7
Nº de anos a residir num bairro	6	28	25	23	24	26	8	3
Língua Mãe – (falada em casa)	Kimbundu/ Português	Bitonga/ Português	Crioulo	Português	Crioulo	Português	Português	Crioulo
Escolaridade	6ºano	7ºano	3ºano	8ºano	4ºano	5ºano	9ºano	2ºano
Profissão/Ocupação	Reformada	Reformada	Reformada	Reformada	Doméstica	Reformada	Doméstica	Doméstica
Nº de Netas(os)	6	4	5	2	2	3	4	2
Agregado Doméstico - Laços de Parentesco -	Marido, filho e a própria	Filho, nora, 1 neto e a própria	Prima, irmã, 1 filha, 1 sobrinha e a própria	A própria	Irmão, filho, nora, 2 netos e a própria	Amiga, filho e a própria	Cunhado, 2 irmãs e a própria	Marido, sobrinho, bisneta e a própria
Tipologia de Habitação	Andar	Andar	Andar	Andar	Andar	Andar	Andar	Andar

Quadro3 - Caracterização Sócio-Familiar das Netas – (Grupo N)

	Neta 1 “Lwedji”	Neta 2 “Vany”	Neta 3 “Nunuka”	Neta 4 “Maina”	Neta 5 “Nina”	Neta 6 “Zitah”	Neta 7 “Loury”	Neta 8 “Leida”	Neta 9 “Neyma”	Neta 10 “Wenah”
Idade (anos)	24	22	21	25	24	22	22	16	21	19
Naturalidade	Angola	Portugal	Portugal	Moçambique	Portugal	Portugal	Angola	Cabo Verde	Portugal	Moçambique
Nacionalidade	Portuguesa	Portuguesa	Portuguesa	Portuguesa	Portuguesa	Portuguesa	Portuguesa	Portuguesa	Portuguesa	Portuguesa
Naturalidade dos Pais	Angola	Moçambique	Cabo Verde	Moçambique	Cabo Verde	Moçambique	Angola	Cabo Verde	Moçambique	Moçambique
Nº de anos a residir em Portugal	12	22	21	23	24	22	8	7	21	9
Nº de anos a residir num bairro	6	22	21	23	24	22	8	3	21	9
Língua Mãe – (falada em casa)	Português	Português	Crioulo	Português	Crioulo	Português	Português	Crioulo	Português	Português
Escolaridade	Licenciatura Estudos Africanos	Licenciatura Gestão	9º ano	Licenciatura Análises Clínicas	12ºano	12ºano	12ºano	8ºano	12ºano	10ºano
Profissão/Ocupação	Mediadora	Consultora Banca e Serviços	Militar Exército	Técnica de Análises Clínicas	Ajudante de Acção Directa	Auxiliar Social	Estudante/ Agente de Viagens	Estudante	Estudante	Monitora
Sector Actividade	Intervenção Social	Gestão/Financieiro	Serviços ao Estado	Saúde	Intervenção Social	Intervenção Social	Turismo			Intervenção Social
Situação Conjugal	Solteira	Solteira	Solteira	Solteira	Solteira	Solteira	Solteira	Solteira	Solteira	Solteira
Nº de Avós	2	1	1	1	1	1	1	1	1	3
Agregado Doméstico - Laços de Parentesco -	A própria	Pai, mãe, irmã e a própria	Pai, mãe, irmã, sobrinho e a própria	A própria	Mãe, 2 irmãs, 2 sobrinhas e a própria	Pai, mãe e a própria	Pai, mãe, irmã e a própria	Pai, mãe, irmã e a própria	Pai, mãe, irmã e a própria	Pai, mãe, irmã e a própria
Tipologia de Habitação	Andar	Andar	Andar	Andar	Andar	Andar	Andar	Andar	Portugal	Moçambique

Vertente Social

Antes de se iniciar a caracterização das entrevistadas, é importante lembrar que se está perante uma amostra de 18 entrevistadas, das quais 10¹⁹ formam o grupo das Netas (N) e 8 representam o grupo das Avós (A). Feita a apresentação da amostra referenciada anteriormente, será relevante proceder à apresentação do grupo das 18 entrevistadas segundo a *idade*.

Observámos que no grupo das Avós, a maioria está inserida na faixa etária 55-66 anos (6 casos), ou seja, encontram-se acima da faixa definida (mais de 50 anos), à excepção de dois casos, o da Avó Zeza e o da Avó Bibinha, com 83 e 70 anos respectivamente. Já se denota um envelhecimento da população, que representa a fracção dos primeiros habitantes do bairro

¹⁹ Foram realizadas mais duas entrevistas do que o previsto, uma vez que duas jovens quiseram também participar nesta investigação, por iniciativa própria, dando o seu contributo pessoal.

vindos de África já na década de 70: neste período, várias pessoas e famílias de Angola e Moçambique imigraram para Portugal e mais tarde a população caboverdeana nos anos 80, à procura de melhores condições de vida numa tentativa de reconstruir o que perderam no país de origem.

É relevante salientar que a hesitação apresentada no capítulo da Metodologia, em relação à idade das avós, acaba por, de alguma forma, se confirmar. Segundo os dados recolhidos, todas as mulheres que passaram pelo processo de entrevista, já têm mais de dois netos. Por exemplo, a Avó Bebita, aos 55 anos de idade, já tem quatro netos e esta situação poderá indicar uma possível vivência da maternidade ainda na fase da adolescência por parte da filha da entrevistada, espelhando ou não o percurso da mãe.

Já os elementos que compõem o primeiro grupo (N) encontram-se na faixa etária pré-definida, entre os 16 e os 25 anos e distribuem-se da forma seguinte forma: três jovens têm 22 anos (Vany, Zitah e Loury), duas têm 24 anos (Lwedji e Nina) da mesma forma que duas têm 21 anos (Nunuka e Neyma) e as restantes três entrevistadas têm 16, 19 e 25 anos respectivamente (Leida, Wenah e Maina). Para este grupo de trabalho a média das idades é de 21,6 anos, mais precisamente 22 anos.

No que se refere à *escolaridade e situação profissional* dos elementos que compõem o grupo (A), a maioria apresenta fracas qualificações escolares, isto é, estão concentradas abaixo do escalão do 2º ciclo (5 casos – Avós Zeza, Bibinha, Maria, Pipa e Dadá) e que, ao cruzarmos com a variável naturalidade, percebemos que as avós com a escolaridade mais baixa são de origem caboverdeana, pois têm no máximo o 1º ciclo (3 casos). Não se poderá falar de analfabetismo, mas sim de mulheres detentoras da escolaridade básica. A maioria destas avós encontram-se reformadas e apenas três delas exercem a profissão de doméstica.

Relativamente às netas, a maioria das entrevistadas encontra-se integrada no mercado de trabalho, exercendo uma profissão (8 casos – Netas Lwedji, Vany, Nunuka, Maina, Nina, Zitah, Loury, Wenah) em sectores de actividade diversos identificados no quadro de caracterização sócio-familiar². Destes 8 casos, apenas a Loury é trabalhadora-estudante. As restantes entrevistadas do grupo ainda se encontram a cumprir o seu percurso escolar.

Face a este panorama, os níveis de escolaridade destas jovens variam entre o 8ºano de escolaridade e ensino superior (conclusão do curso escolhido), ou seja, quatro têm o 12º ano completo (Nina, Zitah, Loury e Neyma), três já concluíram o curso com equivalência ao grau de Licenciadas (Lwedji, Vany e Maina) e as restantes entrevistadas distribuem-se pelos vários níveis de escolaridade identificados: uma jovem encontra-se a frequentar o 10º ano (Wenah), outra está no 9º ano (Nunuka) e a última, no 8ºano (Leida).

É observável que a maior parte das jovens em questão têm profissões que requerem qualificações profissionais elevadas e portanto deixa-se em aberto se seria correcto deduzir que, embora residam num bairro social, a sua origem social é de classe média, dada a profissão que exercem e o seu nível de escolaridade. E procurando fundamentar esta dedução, colocam-se ainda outras questões, como por exemplo, existirá discrepâncias significativas entre as condições materiais existentes de avós, pais e filhos? E no caso de estas jovens serem detentoras de capital cultural mais elevado serão elas as que se inserem nos estratos médios na estrutura de classes, denotando-se aí, o efeito de reprodução de capital nas três gerações?

Vertente Familiar

Após esta primeira abordagem mais direccionada para o campo social, é importante perceber a *composição do agregado doméstico*. No que diz respeito ao grupo (A), os agregados familiares são compostos por mais de 3 elementos, à excepção de um caso - a Avó Abiba – identificando-se assim, 1 família monoparental (situação de viuvez), 1 família simples a viver com outras pessoas, 2 famílias nucleares e 3 agregados de famílias múltiplas. Numa perspectiva global, a média de pessoas por agregado familiar é de 3,8.

No que diz respeito ao grupo (N), este é, também, um grupo interessante de se analisar, uma vez que é homogéneo em alguns aspectos como por exemplo, na situação conjugal, ou seja, todas as entrevistadas se apresentam como “solteiras”, pertencentes a famílias nucleares compostas por mais de 3 elementos (7 casos), à excepção de dois casos em concreto: duas jovens encontram-se a viver sozinhas (Lwedji e Maina). Apenas se observa um caso de família monoparental – a da Nina. A média de dimensão familiar neste grupo é de 3,6 pessoas por agregado doméstico.

Quadro4 – Tipologia do agregado doméstico das Avós e Netas segundo a proposta de classificação de Laslett (1972).

Tipologia agregado doméstico	Nº de casos (Avós)	Nº de casos (Netas)	Nomes entrevistadas Grupo (A)	Nomes entrevistadas – Grupo (N)
Agregados domésticos simples: casal com filhos	2	7	Zeza e Dadá	Vany, Nunuka, Zitah, Loury, Leida, Neyma e Wenah.
Agregados domésticos simples Monoparentais: Mãe com filhos	1	1	Bibinha	Nina
Agregados domésticos sem núcleo familiar: Pessoas sós	1	2	Abiba	Lwedji e Maina
Agregados domésticos simples alargados: famílias simples a viver com outras pessoas	1		Pipa	
Agregados domésticos de famílias múltiplas: duas ou mais famílias simples a viverem no mesmo alojamento	3		Romana, Maria e Bebita	
TOTAL	8	10	18	18

Estabelecendo uma comparação entre os agregados domésticos do grupo (A) e o grupo (N) verifica-se que há uma diminuição, ainda que pouco acentuada, do número de elementos que compõem estes núcleos familiares.

Perante a variável *origem étnica*, constatou-se que o grupo (A) composto por 8 avós está, relativamente, equilibrado, uma vez que 3 são moçambicanas, 2 são angolanas e 3 são caboverdeanas. Sem exceção, todas as netas entrevistadas têm nacionalidade portuguesa, embora ao nível da sua descendência, este grupo apresenta uma distribuição muito similar à das avós: representam Angola, Moçambique e Cabo Verde de forma quase homogénea. Segundo o quadro de caracterização sócio-familiar², 50% das entrevistadas nasceram em território português, justificando assim os anos de residência em Portugal e no bairro onde moram, contrastando com os restantes 50%.

Esta constatação remete-nos para outras questões como a legalização/nacionalidade. Observou-se que, das oito mulheres entrevistadas, duas não abdicaram da sua nacionalidade caboverdeana mesmo estando a residir em Portugal há mais de 25 anos (Avó Bibinha e Avó Dadá), uma entrevistada já tem nacionalidade portuguesa, embora tenha nascido e crescido em Cabo Verde (Avó Maria) e apenas duas mulheres têm dupla nacionalidade (angolana/portuguesa – Avó Zeza e moçambicana/portuguesa – Avó Abiba). No que se refere

às netas, todas elas têm nacionalidade portuguesa, independentemente do país onde nasceram, sendo este um indicador de integração na sociedade portuguesa: a aquisição de documentação portuguesa permite o acesso a várias esferas da vida social, tais como a da educação, do trabalho, da cidadania, da saúde, entre outras.

Ao nível da *comunicação* e principalmente em contexto familiar, 40% das avós entrevistadas falam português nas suas casas e assumem-na como a sua língua mãe, independentemente da sua origem, mais precisamente, no caso das moçambicanas e angolanas, nomeadamente as avós Abiba, Pipa e Bebita. A Avó Zeza embora também fale português assume como 1ª língua, o Kimbundu, assim como a Avó Romana, o Bitonga. Já as avós caboverdeanas apresentam o Crioulo como sua língua materna assim como as suas netas. Isto leva-nos a dizer que 70% do grupo (N) assume o português como a sua *primeira língua*, ao passo que as restantes identificam o Crioulo de Cabo Verde como a língua principal utilizada no seu quotidiano

Quadro5 – Distribuição dos Grupo (A) e (N) segundo as variáveis Naturalidade (pais de origem) e 1ª língua

Grupos (A) e (N)	Avós					Netas				
	Angola	Cabo Verde	Moçambique	Portugal	Total	Angola	Cabo Verde	Moçambique	Portugal	Total
Kimbundu	1				1					0
Crioulo		2			2		1		2	3
Bitonga			1		1					0
Português	1		3		4	2		2	3	7
Total	2	2	4	0	8	2	1	2	5	10

Esta realidade pode estar relacionada com a transmissão de valores e costumes tradicionais assente em outras formas culturais consideradas prioritárias, que não englobam a língua de origem e/ou os “dialectos”²⁰. Pressupõe-se que existe uma descontinuidade cultural em relação a este factor identitário, na medida em que se encontra pouco presente na vida destas jovens mulheres: nesta geração mais nova, a língua materna tem vindo a “desaparecer”.

Face ao exposto consegue-se ter uma noção do grupo de trabalho com o qual se trabalhou enquanto fontes de informação.

²⁰ Os dialectos resultam da evolução de uma língua de contacto entre os colonizadores e os povos autóctones.

CAP.4 – ANÁLISE DE CONTEÚDO

Neste capítulo será apresentada a análise do discurso subjacente às entrevistas realizadas, recorrendo à técnica da análise de conteúdo, cujo objectivo é, precisamente, “descrever objectiva, sistemática e quantitativamente o conteúdo manifesto na comunicação”.²¹ Esta técnica possui várias vertentes de unidades de registo, mas irá-se privilegiar a *análise de conteúdo temática* por se considerar ser a mais adequada para esta investigação. Esta última tem como objectivo principal, analisar motivações, atitudes, valores e tendências, de forma a descobrir quais os “núcleos de sentido” que compõem a comunicação (como por exemplo, as entrevistas) e que atribuem um significado ao objectivo da análise escolhido, sustentando assim a sua pertinência para a pesquisa proposta.

Assim sendo, é importante proceder à análise de dados, fazendo referência às estratégias adoptadas para a estruturação dos dados recolhidos. Após a transcrição integral das entrevistas e tradução de algumas palavras, textos e expressões utilizados pelas entrevistadas, procedeu-se à construção de grelhas analíticas, que oferecem uma visão global e sucinta dos dados recolhidos (*consultar anexo I*). Esta análise será trabalhada e apresentada em três dimensões, nomeadamente a *familiar*, a *pessoal* e a *espacial*.

A) DIMENSÃO FAMILIAR

4.1. Famílias africanas de bairro

Nos últimos tempos, o conceito de família tem vindo a ser discutido pelas várias áreas das Ciências Sociais, uma vez que tem passado por uma série de mudanças constantes, que nos faz (re)pensar sobre o conceito de família. São vários os autores que apresentam perspectivas e definições diversas, que podem, por um lado, se complementar aquando da redefinição deste conceito e por outro lado, atribuir-lhe um significado diferente em função do contexto em que a família está inserida.

²¹ GHIGLIONE, Rodolphe, MATALON, Benjamin, “O Inquérito: teoria e prática”, Oeiras, Celta Editora, 2001, pág. 177

Assim sendo definiu-se como principal objectivo, auscultar e perceber as representações deste grupo de mulheres africanas face à família. São dois grupos, de gerações diferentes, que à partida estão em interacção num mesmo contexto, que neste caso é o bairro. Partindo desta base, perguntou-se às avós e às netas, o que entendiam por família e qual é o papel desta instância nas suas vidas.

No geral, as Avós apresentaram uma ideia bastante clara e objectiva sobre família e definiram-na como a base de qualquer indivíduo, fundamental para a sua formação e desenvolvimento enquanto pessoa, que conta com suporte afectivo e económico das pessoas que estão mais próximas, ligadas ou não por laços de sangue e que partilham um espaço comum. Segundo os testemunhos recolhidos, a família é o refúgio de todos aqueles que a integram, pela sua capacidade de observar, orientar, ajudar e alertar.

“ (...) A família no meu entender não é mais do que o maior refúgio delas e que sabem que podem recorrer sempre que queiram ou precisem. O nosso papel é observar e por vezes alertar para alguns desvios, mas nunca interferir directamente.” **Entrevistada Avó Abiba, 65 anos, Moçambicana**

“A família é a nossa marca aqui na terra (...) a nossa função enquanto família é cuidar, estimar, respeitar, mas és tu quem deve ter isso na cabeça mais do que outra pessoa qualquer.” **Entrevistada Avó Bebita, 55 anos, Angolana**

“ (...) Família são todas as pessoas que vivem comigo ou que me estão próximas ligadas por laços de sangue, com quem temos intimidade suficiente para falar de tudo um pouco. A família é a base das pessoas, porque é daí que vem os valores culturais, a essência da sua família que contribui para o seu crescimento e formação enquanto pessoa.” **Entrevistada Avó Pipa, 66 anos, Moçambicana**

Não obstante, a religião assume aqui um papel de relevo na vida de algumas Avós, com reflexos na família, uma vez que se denota uma forte ligação e influência da religião Católica ou Muçulmana sobre a instância família e o lugar que esta ocupa na definição de papéis e na orientação de escolhas e ensinamentos aos mais novos. Ao longo dos seus discursos, as Avós acabam por enfatizar a questão do isolamento como consequência de uma situação de desrespeito para com a família, que é pouco comum nos modos de vida das famílias africanas: são detentores de valores conservadores e rígidos assentes no respeito e obediência à família/pessoa mais velha.

“A família não é um objecto que você pode mandar fora e que escolhe, quero este e aquele...é esta que vocês têm (...) E o Profeta disse: na verdade, nós vos criamos de macho e fêmea e vos dividimos em tribos e nações para que se conheçam uns aos outros... o homem é o pastor dos seus e é responsável pelo seu rebanho, a mulher é uma pastora na morada do seu marido e será responsável pelo seu rebanho.” **Entrevistada Avó Romana, 64 anos, Moçambicana**

Ou seja, a família é aqui entendida como um grupo de indivíduos com ligações baseadas na confiança, no suporte mútuo e destino comum que partilham um espaço de vivências, de relações afectivas, de emoções, de intimidades, de interacções e de comportamentos, que desperta nos indivíduos, o sentimento de ser quem são e de pertencerem

a uma e não a outra qualquer família. Isto porque, acabam por ter a família que descobrem e é lá que constroem a sua identidade cultural em simultâneo com a sua identidade familiar.

As Netas acabam por reforçar não só as características genéticas e as afinidades, mas também os papéis, as funções e os estatutos (traduzidos em pequenos subsistemas) assumidos pelos indivíduos ao longo das suas vidas, numa perspectiva de “Família Sistema” e que acabam por fundamentar o discurso das avós. Vejamos:

“Bem... família é aquele grupo de pessoas que eu acho que têm de se respeitar uns aos outros e que estão unidos pelos laços de sangue. São, a meu ver, muito importantes, porque sem eles a minha vida será completamente diferente, porque somos muito unidos e os meus familiares preocupam-se com tudo aquilo que se passa ao nosso redor, que passa por perguntar pela escola, pelo trabalho, se estamos bem... portanto estão lá para nos ajudar, educar, ouvir, refletir, corrigir, olhar, acompanhar, conviver... são pessoas presentes!”
Entrevistada Neta Nina, 24 anos, Portuguesa

“Para mim é um conjunto de pessoas unidas por laços de sangue, afectos ou não, que partilham um espaço comum, com quem partilhamos as nossas tristezas e alegrias... porque nem sempre temos a família que desejaríamos assim como não podemos escolher os pais que temos (...) a família deveria ser suporte, o pilar que não nos permite tombar completamente, porque está para nos ajudar, ouvir, acompanhar e educar!”
Entrevistada Neta Zitah, 22 anos, Portuguesa

Ambos os grupos recorrem a determinadas palavras, expressões e verbos de forma a sustentar a ideia de família como um espaço fundamental para a partilha de vivências numa perspectiva de suporte de vida, nas diversas situações com as quais as netas se deparam no seu dia-a-dia e que contribuem para o crescimento de cada uma delas, independentemente da distância que as separam (avós e netas).

Quadro56 – Definição de Família através de palavras-chave

FAMÍLIA	Palavras e expressões	Verbos
Avós	Amor, carinho, suporte, refúgio, conforto, intimidade, união, marca e base das pessoas.	Cuidar, estimar, respeitar, observar, alertar e apoiar.
Netas	Apoio, suporte, porto seguro, segurança, desafio, bolo único, grupo, laços de sangue.	Educar, ouvir, refletir, corrigir, olhar, acompanhar, conviver e ajudar.

As famílias que encontramos aquando da aplicação das entrevistas, são famílias que partiram da configuração-base da família nuclear e que com os conflitos relacionais e possíveis rupturas com vários actores, acabaram por incluir outros membros, ligados ou não por laços de consaguinidade ou de parentesco. Arrisca-se a falar de famílias monogenitoriais, em que o chefe de família é a mulher, rodeada de filhos e netos e que tem por base, a viuvez, a ausência necessária ou o afastamento propositado da figura masculina.

“Amin teneu más de dozi fidjos na kel corpo li e ninguem ta fika paradu nês mundo pamodi nha casa ka ê penson! Nu sta li pa orienta nha vida e di sês... amin sta demasiadu cansadu pa sofrí mas... nha homi dja bai na caminhu di Deus e nha cabeça sta longi. “Eu tive mais de doze filhos vindos deste corpo e por isso ninguém fica nesta casa sem fazer nada da vida, porque a minha casa não é pensão. Nós estamos aqui para orientar a nossa vida e a vossa... eu estou muito cansada para sofrer... o meu marido já faleceu e tenho-o no meu pensamento”.
Entrevistada Avó Maria, 58anos, Caboverdeana

“Mais velha é a minha avó e como em todas as pessoas mais velhas da minha família, ela tem um lugar de destaque e de respeito. É um pote de sabedoria e de conhecimentos que por vezes, não são muito actuais mas que nos enriquecem de alguma maneira. Na mesa têm sempre o lugar da cabeça como chefes de família, embora não vivamos na mesma casa e utilizamos sempre a 3ª pessoa do singular quando nos dirigimos a ela, pelo menos foi essa a educação que me deram. Depois vêm os meus pais que ocupam um papel também muito relevante porque estão sempre por perto para nos apoiar, ajudar, aconselhar e respeitar.” **Entrevistada Neta Maina, 24anos, Portuguesa**

Quer isto dizer que, qualquer família se depara com alterações na sua estrutura ao longo do ciclo vida. Transforma-se pelos nascimentos, mortes, entradas e saídas de elementos de uma convivência para a outra, por motivos que estão ligados às escolhas mais individuais e pessoais. Um bom exemplo disso e contextualizando, é o caso das avós que deixam a sua família para entrarem na família dos filhos, onde se tornam em figuras familiares de referência e que contribuem, consequentemente, para o aumento do número de elementos que compõem os agregados domésticos.

“Uma avó e depois a minha mãe e tios. São eles que de certa forma criam alguns espaços de conversa familiar e que o pessoal começa a ver os problemas com outros olhos. Portanto, a minha avó e outras pessoas mais velhas da família já têm os seus espaços de domínio criados, onde aos poucos vão dando uns ajustes ao agregado familiar. Pois, parece um pouco complicado, mas como somos uma família grande, só em casa somos seis pessoas, o respeito é muito maior.” **Entrevistada NetaNina, 22anos, Portuguesa**

“Nós família é grandi di más mas feliz. Tudo genti sabi que melhor do que estar vivo é ter companhia de quem nos ama e quer nos ver feliz...amin é mas velha mas eu sei bem o que se passa à minha volta...” *“A nossa família é grande demais, mas feliz. Toda a gente sabe que melhor do que estar vivo é ter a companhia de quem nos ama e nos faz feliz, eu sou a mais velha, mas eu sei bem o que se passa à minha volta”.* **Entrevistada Avó Bibinha, 70 anos, Caboverdeana**

Por outro lado, encontra-se nos discursos das entrevistadas, algumas referências (ainda que pouco destacadas) à criação e educação das crianças que não são asseguradas nem pelos pais (responsabilidade familiar) e nem pela escola (responsabilidade institucional), mas sim pelas famílias comunitárias, onde o papel dos pais é descentralizado e as crianças passam a ser da responsabilidade de todos os membros adultos. Conclui-se então, que estas famílias representadas pelas 18 entrevistadas estão abertas à mudança da sua estrutura face a situações familiares internas e externas que possam surgir, embora as avós procurem resguardar os seus valores africanos com vista a sobrevivência dos seus agregados familiares e que, por sua vez, colidem directamente com os valores da sociedade europeia.

4.2. Convivência Intergeracional

Nas últimas décadas, as profundas transformações sociais, políticas, demográficas e económicas têm introduzido algumas modificações significativas no relacionamento entre a família nuclear e a família alargada como também possibilitou a integração de relações e interacções nos vários círculos sociais, ou seja, nos locais por onde as jovens circulam e interagem e que constituem factores importantes para a sua formação e educação, nomeadamente, a escola e o grupo de pares.

Com referência ao autor Kohn (1993) e com base na sua perspectiva estruturalista, estas famílias procuram exercer algumas funções e papéis de supervisão e de controlo através das grandes figuras ou pilares de referência – neste caso as avós – com o intuito de poder exercer uma maior autoridade e ordem na educação das filhas/netas e conseqüentemente, conquistar a sua atenção e obediência no quotidiano. No entanto, e contrariando um pouco as ideias deste autor, as famílias desta investigação, representadas pelo grupo (A), procuram mais do que um estilo autoritário, que imponha o respeito pretendido. Procuram adoptar uma forma mais democrática e participativa nas práticas das jovens, onde trabalhem a iniciativa própria, o interesse, a criatividade e a tomada de decisão e que passa por apostar, também, nas relações mais informais e afectuosas, de proximidade e de confiança.

“Bem... ela vem substituir um pouco o papel da mãe, quando esta não está! E no meu caso em concreto, que já não vivo com a minha mãe há muito tempo porque os meus pais separaram-se, ela foi um pouco aquele consolo... era uma figura feminina que fazia falta. Até porque quando somos crianças, nós pedimos mais atenção às pessoas que nos rodeiam e foi nessa altura, que me senti mais fragilizada. Ela esteve presente nos maus momentos, reconfortou a minha família, cozinhou, limpou, orientou a casa e acima de tudo deu-me o seu colo sempre que precisei.” **Entrevistada Neta Nina, 24 anos, Portuguesa**

“Opáh acho que agora é mais de companhia e são aquelas pessoas a quem podemos recorrer para falar e discutir algumas coisas sem problemas nenhuns. Se calhar, e algumas vezes, não temos aquela paciência porque entretanto, a idade não perdoa e cada vez mais precisamos da nossa atenção, mas não deixam de ser respeitadas e são ainda muito independentes porque dizem não querer virar uma coque-flor. (risos).” **Entrevistada Neta Loury, 22anos, Angolana**

Por outro lado, as relações entre estas duas gerações - avós e netas – poderão se estabelecer segundo três planos diferentes, focalizadas segundo o pensamento de Vom Allmen, Kellerhalls, Coenen-Router (1994):

Planos	Testemunhos
<i>Plano expressivo:</i> as pessoas interagem e existem laços afectivos:	<i>“ (...) como a pessoa mais velha da família, essa função recaí muito sobre mim, porque afinal passei aos meus filhos como de certeza também o fazem presentemente nas suas casas, no seu lar, mas em termos de grande família essa responsabilidade é minha. Pois esse é o meu papel e para além disso nunca quis ser a avó mandona, que impõe regras. Sempre conversei muito com todos os meus netos, para que houvesse uma relação aberta, de amizade. É isso que tenho com a minha neta, um dia-a-dia comum, onde nós as duas podemos partilhar um mesmo sentimento, uma mesma dor.”</i> Entrevistada Avó Bebita, 55 anos, Angolana
<i>Plano normativo:</i> através da transmissão de memórias familiares e das redes de relações que se constituem na família alargada, há uma passagem de modelos de comportamento, valores, crenças e costumes:	<i>“Já estão na casa dos oitenta anos, mas continuam a determinar e a resolver algumas questões familiares. Para veres, por vezes ainda se realizam conselhos familiares com os elementos mais velhos, sempre que nas microfamílias, alguma coisa não corre bem e as pessoas que a integram não conseguem resolver sozinhas. Geralmente, é ali que se discute o problema e se tenta orientá-las para um caminho melhor. Eles estão no topo da pirâmide e são respeitados por todos. Este foi sempre um valor incutido (pelo menos os meus pais e avós sempre procuraram transmitir-lo) que é o de respeitar sempre os mais velhos em todas as circunstâncias da minha vida, porque eles detêm uma sabedoria única conquistada ao longo dos seus percursos de vida. Passaram por vivências que nós, mais novos, e até os nossos pais não passaram.”</i> Entrevistada Neta Vany, 24 anos, Portuguesa
<i>Plano instrumental:</i> baseia-se essencialmente numa solidariedade intergeracional, ou seja, há um apoio constante nas tarefas domésticas e educacionais e na resolução de problemas de cariz financeiro:	<i>“A minha Avó materna tem 83 anos e é obviamente a Matriarca da Família. A nossa Família funciona muito com base nos pareceres dos mais experientes, nesse caso a Vovó, e como tal a palavra dela tem muito peso nas decisões que os meus primos, a minha Mãe, o meu Tio tomam. Eu e a minha irmã já nos tornamos mais ocidentalizados nesse aspecto e acreditamos que não precisamos de conselhos (gargalhada) Como lido somente com a minha Avó Materna devo dizer que ela tem todas as tarefas do mundo. Uma vez que ela é a típica Avó que adora cozinhar, costurar, contar histórias intermináveis e se for preciso dar-nos uns bafos, quando precisamos ou não.”</i> Entrevistada Neta Lwedji, 24 anos, Angolana

Estas relações intergeracionais acabam por ter uma importância bastante significativa, principalmente nas relações destas avós-netas (e vice-versa), já que se vive um contexto dito global, de inserção de mulheres no mercado de trabalho, nas quais se destaca a matrilinearidade dessas mesmas relações.

“Só não quero vagabundos na família, tanto elas como eles, porque epáh sofrí muito para criar meus filhos, lutei, batalhei e agora querem ficar só a passear e ver as pitinhas aí na rua... aqui na minha cubata não quero isso. Prefiro que me digam, mamã preciso que fiques com a minha filha para eu ir trabalhar... e eu não me importo nada! Sou avó mesmo, mas ficar na sombra do imbondeiro, não é vida.
Entrevistada Avó Zeza, 83 anos, Angolana

“Bem... ela vem substituir um pouco o papel da mãe, quando esta não está! E no meu caso em concreto, que já não vivo com a minha mãe há muito tempo porque os meus pais separam-se, ela foi um pouco aquele consolo... era uma figura feminina que fazia falta. Até porque quando somos crianças, nós pedimos mais atenção às pessoas que nos rodeiam e foi nessa altura, que me senti mais fragilizada. Ela esteve presente nos maus momentos, reconfortou a minha família, cozinhou, limpou, orientou a casa e acima de tudo deu-me o seu colo sempre que precisei.”
Entrevistada Neta Maina, 25 anos, Moçambicana

As avós passam a ser as “avós substitutas educativas” (Legros e Gauthier, 1992), que solidificam as relações afectivas com as netas e que substituem os pais, de algum modo, na responsabilidade de educar. Este tipo de relacionamento é marcado pelo contacto diário, pela partilha de experiências e proximidade geográfica e que, em outros momentos assumem um outro papel, o de “avós especialistas”, em que o relacionamento avó-neta baseia-se numa atitude de companheirismo, de acompanhamento do percurso escolar e na transmissão de valores e práticas culturais que inculquem nas jovens, ligações às suas raízes ou aos países de origem dos pais e avós.

A geração mais velha [o grupo (A)] acaba por ser a geração mais passiva e conformista que exterioriza algum receio em correr riscos num país que não é o seu. São imigrantes que vieram para Portugal já nos finais da década de 60, princípios dos nos 70, onde foram vítimas de um imigração forçada e violenta. Por vezes, as netas vêm-nas como as avós ultrapassadas e antiquadas, mas reconhecem a importância de não perder o contacto das avós face ao poder de influência que estas dispõem. Por outro lado sentem que têm responsabilidades para com as avós maternas, que passam por providenciar apoio moral e ajuda e disponibilizar algum para passarem bons momentos com as avós, uma vez que o tempo tem um significado diferente quando é passado em conjunto.

Apontam como factores-chave, o bom relacionamento entre avó e neta face ao elevado grau de proximidade, a forte percepção de que as avós as conhecem como ninguém (mais do que elas próprias em determinadas situações) como também a influência determinada e segura que as avós detêm na vida das suas netas – estabelecem uma relação directa.

“Na minha vida, são muito importantes, não muito no sentido de resolução de problemas e de orientação, mas mais pela sua companhia e partilha de experiências. Claramente somos duas gerações diferentes e como tal temos formas de estar diferentes associados a outros valores. Por outro lado, a minha avó é aquela pessoa que faz todos os carinhos e mimos às netas como os famosos bolos e cozinhados típicos. Tenho uma relação próxima com ela, de respeito, carinho... porque ela faz-me falta.” **Entrevistada Neta Vany, 22 anos, Portuguesa.**

“Acho que toda a importância. Afinal se também aqui estou neste momento é porque ela existe! Ela deve ser sempre estimada, acarinhada, porque já fez muito nesta vida, já criou, já educou, já sofreu, já fez tudo em circunstâncias muito mais difíceis que as nossas... consequências do colonialismo, da guerra, da pobreza. Por vezes não damos o seu devido valor... pois a velha já não diz coisas deste século... pois mas depois quando as coisas não correm bem... lá vamos chorar no colo dela, porque ela avisou, mas a nossa teimosia é sempre a mais rápida a falar mas a mais burra a pensar. Por isso, sinto-me bem perto dela e tento passar o menos tempo possível longe dela. Somos amigas mesmo a sério.” **Entrevistada Neta Maina, 25 anos, Moçambicana**

Ainda realçando as relações estabelecidas entre avós e netas verificou-se ainda que, a maioria das entrevistadas de ambos os grupos de trabalho revela ter uma relação de proximidade, de confiança e de estima, que se reflecte não só nas práticas de convívio familiares, mas também, na partilha de conhecimentos, confidências e segredos, perante o estreitamento de ligações que é constante. São relações sólidas e seguras com iniciação no período de infância, passando pela adolescência até à vida adulta, nas quais se denota uma partilha comum de vários sentimentos.

Observa-se apenas 2 casos que revelam ter uma relação mais fechada, mas com alguns momentos de partilha, que pressupõe a existência de alguns conflitos e constrangimentos familiares.

“Não tenho um verdadeiro lar, tenho sim pessoas à minha volta, mas que não sabem dos meus problemas, com quem não partilho as minhas conquistas e alegrias... porque não somos uma família unida entre as quatro paredes da minha casa. Com a minha avó tenho aqueles momentos de convívio, mas não chega a ser uma relação de muita intimidade, que só tenho mesmo com a minha mãe e com os meus melhores amigos, percebes?!” **Entrevistada Neta Zitah, 22 anos, Portuguesa**

“Alguns tendo em conta o tipo de problemas que se pode partilhar com as avós... não é uma relação assim tão aberta. Mas problemas na escola, assuntos familiares sim, claramente. Conversamos sobre temas da escola, quando um exame tinha corrido menos bem ela era bastante compreensiva na época de exames.” **Entrevistada Neta Neyma, 22 anos, Angolana**

4.2.1. Valores, tradição e conhecimento

Nesta interacção familiar em que se privilegia a transmissão de valores, conhecimentos, tradições e troca de experiências entre si, tanto as avós como as netas acabam por desempenhar e assumir uma pluralidade de papéis sociais na estrutura familiar que conferem sentido às suas orientações e preferências e que, posteriormente, se reflectem nas restantes esferas da vida social, pessoal e afectiva. Neste campo, as avós são as peças principais deste xadrez, pois a elas lhes cabe esta missão de transmissão de valores com base na tradição familiar e na sua continuidade.

“Quando estou com ela em Lisboa, ela sente-se mais acarinhada porque não deixa de dar cafonés de vó e digo-lhe sempre “estás na terra dos brancos, comporta-te com dignidade, com respeito para que não te apontem o dedo”, como se não bastasse és mulher e preta com estudos. Sim porque seria único se a cor da pele não contasse neste país. Por isso é que eu digo, para ela estudar, trabalhar, ter as coisas dela sem depender dos outros. Só procuro transmitir o lado bom da minha educação, os verdadeiros pontos de orientação e ela lá faz as

suas escolhas, mas a principal delas é estimar a família que tem porque é só uma, com todos os defeitos que possa ter.” Entrevistada Avó Zeza, 83 anos, Angolana

“Embora ela não os compreenda há valores que são tudo na vida de uma mulher e agora com estas modernices de mulher independente, mãe solteira e emancipada, vem confundir a cabeça destas jovens mulheres... qual o problema de ser mais tolerante com o namorado ou marido? Revela submissão? Penso que não, revela sim astúcia, porque o homem precisa de ser levado... saber cozinhar hoje em dia é um dote que poucas têm... e pode ser uma boa arma para fiscar como vocês, a vossa cara metade. Mas a miúda é teimosa como tudo. Mas é assim que vejo as coisas... sim é bom ter canudo nas mãos, para não estarem nas limpezas e nessas TMNs e empresas de inquéritos que nos cansam a cabeça logo de manhã.” Entrevistada Avó Abiba, 65 anos, Moçambicana

São valores éticos, religiosos e culturais que estão muito direccionados para a figura da Mulher, para os papéis, tarefas e deveres que tem de assumir e cumprir, nomeadamente: a) ser uma boa esposa, uma boa mãe e boa dona de casa; b) saber cozinhar, passar e costurar como acções de carácter “quase obrigatório” (à luz dos olhos das avós); c) respeitar os mais velhos e o marido se assim acontecer num futuro próximo; d) cumprir as práticas religiosas de acordo com as orientações dos familiares, neste caso das avós; e) e por fim, estudar para realização de projectos pessoais e familiares. Para estas mulheres, os valores transmitidos às suas netas não estão desactualizados do mundo actual, embora concordem que são mais conservadores provenientes de uma educação mais rígida e assertiva tendo como base, uma perspectiva machista em relação à Mulher.

4.2.2 - Práticas Culturais do País de origem

Assim sendo, a questão cultural surge aqui como uma porta de passagem para uma outra dimensão de análise dada a transmissão de valores e de práticas culturais que são evidenciadas ao longo dos discursos recolhidos. As entrevistadas reconhecem a importância da passagem de alguns costumes e conhecimentos tradicionais do país de origem dos pais e avós como uma forma de aproximação à cultura de origem. Este interesse é reforçado positivamente pelas pessoas que estão presentes no meio familiar, já que não se trata de uma imposição ou obrigação familiar.

Logo é importante introduzir o conceito de habitus de Pierre Bourdieu (1970), na medida em que este é gerador e organizador das práticas culturais e das representações sociais, gostos e estilos desenvolvidos pela população do bairro. Isto é, as práticas têm na sua génese, a convergência entre o habitus (capitais objectivados) e o campo enquanto domínio específico destas práticas. Neste sentido, as práticas culturais são deveras evidenciadas pelas entrevistadas (manifestam orgulho na sua exposição oral), em que a maioria dá a conhecer um conjunto de práticas culturais de continuidade, ou seja, que no seu entender, deverão passar de geração em geração. Portanto, 90% das entrevistadas manifestam, claramente, que os hábitos

típicos do seu país de origem são uma forma de (re)aproximação e de integração à cultura africana, já que são ensinados aos mais novos, desde bebês.

Dada a heterogeneidade cultural que caracteriza a amostra em causa, recolheu-se os testemunhos de algumas mulheres, que fazem referência aos vários costumes ou hábitos tradicionais que habitualmente põem em prática, para que fosse possível ter uma visão mais ampla do que existe e o que se pratica nos bairros sociais, ao nível da cultura e tradição africana, de acordo com a origem étnica dos pais e avós.

De Angola:

*“Nós temos alguns costumes que faço questão de partilhá-los na nossa família e com os mais novos principalmente, desde muito cedo... sentá-los à minha volta e contar-lhes o princípio da sua história... falar-lhes das nossas conquistas enquanto povo angolano, das riquezas da nossa terra, o clima, dos nossos frutos tropicais. Esta minha neta nasceu lá e portanto está muito mais ligada ao nosso país do que muitos que nasceram cá e com ela, faço as nossas comidas, o feijão de óleo de palma que tanto ela gosta, de vez em quando tranço os mais novos, a ela já não porque entretanto curtou o cabelo, mas aprecio os penteados mais afros, porque espelham uma parte do nosso povo, os nossos vestidos compridos de pano africano, muitos deles tingidos à mão e que aqui não existem. “ **Entrevistada Avó Bebita, 55 anos, Angolana***

*“Sim claro. Tenho hábitos culturais típicos do meu país de origem, acima de tudo alimentação como funge, moamba, feijão de óleo de palma... como também a música e dança... o kuduro e a kizomba... O convívio que é um hábito africano... ou seja, o estar em grupo, no colectivo que é uma característica marcante e um pouco do vestuário. Por exemplo, na província onde nasci, o feijão de óleo de palma come-se com a colher, hábito que até hoje não perdi e que aqui na Europa não é comum e por vezes, com a vida quotidiana muitos têm a tendência a perder pequenos hábitos que se identificam com a cultura. Sim foram transmitidos por elas em conjunto com os meus pais, para nos fazer sentir mais perto do nosso país, apesar da distância geográfica. São informações importantes para a nossa formação como indivíduos.” **Entrevistada Neta Loury, 22 anos, Angolana***

De Moçambique:

*“Tudo o que sei... é o reflexo da educação que tive, africana e religiosa, porque sempre estiveram lado a lado, não quero obrigar a fazer nada, mas podem saber um pouco mais sobre as suas origens. Mantemos costumes que são da nossa terra e são muçulmanos também... fazemos o jejum na altura do Ramadão, comemoramos o nosso Natal, o Ideh, comemos todos aqueles pratos típicos, matapas, caril de amendoim, com uma mistura da cultura indiana também. Porque também temos indianos na família... bebemos o nosso chá preto ao final da tarde, à noite, sempre que nos apetece, depois de uma boa refeição e num convívio agradável e com um ambiente familiar harmonioso. Na hora da refeição, os mais velhos estão à mesa e os mais novos distribuem-se pela sala e quartos. E sabem porque são ensinados desde pequenos a fazê-lo... e a primeira coisa que lhes ensinei foi a cumprimentar os nossos familiares... Salam Aleikum... Aleikum Salam.” **Entrevistada Avó Romana, 64 anos Moçambicana***

*“Sim, alguns. Por exemplo, a gastronomia típica de Moçambique como o Caril de Amendoim, a Matapa, o Frango à Zambeziana, os Camarões com Limão, as Chamussas (embora sejam de tradição indiana, estas fazem parte da nossa alimentação pelo facto da cultura indiana estar muito enraizada em Moçambique), a prática do jejum no mês de Ramadão, o comer à mão alguns destes pratos tradicionais, a questão do vestuário e acessórios feitos de panos africanos e matérias primas como o pau preto, a dança e música tradicional... a conhecida marrabenta que retrata também muito das questões sociais do país de alguns anos atrás e da actualidade, nomeadamente a situação das mulheres que ficam em casa a tomar conta dos filhos enquanto os seus maridos vão trabalhar. Também os penteados mais afros e as tranças... por exemplo, a minha avó e a minha mãe fizeram-me tranças desde pequenina e isso tem um significado específico... significa a fase da inocência é como se fosse o marcar da nossa primeira etapa da vida. Quando se deixa de fazer quer dizer que entraste num outro ciclo, a de jovem mulher, onde te dão outras responsabilidades... e depois, temos o convívio familiar... são muitos! **Entrevistada Neta Vany, 24 anos Moçambicana***

De Cabo Verde:

*“Bom comida cachupa, bebida, música funaná para nu pila, penteados na nós cabelo bedju... nós rituais, nós cânticos, ku familia tudo reunido.” Boa comida cachupa, bebida, música fananá para nu pila, penteados no nosso cabelo africano, nosso ritual, os nossos cânticos com toda a dália reunida,” **Entrevistada Avó Bibinha, 70 anos, Caboverdeana***

*“Sim tenho, alguns como a gastronomia... a nossa famosa cachupa, feijoada, bolacha de Cabo Verde, doce de côcô... A nossa cultura está sempre presente nas nossas festas tipo casamentos, baptizados, enterros e é o dia-a-dia na tuga. Por exemplo, a nossa maneira de vestir e de pentear como as tranças... para mim não têm significado nenhum, mas como cada povo tem a sua identificação pessoal, nós temos as tranças para nos embelezarmos. Temos também a dança tradicional como o funaná e o batuku, que refelctem a nossa maneira de ser que é... divertidos, alegres com a vida! As minhas avós cantavam e dançavam com outras senhoras da terra e que voltarm a estar juntas aqui na tuga... e é algo que faz parte de nós caboverdeanos e através dela, damo-nos a conhecer. As letras das nossas músicas falam das cenas que se passam em Cabo Verde, da tradição, das coisas da terra, o que sentimos e é pa nu pila!” **Entrevistada Neta Nunuka, 21 anos, Caboverdeana***

Como se pôde verificar, as práticas culturais deste grupo de entrevistadas destas origens são entendidas como a forma mais acertada de ligação à tradição e de passagem de conhecimento. Contudo, é importante salientar que a religião tem um peso considerável na prática de determinados costumes, deveras visível no discurso das entrevistadas muçulmanas (6 casos – Netas Vany, Maina, Neyma e Avós Romana, Abiba e Pipa). As práticas aqui apresentadas tomam forma de pequenos convívios familiares e festas comunitárias, marcados por conversas de esteira e por música africana comercial e tradicional, por pequenos espaços reservados para o conto de histórias proporcionados pelas avós, pelas maneiras de vestir e de pentear os cabelos, pelo cumprimento do jejum no período do Ramadão, no beber chá, no comer à mão...e que espelham um pouco da cultura de cada terra, de cada povo, de cada país africano.

B) DIMENSÃO PESSOAL

4.1 Cultura africana e formas de manifestação

Esta segunda dimensão, introduzida no ponto anterior, surge aqui como complemento à questão familiar, uma vez que se procurou perceber os contributos das dinâmicas intergeracionais para o (re)encontro ou (re)construção ou até mesmo, renovação da identidade destas mulheres, através da identificação dos valores, das atitudes e das práticas culturais como também, dos padrões culturais e os agentes sociais que intervêm, nomeadamente, os grupos de pares e as redes de vizinhança. Neste sentido, tornou-se interessante captar as representações deste grupo de 18 mulheres sobre o conceito de cultura africana e a partir destas, encontrar algumas formas de manifestação.

No que diz respeito ao grupo (A), as avós recorrem, com muita frequência, às suas histórias de vida e depois à história do seu país para falar de cultura africana. Demonstram sentimentos de tristeza e saudosismo quando recordam o país onde nasceram e viveram durante muito tempo e que em tempos, era rico a nível cultural e económico, sem fortes influências de forças e governos estrangeiros. Por outro lado evidenciam também, a força do povo africano, os seus principais líderes negros tais como Amílcar Cabral e MalcolmX, os momentos históricos e os movimentos mais marcantes, assim como todo o conjunto de recordações, pensamentos, crenças, rituais e costumes agregados ao valor sentimental que têm pela sua terra e que trazem consigo com nostalgia.

“Bem nós pertencemos ao povo Bantu. A minina conhece? Não?... então eu falo um pouco da nossa história. Em Angola existiram desde sempre muitos povos bantus, muito antes da chegada dos portugueses, e percorreram terras e terras angolanas do centro de África. Acabaram por se misturar com outros povos, fizeram reinados e então apareceram várias culturas. Somos um povo de negros muito unidos, com uma cultura e língua própria... é mais ou menos isto. A nossa cultura é rica em todos os aspectos que podemos pensar... consigo levar um povo guerreiro, de lutas, que esteve um dia sobre a liderança militar de Nzinga Mbandi Ngola, a nossa Rainha, que enfrentou os grandes traficantes de escravos vindos da Europa. A nossa cultura faz-se de movimentos, de conquistas, de crenças, valores, danças, rituais, costumes e pensamentos porque é na união de outras culturas, moçambicana, guineense, santomense, caboverdeana que encontramos o ponto exacto para falarmos de cultura africana, em alguns aspectos são parecidas e noutras nem por isso.” **Entrevistada Avó Zeza, 83 anos, Angolana**

“A nossa cultura foi influenciada pela chegada dos indianos ao nosso país e também dos portugueses, mas é pouco conhecida sempre muita associada à nossa arte tradicional... o nosso povo defende muito o nacional africano, das raízes negras que também não ajudou a desenvolver a nossa própria cultura. Pouco se sabe das nossas músicas, dos nossos pintores... muita gente e a minha neta faz parte desse grupo não sabe o que é a marrabenta, do que fala... e a cultura moçambicana é muito mais do que comida, batiques, uns panos bonitos e pulseiras de pau preto... é o país, o povo, as dificuldades, a criminalidade, o poder político, o negócio, os dialectos, os rituais, a religião, é tudo o que possa identificar o nosso país perante o mundo.” **Entrevistada Avó Romana, 64 anos, Moçambicana**

“Nós cultura é nos identidadi, nós teni un storia pa conta a nós bibinhos fêmea...un Amílcar Cabral ki morri pa nos libertaçõn... Panteras ku sês musika trazi nõs realidad pa mundu, vidas di luta, di sofrimentu, di mata nõs corpu di tanto trabadjo. Un caboverdeano sem storia na menti, sem pé na KauVerdi, podi ser tudo kês krê, ma nunca un di nõs.” “A nossa cultura é a nossa identidade, nós temos uma história para contar aos nossos netos... Amílcar Cabral que morreu para libertar o nosso povo... Pantera, que com a sua música mostrou ao mundo a nosso dia-a-dia, vidas de luta e sofrimento, trabalho que mata o nosso corpo. Um caboverdeano que não conhece a sua história, que nunca foi a Cabo Verde, pode ser tudo, mas nunca um de nós.” **Entrevistada Avó Bibinha, 58 anos, Caboverdeana**

A partilhar destes pensamentos, encontra-se o grupo das netas, que não enfatiza tanto a questão dos antepassados, mas sim as formas de manifestação da cultura africana numa perspectiva mais generalizada e mais impessoal. Para estas mulheres e reunindo os contributos de cada uma das entrevistadas, a cultura africana é um conjunto de vivências, traços, maneiras de pensar, de estar e de fazer, característicos de vários países africanos, que na sua soma formam a Cultura Africana.

“Para mim a cultura africana é um conjunto de “achos” e valores de um determinado país, neste caso africano. A cultura é manifestada de diversas formas, música e própria língua... é cultura as festas tradicionais, as crenças, os hábitos. Estes valores... aspectos específicos mas que têm uma relação entre eles formam uma cultura.” **Entrevistada Neta Loury, 22 anos, Angolana**

“Acho que a cultura africana tem uma história bonita, interessante, em que os povos lutaram muito para terem algo neste mundo. Porque na terra do outro temos de conquistar o nosso lugar, o nosso espaço porque somos lutadores, trabalhadores e fortes. Cultura africana é toda a nossa história, tudo o que construímos e conquistamos até hoje, a nossa linha de orientação!... Os nossos costumes, as nossas crenças, o nosso dia-a-dia de luta, o nosso viver e sobreviver.” **Entrevistada Neta Nina, 24 anos, Portuguesa**

Apenas duas entrevistadas refutam por completo a existência de apenas uma cultura africana, sustentando a existência de várias culturas africanas por estas serem únicas na sua essência.

“Para mim não existe a cultura africana. Existem várias culturas africanas. A cultura da Nigéria é certamente distinta da do Burkina Faso assim como a cultura da Guiné Bissau é diferente da de Angola, por exemplo. Existem alguns pontos em comum mas numa maneira geral são culturas únicas. Creio que se manifestam com base nas suas línguas, nas suas crenças, danças, cantos, literaturas, etc.” **Entrevistada Neta Lwedji, 24 anos, Angolana**

“Para mim, a cultura africana resulta do culminar de várias culturas dos vários países africanos. Não se resume somente a pratos típicos, o vestuário, a música, dança... vai para além disso. É a história de cada país, as conquistas, as derrotas, é o próprio país, o povo e as suas especificidades, a religião, a língua, a educação. É bebendo em cada fonte que se poderá falar numa cultura africana. E ela existe porque há uma transmissão de todos estes aspectos junto de cada povo, de cada família, de cada pessoa.” **Entrevistada Neta Vany, 22 anos, Moçambicana**

Quadro7 – Definição de Cultura segundo as perspectivas dos grupos (A) e (N)

Definição de Cultura	Avós	Netas
Existência de apenas uma cultura africana	Conjunto de movimentos, conquistas, crenças, valores, danças, rituais, costumes, pensamentos, união e história, tradição, religião, hábitos, dialectos, poder político, negócio, identidade, libertação e sofrimento.	Conjunto de hábitos, costumes, crenças, tradições, achos e valores, comportamentos, clima e história característicos de um país.
Existência de várias culturas africanas		É o culminar de vários países africanos e que se manifestam com base nas linguas, crenças, danças, cantos, literatura, vestuário, pratos típicos, história, religião e educação.

Com base no quadro apresentado anteriormente, poder-se-á dizer que os aspectos culturais referenciados pelas avós são apresentados como os ingredientes necessários para a confecção de um bolo cultural (único) que sustente a existência de uma cultura africana em detrimento de várias culturas africanas. Já as netas têm uma visão mais macro, mas que não deixa de ser um complemento: dão, também, importância ao conjunto de referências culturais que caracterizam cada país africano, mas que se transformam, em sentido figurado, em vários bolos culturais. Portanto, aquando da sua junção exteriorizam uma visão mais completa, diversificada e enriquecedora da esfera cultural africana.

Para estes dois grupos de gerações diferentes, todas as práticas referidas nesta fase da investigação foram consideradas importantes para a (re)construção e fortalecimento da identidade destas mulheres enquanto africanas. As avós procuram cultivar esse interesse e sentimento nas netas, assumindo essa vontade como uma tarefa de peso, de dever e com sentido de responsabilidade. Não deixam de frizar que se trata de um processo que está sempre em movimento, reprodução e mutação, com vista a renovação da cultura em detrimento da rejeição.

“Agora a minha neta acaba por receber influências também indianas que vêm da parte do pai e que também a torna mais rica... aprende coisas novas, conhece outras maneiras de estar, outras comidas e especiarias, tradições que não são as mesmas que as nossas. Aqui toda a gente que é moçambicana é... como dizem... monhé... e é mau porque não sabem nada do nosso país. O nosso povo é negro, usa capulana, anda descalço, leva a cesta de palha na cabeça e o filho nas costas amarrado com o pano. As verdadeiras mulheres moçambicanas! Aqui podemos não estar assim, mas o sentimento está lá... apesar dela nem ter nascido lá na terra.” **Entrevistada Avó Romana, 64 anos, Moçambicana**

“É importante que saibamos reconhecer as nossas raízes porque são aquelas que nos dão uma orientação e vos ajudam a construir a vossa identidade cultural e religiosa também... é o nosso código de barras, o nosso ship... e sem ele, quem somos? Acabará perdida no mundo, na terra de todos e na terra de ninguém. Acho que tens de encontrar as tuas origens e depois poderás renegá-la. Acho que também tem de vir da vontade dela em saber e quer aprender a falar o nosso dialecto” **Entrevistada Avó Bebíta, 55 anos, Angolana**

“Pa pikenas, nu ka podi deixa cultura di branco pega nôs mocinhas pamodi nôs terra sta minado di turistas e empresários, ki bem caba ku nôs cantu, nôs morabeza... hoji Kau Verdi sata parci feira di mundo... nu teni chinoca ki ta fala crioulo, italiano ki fazi hotel na nôs praia...”

ma nós povo sta tudu na Europa. Mas dia menos dia... undeú kau Verdi... sta na memória! Mocinhas e mocinhos bu futuro é lá!"
"Mulheres, não podemos deixar a cultura dos brancos comprem as nossas raparigas, porque a nossa terra está carregada de turistas e empresários que querem destruir a nosso espaço, a nossa terá. Hoje Cabo Verde parece a feira do mundo, temos chineses a falar crioulo, italianos a fazerem hotéis nas nossas praias... e o nosso povo esá todo na Europa. Mas um dia menos dia, onde estará Cabo Verde... na memória! Rapazes e raparigas, o vosso futuro é lá!" **Entrevistada Avó Dadá, 62 anos, Caboverdeana.**

Somente uma entrevistada manifestou uma opinião diferente, que vai no sentido de renegar as suas origens e assumir apenas a cultura da sociedade acolhedora:

"Se somos portuguesas, então esta é a nossa nacionalidade, a cultura, o nosso país." **Entrevistada Avó Pipa, 66 anos, Moçambicana**

Relativamente ao grupo (N), as jovens demonstraram, através dos seus discursos, receptividade e interesse em receber estes "inputs", embora questionem alguns valores culturais e religiosos transportados da sociedade africana para a Europa e que têm forte impacto na família e definição dos papéis da Mulher e consequentemente, no lugar que esta ocupa na sociedade actual. Isto porque, estas mulheres consideram que existe uma tendência enraizada para aceitar a cultura, a tradição e os costumes como os mapas que guiam as suas escolhas e orientam os seus modos de vida. Verbalizam, ainda, que há uma necessidade de mudança de pensamento e de comportamento que, à partida só ocorrerá perante situações de choque de valores, de confronto com outras realidades e experiências que lhes são desconhecidas. Para estas netas, a Mulher terá de definir o seu lugar no seio da comunidade africana, tornando-se numa mulher emancipada e independente nas diversas esferas sociais, económicas e culturais.

Independentemente de terem nascido ou não em Portugal, estas jovens mulheres acabam por receber influências de, pelo menos, duas culturas diferentes, em que se denota a existência de valores tradicionais que contribuem para a (re)construção, renovação e ou fortalecimento da sua identidade. Contudo, consideram que estão numa fase de formação da sua identidade enquanto mulheres africanas, em que reconhecem a necessidade de adquirir conhecimentos sobre a História d'África e Diáspora. Falam em reforçar a sua bagagem cultural, junto de várias fontes e recursos que privilegiam o contacto e a convivência mais próxima com pessoas que partilham uma cultura semelhante como avós, pais, outros familiares, amigos, tendo em vista o enriquecimento pessoal, maior confiança e determinação.

"Normalmente agarro-me muito à literatura africana, especialmente a oral, para captar os vários momentos da minha africanidade. Seja enquanto movimentos de libertação dos vários povos africanos, seja enquanto os trémulos passos que a emancipação da mulher africana tem vindo a dar. É um processo de fortalecimento, sem dúvida...Uma vez que vivemos numa sociedade que tem como norma atropelar as diferenças, sinto que a forma de resistência a esse "esquecimento" colectivo do Outro é sermos cada vez mais nós. (...). Nós precisamos de estar bem connosco para pudermos estar bem com os outros. Ter orgulho e amor próprio para poder também dar amor e respeitar o próximo. (...) Sou Afrikiki não por ter nascido no continente africano mas por acreditar que acima do indivíduo está a comunidade. Sou

Afro por acreditar que todos os seres têm almas e devem ser respeitados e estimados como tal. Sou Africana porque acima de todas as desgraças que nos foram destinadas, a Alegria é minha Mãe e a Tristeza nunca conseguirá ser minha Madrasta.” **Entrevistada Neta Lwedji, 24 anos, Angolana**

“São importantes porque são aquilo que nos fazem movimentar num sentido, é como cada coisa que eu disse fosse um braço, uma perna! Faz parte de nós e quem não a tem consigo, não é a meu ver uma mulher africana ou um homem africano, pode ter a côr, o cabelo, os traços mas não tem a história! Não tem identidade! Claro! De fortalecimento em primeiro lugar, porque estamos a fazer viver os nossos costumes, a preservá-los. Porque se deixam de transmiti-los, se deixamos de vivê-los, o que haverá para contar amanhã? Será o fim de um povo guerreiro e quanto a mim, isto é grave, porque cada vez mais, as crianças nascem aqui... eu, os meus sobrinhos... e aqui embora em casa a cultura africana esteja presente, se calhar na escola não está e o grupo de amiguinhos, também não são africanos... e é desde pequenos que se agarra ou se perde. Sem dúvida que sou! Pelos valores que as duas grandes senhoras da minha vida fizeram questão de me transmitir... a minha mãe e avó, pelos cultura e se bem me lembro era a minha avó quem dizia que a mulher não sai à noite, tem de ficar em casa à espera do marido... Sou uma mulher africana que se pudesse mudava algumas coisas, com as quais não concordo.” **Entrevistada Neta Nina, 24 anos, Portuguesa**

No entanto, observou-se apenas um caso, onde a jovem não se considera uma mulher africana, dada à falta de identificação e também à localização geográfica do país de origem (distanciamento). Evidencia que, saber um pouco das suas origens e ter hábitos tradicionais não reflectem a sua africanidade, ou seja, não têm o peso necessário para equilibrar a sua balança identitária. Isto quer dizer que, possivelmente, identifica-se mais com a cultura portuguesa, por residir cá há 23 anos, longe do país de origem, incorporando outros valores e comportamentos, que não são os do seu país de origem – forte influência da cultura europeia.

“Estas práticas são importantes, no sentido em que ajudam a caracterizar a minha identidade. Se não houvesse toda uma transmissão de valores, hábitos e costumes, então a minha identidade não estaria completa. Penso que sim, porque todo o conhecimento que se obtém através da vivência da nossa cultura, serve para nos enriquecer enquanto mulheres... pessoas. Sim, parece-me que sim, porque apesar de estar longe das minhas origens, a nossa cultura é passada de geração em geração. Não, não me considero. Porque... não sei... como estou longe das minhas origens... acho que se estivesse em África, talvez fosse diferente e eu me sentisse também diferente!” **Entrevistada Neta Maina, 25 anos, Moçambicana**

Embora tenha esta opinião formada, que não se ajusta ao restante grupo, esta jovem não deixa de salientar o quão são importantes estas novas aprendizagens para o seu capital cultural. Nesta questão, ambos os grupos partilham dessa mesma opinião e salientam ainda que, a valorização da sua cultura e da identidade que possuem lhes permite comunicar com os outros e dar a conhecer um pouco mais das suas origens à sociedade que as recebeu.

4.2 - Dinâmicas familiares e culturais

Uma vez encontrados os valores, os hábitos e os costumes praticados por este grupo de avós e netas e tendo em conta as relações intergeracionais, que no seu todo nos conduzem ao conceito de cultura (movido de prestígio e valor social), será então importante e pertinente falar das dinâmicas familiares e reprodução cultural numa perspectiva contrária à do processo de dominação cultural a que a sociedade está habituada, ou seja, o de imposição e ocultação de valores, costumes, hábitos por parte da classe dominante.

As dinâmicas familiares, sociais e culturais têm procurado sustentar esta necessidade de continuidade, dando relevância aos actores que estão envolvidos nestas práticas e que diferem na sua ideologia e no seu comportamento, em função do contexto em que estão inseridos. Em ambos grupos (A) e (N), as várias dinâmicas são realizadas entre e com os familiares, o grupo de pares, vizinhos, e outros intervenientes que integram as redes de bairro.

“As nossas reuniões familiares são mesmo espaços para se discutir estas falhas (risos), e não só de conviver, comer, dançar como as pessoas podem pensar... é muito mais do que isso, é discutirmos questões actuais do nosso país como foi o caso das eleições em Angola e assuntos daqui, do país que nos acolheu, numa mistura de várias gerações. Por vezes, as amigas da minha neta participam em algumas comemorações, que também são africanas e ela vice-versa e pelo que conta, têm conversas ligadas à questão racial em Portugal, o papel das mulheres negras, a sua situação no trabalho e em casa, e penso que seja importante para ela beber em outras fontes que não passem só pelo seio familiar.” **Entrevistada Avó Bebíta, 55 anos, Angolana**

“É sempre com os meus amigos, aquele grupo mais fechado, os verdadeiros amigos e com a família. Muitas vezes fazemos umas paródias e momentos para conviver em casa uns dos outro ou mesmo na rua onde todas estas cenas que falei estão presentes e não falha... desde a comida tradicional à música, à língua, numa mistura de culturas, porque nem todos são caboverdeanos, tenho amigas angolanas e moçambicanas, mas realmente a maioria é caboverdeana. E por vezes, outras pessoas do bairro chegam e também estão lá a conviver porque existem sentimentos de solidariedade, de boa vizinhança, onde as pessoas sentem-se bem... livres e bem dispostas como também estão lá nos maus momentos como nos funerais. Muitas vezes vou traçar a amigas minhas e vice-versa e saímos juntas para dar um pé di badjo.” **Entrevistada Neta Nunuka, 21 anos, Portuguesa**

Neste sentido, as entrevistadas do grupo (A) afirmam que é necessária a reprodução dos hábitos familiares tradicionais junto dos vários actores como os vizinhos, amigos e também familiares, uma vez que há uma necessidade visível de querer partilhar, de experimentar, de conhecer, de pôr e prática, de estar interacção para que não haja um afastamento de tudo o que é tradição e que, desse modo, se possa manter o “mosaico cultural” de falam – isto é, o Continente Africano.

Por outro lado, são as netas quem mais questionam sobre esta realidade, uma vez que põe em causa a eficácia do processo em si, o de reproduzir hábitos, aquando da definição da sua identidade. Sustentam que são necessárias, outras fontes de conhecimento que complementem o conjunto de práticas já adquiridas e que colmatem o handicap a nível da história/conhecimento.

4.2.1 - Língua materna

A língua é um dos aspectos que mais se destaca neste campo, uma vez que é base de comunicação destas mulheres junto do seu agregado familiar, do grupo formal ou informal da sua esfera laboral, no grupo de pares ou junto da própria vizinhança. Ao ser algo valioso na identificação de um povo constituída por vários conjuntos de hábitos e costumes, à qual chamamos de tradição de um povo, a cultura está sempre presente em todas as nações

africanas. Neste sentido, pode-se considerar a “ língua” como o conceito indispensável na definição de uma nação.

Contudo, existem algumas referências ao dialecto, (proveniente do grego “dialektos”), que contextualizando, é entendido como uma língua ou linguagem especial. Como não há uma perfeita igualdade entre actos de fala de um único individuo em diversos momentos, os conceitos indicados tais como língua são relativos. Isto é, num sentido mais amplo, considera-se dialectos todos os idiomas que provêm de uma língua única. Como o termo dialectos tem uma conotação depreciativa na linguagem comum, alguns investigadores substituem-no por variedades de “ linguagem”, “ línguajar” ou “fala”, outros reservam o termo dialectos para casos em que se trata de um conjunto de fenómenos mais individualizados.

Neste caso em concreto, das dezoito mulheres entrevistadas, quinze identificam o português como a 1ª língua, seguida do Inglês como língua estrangeira. Apenas três das entrevistadas falam Crioulo em casa e fora do seu contexto familiar, manifestando orgulho em preservar este elemento cultural. Contrariamente ao que se esperava, algumas mulheres consideram que houve uma falha na transmissão de hábitos e costumes (que integra a língua tradicional), por parte da família (avós e mães), mas que não tem um peso significativo nas suas sociabilidades.

“Nos convívios familiares, os mais velhos utilizam muito o Kimbundu e ela pouco percebe, mas é como eu digo... não saí do ambiente familiar, das quatro paredes da nossa casa. Mas ela fica satisfeita com isso, porque de alguma forma vai decorando as palavras e também enriquece o seu conhecimento sobre as línguas africanas existentes.” Entrevistada Avó Zeza, 83 anos, Angolana

“Com a família, todos falam português e alguns dialecto mas é uma escolha deles, eu pessoalmente não sinto a necessidade de falar dialecto porque não me identifico com, tás a ver? Partilhamos umas e outras coisas como estamos em família e as portas da minha casa estão sempre abertas aos meus amigos. Eles, de vez em quando estão presentes nos convívios e conseguem-se integrar, porque também nós damos esse espaço... o que é importante também!” Entrevistada Neta6, 22anos, Portuguesa

Este handicap está relacionado com uma das questões culturais que se encontra bastante enraizada em Angola e Moçambique, que já vem do tempo do colonialismo e que se baseia na não utilização da língua tribal em casa e no trabalho, que os colonizadores deram o nome de “dialecto”. A língua tribal foi proibida durante vários anos (não podia ser falada pelos “white niggers”, ou seja, pelos negros que trabalhavam na casa dos fazendeiros), por ser considerada a língua dos negros, dos escravos das senzalas. Nesta investigação, as línguas em discussão são três: Kimbundu (Angola), Bitonga (Moçambique) e Crioulo (Cabo Verde).

C) DIMENSÃO ESPACIAL

4.1. Bairro e interacções

Esta última dimensão tem como pano de fundo, o bairro, onde todas as dinâmicas familiares, culturais e intergeracionais e sociabilidades apresentadas têm lugar. “É o palco de produção intensa e continuada de formas notáveis de cultura... (Costa, 1999)”. Perante tanta riqueza de informação, é relevante analisar as avaliações que este grupo de mulheres tem sobre o bairro onde reside, tendo em conta as suas problemáticas e especificidades como também, conhecer as relações que se constroem e se mantêm.

4.1.1. Definição, caracterização e imagem de Bairro

Neste trabalho encontram-se representados três bairros em concreto: dois da Margem Sul do Tejo e um de Lisboa, nos quais se distribuem o grupo de mulheres entrevistadas. Num primeira fase, este grupo (A) e (N) recorreu aos adjectivos “sossegado” mas por vezes, “agitado” e “calmo” para caracterizarem o bairro onde moram (de forma mais genérica) enquanto espaço de habitação que transporta consigo um conjunto de factores positivos e negativos. O quadro de interacção destes bairros envolve um leque de relações que se estabelecem entre a habitação e a rua, prolongando-se também da casa para o espaço colectivo de vizinhança, associações e colectividades de bairro, as próprias redes de vizinhos, familiares, amigos e membros dessas colectividades associativas assim como um mundo de marginalidade quase que abafada pela comunidade. Por outro lado, este quadro possibilita a mediação entre as estruturas e as práticas sociais. Assim sendo, o bairro é visto sobre vários pontos de vista, que no seu global acabam por defini-lo enquanto espaço:

- *Familiar, de sociabilidades e de interacção*, em que os moradores estabelecem laços de amizade, de companheirismo, de união e de solidariedade, apostando fortemente nas relações de vizinhança. Os diversos actores assumem vários papéis na comunidade e participam activamente nas dinâmicas familiares e culturais que se desenvolvem no bairro, desenvolvendo assim um sentimento de pertença a uma “grande família” com a qual há uma partilha de vivências – a comunidade;

“Quando vim de Angola para Lisboa vim logo parar a um bairro na Amadora que não tinha metade da dimensão que tem hoje, acho eu.

Não sei se se falava em bairro, mas era sim umas zonas mais afastadas de Lisboa, onde as casas eram mais baratas e as condições que tinham davam para viver. Com o passar do tempo e com a vinda de muitos africanos para Lisboa, as casas passaram a ficar todas ocupadas com famílias grandes, que procuravam melhores condições de vida. Em Angola, as coisas não estavam para brincadeiras e a segurança era muito pouco para quem tinha filhos pequenos para criar. Este bairro onde moramos é um bairro calmo, sossegado, onde também fiz grandes amizades e também onde passo grande parte do tempo. Com a convivência formámos uma grande família, que partilha muito das suas coisas sem pedir nada em troca, que vive os problemas de cada família como se fosse o dela, porque não é fácil viver num sítio onde a pobreza é o teu pano de fundo de todas as manhãs... cada vez mais chegam mais imigrantes vindos de todos os lados, que se instalam aqui porque já têm familiares a viver aqui, porque as poucas casas livres têm uma reanda barata, porque se refugiam aqui para fugir... já que vieram para Lisboa ilegais. Tudo isto acontece neste bairro. Por isso te digo minina, este bairro é o porto seguro de uns, o espaço familiar de outros e o ponto de partida de outros.” **Entrevistada Avó Zeza, 83 anos, Angolana**

“Para mim é um bairro fixe, mas que tem coisas más como os problemas com a bôfia que não são poucos, a falta de espaços verdes para as crianças brincarem e de actividades lúdicas ao fim-de-semana, campos de futebol... sei lá. Depois tem coisas boas como o pessoal aqui do bairro e a convivência. uns sentam-se ali no muro e lá ficam até às tantas a jogar cartas, a jogar futebol e a conversar... isto mais os jovens, os mais velhos ficam no parque a ver os netos, filhos e sobrinhos a brincar. Mas acho que o que marca pela negativa o bairro são os conflitos com a bôfia, porque dão a ideia de que são todos uns delinquentes e criminosos que não fazem nada da vida. Chegam aqui e não sabem falar com as pessoas. Muito mau... depois claro, há confusão! Também já tivemos aqui confusões com pessoal de outros bairros, mas isso é mais na altura das festas populares e das férias da escola. É um espaço de viver para uns, de sobreviver para outros, de conviver, de conflitos e confusões, de alegrias e tristeza.” **Entrevistada Neta Nunuka, 21 anos, Portugal**

- *De convivência e de ponto de ligação com a cultura africana*, pois a comunidade identifica-se pelo colectivo, composto por indivíduos e famílias de várias etnias, com quem mantém relações de cordialidade e de proximidade face ao conjunto de experiências e situações presentes no dia-a-dia e que, para além de se reflectirem em problemas sociais tais como, o desemprego, pobreza, violência, desocupação, venda e consumo de drogas, abandono escolar, entre outros, têm impacto directo nas suas dinâmicas sociais.

“Amin gosta tcheu di kel kau ki, pamodi tudu alguém ê simples na sua figura, ka tem kel cena di riqueza spadjadu na corpu e pobreza na spiritu. Pessoas di coração grandi. Bairro é un espelho di nós terra, ma un teni mas segurança e mas condições pa un vivi... mi ku nha família Bairro... espasu di novas oportunidades!... di nova vida pa kem ki bem di fora.” “Eu gosto muito deste bairro porque as pessoas são simpáticas, não têm a mania da riqueza. As pessoas têm um coração grande. O Bairro é um espelho da nossa terra, e há mais segurança e mas condições para viver eu ea minha família. O bairro é um espaço de novas oportunidades, de uma nova vida para quem vem de fora” **Entrevistada, Avó Dadá, 62 anos, Caboverdeana**

“O bairro onde resido, na Arrentela, é um bairro característico porque não é só de habitação social e é composto por uma comunidade heterogénea a nível étnico. Aqui estão representadas várias nacionalidades através dos imigrantes provenientes de Cabo Verde, Angola, Guiné-Bissau, Brasil, China, Países de Leste como também os Ciganos. Não é um bairro fechado geograficamente, o que permite alguma mobilização dos seus moradores, mas que como em todos os bairros apresenta alguns problemas sociais dada à exclusão social e pobreza. Tem os seus aspectos positivos que passam muito pelo convívio, uma boa relação entre a vizinhança, a solidariedade entre a maioria das pessoas... e por outro, a questão dos estupefacientes, mais a venda do que o consumo, a desocupação dos jovens e de adultos por abandono dos estudos e falta de emprego, jovens adolescentes que são mães muito cedo, as famílias compostas por muitos elementos a viverem em pequenas casas com problemas familiares graves... entre muitas outras coisas.” **Entrevistada Neta Vany, 22 anos, Portuguesa**

- *De aprendizagem e de sobrevivência*, já que os moradores aprendem com o dia-a-dia do bairro, com o presente imediato que é na vida destas mulheres, o inesperado, o incerto, o desconhecido. Basicamente procuram no dia-a-dia as respostas para mudar o presente e melhorar o futuro, que passam por encontrar, principalmente, meios de subsistência que assegurem o bem-estar e a educação dos elementos que compõem o agregado doméstico.

“Monti, é un bairro sossegado. Problemas gravi memu... ê ku policia e mininos ki ta fica na bairro ku cigarro na mon, outros ki bem di fora pa fazi confuson, outros ki ta vendi kel porcarias... ai Deus! Mundo sta perdidu... tantos mininos ta bai di cana e ki ta poi nomi di familia na disgraca, nha Pai! Deus ka podi escrevi sês destinu torno si me! Nós ka teni un spasu pa poi nós bibinhos, crianças ta fica tudo hora na rua ti lua subi, pamodi papá e mamã sta na trabadjo. Mó ki nu fazi enton? Dinheiro ta bem ta bai... Ma pronto... di noi, tiros ta matam di

coraçõn, policia ka ten vergonha... És parti porta di rua, ta vira tudu... e gossi un perguntau “pa quê?!?... jovens ta fica mas revoltados, ta fazi mas porcaria ainda... un konbersu un podi leva a bom porto!” **Entrevistada Avó Maria, 58 anos, Caboverdeana**

“O meu bairro fica no Monte de Caparica e tem mais fama do que proveito. Nós até temos um graffiti lá em cima que diz “A pobreza é muita e a fama ainda mais!”... só para veres! Aqui no bairro devia haver uma associação que cativasse as crianças para que estas não fossem para a rua e lá ficassem até às tantas da noite... porque sem essas dinâmicas de grupo, os miúdos estão todos a meter-se na droga e precisam de um espaço jovem para ocuparem os tempos livres. Já existe um lá em cima e é bastante importante, mas não é suficiente para estes bairros todos, porque existe o Bairro Amarelo, o Branco e o Rosa. Eu sou do branco e é lá onde acontece os principais bussiness e moves da droga. Já há miúdos a traficar a e a consumir. Para aí, em 100%, 20% das crianças estão bem e os outros não, há uns que estão na escola, outros não... estão fora a vender e a consumir! Para mim é um espaço de ensino, de aprender como viver! Porque embora o miúdo saiba que tem de ir à escola, ele vai se quiser porque não tem ninguém em casa que diga “tens de ir”, tem de se desenrascar sozinho! Por isso acho que é um espaço de aprendizagem positiva ou negativa, é um espaço de criminalidade e de interajuda. Parece contraditório e é mesmo, mas é a arealidade que se vive.” **Entrevistada Neta Nina, 24 anos, Portuguesa**

Em termos de localização geográfica, as entrevistadas ressaltam que os bairros em questão se encontram bem localizados, com vários acessos às localidades envolventes, onde sobrevivem os pequenos comércios locais e várias casas de habitação social. No entender deste grupo, estes bairros não são totalmente fechados, na medida em que as pessoas mantêm ligações fora do bairro e inclusive, trabalham fora da área de residência. No entanto, não deixa de ser uma exclusão territorial, na medida em que pelo menos dois dos bairros foram construídos em cima de um monte, onde a vida social é mais voltada para dentro, quase sempre organizada com o pressuposto de integração interna e exclusão do externo (Wirth, 1928).

“É uma bairro como outro qualquer, embora não o considere tão bairro como por exemplo, o bairro da Jamaica fica ali perto do fogueteiro, porque todo ele é feito de prédios inacabados, ainda no seu primeiro estado... tijolos e cimento, as pessoas vivem numa miséria extrema sem água canalizada, sem luz... faz-me muita confusão! Aqui já é diferente porque as pessoas passam necessidades mas estão camufladas pela aparência das pessoas. Este bairro é simpático pelas pessoas que aqui moram.” Os bairros vieram empacotar os imigrantes num canto longe das capitais e as pessoas acabaram por interiorizar isso e ficamos confinadas a estas áreas... tudo se passa ali, trabalho, amizades, namorado, marido, família... fecham-se em si mesmas e esquecem-se que há mais mundo lá fora. O bairro pode ser o espaço que te aprisiona ou que te liberta.” **Entrevistada Avó Bebita, 55 anos, Angolana**

“Em relação ao antigamente, o bairro está muito melhor, mesmo entre os ciganos e os africanos... havia muitos conflitos e agora já não se vê tanto. Agora está melhor. A maior parte das pessoas vive em prédios de habitação social, que até têm boas condições e as pessoas não sabem estimar, estragam tudo! Não temos espaços verdes nem jardins-de-infância e ninguém quer saber disso para nada... nem mesmo as instituições locais. Não é um bairro homogêneo em termos de... epah não há so ciganos, só brancos, só africanos... há de tudo... incluindo brasileiros e ucranianos e a pobreza é visível, quando olhamos para cada pessoa que passa nestas ruas. Temos tudo à mão é verdade e disfrutamos de uma vista mesmo espectacular para Lisboa e para o Cristo Rei. Até porque a Escola Básica Integrada do Monte é das poucas escolas que conheço que têm o privilégio de ter ao seu lado o Tejo e Lisboa.” **Entrevistada Neta Leida, 16 anos, Cabo Verde**

No entanto, estes espaços, a que alguns autores teóricos chamam de “ilhas de isolamento ou ghettos”, não deixem de ser espaços confinados aos imigrantes deveras marcados por conflitos entre moradores e as entidades policiais. Isto porque há uma maior concentração de bairros em determinadas áreas urbanas que conduz a uma socialização negativa e que se traduz no abandono escolar, baixas qualificações, socialização “marginal” de bairro e ausência de projecos de vida.

A população do bairro é então, o conjunto de pessoas que vive, diariamente, um quotidiano esforçado no seu local de trabalho, que vai sobrevivendo como intuito de encontrar melhor nível de vida, sendo ainda possível captar residentes que se empenham no trabalho

associativo ou em acções de integração social. Simultâneamente, esta população passa por situações sociais que englobam factores de exclusão através do mercado de trabalho, participação social, escola, actos de criminalidade, entre outros.

“Acho que por um lado são sentimentos de interajuda, amizade, solidariedade, porque realmente os meus pais e os meus vizinhos conhecem-se bem e conversam, riem, choram juntos e isso demonstra que as pessoas têm ligações. Há um sentimento de pertença a esta comunidade que não se vê em todo o lado. Mas depois, também sobressaem os sentimentos de revolta, porque nem tudo é positivo e que tem muito a ver com a falta de emprego, muita gente está desempregada e inclui pessoal da minha idade e mais novos, muita gente está reformada por questões de saúde e quase imploram na segurança social, por um pequeno subsídio que ajude a sustentar a família e para não falar de muito pessoal novo que não tem documentos e que portanto não arranja trabalho porque está ilegal. É também por questões de documentos, que muitos imigrantes vêm morar para aqui porque o bairro também é um espaço de refúgio, porque o SEF não pára aqui... a polícia não consegue entrar aqui no bairro assim à toa... é complicado! Porque nesse aspecto, este bairro torna-se bastante fechado. Mal entra alguém novo, já toda a gente faz saber e se não é bem-vindo, arranjam maneira de pô-lo fora daqui... há logo clima de desconfiança, porque é de fora e não sabe a que propósito veio.” **Entrevistada Neta Zitah, 22 anos, Portuguesa**

Na generalidade, o bairro é um espaço de diversidade cultural que marca, positivamente, o bairro. A utilização e aproveitamento dos poucos equipamentos e espaços públicos contribuem para a construção de uma “boa imagem social”, apesar dos problemas já mencionados. As entrevistadas não deixam de referir que, apesar de terem uma opinião positiva do seu local de residência e convivência, os moradores não deixam de ser excluídos por pertencerem a uma comunidade bairrista. Esperam, esperançosas, que a reprodução das dinâmicas estabelecidas nos bairros possam destruir o “arame farpado invisível que as divide” que tem na base da sua construção, estereótipos e preconceitos de uma sociedade que está um pouco receosa em relação à imigração.

“Vêm-nos como marginais e que chegamos aqui para fazer porcaria e como não nos dão oportunidades porque somos pretos... é como se diz, para vestir limpo temos que usar dinheiro sujo”. **Entrevistada Neta Nunuka, 21 anos, Portuguesa**

Neste sentido, o bairro é também o espaço físico de fortalecimento de laços culturais e de amizade entre os moradores que, cada vez mais, necessita de relações que não fomentem a desunião, o isolamento, o individualismo e o afastamento. Em determinados momentos, o bairro torna-se fechado para quem procura conquistar um espaço e melhores condições de vida e demasiado aberto para quem lá vive. Consequentemente fazem-se sobressair sentimentos de bairro que se dividem entre a interajuda associada ao sentimento de pertença a uma comunidade que não é a comum a todos os indivíduos e a revolta/frustração face ao panorama negativo em que vive esta comunidade.

“Mas no geral tem uma boa vizinhança, não há assaltos e crimes assim do nada. Acabamos por partilhar a nossa vida com os outros, ajudamos quem precisa, sabemos da história de vida de cada morador... muito tricot, (risos) e já estou habituada a cá morar. Acho é que o bairro é fechado para os que querem cá entrar e muito aberto para quem cá está. As pessoas não escondem aquilo que fazem, porque sentem-se em casa. A minha neta não passa muito tempo aqui no bairro. Chega, come, dorme e dia seguinte vai trabalhar. Não é de ficar na conversa no bairro, com os vizinhos é só o básico do civismo e da boa educação “bom dia, boa tarde, boa noite...” **Entrevistada Avó Romana, 64 anos, Moçambicana**

“Aqui vive-se os problemas uns dos outros, crescemos uns com os outros e é fixe, existe um sentimento de amizade, de partilha, de companhia e acima de tudo de solidariedade, embora não seja tudo cor-de-rosa... porque inveja e falar de mais, mata!” **Entrevistada Neta Nina, 24 anos, Portuguesa**

4.2. Redes, comunicação e empowerment comunitário

As redes de relações que se estabelecem nestes bairros contribuem para a emergência de modos de vida e formas culturais, que ganham significado no quotidiano. Segundo o discurso destas mulheres, a população residente encontra-se envolvida em várias formas de interacção, que fortalecem a identidade do bairro. Deixam transparecer uma imagem positiva e construtiva do mesmo como também dão relevância às redes de vizinhança, decisivas para as práticas sociais, culturais e identitárias.

A visibilidade externa e positiva que o bairro tem é, para a maioria das entrevistadas, o reflexo da movimentação de pessoas no dia-a-dia, que contribuem para que os moradores possam estabelecer uma relação de território mais reservada, um espaço de refúgio, um espaço de aprendizagem e/ou de convívio. As próprias características do bairro possibilitam o estabelecer de laços de vizinhança como também uma sobreposição de redes e interacções.

“Sim, mais 50% e 50%, para cada lado. Não dá para ela fechar-se aqui no cubículo que é o nosso bairro e ver para dentro apenas.”
Entrevistada Avó Abiba, 65 anos, Moçambicana

“Sim tenho algumas! Acho que é importante conhecer outras pessoas e como funcionam outros bairros, para quem sabe um dia conseguirmos melhor o nosso bairro. Por vezes vou a outros bairros, estar um pouco por lá e pormos a conversa em dia.”
Entrevistada Neta Nunuka, 70 anos, Cabo Verde

É desta forma que se encontram as condições necessárias para o desenvolvimento de modos e estilos de sociabilidades específicos, que passam pelos movimentos associativos e pelos círculos de interconhecimento espacialmente dispersos e redes de proximidade local, onde os mesmos actores conseguem interagir com todas as esferas de interacção. Portanto, as redes sociais apresentam, para além da proximidade espacial e da repetição constante das interacções, ou seja, uma multiplicação das redes sociais, ou seja, dos laços estabelecidos onde as pessoas assumem vários papéis sociais ao mesmo tempo. Por outro lado, as relações dos vizinhos ganham entre si novas dinâmicas, que envolvem domínios de interesse e códigos simbólicos partilhados, geradores de solidariedades e por vezes de conflitualidades como também, de práticas culturais com grande força expressiva

4.2.1. Participação Comunitária no feminino

As associações de bairro são, então, importantes espaços de convívio e de dinamização de actividades diversas, onde se estruturam as redes sociais e se trabalham sentimentos e representações de pertença ao bairro. Embora não sejam as estruturas locais mais sólidas dada

à sua formação e natureza (de carácter social e comunitário), as associações continuam a ser as formas institucionais locais com mais importância na vida colectiva do bairro. É através das dinâmicas relacionais e culturais que grande parte dos habitantes do bairro constrói e sedimenta a relação identitária com o bairro.

“Infelizmente não muito, porque não passo muito tempo nele, e quando estou no bairro costumo estar dentro de casa. Existem questões importantes que deveriam ser trabalhadas não só pelos moradores deste bairro como por instituições locais. Culturalmente é rico pela diversidade de culturas e hábitos, mas que por vezes não é reconhecido pelos outros de fora como um aspecto importante e caracterizador. Gostaria de participar e de me envolver em associações e movimentos, mas nunca o fiz porque... não é justificação, mas talvez falta de tempo e por ter outras prioridades. Portanto, desconheço o que se passa no mundo associativo, embora considere que é importante e que o seu papel num bairro pode fazer a diferença.” **Entrevistada Neta Wenah, 19 anos, Moçambicana**

“Sim claro. É aqui que eu vivo e se não me interessa pelas questões sociais, então este bairro não teria muito significado para mim. É aqui que o meu irmão vai crescer e portanto, se não começarmos a preocupar-nos em resolver os problemas que aqui existem, largando um pouco o individualismo e o egocentrismo, então as coisas vão piorando e então aí, isto vai virar um caos. Sim participo activamente, embora neste momento esteja a desenvolver apenas uma acção específica a quem deido muito tempo. Por outro lado, procuro estar atenta aos acontecimentos actuais ligados a questão social dos imigrantes porque só assim conseguirei dar um bom contributo a todos aqueles que precisam. Acho que sinto-me mais valorizada a nível pessoal... é bastante gratificante todo o trabalho que se faz com esta comunidade.” **Entrevistada Neta Vany, 22 anos, Portuguesa**

Ao contrário do que se esperava, o interesse das jovens pelas questões sociais está patente nos seus discursos, com reflexos na sua participação no mundo associativo e em movimentos socioculturais, nomeadamente em manifestações, debates, eventos culturais, entre outros. Manifestam um forte interesse pelas questões sociais do bairro e consideram importante a sua discussão interna, ou seja, junto dos moradores e instituições locais, assim como externa, com a participação de outras instituições, projectos e programas do Estado.

No entanto, são poucas as entrevistadas que participam activamente nas associações locais e que estabelecem relações com outras mulheres fora do contexto do bairro. Tanto formal ou informalmente, são quase nulos os grupos de mulheres que se reúnem para discutir temas ou problemáticas relacionadas com o bairro e a sua comunidade, uma vez que os interesses não são partilhadas por todas assim como a disponibilidade também é reduzida. Portanto, as mulheres mais jovens continuam confinadas a um determinado espaço de acção, onde não conseguem definir novos papéis fora dos padrões ditos normais. Continuam a privilegiar as relações internas, junto do grupo de pares, familiares, vizinhos, que se fazem evidenciar, pontualmente, na emergência de outros modos de vida, outras formas culturais, outras dinâmicas identitárias que fortaleçam a identidade do bairro.

“Neste mundo associativo criam-se relações internas e externas com instituições sociais, associações de bairro, escolas, centros de saúde. Constituem-se parcerias no sentido de tentar solucionar algumas lacunas com base nas necessidades identificadas pela comunidade, pela associação que está no terreno e algumas instituições de carácter social. Também surgem os programas de cariz social e financiadores como o Programa Escolhas que procuram trabalhar com as associações de bairro e aproveitar os recursos humanos para intervir no bairro, que trazem algo de positivo como também de negativo... que é a dependência económica com a qual não se consegue a curto prazo largar!” **Entrevista Neta Vany, 22 anos, Portuguesa**

“Tenho contactos com outras mulheres, porque acho que é importante envolvermo-nos e convivemos com os colegas de trabalho, na faculdade ou em outro meio em que estamos inseridos... porque só vai servir omo uma mais valia, porque podemos aprender sempre com aqueles que nos rodeiam... discutir assuntos pessoais ou relacionados com o trabalho... que por vezes fortalecem os laços. Ela é toda virada para essas coisas... e ela fazia parte de uma associação qualquer por estas bandas, mas ultimamente nem tem comentado nada sobre isso.”

Parece-me muito pouco motivada... não sei o que se passou. Ela tem muitos amigos que vivem em outros bairros e pelas conversas que tem comigo, acho que procuram ajudar as pessoas, as crianças e os jovens também, a terem um rumo na vida, a tratarem dos documentos, a irem para a escola... por aí. “ **Entrevistada NetaLoury, 22anos, Angolana**

“Não conheço. Quer dizer, havia um, e eu também fazia parte, mas que já há muito tempo que não reúne por falta de disponibilidade e questões também pessoais, umas juntaram-se, tiveram filhos e então tornou-se mais complicado estarmos juntas. Ali falávamos de nós mulheres africanas, das nossas frustrações táis a ver, da nossa situação na sociedade, da nossa vida pessoal... de tudo aquilo que tinha necessidade de discutir ou desafabar... porque era um espaço só nosso, de mulheres do bairro. Sim, porque são poucas as mulheres que se interessam pelas questões sociais que nos tocam a todos para além de que, o machismo é uma cena que está plantada aqui no bairro, transmitida e muito assumida pelos rapazes quer seja no seu dia-a-dia, tipo maneiras de estar e de agir, nos seus relacionamentos amorosos, em casa, com as irmãs mais novas... é complicado.” **Entrevistada Neta Nunuka, 21 anos, Portuguesa**

Procuram através do associativismo, uma organização que não se concentre nas zonas periféricas, que reivindique uma participação mais activa e um espaço no centro, para que as jovens não se auto-excluam. Para além disso, o objectivo é a reconstrução de redes de interacção e instrumentos de inserção social como forte componente da vida comunitária.

Posto isto é de salientar que as relações entre o exterior e o interior do bairro necessitam do papel activo dos protagonistas sociais que se encontram dentro e fora do bairro, de forma a assegurar as diversas formas de contacto interactivo entre a população residente e outros actores sociais. Encontram-se padrões culturais específicos, vindos dos organizadores dessas práticas quotidianas, das dinâmicas relacionais locais e das estratégias de vida da população africana residente, mas que não têm a visibilidade necessária que contribuam para uma nova visão das comunidades africanas residentes nos bairros sociais. Em paralelo com um conjunto de problemas sociais existe uma riqueza cultural e humana, que fazem a ponte de equilíbrio com o lado mais sombrio e que chega diariamente à sociedade.

CAP.5 – REFLEXÃO FINAL

A este último capítulo desta investigação cabe a análise das hipóteses de trabalho definidas face ao objecto de estudo proposto, ou seja, irei fazer uma pequena reflexão final, prilivegiando a análise de conteúdo das entrevistas realizadas. Face às hipóteses apresentadas e pré-definidas no início desta investigação, ponderando sempre todo um conjunto de factores e de resultados obtidos, concluo que:

Embora as avós entrevistadas não residam com as netas, elas assumem-se como o agente impulsionador das práticas culturais e incentivador das dinâmicas familiares e culturais, proporcionando uma ligação mais concreta com as raízes africanas do país de origem. Identificam como sua, a tarefa de acompanhar a vida quotidiana das netas, não incidindo em nenhuma esfera em específico. Manifestam que têm a função de aconselhar, ajudar, incentivar, orientar com base nos valores que, na sua opinião, são válidos. Por outro lado, as netas reproduzem as dinâmicas familiares tradicionais transmitidas não só pelas avós como também pelos familiares mais próximos e que compõem o agregado doméstico, nomeadamente, as figuras do sexo feminino (mães, tias), com continuidade nas relações de vizinhança. Isto porque acabam por partilhar hábitos, valores e acima de tudo experiências de vida, junto das pessoas que atravessam as mesmas dificuldades e que se encontram numa situação socioeconómica semelhante à da restante comunidade. Assim sendo, há uma maior coesão, união e solidariedade que fortalece o sentimento de pertença destas jovens ao bairro onde residem.

Os bairros sociais identificados neste trabalho são vistos como espaços de convívio, de aprendizagem, de interações, que através das redes de relações possibilitam a reprodução dos hábitos tradicionais, tendo em vista a reconstrução da sua identidade cultural. Acaba-se por encontrar outros pontos de referência cultural que são incentivados e fortalecidos pelas redes de vizinhança, tendo como ponto forte os convívios comunitários suportados e dinamizados pelas associações de bairro. No entanto, o bairro não deixa de ser uma ilha de isolamento, uma vez que a comunidade encontra-se fechada sobre si mesma com relações exteriores de fraca intensidade: apesar de se estabelecerem algumas ligações fora do bairro, as jovens mulheres continuam num processo de interação interno, ou seja, o seu campo de acção é bastante limitado e que se reflecte numa fraca mobilidade sócioespacial. Portanto, a produção e

reprodução de conhecimento acontece junto das mulheres no seio familiar e não tanto no seu grupo de pares ou grupos formais, sendo quase inexistente a ligação com a restante sociedade. No entanto, a maioria das entrevistas do grupo (N) encontram-se a exercer funções laborais fora do bairro, que acabam por ser um elemento desbloqueador desse distanciamento relacional e social.

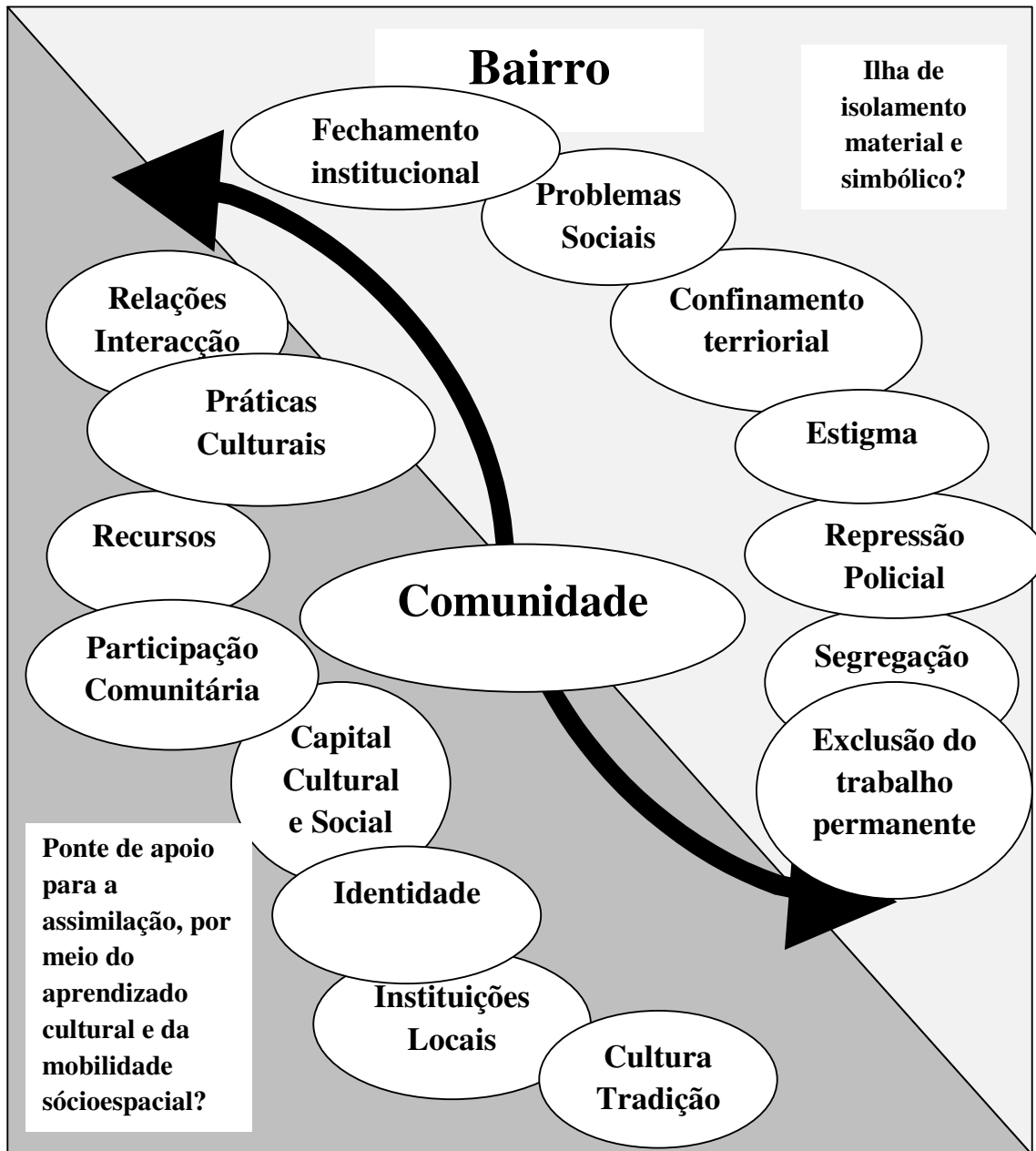
Em suma, os ghettos não são produto da história da imigração (como defendia Louis Wirth), não são áreas naturais. São formas de violência colectiva concretizada nos espaços urbanos, na medida em que fazem o cercamento e o controle etno-racial. São espaços segregados, onde se observa o crescimento de patologias urbanas e comportamentos anti-sociais perante uma comunidade etnicamente heterogénea (e não homogénea como refere Wacquant, 1997), que se procura desenvolver dentro de instituições locais interligadas entre si e se propõe constituir estilos de vida e estratégias sociais específicas. Isto porque existem forças formativas: estigma racial e coerção, constrangimentos, fronteiras territoriais e fechamento institucional.

Assim sendo, observam-se, em contexto de bairro, mudanças nos traços culturais e alguns desequilíbrios que importa salientar: a escolarização dos filhos/netos é assumido como um aspecto de extrema relevância na tentativa de evitar a reprodução do trajecto escolar familiar, que assenta na escolaridade básica; os pais apresentam-se como figuras de importância, mas detêm o estatuto de ausentes, uma vez que o ritmo de trabalho e a instabilidade profissional contribuem cada vez mais para este declive e por conseguinte, são as avós quem assumem esse papel principal; as relações de interajuda e solidariedade são marcadas por uma série de carências socioeconómicas agregadas a pequenos ambientes de tensão e conflitos gerados constrangimentos da integração social; há um fechamento da comunidade, em que se recusa a admitir as pressões segregacionistas e os conflitos internos procurando também, alargar as relações de parentesco e de compadrio à vizinhança.

Alguns moradores procuram preservar os hábitos e costumes culturais (convívios, eventos culturais) com o intuito de envolver a comunidade residente de maneira a que possa conhecer, (re)viver e sentir um pouco mais da cultura do seu país de origem ou dos familiares (mãe, avó...) como também procuram um bairro com uma identidade cultural (que faz parte dos padrões culturais da população local em que a representação simbólica do bairro é a entidade

colectiva) enquanto quadro específico de relações sociais caracterizado por uma heterogeneidade social e riqueza cultural.

Quadro8 – Representações cruzadas sobre os bairros sociais e os seus modos de vida
Um olhar de dentro para fora



*“De perto ou de longe, em qualquer ângulo, qualquer plano, eu faço zoom, é a realidade que aqui se resume...
não se mostra na tv, mas só quem não quer é quem não vê.*

Cantor Chullage

Bibliografia Teórica

- ABOIM, Sofia,(2003) *Evolução das estruturas domésticas*, Sociologia, Problemas e Práticas, n.º 43, pp. 13-30
- ALARCÃO, Madalena (2000), *(Des)equilíbrios familiares – Uma visão sistémica*, Editora Quarteto, Lisboa, pág. 37
- ALMEIDA, Ana Nunes, GUERREIRO, Maria das Dores, LOBO, Cristina, TORRES, Anália e WALL, Karin, (1998), “Relações familiares: mudança e diversidade” in VIEGAS, J.M. e COSTA, A: Firmino da, (orgs.) *Portugal, que Modernidade?*, Lisboa, CIES.
- ALVES, Maria José, (2002), *Mas o que é afinal hoje a Família?* In Revista Sexualidade e Planeamento Familiar, nº 35, Setembro/Dezembro.
- BAIRRÃO, Joaquim, TIETZE, Wolfgang, (1995), “A educação Pré-escolar na União Europeia”, Instituto de Inovação Educacional, Lisboa
- BAWIN-LEGROS, Bernadette e GAUTHIER, Anne (1992), “Les relations inter générationnelles: grands-parents dans la rupture et la continuité” in *Familles et Contextes Sociaux: les espaces et les temps de la diversité - Actes du Colloque de Lisbonne*, Lisboa, CIES.
- COENEN-HUTHER, Josette; KELLERHALS, Jean e VON ALLMEN, Malik (1994), *Les réseaux de solidarité dans la famille*, Lausanne, Éditions Réalités Sociales.
- COSTA, António Firmino da (1999), *Sociedade de Bairro. Dinâmicas Sociais da Identidade Cultural*, Oeiras, Celta Editora, pag.165
- ENGELS, Friedrich (1982), *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. In: Marx/Engels, *Obras escolhidas*, Lisboa/Moscou: "Avante!" / Progresso, Vol. 3, pp. 354-374.
- GUERREIRO, Maria das Dores (1986), *Mulheres do Fado, Fado de Mulheres: Alfama: o Tecido Social, as Práticas Culturais e as suas Protagonistas*, trabalho de síntese, Provas de Aptidão.
- GUERREIRO, Maria das Dores (2001), *Novos Conceitos de Família*, In Pretextos, nº6, IDS Agosto 2001, pág.17.
- GUERREIRO, Maria das Dores (1998), *Jovens Europeus e o Futuro – Emprego e Vida Familiar*, In Sociologia, Problemas e Práticas, nº 27.
- GIDDENS, Anthony (1997), *Sociologia*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- “HALEY, Alex (1965), *The Autobiography of Malcolm X*”.

- KELLERHALS, Jean e MONTANDON, Cléopâtre (1991), *Milieu social, interactions familiales et styles éducatifs*, Neuchâtel, Delachaux et Niestlé.
- LASLETT, P. (1972), “Introduction: the history of the family”, em P. Laslett e P. Wall (orgs.), *Household and Family in Past Time*, Cambridge, Cambridge University Press, pp. 1-89.
- LÉVI-STRAUSS, Claude (1949), *As Estruturas elementares do parentesco*.
- MIEKO, Miyaji (1993), *Family and Social Networks in New Urban Situations – A Comparative Perspective*, Contextos e Práticas de Investigação Urbanas, Texto nº9.
- MINGLIONE, S., *The Institutional Elaboration of a Quasi-Ethnic Community. International Review of Modern sociology*, nº9, pp. 165-177, Julho.
- MINUCHIN, Salvador (1990), *Famílias: Funcionamento e Tratamento*, Porto Alegre, Artes médicas, págs. 25-69.
- MIRZA, Heidi Safia (1992), *Young, Female and black*, London New York.
- MORGAN, Lewis (1877), *Ancient Society – Sociedade Primitiva*, Lisboa, Presença.
- PAGÉS-POLY, Marie-Françoise, PAGÈS, Jean-Sylvain (1997), *Quando os Adolescentes despertam para a Sexualidade*, Terramar.
- OSÓRIO, Luís Carlos (2002), *Casais e famílias – UMA visão Contemporânea*, Nova Edição.
- SARACENO, Chiara (1997), *Sociologia da Família*, Lisboa: Estampa.
- STANHOPE, Márcia (1999), *Teorias e Desenvolvimento Familiar*, In STANHOPE, Márcia, LANCASTER, Jeanette – *Enfermagem Comunitária: Primoção de Saúde de Grupos, Famílias e Indivíduos*, 1ª Edição Lisboa: Lusociência. Págs. 492-514
- TORRES, Anália Cardoso e SILVA, Francisco Vieira (1988) *Guarda das Crianças e Divisão do Trabalho entre Homens e Mulheres In GUERREIRO, Maria das Dores (org.) Trabalho, Família e Gerações*, Lisboa CIES / ISCTE.
- ULRICH, Beck (1997), *Was ist Globalisierung*, Frankfurt: Suhrkamp.
- VASCONCELOS, Pedro (1998), *Vida Familiar*, In José Machado Pais e tal., “Gerações e Valores na sociedade portuguesa contemporânea”, Lisboa, ICS/SEJ.
- WACQUANT, Loïc (2002), *Slavery to Mass Encarceration*, In *New Left Review* 13, January/February, Pág.45

- WACQUANT, Loïc (2004), Debate *Que é ghetto? Construindo um conceito sociológico*, In Revista de Sociologia e Política, nº 23, Novembro, 158.
- WIRTH, L. (1928), *The Ghetto*. Chicago, University of Chicago.

Bibliografia Metodológica

- ALMEIDA, João Ferreira de, PINTO, José Madureira, *A Investigação nas Ciências Sociais*, Lisboa, Editorial Presença, 1982.
- BARDIN, L., *Análise de Conteúdo*, Lisboa, Edições 70, 2002, p.14.
- QUIVY, R., CAMPENHOUDT, L. V., *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva, 1998, p.191.

Outras Fontes

- ALVES, Maria José, *Mas o que é afinal hoje a Família?* In Revista Sexualidade e Planeamento familiar – APF (Associação para o Planeamento da Família), nº 35, Setembro/Dezembro, 2002.
- Departamento de Estudos, Prospectiva e Planeamento (DEPP), Ministério do Trabalho e da Solidariedade (MTS), (2002), *Portugal 1995 – 2000, Perspectivas de Evolução Social*, Oeiras, Celta Editora, págs. 53 a 262
- Revista de Sociologia e Política, nº 23, Novembro 2004, págs. 157
- Sebenta II Congresso dos Quadros Cabo-Verdianos da Diáspora, Praia, Abril 2002, pág. 210

Quadro de Caracterização Sócio-Familiar (Entrevistadas – Grupo N)

	Neta 1 “Luedji”	Neta 2 “Vany”	Neta 3 “Nunuka”	Neta 4 “Maina”	Neta 5 “Nina”	Neta 6 “Zitah”	Neta 7 “Loury”	Neta 8 “Leida”	Neta 9 “Neyma”	Neta 10 “Wenah”
Idade (anos)	24	22	21	25	24	22	22	16	21	19
Naturalidade	Angola	Portugal	Portugal	Moçambique	Portugal	Portugal	Angola	Cabo Verde	Portugal	Moçambique
Nacionalidade	Portuguesa	Portuguesa	Portuguesa	Portuguesa	Portuguesa	Portuguesa	Portuguesa	Portuguesa	Portuguesa	Portuguesa
Naturalidade dos Pais	Angola	Moçambique	Cabo Verde	Moçambique	Cabo Verde	Moçambique	Angola	Cabo Verde	Moçambique	Moçambique
Nº de anos a residir em Portugal	12	22	21	23	24	22	8	7	21	9
Nº de anos a residir num bairro	6	22	21	23	24	22	8	3	21	9
Língua Mãe – (falada em casa)	Português	Português	Crioulo	Português	Crioulo	Português	Português	Crioulo	Português	Português
Escolaridade	Licenciatura Estudos Africanos	Licenciatura Gestão	9º ano	Licenciatura Análises Clínicas	12ºano	12ºano	12ºano	8ºano	12ºano	10ºano
Profissão/Ocupação	Mediadora	Consultora Banca e Serviços	Militar Exército	Técnicade Análises Clínicas	Ajudante de Acção Directa	Auxiliar Social	Estudante/ Agente de Viagens	Estudante	Estudante	Monitora
Sector actividade	Intervenção Social	Gestão/Financeiro	Serviços ao Estado	Saúde	Intervenção Social	Intervenção Social	Turismo			Intervenção Social
Situação Conjugal	Solteira	Solteira	Solteira	Solteira	Solteira	Solteira	Solteira	Solteira	Solteira	Solteira
Nº de Avós	2	1	1	1	1	1	1	1	1	3
Agregado Familiar - Laços de Parentesco -	A própria	Pai, mãe, irmã e a própria	Pai, mãe, irmã, sobrinho e a própria	A própria	Mãe, 2 irmãs, 2 sobrinhas e a própria	Pai, mãe e a própria	Pai, mãe, irmã e a própria	Pai, mãe, irmã e a própria	Pai, mãe, irmã e a própria	Pai, mãe, irmã e a própria
Tipologia de Habitação	Andar	Andar	Andar	Andar	Andar	Andar	Andar	Andar	Portugal	Moçambique

Quadro de Caracterização Sócio-Familiar (Entrevistadas – Avós)

	Avó 1	Avó 2	Avó 3	Avó 4	Avó 5	Avó 6	Avó 7	Avó 8
Idade (anos)	83	64	70	65	58	66	55	62
Naturalidade	Angola	Moçambique	CaboVerde	Moçambique	CaboVerde	Moçambique	Angola	CaboVerde
Nacionalidade	Portuguesa/ Angolana	Portuguesa	Cabo Verdeana	Moçambique/ Portuguesa	Portuguesa	Portuguesa	Portuguesa	Cabo Verdeana
Nº de anos a residir em Portugal	12	32	25	23	28	26	8	7
Nº de anos a residir num bairro	6	28	25	23	24	26	8	3
Língua Mãe – (falada em casa)	Kimbundu/ Português	Português	Crioulo	Português	Crioulo	Português	Português	Crioulo
Escolaridade	6ºano	7ºano	3ºano	8ºano	4ºano	5ºano	9ºano	2ºano
Profissão/Ocupação	Reformada	Reformada	Reformada	Reformada	Doméstica	Reformada	Doméstica	Doméstica
Nº de Netas(os)	6	4	5	2	2	3	4	2
Agregado Familiar (nº de elementos)	3	4	5	1	6	3	4	4
Tipologia de Habitação	Andar	Andar	Andar	Andar	Andar	Andar	Andar	Andar

Guião de Entrevista

Dimensão Familiar

1. O que entende por Família? Na sua opinião, qual o papel da Família?
2. Quantos elementos fazem parte da sua família? Quantas pessoas vivem consigo?
3. Quem são as pessoas mais velhas? Qual o lugar dessas pessoas na sua família?
De importância, respeito, indiferença...
4. Quantas netas/avós tem?
5. Quais são os papéis que desempenham? Tarefas, funções, obrigações...
6. Que importância têm na sua vida quotidiana?
7. Com que frequência estão presentes no seu dia-a-dia? Esporádica, constante...
8. Que tipo de relação mantém com ela(s)? Proximidade/confiança/sólida, de afastamento/desconfiança/fragilizada;
9. Costuma partilhar com ela(s) os seus problemas, segredos/confidências, pedir conselhos?
10. A sua avó transmite-lhe valores? Porquê? Quais são?
11. Estão relacionados com a sua cultura/tradição familiar? Porquê?
12. Considera importante saber mais sobre as suas origens? Porquê? Trata-se de uma imposição familiar?
13. Tem hábitos culturais típicos do país de origem dos seus pais ou da sua avó?
Quais?
14. Com que idade deu-se essa primeira passagem? Com que frequência põe em prática esses hábitos?
15. Foram ensinados ou transmitidos pela sua avó? Porquê?
16. São importantes para si? Qual o seu significado? São formas de ligação com a sua cultura?

Dimensão Pessoal

1. Como define cultura africana? Para si como se manifesta?
2. Sente que está em contacto com ela no seu dia-a-dia? Fisicamente, espiritualmente? E no seu bairro?
3. Qual é a importância destas práticas para a (re)construção da sua identidade enquanto mulher africana?
4. É um processo de fortalecimento ou renovação da sua cultura? Porquê?
5. Enquanto mulher africana, este processo é importante para si? Porquê?
6. O que sabe sobre História D'África e Diáspora? Tem conhecimento de algum líder negro?
7. Considera-se uma mulher africana? Porquê?
8. Olhando um pouco para o historial da sua família, geração após geração, considera que existe uma reprodução dos hábitos familiares tradicionais? Porquê?
9. Contribui de alguma forma para o seu capital cultural? Porquê?
10. Qual a sua primeira língua, a sua língua mãe? E a segunda? Que significado têm para si?
11. Em ambos os casos, com que frequência fala, com quem, onde e em que situações/contextos?
12. Que tipo de relações tem com essas pessoas? Fazem parte da sua rede de amizades?
13. Qual a origem étnica dessas pessoas?

Dimensão Espacial

1. Como define e caracteriza o bairro onde vive? Quais os seus problemas, aspectos positivos, negativos...?

2. Que imagem tem do bairro onde mora? Como se sente enquanto morador?
3. Interessa-se pelas questões sociais do bairro? Porquê?
4. Porque razão vive num bairro? Gosta de lá viver? Porquê?
5. Para si, qual é o papel do bairro enquanto espaço físico e de convivência?
6. Morar num bairro social, fá-lo sentir como um elemento de uma comunidade/grupo?
7. Quais os sentimentos que sobressaem dentro da comunidade? Como caracteriza o relacionamento entre as pessoas? O ambiente...
8. Como descreve o seu bairro e a casa onde mora?
9. Que tipo de relações estabelece com os seus vizinhos, grupo de amigos, familiares que residem no bairro? Qual a importância destes na sua vida?
10. Existem grupos de discussão formais/informais de mulheres? Porquê?
11. Estabelece contactos com outras mulheres através do trabalho, escola, grupo de pares dentro e fora do bairro? Porquê? Qual a sua importância?
12. Considera que as mulheres têm um papel de relevância na família, na comunidade e no bairro?
13. De que forma contribuem para o capital cultural, intelectual e social do bairro?
14. Considera que a história, cultura e tradição africana estão presentes no bairro onde mora? Porquê? Onde e como se manifesta?
15. Participa no mundo associativo e em movimentos socioculturais? De que forma e porquê? Desde que idade?
16. Quais as redes de relações (internas ou externas) que se estabelecem no mundo associativo?

Obrigado pela colaboração!

RECONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

<Documents\Entrevistada AVÓ1\Entrevistada AVÓ1> - § 5 references coded [10,29% Coverage]

Reference 1 - 2,43% Coverage

È importante que a minha neta saiba mais das suas origens, do seu povo, as suas conquistas e as suas derrotas, para melhor saber quem é. Não basta nascer em terras africanas, é importante que ela saiba reconhecer o cheiro da nossa terra, os sons da nossa natureza e o sabor dos nossos frutos.

Reference 2 - 3,40% Coverage

Com a nossa família e em especial comigo e com os pais, ela começou a pôr em prática alguns dos nossos costumes... o comer muito mais tarde, porque mais ao fim-de-semana, os pratos que cozinho precisam mais da minha atenção, dão mais trabalho a preparar como é o caso da boa moamba e do pirão, encontramos alguns espaços na agenda para pequenos convívios e ela traz os amigos e as amigas para estarem connosco.

Reference 3 - 1,77% Coverage

Esta sim é uma referência para a minha neta e que ela mesmo valoriza e procura, e pergunta e quer saber mais. Se não souber de onde veio, como pode ela pensar em ser alguém?! É um autêntico vazio, não tem raízes!

Reference 4 - 2,36% Coverage

Aos poucos vai-se definindo enquanto pessoa, enquanto mulher negra... Sei que um dia ela voltará ao seu país! Quase toda a família está lá incluindo a irmã, que foi para lá de férias e lá ficou. Ela tem vontade de regressar, mas existem também algumas coisas que não a deixam partir.

Reference 5 - 0,33% Coverage

Mas ela interessa-se e tem curiosidade.

<Documents\Entrevistada AVÓ2\Entrevistada AVÓ2> - § 1 reference coded [6,44% Coverage]

Reference 1 - 6,44% Coverage

Agora a minha neta acaba por receber influências também indianas que vêm da parte do pai e que também a torna mais rica... aprende coisas novas, conhece outras maneiras de estar, outras comidas e especiarias, tradições que não são as mesmas que as nossas. Aqui tuda a gente que é moçambicana é... como dizem... monhé... e é mau porque não sabem nada do nosso país. O nosso povo é negro, usa capulana, anda descalço, leva a cesta de palha na cabeça e o filho nas costas amarrado com o pano. As verdadeiras mulheres moçambicanas! Aqui podemos não estar assim, mas o sentimento está lá... apesar dela nem ter nascido lá na terra.

<Documents\Entrevistada AVÓ3\Entrevistada AVÓ3> - § 1 reference coded [3,59% Coverage]

Reference 1 - 3,59% Coverage

Ela tem di conhecer ondi seus pais cria, porque amanhã são o futuro di nós casa, não os estrangeiros. Africa... é di todo povo africano espalhado na mundu.

<Documents\Entrevistada AVÓ4\Entrevistada AVÓ4> - § 1 reference coded [6,21% Coverage]

Reference 1 - 6,21% Coverage

Acredito que tudo o que engloba a cultura é importante para construir, reencontrar a identidade de uma pessoa que anda está num processo de reconhecimento das suas origens para se renovar a si e para reavivar um pouco mais do que é nosso de herança... africana mulher, quando te sentes como tal, na sua plenitude.... Infelizmente a minha neta tomou um banho profundo de cultura europeia que sinceramente posso se interessa com o que se passa no nosso país.

<Documents\Entrevistada AVÓ5\Entrevistada AVÓ5> - § 1 reference coded [2,35% Coverage]

Reference 1 - 2,35% Coverage

Enton nu teni ki ter orgulho di nôs raça, nôs é pretu, nôs é africano, nôs é alguén, nôs é mudjer ku identidadi sabida.

<Documents\Entrevistada AVÓ6\Entrevistada AVÓ6> - § 2 references coded [10,52% Coverage]

Reference 1 - 1,05% Coverage

Se somos portuguesas, então esta é a nossa nacionalidade, a cultura, o nosso país.

Reference 2 - 9,47% Coverage

Para mim não teve muita importância, mas para ela é possível que tenha alguma curiosidade e relevância para si, são saberes culturais ...saber como é o país dos seus familiares, como é a vida, os hábitos que têm, o sotaque. Pode ser importante para a sua identidade já que acaba por estar no meio de duas, a portuguesa e a africana e entretanto, terá de se identificar com alguma, digo eu. É que entretanto não sabe muito bem quem é, porque não tenho uma ligação forte ou contínua com o seu país. É complicado. Acho correcto que procure e que vá atrás da sua identidade. Na minha opinião, a religião devia ter um espaço maior e de maior importância na vida dela, porque a fé é importante para que vivamos em paz com a nossa própria pessoa.

<Documents\Entrevistada AVÓ7\Entrevistada AVÓ7> - § 2 references coded [4,79% Coverage]

Reference 1 - 3,86% Coverage

É importante que saibamos reconhecer as nossas raízes porque são aquelas que nos dão uma orientação e vos ajudam a construir a vossa identidade cultural e religiosa também... é o nosso código de barras, o nosso ship... e sem ele, quem somos? Acabará perdida no mundo, na terra de todos e na terra de ninguém. Acho que tens de encontrar as tuas origens e depois poderás renegá-la.

Reference 2 - 0,93% Coverage

acho que também tem de vir da vontade dela em saber e quer aprender a falar o nosso dialecto

<Documents\Entrevistada AVÓ8\Entrevistada AVÓ8> - § 1 reference coded [9,05% Coverage]

Reference 1 - 9,05% Coverage

Pa pikenas, nu ka podi deixa cultura di branco pega nôs mocinhas pamodi nôs terra sta minado di turistas e empresários, ki bem caba ku nôs cantu, nôs morabeza... hoji Kau Verdi sata parci feira di mundo... nu teni chinoca ki ta fala crioulo, italiano ki fazi hotel na nôs praia... ma nôs povo sta tudu na Europa. Mas dia menus dia... undeú kau Verdi... sta na memória! Mocinhas e mocinhos bu futuro ê lá!

<Documents\Entrevistada NETA1\Entrevistada NETA1> - § 4 references coded [8,41% Coverage]

Reference 1 - 2,07% Coverage

Normalmente agarro-me muito à literatura africana, especialmente a oral, para captar os vários momentos da minha africanidade. Seja enquanto movimentos de libertação dos vários povos africanos, seja enquanto os trémulos passos que a emancipação da mulher africana tem vindo a dar.

Reference 2 - 1,68% Coverage

É um processo de fortalecimento, sem dúvida...Uma vez que vivemos numa sociedade que tem como norma atropelar as diferenças, sinto que a forma de resistência a esse “esquecimento” colectivo do Outro é sermos cada vez mais nós.

Reference 3 - 1,91% Coverage

Extremamente importante pois este processo é uma das formas que nos permite coexistir com o resto mundo. Nós precisamos de estar bem connosco para pudermos estar bem com os outros. Ter orgulho e amor próprio para puder também dar amor e respeitar o próximo.

Reference 4 - 2,75% Coverage

Claro que sim.Sou Afrikiki não por ter nascido no continente africano mas por acreditar que acima do indivíduo está a comunidade. Sou Afro por acreditar que todos os seres

têm almas e devem ser respeitados e estimados como tal. Sou Africana porque acima de todas as desgraças que nos foram destinadas, a Alegria é minha Mãe e a Tristeza nunca conseguirá ser minha Madrasta.

<Documents\Entrevistada NETA10\Entrevistada NETA10> - § 4 references coded
[6,25% Coverage]

Reference 1 - 1,93% Coverage

As minhas origens são africanas, o que faz com que eu possua um sentimento intrínseco relativamente a estas práticas, sendo que elas exercem uma influência bastante manifesta na minha identidade.

Reference 2 - 2,08% Coverage

Sem dúvida, apesar de me encontrar num país onde a cultura é completamente diferente eu costumo ter atitudes que têm tudo a ver com a cultura africana, tais ir a cerimónias religiosas, convívios interculturais...

Reference 3 - 0,97% Coverage

Sim, porque ajuda a construir a minha identidade e porque me revejo e identifico com esta cultura.

Reference 4 - 1,27% Coverage

Sem dúvida, não só pelos meus antecedentes, mas também, por estar emboída de um espírito que me evoca sempre às minhas raízes.

<Documents\Entrevistada NETA2\Entrevistada NETA2> - § 3 references coded
[3,78% Coverage]

Reference 1 - 2,74% Coverage

Acredito que no meu caso seja de construção, porque ainda estou numa fase de procura e de formação da minha identidade enquanto mulher africana. Acho que até há bem pouco tempo, os meus inputs eram basicamente de fonte europeia. Daí a necessidade de

querer saber mais, junto das pessoas mais velhas da minha família, dos livros, dos filmes... de todas as fontes que me possam dar algo. É sem dúvida um enriquecimento pessoal e também adquires uma bagagem cultural... e a meu ver, como mulher africana, torna-te mais confiante e determinada nesta sociedade.

Reference 2 - 0,39% Coverage

Risos...já estive em construção e agora sou uma mulher africana em formação.

Reference 3 - 0,66% Coverage

Quer dizer que já passei aquela frase mais de procura de identidade. Agora que sei quem eu sou, procuro adquirir outros conhecimentos.

<Documents\Entrevistada NETA3\Entrevistada NETA3> - § 2 references coded
[3,57% Coverage]

Reference 1 - 2,40% Coverage

São importantes porque nasci cá e para as crianças de agora... verem como as nossas mães e avós foram, a cultura em que nasceram e acho importante falar sobre tudo o que o nosso povo passou e continua a passar em pleno século XXI, que é para que já que estamos a crescer no mundo dos brancos, para não sermos tão brancos e apesar de tudo termos orgulho no que fomos, no que somos e no que seremos.

Reference 2 - 1,17% Coverage

Considero-me uma mulher africana sim! Sou negra, apoio a minha raça e o meu povo em todos os aspectos, tento manter-me informada sobre o que se passa connosco pelo mundo e se puder ajudar, ajudo!

<Documents\Entrevistada NETA4\Entrevistada NETA4> - § 5 references coded
[4,83% Coverage]

Reference 1 - 1,53% Coverage

Estas práticas são importantes, no sentido em que ajudam a caracterizar a minha identidade. Se não houvesse toda uma transmissão de valores, hábitos e costumes, então a minha identidade não estaria completa.

Reference 2 - 1,10% Coverage

Penso que sim, porque todo o conhecimento que se obtém através da vivência da nossa cultura, serve para nos enriquecer enquanto mulheres... pessoas.

Reference 3 - 0,90% Coverage

Sim, parece-me que sim, porque apesar de estar longe das minhas origens, a nossa cultura é passada de geração em geração.

Reference 4 - 0,18% Coverage

Não, não me considero.

Reference 5 - 1,13% Coverage

Porque... não sei... como estou longe das minhas origens... acho que se estivesse em África, talvez fosse diferente e eu me sentisse também diferente!

<Documents\Entrevistada NETA5\Entrevistada NETA5> - § 3 references coded
[9,14% Coverage]

Reference 1 - 2,39% Coverage

São importantes porque são aquilo que nos fazem movimentar num sentido, é como cada coisa que eu disse fosse um braço, uma perna! Faz parte de nós e quem não a tem consigo, não é a meu ver uma mulher africana ou um homem africano, pode ter a côr, o cabelo, os traços mas não tem a história! Não tem identidade!

Reference 2 - 4,02% Coverage

Claro! De fortalecimento em primeiro lugar, porque estamos a fazer viver os nossos costumes, a preservá-los. Porque se deixam de transmiti-los, se deixamos de vivê-los, o que haverá para contar amanhã? será o fim de um povo guerreiro e quanto a mim, isto é

grave, porque cada vez mais, as crianças nascem aqui... eu, os meus sobrinhos... e aqui embora em casa a cultura africana esteja presente, se calhar na escola não está e o grupo de amiguinhos, também não são africanos... e é desde pequenos que se agarra ou se perde.

Reference 3 - 2,72% Coverage

Sem dúvida que sou! Pelos valores que as duas grandes senhoras da minha vida fizeram questão de me transmitir... a minha mãe e avó, pelos cultura e se bem me lembro era a minha avó quem dizia que a mulher não sai à noite, tem de ficar em casa à espera do marido... Sou uma mulher africana que se pudesse mudava algumas coisas, com as quais não concordo.

<Documents\Entrevistada NETA6\Entrevistada NETA6> - § 4 references coded [9,09% Coverage]

Reference 1 - 2,42% Coverage

Para mim é uma importância assim assim, porque penso que as mulheres africanas poderiam ser mais felizes se não se guiassem tanto pela cultura, pela tradição e pelos costumes tradicionais. E reparo que às vezes, há mudanças quando as pessoas imigram e deparam-se como uma outra realidade que as fazem mudar um pouco o seu pensamento.

Reference 2 - 3,13% Coverage

Eu acho que poderá ser um processo de renovação, porque temos de ver que nem tudo tem de ser seguido como nos dizem. Há coisas que precisam de mudar e uma delas diz respeito e em particular, ao lugar da mulher no seio familiar e fora deste, como por exemplo no trabalho. Hoje em dia as mulheres são emancipadas e independentes e há quem as veja de olho torto por causa dos valores e tradições que estão simplesmente ultrapassados.

Reference 3 - 2,67% Coverage

Acredito que sim porque nós mulheres temos de mudar a nossa mentalidade, porque talvez com algumas mudanças, nós mulheres africanos podíamos ser mais felizes, se não nos guiássemos tanto pela cultura, pelas tradições e hábitos, se calhar pensaríamos duas vezes antes de agir de acordo com aquilo que a sociedade africana acha que é o correcto. Seríamos mais livres!

Reference 4 - 0,86% Coverage

Sim sou uma mulher africana. Os meus pais são africanos e está na veia. Uns têm a droga e eu tenho África no sangue!

<Documents\Entrevistada NETA7\Entrevistada NETA7> - § 3 references coded
[5,92% Coverage]

Reference 1 - 1,39% Coverage

É importante para a construção enquanto mulher porque ajuda-me a perceber quem realmente sou e quais as diferenças entre eu, mulher africana e as outras mulheres, perceber a forma de andar, de falar, de pensar...

Reference 2 - 2,19% Coverage

Sim, a questão é que a reconstrução ou construção de que falamos, portanto da cultura africana é fundamental para a mulher perceber quem forma os líderes, a história, os valores antigos e os novos... é como se fosse montar um puzzle que no fim aparece em forma de quadro, acho eu. Portanto é sempre importante passar por este processo.

Reference 3 - 2,33% Coverage

Sim sou. Os nossos valores familiares estão mais enraizados e logo valorizo mais a cultura e a tradição. Tornamo-nos mais fortes, responsáveis e mais trabalhadoras para um dia vencermos na vida. Acho que isso é o que destaca uma mulher africana de uma asiática ou europeia... são os valores e valorização da cultura que têm características diferentes.

<Documents\Entrevistada NETA8\Entrevistada NETA8> - § 4 references coded
[5,84% Coverage]

Reference 1 - 2,04% Coverage

Para mim! São nesses momentos que me sinto bem, em casa e faz recordar os tempos em que estava em Cabo Verde. Aqui os hábitos são diferentes e não é o meu país e toda a minha família faz questão de nos dizer que somos africanos e devemos comportar como africanas que somos.

Reference 2 - 0,98% Coverage

Acho que é para não deixar morrer as nossas tradições, a nossa cultura. Só assim podemos passar esta mensagem aos outros mais novos.

Reference 3 - 2,05% Coverage

Para mim é porque nasci em Cabo Verde e estive lá ainda algum tempo e valorizo muito isso. Dizer que não, seria abandonar as minhas origens e tudo o que aprendi até hoje e isso não quero! Quero passar tudo o que sei aos meus filhos, um dia se Deus quiser e eles aos deles.

Reference 4 - 0,76% Coverage

Sim, sou africana porque nasci lá em Cabo Verde, porque sigo os hábitos de lá e porque gosto meu país!

<Documents\Entrevistada NETA9\Entrevistada NETA9> - § 4 references coded
[8,91% Coverage]

Reference 1 - 3,06% Coverage

Alguma, embora não tenha nascido em Portugal, sinto que tenho influências das duas culturas, onde alguns dos princípios foram transmitidos pelos meus pais. Penso que enraizei alguns valores e criei uma identidade própria que me permitiram estar melhor preparada para as transmitir a uma sociedade que desconhece e menospreza de certa forma a cultura africana, acabando por fazer com que eu me identificasse cada vez mais!

Reference 2 - 3,82% Coverage

Penso que seja mais de fortalecimento, penso que este processo é facilmente despoletado quando perto de pessoas que partilham uma cultura semelhante (tendo em conta que a cultura africana embora diversa entre si é mais homogénea quando comparada com a ocidental). Enquanto mulher africana é sem dúvida um processo importante, interessante e por vezes até caricato. Considero ainda mais importante enquanto africana do que propriamente como mulher. Ser de raça negra num país onde não somos maioria é um desafio todos os dias.

Reference 3 - 0,36% Coverage

Sim! (risos)... como não poderia deixar de ser!

Reference 4 - 1,67% Coverage

Porque embora não tenha nascido em África, lá está, tenho a cultura e valores moçambicanos embebidos em mim! Identifico-me como muitas vezes bem mais com esta comunidade e tento passar a sua importância, valores para os demais.

1º PASSAGEM

<Documents\Entrevistada AVÓ1\Entrevistada AVÓ1> - § 1 reference coded [1,18% Coverage]

Reference 1 - 1,18% Coverage

Desde pequena que ela vê-me a cozinhar, a fazer roupas para fora e muitas malabas, contei depois dos grandes almoços e antes de ela ir dormir....

<Documents\Entrevistada AVÓ2\Entrevistada AVÓ2> - § 1 reference coded [1,72% Coverage]

Reference 1 - 1,72% Coverage

E sabem porque são ensinados desde pequenos a fazê-lo... e a primeira coisa que lhes ensinei foi a cumprimentar os nossos familiares... *Salam Aleikum... Aleikum Salam.*

<Documents\Entrevistada AVÓ3\Entrevistada AVÓ3> - § 1 reference coded [1,73% Coverage]

Reference 1 - 1,73% Coverage

Ela sabi como ki faz, como ki dansa... porque eu ensinei a ela desdi codé.

<Documents\Entrevistada AVÓ4\Entrevistada AVÓ4> - § 1 reference coded [2,27% Coverage]

Reference 1 - 2,27% Coverage

Desde cedo, começou a dançar ao som destes ritmos tradicionalmente africanos e a apreciar alguns pratos típicos e frutos tropicais como a papaia e o coração de boi.

<Documents\Entrevistada AVÓ5\Entrevistada AVÓ5> - § 1 reference coded [1,35% Coverage]

Reference 1 - 1,35% Coverage

Ê importanti, un mudjer di studos, ki toma conta di casa, codézinha!

<Documents\Entrevistada AVÓ6\Entrevistada AVÓ6> - § 1 reference coded [1,61% Coverage]

Reference 1 - 1,61% Coverage

Sempre cozinhei estes pratos e sabe sempre, embora demore a ser feito, para os meus filhos e netos também, ainda pequeninos.

<Documents\Entrevistada AVÓ7\Entrevistada AVÓ7> - § 1 reference coded [1,32% Coverage]

Reference 1 - 1,32% Coverage

Nós temos alguns costumes que faço questão de partilhá-los na nossa família e com os mais novos principalmente, desde muito cedo...

<Documents\Entrevistada AVÓ8\Entrevistada AVÓ8> - § 1 reference coded [2,42% Coverage]

Reference 1 - 2,42% Coverage

Leida ben di Kau Verdi ku 11 anos, ma ela conscheu nôs manera di vivi, nôs ritmo di trabadju tudu kel la.

<Documents\Entrevistada NETA1\Entrevistada NETA1> - § 2 references coded [0,74% Coverage]

Reference 1 - 0,39% Coverage

Desde que me tenho por gente que os ponho em prática.

Reference 2 - 0,35% Coverage

Ah...Não consigo precisar um momento específico.

<Documents\Entrevistada NETA10\Entrevistada NETA10> - § 1 reference coded [0,64% Coverage]

Reference 1 - 0,64% Coverage

Não me recordo mas acredito que é algo que faço desde muito cedo.

<Documents\Entrevistada NETA2\Entrevistada NETA2> - § 1 reference coded [1,61% Coverage]

Reference 1 - 1,61% Coverage

Acho que tudo começa desde o momento em que tu nascas, porque já nesse momento toda a família se reúne para te dar as boas vindas a este mundo, com uma pequena reza. Mas acho que comecei a ter consciência disso, quando descobri as trançinhas na minha cabeça e a minha mãe e a avó me diziam que era para ficar uma princesa africana.

<Documents\Entrevistada NETA3\Entrevistada NETA3> - § 1 reference coded [1,24% Coverage]

Reference 1 - 1,24% Coverage

Desde que me conheço como gente! (risos)... desde pequenina que já comia cachupa. Sempre falaram crioulo lá em casa e mesmo que os brancos não queiram, isto já é África! Sempre que posso ponho em prática.

<Documents\Entrevistada NETA4\Entrevistada NETA4> - § 1 reference coded [0,56% Coverage]

Reference 1 - 0,56% Coverage

Talvez desde os quatro, cinco anos... porque tinha a minha avó por perto.

<Documents\Entrevistada NETA5\Entrevistada NETA5> - § 1 reference coded [0,78% Coverage]

Reference 1 - 0,78% Coverage

Embora tenha sido desde pequena, acho que só tomei consciência disso lá para os meus dez, onze anos.

<Documents\Entrevistada NETA6\Entrevistada NETA6> - § 1 reference coded [1,58% Coverage]

Reference 1 - 1,58% Coverage

Desde que nasci, mas isso nem eu tinha ideia dos porquês! Só mais tarde comecei a perguntar e a querer saber mais das minhas origens. Ah é que eu tenho descendência africana e indiana, portanto há um mix de culturas.

<Documents\Entrevistada NETA7\Entrevistada NETA7> - § 1 reference coded [0,41% Coverage]

Reference 1 - 0,41% Coverage

Desde pequenina e a partir daí continuei sempre a preservá-los.

<Documents\Entrevistada NETA8\Entrevistada NETA8> - § 1 reference coded [0,83% Coverage]

Reference 1 - 0,83% Coverage

As minhas primeiras palavras foram em crioulo, sempre ouvi a música da minha terra... desde que sou gente né?!

<Documents\Entrevistada NETA9\Entrevistada NETA9> - § 1 reference coded [0,92% Coverage]

Reference 1 - 0,92% Coverage

Desde pequena, talvez tenha tido mais noção lá para os 8 anos. Com os valores que concordava posso dizer que quase diariamente!

CAPITAL CULTURAL

Documents\Entrevistada AVÓ1\Entrevistada AVÓ1> - § 1 reference coded [1,65% Coverage]

Reference 1 - 1,65% Coverage

Com isto ela ganha uma outra bagagem cultural que a aproxima a Luanda. Ela saiu de lá com 8 anos se não me engano, ainda muita agarrada à terra, à cultura, aos hábitos do dia-a-dia da nossa terra.

<Documents\Entrevistada AVÓ2\Entrevistada AVÓ2> - § 1 reference coded [2,64% Coverage]

Reference 1 - 2,64% Coverage

Agora a minha neta acaba por receber influências também indianas que vêm da parte do pai e que também a torna mais rica... aprende coisas novas, conhece outras maneiras de estar, outras comidas e especiarias, tradições que não são as mesmas que as nossas.

<Documents\Entrevistada AVÓ3\Entrevistada AVÓ3> - § 1 reference coded [3,55% Coverage]

Reference 1 - 3,55% Coverage

Ela tem de conhecer onde seus pais cria, porque amanhã são o futuro de nós casa, não os estrangeiros. África... é de todo povo africano espalhado no mundo.

<Documents\Entrevistada AVÓ4\Entrevistada AVÓ4> - § 1 reference coded [3,57% Coverage]

Reference 1 - 3,57% Coverage

Contribui se estiveres interessada em receber essas ideias, esses princípios, agoar po imposição não chega la de certeza. Mas em contexto familiar, todos estes hábitos e costumes ficam mais presentes e marcam cada vez mais o dia-a-dia deste pessoal mais novo.

<Documents\Entrevistada AVÓ5\Entrevistada AVÓ5> - § 1 reference coded [3,46% Coverage]

Reference 1 - 3,46% Coverage

Kel li ê pa nu konta, ê pa nu dansa, ê pa nu kanta sem vergonha... manham nha Maria pega sê caminhu preparadu pa venci problemas di vida, ki brancos fazi queston di poi na mesa.

<Documents\Entrevistada AVÓ6\Entrevistada AVÓ6> - § 1 reference coded [2,39% Coverage]

Reference 1 - 2,39% Coverage

Mas para ela é possível que tenha alguma curiosidade e relevância para si, são saberesculturais... saber como é o país dos seus familiares, como é a vida, os hábitos que têm, o sotaque.

<Documents\Entrevistada AVÓ7\Entrevistada AVÓ7> - § 1 reference coded [0,79% Coverage]

Reference 1 - 0,79% Coverage

Enriquece e engradece a nossa alma angolana, o nosso espírito e o nosso ego.

<Documents\Entrevistada AVÓ8\Entrevistada AVÓ8> - § 1 reference coded [2,92% Coverage]

Reference 1 - 2,92% Coverage

Nu teni ki fazi nos cultura vivi na nova geração... e pa kel li, nu passa nôs passado, pa es fazi presenti e pa construir futuro!

<Documents\Entrevistada NETA1\Entrevistada NETA1> - § 1 reference coded [2,07% Coverage]

Reference 1 - 2,07% Coverage

Não tanto como devia contribuir, tendo em conta que há uma certa crise em Angola a nível de hábitos familiares tradicionais. Mas agora no seio familiar, acredito que sim... pelo menos possibilita que pelo menos alguns hábitos sobrevivam... que sejam resgatadas por nós, mais novos.

<Documents\Entrevistada NETA10\Entrevistada NETA10> - § 2 references coded [3,57% Coverage]

Reference 1 - 2,69% Coverage

Existe, na minha família mantém-se os princípios adquiridos enquanto africanos, porque são eles que nos fazem pertencer a uma determinada comunidade... e neste caso, africana... pertencentes algo partilhado por várias pessoas que nos ajudam crescer enquanto seres humanos.

Reference 2 - 0,88% Coverage

Bem como parte integrante desta cultura. Portanto contribui para o meu capital cultural.

<Documents\Entrevistada NETA2\Entrevistada NETA2> - § 1 reference coded [0,79% Coverage]

Reference 1 - 0,79% Coverage

¶[Sim, como disse para o meu enriquecimento cultural, social e pessoal porque só assim poderá haver mais flexibilidade entre todos, mais companheirismo e união.

<Documents\Entrevistada NETA3\Entrevistada NETA3> - § 1 reference coded [2,57% Coverage]

Reference 1 - 2,57% Coverage

Depende da situação. Se for numa área mais restrita, com a nossa comunidade, acho que sim, porque nos faz crescer como gente e como mulher negra que sou. Mas agora quando passa para o resto da sociedade, já tenho algumas dúvidas porque apoderam-se da nossa cultura e fazem o que que querem dela. Pode enriquecer-me se tiver a capacidade de criar defesas contra essas cenas folclóricas tás a ver?! E nem toda a gente consegue!

<Documents\Entrevistada NETA4\Entrevistada NETA4> - § 1 reference coded [1,42% Coverage]

Reference 1 - 1,42% Coverage

Contribui se estivermos receptivos para isso... porque podem estar a falar de rituais tradicionais do teu país e tu nem estás virada para aí... portanto não estás a reter nenhuma informação.

<Documents\Entrevistada NETA5\Entrevistada NETA5> - § 1 reference coded [1,37% Coverage]

Reference 1 - 1,37% Coverage

Sim contribui para o meu capital cultural, pelo simples facto de que estou sempre a aprender e assimilar coisas novas importantes para a minha pessoa, para a minha identidade.

<Documents\Entrevistada NETA6\Entrevistada NETA6> - § 1 reference coded [1,12% Coverage]

Reference 1 - 1,12% Coverage

Contribui aquilo que conseguimos extrair de todo esse conjunto de tradições, porque se vamos também engolir tudo o que nos dizem e ensinam, então é o caos.

<Documents\Entrevistada NETA7\Entrevistada NETA7> - § 1 reference coded [0,75% Coverage]

Reference 1 - 0,75% Coverage

Contribui como uma forma de adquirir outros conhecimentos e de receber outras heranças culturais que desconheço.

<Documents\Entrevistada NETA8\Entrevistada NETA8> - § 1 reference coded [1,61% Coverage]

Reference 1 - 1,61% Coverage

O que é isso? Capital quê?... Ah ok, sim! Ajuda-me a ser uma pessoa mais adulta, a perceber porque viemos para Portugal, a conhecer mais de perto as minhas raízes e o porquê das coisas, dos costumes, das tradições.

<Documents\Entrevistada NETA9\Entrevistada NETA9> - § 1 reference coded [1,32% Coverage]

Reference 1 - 1,32% Coverage

Sim, acho que estou a par de coisas que muitas vezes as pessoas em Portugal desconhecem, ou julgam e gozam sem ter a noção e sinto que faz parte do meu papel esclarecê-las um pouco!

CULTURA AFRICANA

<Documents\Entrevistada AVÓ1\Entrevistada AVÓ1> - § 3 references coded [8,60% Coverage]

Reference 1 - 3,76% Coverage

Bem nós pertencemos ao povo Bantu. A minina conhece? Não?... então eu falo um pouco da nossa história. Em Angola existiram desde sempre muitos povos bantus, muito antes da chegada dos portugueses, e percorreram terras e terras angolanas do centro de África. Acabaram por se misturar com outros povos, fizeram reinados e então apareceram várias culturas. Somos um povo de negros muito unidos, com uma cultura e língua própria... é mais ou menos isto.

Reference 2 - 2,14% Coverage

A nossa cultura é rica em todos os aspectos que podemos pensar... consigo levar um povo guerreiro, de lutas, que esteve um dia sobre a liderança militar de Nzinga Mbandi Ngola, a nossa Rainha, que enfrentou os grandes traficantes de escravos vindos da Europa.

Reference 3 - 2,69% Coverage

A nossa cultura faz-se de movimentos, de conquistas, de crenças, valores, danças, rituais, costumes, e pensamentos porque é na união de outras culturas, moçambicana, guineense, santomense, caboverdeana que encontramos o ponto exacto para falarmos de cultura africana, em alguns aspectos são parecidas e noutras nem por isso.

<Documents\Entrevistada AVÓ2\Entrevistada AVÓ2> - § 1 reference coded [7,61% Coverage]

Reference 1 - 7,61% Coverage

A nossa cultura foi influenciada pela chegada dos indianos ao nosso país e também dos portugueses, mas é pouco conhecida sempre muita associada à nossa arte tradicional... o nosso povo defende muito o nacional africa, das raízes negras que também não ajudou a desenvolver a nossa própria cultura. Pouco se sabe das nossas músicas, dos nossos pintores... muita gente e a minha neta faz parte desse grupo não sabe o que é a marrabenta, do que fala... e a cultura moçambicana é muito mais do que comida, baticues, uns panos bonitos e pulseiras de pau preto... é o país, o povo, as dificuldades, a criminalidade, o poder político, o negócio, os dialectos, os rituais, a religião, é tudo o que possa identificar o nosso país perante o mundo.

<Documents\Entrevistada AVÓ3\Entrevistada AVÓ3> - § 1 reference coded [4,69% Coverage]

Reference 1 - 4,69% Coverage

Cultura di nós terra... é o que cultivamos na nossa terra sagrado e si bên di lá fruto ê porke nós tudo sta abençoado, porke nos somos um bom genti, ki honra sê terra, sê história, sê país, sê tradiçon.

<Documents\Entrevistada AVÓ4\Entrevistada AVÓ4> - § 1 reference coded [2,01% Coverage]

Reference 1 - 2,01% Coverage

A cultura de um povo permite que este seja identificado por outros povos detentores também de uma cultura que também tem as suas especificidades.

<Documents\Entrevistada AVÓ5\Entrevistada AVÓ5> - § 1 reference coded [6,81% Coverage]

Reference 1 - 6,81% Coverage

Nôs cultura ê nos identidadi, nôs teni un stória pa conta a nôs bibinhos fêmea...un Amilcar Cabral ki morri pa nos libertaçõn... Panteras ku sês musika trazi nôs realidad pa mundu, vidas di luta, di sofrimentu, di mata nôs corpu di tanto trabadjo. Un caboverdeano sem stória na menti, sem pé na KauVerdi, podi ser tudo kês krê, ma nunca un di nôs.

<Documents\Entrevistada AVÓ6\Entrevistada AVÓ6> - § 1 reference coded [2,74% Coverage]

Reference 1 - 2,74% Coverage

Cultura africana penso que é o conjunto de todas as características que representam cada país do continente africano e ilhas, que podem ser as músicas, as tradições religiosas, os hábitos alimentares, os dialectos.

<Documents\Entrevistada AVÓ7\Entrevistada AVÓ7> - § 1 reference coded [5,91% Coverage]

Reference 1 - 5,91% Coverage

A cultura é exactamente tudo isto, somos nós angolanos, as nossas casas, os nossos antepassdos, a nossa música, as nossas tribos... a guerra também... tudo o que... nos faz rir e chorar! São as saudades e as lágrimas que me vêm aos olhos quando penso na minha pátria, onde pretendo regressar de vez. Esta malta nova não sabe o que é abandonar um país que nos deu tudo e que agora pouco tem, muita gente ficou e perdeu

muitos dos seus familiares na terra que lhes deu a vida e o alimento, tudo por causa da ganância e da podridão do ser humano. Mas enfim...deixemos as tristes recordações.

<Documents\Entrevistada AVÓ8\Entrevistada AVÓ8> - § 1 reference coded [4,42% Coverage]

Reference 1 - 4,42% Coverage

Cultura... ê nós tradiçon, nós manera di encara vida, di flan, di expressa tudo ki nu ta xinti na momentu dia alegria, di tristeza, di saudadi.... Ê nós panu di terra, nós cânticos, nós ilhas Mãe.

<Documents\Entrevistada NETA1\Entrevistada NETA1> - § 1 reference coded [2,85% Coverage]

Reference 1 - 2,85% Coverage

Para mim não existe a cultura africana.Existem várias culturas africanas.A cultura da Nigéria é certamente distinta da do Burkina Faso assim como a cultura da Guiné Bissau é diferente da de Angola,por exemplo.Existem alguns pontos em comum mas duma maneira geral são culturas únicas.Creio que se manifestam com base nas suas linguas, nas suas crenças, danças, cantos,l iteraturas, etc.

<Documents\Entrevistada NETA10\Entrevistada NETA10> - § 1 reference coded [1,69% Coverage]

Reference 1 - 1,69% Coverage

São formas de manifestação do povo africano, traduzindo-se de diversas formas e apresentando várias vertentes, como sejam, vivências, ritos, danças, religião, gastronomia...

<Documents\Entrevistada NETA2\Entrevistada NETA2> - § 1 reference coded [2,51% Coverage]

Reference 1 - 2,51% Coverage

Para mim, a cultura africana resulta do culinar de várias culturas dos vários países africanos. Não se resume somente a pratos típico, o vestuário, a música, dança... vai para além disso. É a história de cada país, as conquistas, as derrotas, é o próprio país, o

povo e as suas especificidades, a religião, a língua, a educação. É bebendo em cada fonte que se poderá falar numa cultura africana. E ela existe porque há uma transmissão de todos estes aspectos junto de cada povo, de cada família, de cada pessoa.

<Documents\Entrevistada NETA3\Entrevistada NETA3> - § 1 reference coded [2,05% Coverage]

Reference 1 - 2,05% Coverage

Bem, para mim é o modo como o nosso povo vive tás a ver, a nossa forma de pensar, agir e que só os tugas não entendem e pensam que nós não queremos familiarizarmos e culpam-nos de viver no mundo deles, o nosso mundo! A nossa cultura... tipo... manifesta-se como africana, não é porque não estamos em África... que deixamos e ser africanos...

<Documents\Entrevistada NETA4\Entrevistada NETA4> - § 1 reference coded [1,75% Coverage]

Reference 1 - 1,75% Coverage

Acho que, resumidamente, cultura africana é um conjunto de hábitos, costumes e tradições características de um país e que na soma de todas as culturas/países, temos uma cultura africana mais ampla e que envolve todo continente africano.

<Documents\Entrevistada NETA5\Entrevistada NETA5> - § 1 reference coded [3,58% Coverage]

Reference 1 - 3,58% Coverage

Acho que a cultura africana tem uma história bonita, interessante, em que os povos lutaram muito para terem algo neste mundo. Porque na terra do outro temos de conquistar o nosso lugar, o nosso espaço porque somos lutadores, trabalhadores e fortes. Cultura africana é toda a nossa história, tudo o que construímos e conquistamos até hoje, a nossa linha de orientação!... os nossos costumes, as nossas crenças, o nosso dia-a-dia de luta, o nosso viver e sobreviver.

<Documents\Entrevistada NETA6\Entrevistada NETA6> - § 1 reference coded [3,25% Coverage]

Reference 1 - 3,25% Coverage

Na minha maneira de ver, a cultura africana é totalmente diferente da portuguesa, é uma cultura bonita. Eu lido mais com caboverdeanos e aprendo muito com eles. Têm uma educaçãoem que há respeito uns pelos outros. Depois são tradições características de cada povo, de cada angolano, moçambicano, caboverdeano, que em algumas coisas são semelhantes e noutras diferem um pouco, seja nas danças, nos dialectos, na religião, nos pratos tradicionais...

<Documents\Entrevistada NETA7\Entrevistada NETA7> - § 1 reference coded [2,16% Coverage]

Reference 1 - 2,16% Coverage

Para mim a cultura africana é um conjunto de “achos” e valores de um determinado país, neste caso africano. A cultura é manifestada de diversas formas, música e própria língua... é cultura as festas tradicionais, as crenças, os hábitos. Estes valores... aspectos específicos mas que têm uma relação entre eles formam uma cultura.

<Documents\Entrevistada NETA8\Entrevistada NETA8> - § 1 reference coded [2,47% Coverage]

Reference 1 - 2,47% Coverage

Cultura africana?... é tudo aquilo que fazemos que estão ligadas ao nosso país, o comer, a lingua que falamos em casa, o estar em família, o comer em prato de fundo com colher, os nossos rituais... acho que é isso, mas é a cultura caboverdeana, que também é africano porque também fazemos parte de África, embora seja tudo ilhas.

<Documents\Entrevistada NETA9\Entrevistada NETA9> - § 1 reference coded [2,14% Coverage]

Reference 1 - 2,14% Coverage

A cultura africana tem muito a ver com comportamento e clima, que pode ser vivida dentro e fora de África, aliás, considero que isso aconteça cá, embora um pouco adaptada à sociedade portuguesa. É bastante visível em convívios, na música, dialectos, expressões, comida, partilha de histórias...

DEFINIÇÃO DE FAMÍLIA

<Documents\Entrevistada AVÓ1\Entrevistada AVÓ1> - § 1 reference coded [5,60% Coverage]

Reference 1 - 5,60% Coverage

A minha neta já deve ter contado um pouco da história da nossa família não?! (risos). Bem... a nossa família é uma família tipicamente angolana, que muito cedo conseguiu conquistar o seu espaço e algum lugar de importância na sociedade angolana. Posso dizer que lá vivíamos bem antes de o país entrar em rupturas políticas mais acesas. A nossa família sempre foi muito conservadora e muito convencional. O meu pai não era dos mais simpáticos, era o que se chama de tirano, com a minha mãe e com os filhos. Andei num colégio religioso ainda pitinha... e se quer que eu lhe diga minina, não me lembro de em qualquer momento da minha vida ter acreditado em Deus e na religião.

<Documents\Entrevistada AVÓ2\Entrevistada AVÓ2> - § 2 references coded [21,74% Coverage]

Reference 1 - 16,99% Coverage

A minha história não é?!... Pois bem, eu sempre vivi no campo com a minha família. O meu pai trabalhava numa mesquita improvisada, onde ensinava a religião às crianças. Muitas vezes ausentava-se para ir dar uma missa aos parentes que foram para o paraíso e lá em casa éramos nove, entre rapazes e raparigas. Era a nossa quem quem cuidava de nós e com ela íamos cultivar o que havíamos de comer, porque o dinheiro não chegava pra tudo. Estudei até onde deu. Na altura, ainda você não era nascida nem os seus pais, e o meu pai dizia que o que ainda estava para vir, seria culpa dos homens maus que vinham explorar o pouco que tínhamos. E não havia qualquer diferença entre ser rapaz ou rapariga, o meu pai falava-nos da mesma forma. E há uma frase muito interessante que nos disse uma vez já crescidos e que a trago comigo desde sempre “vocês mais novos é que irão libertar o povo e quando a luta começar é preciso participar e não fugir para a machamba”. Mas foi exactamente o contrário. A luta começou e todos nós fugimos para a terra dos brancos, com uma mala à frente e outra atrás, com os filhos no colo. Enfim...casei ainda novinha com dezasseis anos pelo rito maometano, com um homem que os meus pais escolheram para mim!Na altura não tínhamos opção de

escolha... era assim. Não é como agora nos novos tempos, que cada um escolhe o pito que quer namorar e sai com aquele e com o outro. Muito passei até encontrar o amor no casamento. Muitas vezes regressava a casa e lá estava ele sentado e pedia-me que lhe trouxesse água para tomar banho e depois, não se levantava para preparar o banho sozinho, mesmo com a água ao lado.

Reference 2 - 4,74% Coverage

A família não é um objecto que você pode mandar fora e que escolhe, quero este e aquele... é esta que vocês tem, é a família que Allah escolheu... é para respeitar e estimar. E o Profeta disse “Na verdade, nós vos criamos de macho e fêmea e vos dividimos em tribos e nações para que se conheçam uns aos outros... o homem é o pastor dos seus e é responsável pelo seu rebanho, a mulher é uma pastora na morada do seu marido e será responsável pelo seu rebanho”.

<Documents\Entrevistada AVÓ3\Entrevistada AVÓ3> - § 1 reference coded [6,14% Coverage]

Reference 1 - 6,14% Coverage

Estamos cá para ajudar ela no que for preciso. Dinheiro nós não tem muito, só para comer, pagar conta e dar um passeio, mas dinheiro não é tudo na vida. È carinho, amor, que faz falta para ela. Ê nós ki ajuda quando ela precisa, por isso é importante dar valor.

<Documents\Entrevistada AVÓ4\Entrevistada AVÓ4> - § 1 reference coded [7,25% Coverage]

Reference 1 - 7,25% Coverage

A nossa família é de Moçambique, portanto de raízes africanas, mais precisamente da zona de Xai-Xai e a antiga Cidade de Lourenço Marques, hoje Maputo. Tipicamente africana, a família está espalhada por este mundo fora, uns em Luxemburgo outros em Espanha, Austrália, Africa do Sul e por aí fora. A família no meu entender, não é mais do que o maior refúgio delas, e que sabem que podem recorrer sempre que queiram ou precisem. O nosso papel é observar e por vezes alertar para alguns desvios, mas nunca interferir directamente.

<Documents\Entrevistada AVÓ5\Entrevistada AVÓ5> - § 3 references coded [15,49% Coverage]

Reference 1 - 5,50% Coverage

Familia ê td ki bu sta hodja! Tudu o dia, un labanta cedu, ba fazi nha cuzas di casa... un tchiga na sê spasmus e amin flau, Maria labanta pa ba trabadja, hoji ka ê dia di missa, bu obi? Dispos, nha pikenos ta bai scola td dia e es ka mesti di discussion pamodi educaçon ê riqueza!

Reference 2 - 4,23% Coverage

Nha confortu ê nha família, nha alegria ê nha bibinhos e amin sta li... pa poi respectu e pa ser respectadu. E un ka mesti flau kel li, pamodi tudu alguem ki ta mora li, na kel kau, sabi ki familia... nu teni so un.

Reference 3 - 5,76% Coverage

Nôs familia é tudu nês mundo! Hora ki bu ta fika sozinhu na mundu mas ninguén ben dabu atençon, un palavra, un carinhu... sta tudo biradu para sês umbigo... homi di hoji sta podri, sta egoista di mas, malvadeza ki k'ta kaba mas... genti ruim! Ma lá fora... é lá fora. Na nês casa, problema ê di nês.

<Documents\Entrevistada AVÓ6\Entrevistada AVÓ6> - § 1 reference coded [4,66% Coverage]

Reference 1 - 4,66% Coverage

Na minha maneira de ver as coisas, família são todas as pessoas que vivem comigo ou que me estão próximas ligadas por laços de sangue, com temos intimidade suficiente para falar de tudo um pouco. A família á a base de uma pessoas, porque é daí que vem os valores culturais, a essência da sua família que contribui para o seu crescimento e formação enquanto pessoa.

<Documents\Entrevistada AVÓ7\Entrevistada AVÓ7> - § 1 reference coded [5,79% Coverage]

Reference 1 - 5,79% Coverage

Bem minha querida, a família é a nossa marca aqui na terra, porque assim nascemos assim morremos e alguma coisa tem de ficar aqui para contar história e que diga aos próximos que estivemos cá. E para isso, tenho cá os meus filhos e agora netos. A nossa função enquanto família é cuidar, estimar, respeitar, mas és tu quem deve ter isso na cabeça mais do que outra pessoa qualquer. Eu já vivi o que tinha para viver, já vi muitas coisas boas e más, que fazem-me recordar o meu país. Agora e tu minha querida? Assim como a minha neta? O que esperam desta vida? Facilidades?

<Documents\Entrevistada AVÓ8\Entrevistada AVÓ8> - § 1 reference coded [6,24% Coverage]

Reference 1 - 6,24% Coverage

Ah filha, essas perguntas?! Família são as pessoas que vivem com a Leida, que são do mesmo sangue, que estão com ela tud hora, que acompanham ela na scola, ki trata dela quando febril ta dixe na corpu. Ela é un bom minina, fastenta por di más, mas un doci di mocinha!

<Documents\Entrevistada NETA1\Entrevistada NETA1> - § 1 reference coded [3,70% Coverage]

Reference 1 - 3,70% Coverage

Família é o grupo com o qual partilhamos diversas características (genéticas e não só), sendo igualmente o grupo que nos ensina a dar os primeiros passos na vida e que simultaneamente ampara (na maioria das vezes) as nossas quedas sempre que necessário. A minha Família é o meu Tudo! Sinto-me mais segura se os tenho por perto e simultaneamente sinto-me mais capacitada senão os tiver sempre por perto, pois de certa forma é um desafio para que seja sempre responsável e para que eles se orgulhem de mim.

<Documents\Entrevistada NETA10\Entrevistada NETA10> - § 1 reference coded [2,55% Coverage]

Reference 1 - 2,55% Coverage

Um conjunto de pessoas constituído por mãe, pai, irmã, irmão, tios, avos, primos, pessoas que entre si partilham laços de sangue. A família assume o importante papel de

apoio, suporte, ajuda a enfrentar problemas e com quem partilhamos momentos que vivemos.

<Documents\Entrevistada NETA2\Entrevistada NETA2> - § 1 reference coded [4,73% Coverage]

Reference 1 - 4,73% Coverage

A meu ver família, são todas as pessoas que partilham vários espaços diferentes mas familiares a todos, experiências, momentos, hábitos... que ultrapassa a questão sanguínea. É um bolo único que depois divide-se em fatias... Quando penso em família vem-me logo à cabeça, tios, primos, avós, toda a gente com quem eu convivo (e portanto, são muitas). Sim... a minha família é aquela tipicamente africana. Para veres a minha avó teve nove filhos e portanto, os tios e tias são muitos e primos então nem se fala. Isto tudo tanto do lado materno como do lado paterno. Depois por outro lado, existe a minha família em tamanho micro, ou seja mãe, pai, irmãos, avós, com quem partilhas tudo e mais alguma coisa, porque são eles quem te amparam nos bons e maus momentos, que te conhecem na tua essência e que estão sempre presentes na tua vida. São o pilar e têm um papel único! Por vezes nem sempre estamos de acordo, mas até isso contribui para o nosso desenvolvimento pessoal.

<Documents\Entrevistada NETA3\Entrevistada NETA3> - § 1 reference coded [2,62% Coverage]

Reference 1 - 2,62% Coverage

Para mim, família é a base onde tudo começa. Sem família... nada feito! Família tem bué importância e influencia-me bastante na minha vida, quer nos bons quer nos maus momentos, porque é nessas alturas que nos apercebemos e vemos o que é importante realmente e é por isso que tento preservá-la. Todos eles enquanto minha família têm um papel de extrema importância porque se cheguei aonde cheguei... se sou o que sou... é graças a eles.

<Documents\Entrevistada NETA4\Entrevistada NETA4> - § 1 reference coded [1,83% Coverage]

Reference 1 - 1,83% Coverage

No meu entender, família é um conjunto de pessoas que fazem parte da nossa vida e partilham connosco as nossas vivências. Tem um papel bastante importante porque é o nosso suporte de vida nos bons e maus momentos. À partida é o nosso porto seguro.

<Documents\Entrevistada NETA5\Entrevistada NETA5> - § 1 reference coded [4,06% Coverage]

Reference 1 - 4,06% Coverage

Bem... Família é aquele grupo de pessoas que eu acho que têm de se respeitar uns aos outros e que estão unidos pelos laços de sangue. São, a meu ver, muito importantes, porque sem eles a minha vida seria completamente diferente, porque somos muito unidos e os meus familiares preocupam-se com tudo aquilo que se passa ao nosso redor que passa por perguntar pela escola, pelo trabalho, se estamos bem.... portanto estão lá para nos ajudar, educar, ouvir, refilar, corrigir, olhar, acompanhar, conviver... são pessoas presentes!

<Documents\Entrevistada NETA6\Entrevistada NETA6> - § 1 reference coded [3,48% Coverage]

Reference 1 - 3,48% Coverage

Para mim família é um conjunto de pessoas unidas por laços de sangue, afectou ou não, que partilham um espaço comum, com quem nem sempre partilhamos as nossas tristezas e alegrias... porque nem sempre temos a família que desejaríamos assim como não podemos escolher os pais que temos. Basicamente é isso né...!? Entretanto acho que no geral, a família deveria ser suporte, o pilar que não nos permite tombar completamente, porque está para nos ajudar, ouvir, acompanhar e educar!

<Documents\Entrevistada NETA7\Entrevistada NETA7> - § 1 reference coded [3,32% Coverage]

Reference 1 - 3,32% Coverage

Ao meu ver, a família é e deve ser o grupo que nos prepara para sermos bons em várias áreas da nossa vida... é o grupo primário e o seu papel é fundamental para o nosso desenvolvimento psicológico, emocional, etc. Por outro lado, é um conjunto de pessoas que tem um vínculo biológico ou não, que habitam numa casa diariamente, partilham

valores e sentimentos... sim, porque numa família partilham-se valores e acima de tudo educação, que é transmitida pelos dois membros mais importantes da casa, mãe e pai.

<Documents\Entrevistada NETA8\Entrevistada NETA8> - § 1 reference coded [3,48% Coverage]

Reference 1 - 3,48% Coverage

Então... é pai, mãe, irmãos... é um conjunto de pessoas que estão juntas, que têm o mesmo sangue! Com eles faço muitas coisas como ficar a tomar conta dos meus primos, de alguns bebés que são meus vizinhos e que nem sempre os pais podem ficar com eles porque vão trabalhar. A minha irmã que é mais velha também toma conta deles quando não está a trabalhar. A minha família é importante para mim. Gosto muito deles e com eles sinto-me bem e sei que me protegem sempre.

<Documents\Entrevistada NETA9\Entrevistada NETA9> - § 1 reference coded [2,39% Coverage]

Reference 1 - 2,39% Coverage

Considero como Família... (esta pergunta é complicada)... talvez pessoas com laços de sangue que podem ou não viver connosco, que estão presentes na nossa educação, acompanham o nosso crescimento, mesmo que por vezes se encontrem distantes fisicamente. Tenho uma família bastante grande, contudo só vivem comigo mais 3 pessoas.

DEFINIÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DE BAIRRO

<Documents\Entrevistada AVÓ1\Entrevistada AVÓ1> - § 2 references coded [11,47% Coverage]

Reference 1 - 10,18% Coverage

Quando vim de Angola para Lisboa vim logo parar a um bairro na Amadora que não tinha metade da dimensão que tem hoje, acho eu. Não sei se se falava em bairro, mas era sim umas zonas mais afastadas de Lisboa, onde as casas eram mais baratas e as condições que tinham davam para viver. Com o passar do tempo e com a vinda de muitos africanos para Lisboa, as casas passaram a ficar todas ocupadas com famílias

grandes, que procuravam melhores condições de vida. Em Angola, as coisas não estavam para brincadeiras e a segurança era muito pouco para quem tinha filhos pequenos para criar. Este bairro onde moramos é um bairro calmo, sossegado, onde também fiz grandes amizades e também onde passo grande parte do tempo. Com a convivência formámos uma grande família, que partilha muito das suas coisas sem pedir nada em troca, que vive os problemas de cada família como se fosse o dela, porque não é fácil viver num sítio onde a pobreza é o teu pano de fundo de todas as manhãs... cada vez mais chegam mais imigrantes vindos de todos os lados, que se instalam aqui porque já têm familiares a viver aqui, porque as poucas casas livres têm uma reanda barata, porque se refugiam aqui para fugir... já que vieram para Lisboa ilegais.

Reference 2 - 1,29% Coverage

Tudo isto acontece neste bairro. Por isso te digo minina, este bairro é o porto seguro de uns, o espaço familiar de outros e o ponto de partida de outros.

<Documents\Entrevistada AVÓ2\Entrevistada AVÓ2> - § 2 references coded [8,87% Coverage]

Reference 1 - 4,96% Coverage

É um bairro como outro qualquer, às vezes calmo outras mais agitado. Tem tudo à mão, mercearia, talho, café, escolas, e só por isso já muito bom... já não tem aquelas barracas que dávam um aspecto feio ao bairro, as pessoas foram para outro sítio melhor e estão a viverem prédios... pronto, o que há é mesmo típico daqui, e se não houvesse não seria nada um bairro. Porque há gente vinda de todo o lado, Cabo Verde, Angola, Guiné-Bissau, Brasil, daqueles países de Leste também...

Reference 2 - 3,91% Coverage

O pessoal com mais dinheiro aluga estas casas ou vende mesmo por pouco dinheiro e depois vão para outras zonas, como Fernão Ferro e Quinta do Conde. Há alguns problemas entre a policia e alguns moradores mais jovens, mas penso que não seja nada de grave... às vezes ficam até mais tarde na rua a conversar e podem fazer mais barulho, que é logo motivo para se chamar a policia

<Documents\Entrevistada AVÓ3\Entrevistada AVÓ3> - § 2 references coded [2,36% Coverage]

Reference 1 - 1,10% Coverage

Amin gosta si. É um kau sossegado pa nu vivi...

Reference 2 - 1,26% Coverage

Alegrias, amizade ... de construir un vida mas ou menos.

<Documents\Entrevistada AVÓ4\Entrevistada AVÓ4> - § 2 references coded [5,66% Coverage]

Reference 1 - 4,32% Coverage

Não tenho muito a dizer, porque só vendo com os próprios olhos para poder perceber. Poderia estar aqui horas a fio para caracterizar este bairro e acho que não terminava. Tem de tudo um pouco pela positiva e pela negativa, mas é um bairro cultural único, de fácil acesso, bem situado e com uma paisagem espectacular.

Reference 2 - 1,34% Coverage

É um espaço de sociabilidades, de interacções de tudo o que possa envolver mais do que uma pessoa.

<Documents\Entrevistada AVÓ5\Entrevistada AVÓ5> - § 1 reference coded [14,92% Coverage]

Reference 1 - 14,92% Coverage

Monti, ê un bairro sossegado. Problemas gravi memu... ê ku policia e mininos ki ta fica na bairro ku cigarro na mon, outros ki bem di fora pa fazi confuson, outros ki ta vendi kel porcarias... ai Deus! Mundo sta perdidu... tantos mininos ta bai di cana e ki ta poi nomi di familia na disgraca, nha Pai! Deus ka podi escrevi sês destinu torno si mê! Nôs ka teni un spasu pa poi nôs bibinhos, crianças ta fica tudo hora na rua ti lua subi, pamodi papá e mamã sta na trabadjo. Mó ki nu fazi enton? Dinheiro ta bem ta bai... Ma pronto... di noti, tiros ta matam di coração, policia ka ten vergonha... Ês parti porta di

rua, ta vira tudu... e gossi un perguntau “pa quê’!?... jovens ta fica mas revoltados, ta fazi mas porcaria ainda... un konbersu un podi leva a bom porto!

<Documents\Entrevistada AVÓ6\Entrevistada AVÓ6> - § 2 references coded [16,08% Coverage]

Reference 1 - 11,32% Coverage

Penso que este bairro cada vez está pior. Há uma mistura de pessoas provenientes de outros países, que vêm para aqui sem o mínimo garantido e depois do que estão à espera. A maior das casas deste bairro são de habitação social, mal cabe lá uma família de 5 pessoas. As pessoas são pobres na sua aparência, têm aspecto a sujo mesmo e não se percebe como é que com tantas instituições de carácter social, ainda não se preocuparam em mudar de cara, de casa, de rumo. È um bairro muito mal falado e a partir de certa hora nem sequer saio de casa para não ser assaltada ou coisa parecida. Só se ouvem histórias de agressões, roubos às pastelarias, assaltos, venda de drogas, porque esta gente não faz nada da vida e muitos nem sequer procuram o que fazer. É uma tristeza. Dizem que agora está mais sossegado, mas eu não vejo nada disso. E a polícia pouco faz, têm medo dos ciganos e tudo.

Reference 2 - 4,76% Coverage

Acho que aqui no bairro aprende-se muitas coisas más pelas circunstâncias em que se vive, os miúdos ficam na rua até tarde, não há ninguém a ver se vão para a escola e a escola se for preciso também nada diz aos pais, estão um pouco ao sabor do vento... acabam por se meter nos maus caminhos e já com catorze e quinze anos já andam nas carrinhas da polícia de intervenção.

<Documents\Entrevistada AVÓ7\Entrevistada AVÓ7> - § 2 references coded [8,41% Coverage]

Reference 1 - 4,92% Coverage

É um bairro como outro qualquer, embora não o considere tão bairro como por exemplo, o bairro da Jamaica fica ali perto do fogueteiro, porque todo ele é feito de prédios inacabados, ainda no seu primeiro estado... tijolos e cimento, as pessoas vivem numa miséria extrema sem água canalizada, sem luz... faz-me muita confusão! Aqui já

é diferente porque as pessoas passam necessidades mas estão camufladas pela aparência das pessoas. Este bairro é simpático pelas pessoas que aqui moram.

Reference 2 - 3,49% Coverage

Os bairros vieram empacotar os imigrantes num canto longe das capitais e as pessoas acabaram por interiorizar isso e ficaram confinadas a estas áreas... tudo se passa ali, trabalho, amizades, namorado, marido, família... fecham-se em si mesmas e esquecem-se que há mais mundo lá fora. O bairro pode ser o espaço que te aprisiona ou que te liberta.

<Documents\Entrevistada AVÓ8\Entrevistada AVÓ8> - § 3 references coded [8,06% Coverage]

Reference 1 - 3,84% Coverage

Amin gosta tcheu di kel kau ki, pamodi du alguém ê simples na sua figura, ka tem kel cena di riqueza spadjadu na corpu e pobreza na spirititu. Pessoas di coração grandi.

Reference 2 - 2,44% Coverage

Bairro é un espelho di nós terra, ma un teni mas segurança e mas condições pa un vivi... mi ku nha família

Reference 3 - 1,77% Coverage

Bairro...espasu di novas oportunidades!... di nova vida pa kem ki bem di fora.

<Documents\Entrevistada NETA1\Entrevistada NETA1> - § 1 reference coded [4,06% Coverage]

Reference 1 - 4,06% Coverage

Há 6 anos que não vivo num bairro contemplado como social,... é um bairro, mas posso caracterizar o nosso bairro como um espaço familiar, uma vez que as pessoas davam-se como se fossem parentes.Havia muita união, o que ainda se pode verificar mesmo com a retirada dos habitantes para zonas afastadas umas das outras, as pessoas continuam a dar-se como família.Os aspectos negativos são os de sempre, todos aqueles inerentes as

populações pobres. A falta de condições gera descontentamento que quando não é bem canalizado pode resultar em macas sérias.

<Documents\Entrevistada NETA10\Entrevistada NETA10> - § 2 references coded [5,50% Coverage]

Reference 1 - 2,95% Coverage

É um bairro caracterizado pela sua diversidade cultural, onde habitam pessoas de várias etnias, que outrora já foi mais calmo, mas que actualmente pode ser considerado um bairro problemático, relacionado com problemas de vandalismo, droga, abandono escolar precoce, gravidez na adolescência, pobreza...

Reference 2 - 2,55% Coverage

É um bairro com uma boa localização, com um bom comércio circundante, boa acessibilidade relativamente a transportes públicos, onde são evidentes moradores de diversos tipos de etnias e culturas bastante distintas. Habito num apartamento com boas condições.

<Documents\Entrevistada NETA2\Entrevistada NETA2> - § 2 references coded [7,81% Coverage]

Reference 1 - 4,96% Coverage

O bairro onde resido, na Arrentela, é um bairro característico porque não é só de habitação social e é composto por uma comunidade heterogénea a nível étnico. Aqui estão representadas várias nacionalidades através dos imigrantes provenientes de Cabo Verde, Angola, Guiné-Bissau, Brasil, China, Países de Leste como também os Ciganos. Não é um bairro fechado geograficamente, o que permite alguma mobilização dos seus moradores, mas que como em todos os bairros apresenta alguns problemas sociais dada à exclusão social e pobreza. Tem os seus aspectos positivos que passam muito pelo convívio, uma boa relação entre a vizinhança, a solidariedade entre a maioria das pessoas... e por outro, a questão dos estupefacientes, mais a venda do que o consumo, a desocupação dos jovens e de adultos por abandono dos estudos e falta de emprego, jovens adolescentes que são mães muito cedo, as famílias compostas por muitos

elementos a viverem em pequenas casas com problemas familiares graves... entre muitas outras coisas.

Reference 2 - 2,85% Coverage

É um bairro que se encontra localizado no cimo de um monte, que desfruta de uma boa paisagem... temos uma vista panorâmica para a Baía do Seixal, Barreiro, Cristo Rei e Lisboa e apresenta alguns espaços verdes de lazer. Tem bons acessos a nível de transportes (autocarros, comboio, barco) e dada à proximidade com o Seixal a população consegue disfrutar de alguns equipamentos sociais. Eu moro no andar que não é de habitação já há vários anos e cada vez mais vejo que as pessoas que ocupam os andares vizinhos pretendem mudar de casa para zonas mais calmas, como Quinta do Conde.

<Documents\Entrevistada NETA3\Entrevistada NETA3> - § 2 references coded
[6,06% Coverage]

Reference 1 - 5,33% Coverage

Para mim é um bairro fixe, mas que tem coisas más como os problemas com a bófia que não são poucos, a falta de espaços verdes para as crianças brincarem e de actividades lúdicas ao fim-de-semana, campos de futebol... sei lá. Depois tem coisas boas como o pessoal aqui do bairro e a convivência. uns sentam-se ali no muro e lá ficam até às tantas a jogar cartas, a jogar futebol e a conversar... isto mais os jovens, os mais velhos ficam no parque a ver os netos, filhos e sobrinhos a brincar. Mas acho que o que marca pela negativa o bairro são os conflitos com a bófia, porque dão a ideia de que são todos uns delinquentes e criminosos que não fazem nada da vida. Chegam aqui e não sabem falar com as pessoas. Muito mau... depois claro, há confusão! Também já tivemos aqui confusões com pessoal de outros bairros, mas isso é mais na altura das festas populares e das férias da escola.

Reference 2 - 0,73% Coverage

É um espaço de viver para uns, de sobreviver para outros, de conviver, de conflitos e confusões, de alegrias e tristeza.

<Documents\Entrevistada NETA4\Entrevistada NETA4> - § 2 references coded
[4,67% Coverage]

Reference 1 - 3,49% Coverage

É um bairro sossegado, com boa vizinhança.... tem transportes e lojas perto de casa e acessíveis a toda a gente! Tem vários aspectos positivos, mas como não poderia deixar de ser, tem outros negativos que dão um aspecto mais sombrio ao bairro. Por vezes dão-se alguns conflitos entre jovens, policia e outros, quando vêem um grupo de jovens há uma tendência para rotulá-los de criminosos, bandidos, ladrões... coisas que não são feitas pelos moradores, mas para os outros.

Reference 2 - 1,18% Coverage

Para além de ser o local onde moro, achoque é um espaço de convivência, seguro e com aspectos muito particulares, nomeadamente em relação à cultura africana.

<Documents\Entrevistada NETA5\Entrevistada NETA5> - § 2 references coded
[9,64% Coverage]

Reference 1 - 6,65% Coverage

O meu bairro fica no Monte de Caparica e tem mais fama do que proveito. Nós até temos um graffiti lá em cima que diz "A pobreza é muita e a fama ainda mais!"... só para veres! Aqui no bairro devia haver uma associação que cativasse as crianças para que estas não fossem para a rua e lá ficassem até às tantas da noite... porque sem essas dinâmicas de grupo, os miúdos estão todos a meter-se na droga e precisam de um espaço jovem para ocuparem os tempos livres. Já existe um lá em cima e é bastante importante, mas não é suficiente para estes bairros todos, porque existe o Bairro Amarelo, o Branco e o Rosa. Eu sou do branco e é lá onde acontece os principais bussiness e moves da droga. Já há miúdos a traficar a e a consumir. Para aí, em 100%, 20% das crianças estão bem e os outros não, há uns que estão na escola, outros não... estão fora a vender e a consumir!

Reference 2 - 2,99% Coverage

Para mim é um espaço de ensino, de aprender como viver! Porque embora o miúdo saiba que tem de ir à escola, ele vai se quiser porque não tem ninguém em casa que diga

"tens de ir", tem de se desenrascar sozinho! Por isso acho que é um espaço de aprendizagem positiva ou negativa, é um espaço de criminalidade e de interajuda. Parece contraditório, e é mesmo, mas é a realidade que se vive.

<Documents\Entrevistada NETA6\Entrevistada NETA6> - § 3 references coded
[13,27% Coverage]

Reference 1 - 6,45% Coverage

Em relação ao antigamente, o bairro está muito melhor, mesmo entre os ciganos e os africanos... havia muitos conflitos e agora já não se vê tanto. Agora está melhor. A maior parte das pessoas vive em prédios de habitação social, que até têm boas condições e as pessoas não sabem estimar, estragam tudo! Não temos espaços verdes nem jardins de infância e ninguém quer saber disso para nada... nem mesmo as instituições locais. Não é um bairro homogêneo em termos de... epah não há so ciganos, só brancos, só africanos... há de tudo... incluindo brasileiros e ucrânianos e a pobreza é visível, quando olhamos para cada pessoa que passa nestas ruas. Temos tudo à mão é verdade e disfrutamos de uma vista mesmo espectacular para Lisboa e para o Cristo Rei. Até porque a Escola Básica Integrada do Monte é das poucas escolas que conheço que têm o privilégio de ter ao seu lado o Tejo e Lisboa.

Reference 2 - 3,32% Coverage

Acho que o bairro ensina-nos a encarregar situações que talvez outras pessoas não estejam habituadas e nem sequer sonham que elas existem. Ficamos mais fortes mentalmente e temos a capacidade de resolvê-las de uma maneira ou de outras... lado bom ou mal, mas resolvê-las... que muito tem a ver com as necessidades que cada morador tem. No bairro existe um maior companheirismo, mais união, onde se pode partilhar mais experiências e conhecemos toda a gente.

Reference 3 - 3,49% Coverage

É também por questões de documentos, que muitos imigrantes vêm morar para aqui porque o bairro também é um espaço de refúgio, porque o SEF não pára aqui... a polícia não consegue entrar aqui no bairro assim à toa... é complicado!Porque nesse aspecto, este bairro torna-se bastante fechado. Mal entra alguém novo, já toda a gente faz saber e

se não é bem-vindo, arranjam maneira de pô-lo fora daqui... há logo clima de desconfiança, porque é de fora e não sabe a que propósito veio.

<Documents\Entrevistada NETA7\Entrevistada NETA7> - § 2 references coded
[5,96% Coverage]

Reference 1 - 4,50% Coverage

É um bairro calmo onde toda a gente se respeita e se dá bem e quando existe sentimento de respeito e de união... quando há um problema com a minha casa, na minha ausência, tenho os meus vizinhos que resolvem as coisas por mim e isso é algo de positivo. Tem bons acessos para todas as zonas, cada vez mais é constituído por uma população jovem que de alguma forma enriquece a nossa paisagem, principalmente ao final do dia quando saem da escola e aos fins-de-semana. É um bairro característico porque se mistura um conjunto de particularidades como as pessoas de várias etnias, crianças, jovens, adultos e idosos, prédios novos com casas de habitação social... tudo numa mesma zona.

Reference 2 - 1,47% Coverage

É um espaço de habitação, de convívio, de aprendizagem... e é da comunidade. Acho que tem a capacidade de agrupar as pessoas pelo lado positivo e não negativo, que afinal está na sua génese... excluir, segregar, afastar!

<Documents\Entrevistada NETA8\Entrevistada NETA8> - § 2 references coded
[9,02% Coverage]

Reference 1 - 4,12% Coverage

Aqui o bairro é fixe. Tenho aqui os meus amigos, gosto das pessoas que estão há minha volta e gosto de estar aqui. Há muitos jovens como eu que deixaram a escola e ficam sentados no muro ou no parque o dia todo, ou a conversar ou a jogar às cartas, aqui não tem muita violência, as pessoas são simpáticas e amigas, as casas são boas e não são muito caras, a minha escola é aqui perto e fica no bairro e na minha turma tenho colegas que são meus vizinhos... sei lá... ah, temos autocarros sempre a passar, temos muitas lojas e cafés... é um sítio bom.

Reference 2 - 4,90% Coverage

Nós que vivemos neste bairro temos sempre aquele orgulho em ser d'Árrentela como também o pessoal da Quinta da Princesa ou da Jamaica também dizem o mesmo. Acho que o bairro é o espaço de grupos de jovens, de convívio... porque acabamos por nos unir em grupinhos e ali criamos as nossas amizades e saímos juntos, e combinamos coisas depois da escola e alguns do trabalho. São grupos diferentes, um pouco divididos pelas idades, mais novos, os mangas... a quem depois também devem respeito por serem mais velhos... há também as jovens com filhos que também se juntam, aqueles que fumam, os que gostam de jogar futebol no ringuito... e é o local onde moramos!

<Documents\Entrevistada NETA9\Entrevistada NETA9> - § 1 reference coded [3,00% Coverage]

Reference 1 - 3,00% Coverage

Bom...tem alguns problemas de violência, drogas, mas eu na verdade nunca presenciei nada, mas oiço histórias...Por vezes tanto de noite como de dia é possível presenciar a vinda de alguns carros de intervenção, pessoas a serem revistas e às vezes até perseguições. Quanto a aspectos positivos...não vejo nada de especial a salientar, não desgosto de morar aqui, está perto de uma marginal linda e até bem localizado.

DINÂMICAS FAMILIARES E CULTURAIS

<Documents\Entrevistada AVÓ1\Entrevistada AVÓ1> - § 2 references coded [5,53% Coverage]

Reference 1 - 2,75% Coverage

Penso que agora o povo tem procurado recuperar os nossos hábitos tradicionais, junto das suas famílias e dos vizinhos mais próximos, porque sente-se essa necessidade de estar mais em contacto, de sentir e ouvir as outras pessoas a falarem, de se comer em grande família, porque a tradição é importante para nos tornarmos pessoas.

Reference 2 - 2,78% Coverage

Nos convívios familiares, os mais velhos utilizam muito o Kimbundu e ela pouco percebe, mas é como eu digo... não saí do ambiente familiar, das quatro paredes da

nossa casa. Mas ela fica satisfeita com isso, porque de alguma forma vai decorando as palavras e também enriquece o seu conhecimento sobre as línguas africanas existentes.

<Documents\Entrevistada AVÓ2\Entrevistada AVÓ2> - § 1 reference coded [2,81% Coverage]

Reference 1 - 2,81% Coverage

Sempre estivemos mais preocupados em passar os valores religiosos e éticos, do que passar a nossa cultura que muito passa pela língua. Por iniciativa própria ela pergunta como se diz algumas coisas e vai apanhando quando estamos nos convívios e em reuniões familiares...

<Documents\Entrevistada AVÓ3\Entrevistada AVÓ3> - § 1 reference coded [3,22% Coverage]

Reference 1 - 3,22% Coverage

Bom comida cachupa, bebida, musica funaná para nu pila, penteados na nós cabelo bedju... nós rituais, nós cânticos, ku familia tudo reunido.

<Documents\Entrevistada AVÓ4\Entrevistada AVÓ4> - § 1 reference coded [1,90% Coverage]

Reference 1 - 1,90% Coverage

Mas em contexto familiar, todos estes hábitos e costumes ficam mais presentes e marcam cada vez mais o dia-a-dia deste pessoal mais novo.

<Documents\Entrevistada AVÓ5\Entrevistada AVÓ5> - § 2 references coded [4,29% Coverage]

Reference 1 - 2,45% Coverage

Na nós festas di bairro bem familia di tudo kau, Cova da Moura, Chelas, Portela, Amadora e ta bai ti manchi ku monti di bebi

Reference 2 - 1,84% Coverage

das, grogue e comida... pamodi manhan bu podi bai pa céu e sentimentu di família morri ku bo!

<Documents\Entrevistada AVÓ6\Entrevistada AVÓ6> - § 1 reference coded [0,84% Coverage]

Reference 1 - 0,84% Coverage

Às vezes, falo um pouco quando realizamos os conselhos familiares.

<Documents\Entrevistada AVÓ7\Entrevistada AVÓ7> - § 1 reference coded [6,99% Coverage]

Reference 1 - 6,99% Coverage

As nossas reuniões familiares são mesmo espaços para se discutir estas falhas (risos), e não só de conviver, comer, dançar como as pessoas podem pensar... é muito mais do que isso, é discutirmos questões actuais do nosso país como foi o caso das eleições em Angola e assuntos daqui, do país que nos acolheu, numa mistura de várias gerações. Por vezes, as amigas da minha neta participam em algumas comemorações, que também são africanas e ela vice-versa e pelo que conta, têm conversas ligadas à questão racial em Portugal, o papel das mulheres negras, a sua situação no trabalho e em casa, e penso que seja importante para ela beber em outras fontes que não passem só pelo seio familiar.

<Documents\Entrevistada AVÓ8\Entrevistada AVÓ8> - § 3 references coded [9,76% Coverage]

Reference 1 - 4,17% Coverage

nu gosta di un bom prato di cachupa, un bom grogue, di badja un funaná rocha bai... tudo na nôs cantu... Natal, Fim d'ano, Fim di semana, ê un motivo pa fazi un almoçarada ti noite cai.

Reference 2 - 1,50% Coverage

nu kanta na noiti di finadu, na velorio, ê un tradiçon religiosa,

Reference 3 - 4,10% Coverage

Hoji saudadis tá bati forti, ma nha vida, nha pensamento propi sta na Portugal, na kel bairro memu, na comunidade... nós ê amigo, vizinho, conhecido, mas nós ê tudo genti di bem.

<Documents\Entrevistada NETA1\Entrevistada NETA1> - § 1 reference coded [1,84% Coverage]

Reference 1 - 1,84% Coverage

As minhas dinâmicas culturais são mais partilhadas com os meus familiares e amigos com os quais me identifico. Por vezes juntamo-nos para recriar um pouco aquele ambiente de confraternização, de convívio, de alegria, de dança... de estarmos juntos.

<Documents\Entrevistada NETA10\Entrevistada NETA10> - § 1 reference coded [3,09% Coverage]

Reference 1 - 3,09% Coverage

Para mim é indiferente, mas basicamente com todas as pessoas com as quais me relaciono, nomeadamente familiares, amigos e colegas mais próximos já numa esfera mais laboral ou se preferires, estudantil e sempre que é possível ou se faz por isso... é tipo quando nos fazemos os momentos para as coisas acontecerem.

<Documents\Entrevistada NETA2\Entrevistada NETA2> - § 1 reference coded [2,81% Coverage]

Reference 1 - 2,81% Coverage

Sempre que criamos momentos de convívio, na minha casa ou em casa dos meus familiares, amigos, no próprio dia-a-dia. Depende sempre de quem está contigo. Com os amigos geralmente tudo se passa num ambiente mais descontraído e mais aberto, com momentos de dança, convívio, partilha de problemas e alegrias, o de simplesmente falar. Na família também assim o é, mas com uma pequena diferença. Estamos todos juntos, numa mistura de pelos menos quatro gerações. e com estas pessoas, com quem partilhamos tudo isto, são simplesmente as pessoas que são importantes na nossa vida.

<Documents\Entrevistada NETA3\Entrevistada NETA3> - § 1 reference coded [4,76% Coverage]

Reference 1 - 4,76% Coverage

É sempre com os meus amigos, aquele grupo mais fechado, os verdadeiros amigos e com a família. Muitas vezes fazemos umas paródias e momentos para conviver em casa uns dos outro ou mesmo na rua onde todos estas cenas que falei estão presentes e não falha... desde a comida tradicional à música, à língua, numa mistura de culturas, porque nem todos são caboverdeanos, tenho amigas angolanas e moçambicanas, mas realmente a maioria é caboverdeana. E por vezes, outras pessoas do bairro chegam e também e estão lá a conviver porque existem sentimentos de solidariedade, de boa vizinhança, onde as pessoas sentem-se bem... livres e bem dispostas como também estão lá nos maus momentos como nos funerais. Muitas vezes vou trançar a amigas minhas e vice-versa e saímos juntas para dar *un pé di badjo*.

<Documents\Entrevistada NETA4\Entrevistada NETA4> - § 1 reference coded [2,53% Coverage]

Reference 1 - 2,53% Coverage

Foi a língua que aprendi desde pequena e abrange não só o meu lar mas como também o meu grupo de pares e no meu local de trabalho. Faz parte do meu dia-a-dia, embora tenha amigos que falam outras línguas dado à nacionalidade de cada um, à influência do grupo de amigos que conseguem modificar a tua maneira de ser, inconscientemente ou não.

<Documents\Entrevistada NETA5\Entrevistada NETA5> - § 1 reference coded [4,16% Coverage]

Reference 1 - 4,16% Coverage

Epah, mas isto também tem a ver com o contexto e com quem estamos. Nós que somos aqui do bairro fazemos algumas distinções, porque se somos só blacks, então é sempre crioulo, se tem outras pessoas aí já é diferente, porque há uns percebem outros não e portanto tem de ser uma linguagem comum a todos. Em casa é exactamente a mesma coisa! Temos uma maneira de estar a vontade, toda a gente dá-se bem e como em todas as casas também discutimos, que também é saudável. As minhas amigas vão lá a casa e aprendem também um pouco da nossa cultura.

<Documents\Entrevistada NETA6\Entrevistada NETA6> - § 1 reference coded [3,24% Coverage]

Reference 1 - 3,24% Coverage

Com a família, todos falam português e alguns dialectos mas é uma escolha deles, eu pessoalmente não sinto a necessidade de falar dialecto porque não me identifico com, tás a ver? Partilhamos umas e outras coisas como estamos em família e as portas da minha casa estão sempre abertas aos meus amigos. Eles, de vez em quando estão presentes nossos convívios e conseguem-se integrar, porque também nós damos esse espaço... o que é importante também!

<Documents\Entrevistada NETA7\Entrevistada NETA7> - § 1 reference coded [3,41% Coverage]

Reference 1 - 3,41% Coverage

Tudo o que faço que esteja relacionado com as minhas origens são sempre feitos em conjunto com a família, porque é com eles e perto deles , que tudo o resto faz sentido, embora por vezes, alguns dos meus amigos também façam parte destes momentos e também faço questão de participar nos deles, porque de certa forma partilhamos uns com os outros, um pouco da nossa cultura africana e todos juntos estão sempre disponíveis para participar em festas culturais e comunitários, convívios musicais dentro e fora do bairro.

<Documents\Entrevistada NETA8\Entrevistada NETA8> - § 1 reference coded [1,81% Coverage]

Reference 1 - 1,81% Coverage

Os meus amigos não são africanos e com eles não há aquelas coisas de ir à minha casa nos dias de festa por exemplo. Costumamos estar juntos é na rua, a brincar e a conversar no muro aqui do bairro ou no jardim... somos mais amigos da escola.

<Documents\Entrevistada NETA9\Entrevistada NETA9> - § 1 reference coded [1,27% Coverage]

Reference 1 - 1,27% Coverage

Relativamente a hábitos familiares tradicionais penso que os pratico mais entre família e amigos mais chegados apenas, dado serem pessoas com as quais estou mais à vontade.

GRUPO DE MULHERES

Documents\Entrevistada AVÓ1\Entrevistada AVÓ1> - § 1 reference coded [0,65% Coverage]

Reference 1 - 0,65% Coverage

Que eu saiba não. Até porque a minha neta ninca me falou sobre esse grupo aí.

<Documents\Entrevistada AVÓ2\Entrevistada AVÓ2> - § 1 reference coded [0,17% Coverage]

Reference 1 - 0,17% Coverage

Penso que não!

<Documents\Entrevistada AVÓ3\Entrevistada AVÓ3> - § 1 reference coded [0,33% Coverage]

Reference 1 - 0,33% Coverage

Un ka sabi.

<Documents\Entrevistada AVÓ4\Entrevistada AVÓ4> - § 1 reference coded [0,45% Coverage]

Reference 1 - 0,45% Coverage

Não, que eu tenha conhecimento.

<Documents\Entrevistada AVÓ5\Entrevistada AVÓ5> - § 1 reference coded [3,54% Coverage]

Reference 1 - 3,54% Coverage

Un ka concheu. Maria sta más tempu na rua ki na casa. Na nôs festas di bairro bem familia di tudo kau, Cova da Moura, Chelas, Portela, Amadora e ta bai ti manchi ku monti di bebi

<Documents\Entrevistada AVÓ6\Entrevistada AVÓ6> - § 1 reference coded [0,33% Coverage]

Reference 1 - 0,33% Coverage

Não tenho conhecimento.

<Documents\Entrevistada AVÓ7\Entrevistada AVÓ7> - § 1 reference coded [3,45% Coverage]

Reference 1 - 3,45% Coverage

No bairro não conheço e ainda não ouvi falar da sua existência. Na minha família, reunimos nós mulheres para falarmos, desabafarmos, chorarmos... tirar tudo cá para fora. Um solteiras, outras casadas, juntas, separadas, com filhos, sem filhos, netas, noras... todas as mulheres da família, naquele dia marcado estão lá para falarmos de nós.

<Documents\Entrevistada AVÓ8\Entrevistada AVÓ8> - § 1 reference coded [0,25% Coverage]

Reference 1 - 0,25% Coverage

Un ka sabi.

<Documents\Entrevistada NETA1\Entrevistada NETA1> - § 1 reference coded [0,96% Coverage]

Reference 1 - 0,96% Coverage

Não existe rigorosamente nada! As jovens que moram onde eu moro actualmente veêm relevância apenas nas saídas à noite (risadas).

<Documents\Entrevistada NETA10\Entrevistada NETA10> - § 1 reference coded [0,25% Coverage]

Reference 1 - 0,25% Coverage

Não tenho conhecimento.

<Documents\Entrevistada NETA2\Entrevistada NETA2> - § 1 reference coded [1,22% Coverage]

Reference 1 - 1,22% Coverage

Sim, penso que um mas de carácter informal. É composto por mulheres entre os 16 e os 28 anos que proporcionam alguns momentos para estarem juntas e falarem de assuntos pessoais, questões do bairro e das famílias e conviver que também é importante.

<Documents\Entrevistada NETA3\Entrevistada NETA3> - § 2 references coded [5,12% Coverage]

Reference 1 - 2,96% Coverage

Não conheço. Quer dizer, havia um, e eu também fazia parte, mas que já há muito tempo que não reúne por falta de disponibilidade e questões também pessoais, umas juntaram-se, tiverma filhos e então tornou-se mais complicado estarmos juntas. Ali falavamos de nós mulheres africanas, das nossas frustrações tás a ver, da nossa situação na sociedade, da nossa vida pessol... de tudo aquilo que tinhas necessidade de discutir ou desafabar... porque era um espaço só nosso, de mulheres do bairro.

Reference 2 - 2,17% Coverage

Sim, porque são poucas as mulheres que se interessam pelas questões sociais que nos tocam a todos para além de que, o machismo é uma cena que está plantada aqui no bairro, transmitida e muito assunida pelos rapazes quer seja no seu dia-a-dia, tipo maneiras de estar e de agir, nos seus relacionamentos amorosos, em casa, com as irmãs mais novas... é complicado.

<Documents\Entrevistada NETA4\Entrevistada NETA4> - § 1 reference coded [1,73% Coverage]

Reference 1 - 1,73% Coverage

Olha se existe algum, desconheço profundamente. Eu acho sinceramente que hoje em dia quase ninguém tem tempo para reunir... quer dizer, nós já fazemos isso informalmente, mas se calhar é tudo falado de uma forma mais banal, creio eu.

<Documents\Entrevistada NETA5\Entrevistada NETA5> - § 1 reference coded [0,16% Coverage]

Reference 1 - 0,16% Coverage

Que eu conheça não.

<Documents\Entrevistada NETA6\Entrevistada NETA6> - § 1 reference coded [0,33% Coverage]

Reference 1 - 0,33% Coverage

Só de mulheres? ... hum... que eu saiba não!

<Documents\Entrevistada NETA7\Entrevistada NETA7> - § 1 reference coded [1,70% Coverage]

Reference 1 - 1,70% Coverage

Na minha família existem grupos de discussão informais, que acho muito positivo e porque revela a forma como cada mulher pesna acerca da sociedade, e qual a influência que recebemos do exterior... é bom ouvir, discutir para partilhar pontos de vista e ideias.

<Documents\Entrevistada NETA8\Entrevistada NETA8> - § 1 reference coded [1,97% Coverage]

Reference 1 - 1,97% Coverage

Existia um na associação, mas entretanto acho que elas já não se reúnem... umas porque trabalham e chegam tarde que é o caso da minha irmã, outras porque têm outros interesses e vejo que só duas ou três estão juntas e ainda discutem algumas coisas ali no parque.

<Documents\Entrevistada NETA9\Entrevistada NETA9> - § 1 reference coded [0,15% Coverage]

Reference 1 - 0,15% Coverage

Não sei de nenhum.

HISTÓRIA, CULTURA E TRADIÇÃO

<Documents\Entrevistada AVÓ1\Entrevistada AVÓ1> - § 1 reference coded [1,75% Coverage]

Reference 1 - 1,75% Coverage

Estar aqui é estar em Luanda! Mantemos os nossos hábitos como se em África estivessemos... a esteira no chão, o milho a assar, umas de lenço, outras desçalcas e juntas, porque é este o nosso estar, a nossa vida.

<Documents\Entrevistada AVÓ2\Entrevistada AVÓ2> - § 1 reference coded [2,26% Coverage]

Reference 1 - 2,26% Coverage

Acho que não porque estamos bem representados, todas as culturas dos Palop estão presentes, mas podia-se criar mais momentos culturais feitos mesmo aqui no bairro, para também despertar nos jovens estes interesses.

<Documents\Entrevistada AVÓ3\Entrevistada AVÓ3> - § 1 reference coded [0,56% Coverage]

Reference 1 - 0,56% Coverage

Nau, nu sta bèn si mê.

<Documents\Entrevistada AVÓ4\Entrevistada AVÓ4> - § 1 reference coded [2,26% Coverage]

Reference 1 - 2,26% Coverage

Por vezes sim porque meia volta esquecemos da importância dos convívios aqui no bairro, sentir o calor humano, a energia que deixam passar... é sempre um inspiração.

<Documents\Entrevistada AVÓ5\Entrevistada AVÓ5> - § 1 reference coded [4,31% Coverage]

Reference 1 - 4,31% Coverage

Na nôs festas di bairro bem familia di tudo kau, Cova da Moura, Chelas, Portela, Amadora e ta bai ti manchi ku monti di bebi Amigas di peto tá vivi tudo na outro kau, uns africanos outros brancos. das, grogue e comida...

<Documents\Entrevistada AVÓ6\Entrevistada AVÓ6> - § 1 reference coded [4,15% Coverage]

Reference 1 - 4,15% Coverage

Eu pessoalmente não tenho essa vontade. Muitas vezes, as festas comunitárias que se organizaram acabaram em confusão, com tiroteio no final e por vezes, somos nós que criamos estes espaços para as coisas acontecerem. È que entretanto, vêm pessoas de outros bairros, é muita confusão junta. Prefiro o bairro mais sossegado.

<Documents\Entrevistada AVÓ7\Entrevistada AVÓ7> - § 1 reference coded [0,62% Coverage]

Reference 1 - 0,62% Coverage

Penso que não. Está bem presente no dia-a-dia deste bairro.

<Documents\Entrevistada AVÓ8\Entrevistada AVÓ8> - § 1 reference coded [1,40% Coverage]

Reference 1 - 1,40% Coverage

Pa kê?! Nua, mo ki sta sta bom. Mas podi straga un bês bai.

<Documents\Entrevistada NETA1\Entrevistada NETA1> - § 1 reference coded [1,97% Coverage]

Reference 1 - 1,97% Coverage

Acho que no BSF não há nada para rescussitar. A história é-nos contada por cada barraca ainda de pé, por cada Dikôta a vender milho numa das esquinas que ainda existe, por cada cabeleireiro que já passou de gerente em gerente e todos têm um pedaço do BSF para elevar.

<Documents\Entrevistada NETA10\Entrevistada NETA10> - § 1 reference coded [2,69% Coverage]

Reference 1 - 2,69% Coverage

Eu penso que a cultura e tradições africanas neste bairro se encontram bastante patentes. Provavelmente o meu contributo passaria por participar activamente nestes momentos

ou interagir mais com estes pequenos grupos que se juntam para manter esta história e cultura viva.

<Documents\Entrevistada NETA2\Entrevistada NETA2> - § 1 reference coded [2,93% Coverage]

Reference 1 - 2,93% Coverage

Acho que esse é um dos aspectos positivos da maioria dos bairros que conheço, uns mais outros menos, mas estão lá. Os moradores não abandonam as suas tradições. Continuam a usar as suas vestes, a cozinhar os seus pratos típicos, a assar maçaroca e carnes na rua, cantar e dançar batuku acompanhados dos seus amigos e familiares. O português pouco se ouve nas suas conversas destacando-se bastante o Crioulo de Cabo Verde e da Guiné-Bissau. Aqui no bairro poderiam ser mais os momentos e espaços disponibilizados para as avós , netas, pais e filhos estarem juntas envolvendo também toda a comunidade.

<Documents\Entrevistada NETA3\Entrevistada NETA3> - § 1 reference coded [3,39% Coverage]

Reference 1 - 3,39% Coverage

Penso que não é necessário porque acho que exactamente este lado positivo que caracteriza e faz viver toda esta comunidade... todo o ambiente caloroso está presente no nosso quotidiano e é nesses momentos de união que esquecemos os problemas do bairro e os de lá de fora... no trabalho. Acho que o que nos falta é saber mais da nossa história, dos nossos líderes negros como Malcolm X, Amílcar Cabral... porque a maioria dos jovens não sabe quem são e o que fizeram pelo nosso povo. E isto não está nos livros, tá ver... na escola onde estão isso não se aprende.

<Documents\Entrevistada NETA4\Entrevistada NETA4> - § 1 reference coded [1,87% Coverage]

Reference 1 - 1,87% Coverage

Não diria ressuscitar mas sim, reaninar... (risos)... quer dizer, anda tudo por lá perto. Às vezes esquecemos que somos um povo alegre, que canta, que fala alto por natureza, que dança... e os problemas muitas vezes são tantos que nos fazem esquecer.

<Documents\Entrevistada NETA5\Entrevistada NETA5> - § 1 reference coded [2,47% Coverage]

Reference 1 - 2,47% Coverage

Acho que ela está bastante visível e nota-se isso, quando por exemplo, alguém morre. Existe aquele hábito de fazer comida para toda a gente e cantam todos aqueles cânticos, vêm pessoas de fora e parece que não é preciso dizer grandes palavras de conforto, porque só a presença de cada pessoa já tem um forte significado.

<Documents\Entrevistada NETA6\Entrevistada NETA6> - § 1 reference coded [4,59% Coverage]

Reference 1 - 4,59% Coverage

Na minha opinião era importante porque às vezes perde-se um bocado pelos problemas que existem aqui no bairro, as pessoas já não fazem aqueles convívios de bairro com toda a gente a comer e a dançar e a falar da vida... isto também porque a vida está mais difícil e os euros também não se multiplicam e as pessoas saem de madrugada para ir trabalhar e só voltam à noite! E não é só um trabalho, porque esse dinheirinho não chega, são dois ou três a fazer limpezas, a cozinhar, passar a ferro... coisas que as nossas mães sabem fazer como ninguém e isto é para mim, é a herança que a minha avó deixou e que tem safado muitas famílias.

<Documents\Entrevistada NETA7\Entrevistada NETA7> - § 1 reference coded [1,75% Coverage]

Reference 1 - 1,75% Coverage

Não sinto essa vontade porque ressuscitar é trazer de volta aquilo que morreu e a história e a cultura nunca morrem, apenas são esquecidas e por isso então diria, que sinto vontade de relembrar e contar às novas gerações porque eles são a continuação da história.

<Documents\Entrevistada NETA8\Entrevistada NETA8> - § 1 reference coded [2,18% Coverage]

Reference 1 - 2,18% Coverage

Acho que podíamos conviver mais e não só com os familiares porque pelo o que eu sei, nós somos uma comunidade africana grande e por isso devíamos realizar mais convívios de bairro, onde crianças, jovens, adultos e os nosso avós pudessem participar e viver uns momentos diferentes e agradáveis.

<Documents\Entrevistada NETA9\Entrevistada NETA9> - § 1 reference coded [2,79% Coverage]

Reference 1 - 2,79% Coverage

Talvez fosse interessante, para saber uma pouco mais. Não creio que a cultura africana esteja morta, pelo contrário, no bairro onde vivo, onde a comunidade africana é bastante notória, ela é bem visível, que mais não seja pela música, pela língua...Mas pode-se sempre fazer mais para dar a conhecer um pouco mais, há muita gente que a menospreza, mesmo sem conhecê-la como deve ser.

IMAGEM SOCIAL DE BAIRRO

<Documents\Entrevistada AVÓ1\Entrevistada AVÓ1> - § 1 reference coded [3,55% Coverage]

Reference 1 - 3,55% Coverage

Gosto de viver aqui, tenho o meu espaço, a minha rotina e acima de tudo, companhia. Nunca estou sozinha... se não estou com a minha família, há sempre uma vizinha que bata à porta para irmos apanhar sol e pôr a conversa em dia. O que os outros dizem deste bairro... se for preciso nunca cá estiveram e só o conhecem por fora tá a ver minina. Não é o mais bonito de se ver ao longe, mas é rico de laços, de pessoas, de sentimentos...

<Documents\Entrevistada AVÓ2\Entrevistada AVÓ2> - § 1 reference coded [3,19% Coverage]

Reference 1 - 3,19% Coverage

Há alguns problemas entre a polícia e alguns moradores mais jovens, mas penso que não seja nada de grave... às vezes ficam até mais tarde na rua a conversar e podem fazer mais barulho, que é logo motivo para se chamar a polícia. Mas no geral tem uma boa vizinhança, não há assaltos e crimes assim do nada.

<Documents\Entrevistada AVÓ3\Entrevistada AVÓ3> - § 1 reference coded [2,15% Coverage]

Reference 1 - 2,15% Coverage

Parece ki meia volta ta parci na jornal, pamodi problemas ku policia, ma amin ka odja nada.

<Documents\Entrevistada AVÓ4\Entrevistada AVÓ4> - § 1 reference coded [3,12% Coverage]

Reference 1 - 3,12% Coverage

Viver aqui é saudável, agradável, conseguimos desfrutar de alguns equipamentos e espaços públicos, que nos fazem criar uma imagem positiva do bairro mesmo com os problemas todos que carrega consigo juntamente com os moradores.

<Documents\Entrevistada AVÓ5\Entrevistada AVÓ5> - § 1 reference coded [1,88% Coverage]

Reference 1 - 1,88% Coverage

ê nha bairro, nha casa, nha comunidade... nu sobrevivi mó ki no podi, na pobreza, na violência...

<Documents\Entrevistada AVÓ6\Entrevistada AVÓ6> - § 1 reference coded [3,97% Coverage]

Reference 1 - 3,97% Coverage

Não tenho mesmo uma boa imagem, é mesmo um ambiente de bairro, tudo muito fechado sobre si mesmo, quase que ninguém sai e ninguém entra. Vivo aqui porque já aqui a uma série de anos e portanto, já a caminho da velhice aguda não vou a mais lado nenhum. Não quero dizer que gosto nem desgosto... é o que se tem.

<Documents\Entrevistada AVÓ7\Entrevistada AVÓ7> - § 1 reference coded [4,15% Coverage]

Reference 1 - 4,15% Coverage

Eu pessoalmente tenho uma imagem positiva deste embora saiba perfeitamente que os outros não. Porque acabamos todos por ser simpaticamente excluídos, por vivermos num bairro ou num ghetto como também já ouvi falar. Independentemente do que dizem e escrevem, eu moro aqui já há algum tempo, tenho casa própria e de modo algum escondo a minha morada, se não me sentisse bem já cá não estava certo?! (risos).

<Documents\Entrevistada AVÓ8\Entrevistada AVÓ8> - § 1 reference coded [5,57% Coverage]

Reference 1 - 5,57% Coverage

Nu teni un espasu pa un konbersu sabi baixo sombra, transporti tudo hora ta bai ta ben, zona calmo... tranquilidadi, ar puro, ma dificuldades... pobreza... desemprego...mata cabeça dim homi grandi. Trabadjo sta mau, vida sta caro, comida, agua, luz...

<Documents\Entrevistada NETA1\Entrevistada NETA1> - § 3 references coded [4,10% Coverage]

Reference 1 - 0,51% Coverage

Muito semelhante aos bairros existentes em Luanda.Sentia-me em casa!

Reference 2 - 1,95% Coverage

É um espaço pensado para afastar um grupo específico (seja africano, seja cigano,etc) da sociedade por excelência.Todavia são as dinâmicas unificadoras(nem sempre, claro)que são estabelecidas nos bairros que hão-de destruir o arame farpado invisível que nos divide.

Reference 3 - 1,64% Coverage

Não difere muito das outras zonas habitacionais.Há problemas, há alegrias, mas deve haver mais alegria de que nas restantes (risadas). O sítio onde moro agora é indescritível, não sendo bairro, também não é mais nada (risada)

<Documents\Entrevistada NETA10\Entrevistada NETA10> - § 2 references coded [4,37% Coverage]

Reference 1 - 2,07% Coverage

Como em todos os locais, este bairro tem aspectos positivos como negativos, penso que a sua diversidade cultural é um aspecto positivo, mas enquanto moradora alguns itens que previamente referi desagradam-me.

Reference 2 - 2,30% Coverage

Deve ser espaço de comunicação, onde se podem formar potencialmente os nossos grupos de pares, papel de educação...já que tudo acontece em torno dos grupos de pares. É neste aspecto que o bairro deve intervir como ponto de referência!

<Documents\Entrevistada NETA2\Entrevistada NETA2> - § 3 references coded [8,20% Coverage]

Reference 1 - 2,20% Coverage

Tenho uma boa imagem deste bairro, porque sinto-me segura aqui. Porque foi aqui que cresci e convivi e fiz as minhas amizades. Sou conhecedora de todos os cantos e becos deste bairro quase como me conheço a mim e sei que comparado com outros bairros, este não é dos piores (lol). Para quem não vive ou nunca viveu num bairro é complicado perceber este sentimento de pertença... Teu uma má fama para aqueles que estão de fora, mas eu não o vejo assim

Reference 2 - 2,06% Coverage

Vivo aqui desde pequena e na altura não havia nem um terço das habitações existentes. Na altura não era um bairro, mas com o fluxo das imigrações nos anos 80, os imigrantes começaram a vir para a Margem Sul do Tejo à procura de melhores condições de vida e de rendas mais baratas. Gosto muito de vir aqui mesmo, onde vivo, por todas as especificidades que o bairro tem... desde os amigos, ao ambiente, ao dia-adia....! ¶

Reference 3 - 3,94% Coverage

Para mim, hoje o bairro é um espaço de habitação, de comunicação, de partilha de vivências entre todos os moradores desta comunidade. Porque independentemente da sua nacionalidade, a maioria trabalha fora do bairro... muitos deles em Lisboa, com o

objectivo de trazer dinheiro para casa para sustentar uma família, muitas vezes dirigidas pelas mulheres (mães e avós). Os laços de amizade e as ligações entre as pessoas são bastante visíveis na forma como se falam, riem, choram... no entanto, tudo isto se passa dentro do bairro. Para fora, são poucos aqueles que conseguem uma maior mobilidade que não passe pelo trabalho... principalmente nós jovens! Muitos nunca saíram do bairro por falta de recursos, por falta de ligação com o outro mundo... porque é isto que somos enquanto bairro... um outro mundo!

<Documents\Entrevistada NETA3\Entrevistada NETA3> - § 1 reference coded [3,74% Coverage]

Reference 1 - 3,74% Coverage

Tenho uma boa imagem. Gosto de viver aqui e de cá estar porque apesar de tudo é um sítio agradável, tem bons acessos em relação aos transportes... sei lá... é acolhedor, embora quando digo que morro na Arrentela, as pessoas olham-me de lado, porque este bairro tem muita fama e pouco proveito. Já se deram episódios gravíssimos a alguns anos atrás, para não se vê assim a olho nu, nem consumos. E depois, mal nasci vim logo para aqui, já estou habituada ao ambiente e às movimentações do pessoal. Sinto-me em casa! Não tenho problemas com o pessoal e nem tenho medo de andar sozinha! Pensam que isto é um o texas, mas não é!

<Documents\Entrevistada NETA4\Entrevistada NETA4> - § 1 reference coded [4,60% Coverage]

Reference 1 - 4,60% Coverage

Não é muito parecido aos outros bairros, porque este fica num monte e é um bairro, que a meu ver, não é um bairro social porque tem um mix de habitações diferentes, de condições de vida também diversas assim como a pobreza não é tão visível a olho nu. Com isto tudo quero eu dizer que não é um bairro de todo fechado para si, comparado com o bairro da Quinta da Princesa percebes? Mas não de gosto dele por isso, gosto deste bairro assim como é e como moradora sinto-me segura e saber que vou voltar para o meu espaço quando estou a regressar do meu trabalho.. é como dizer finalmente de volta ao meu espaço e ao meu mundo

<Documents\Entrevistada NETA5\Entrevistada NETA5> - § 2 references coded [9,08% Coverage]

Reference 1 - 3,78% Coverage

Apesar de tudo isto tenho uma imagem positiva porque não há tantos conflitos como antigamente que se ouvia tiroteios e confusões entre pessoas dos moves... a maior parte dos pais levantam-se cedo e lá para 5 horas da manhã já estão na rua para ir trabalhar e os filhos ficam em casa e sabem que às tantas horas têm de ir à escola e depois quando chegarem, vão buscar o mais novo na creche ou em casa do vizinho e tomar conta dele e do irmão... os filhos têm mesmo de se educar sozinhos.

Reference 2 - 5,30% Coverage

Não é um mau sítio para se morar, mas acho que a Câmara Municipal de Almada podia criar mais espaços verdes, limpar as ruas e também falta um pouco de civismo das pessoas que vivem aqui, porque parece que não são civilizados, que não têm ocupação e muito menos educação. Vê-se tudo partido e acabado, velho, os parques infantis parecem cemitérios e isto é um empurrão para que os mais novos entrem por outros caminhos. Aqui temos tudo ao pé, lojas, minipreços, farmácia, multibanco, transportes mas parece que está tudo muito perto de mais, muito amontoado... não deixa de ser bom para nós, mas não sei. A minha casa é um andar com um pouco de humidade e que poderia ter melhores condições.

<Documents\Entrevistada NETA6\Entrevistada NETA6> - § 1 reference coded [2,42% Coverage]

Reference 1 - 2,42% Coverage

Tenho uma boa imagem, porque toda a gente se conhece... é o bairrismo não sei... aqui sinto-me bem e também segura e as pessoas são simpáticas e amáveis, ninguém corre para os carros por causa das confusões... porque era assim que nós vivíamos há uns anos atrás... com medo de balas perdidas, que um dos nossos familiares fosse preso.

<Documents\Entrevistada NETA7\Entrevistada NETA7> - § 1 reference coded [2,86% Coverage]

Reference 1 - 2,86% Coverage

Tenho uma boa imagem porque já conheço este bairro de pernas para o ar e há coisas com as quais nos habituamos com alguma facilidade ou não o vemos com os mesmos olhos que outra pessoa qualquer que apareça por aí do nada. É um bairro com vários problemas sociais que afectam directamente esta comunidade e como tal não podia de ser, muitas vezes dá uma imagem menos boa do bairro, fortemente influenciado pelos meios de comunicação.

<Documents\Entrevistada NETA8\Entrevistada NETA8> - § 2 references coded [5,35% Coverage]

Reference 1 - 3,93% Coverage

Acho que é uma boa imagem. Dou-me bem com os meus vizinhos e a minha melhor amiga é minha vizinha. Os meus vizinhos não são muito barulhentos nem nada disso... são até calminhos. São pessoas fixes. Às vezes uso dizer que houve confusão lá em baixo perto do café com a bófia, mas também não saiu para ver o que está a acontecer, mas depois o pessoal fala. Não sei quem tem razão, mas não deixa de ser mau porque depois as pessoas, mesmo à noite, vão à janela para ver o que se passa e dá uma má imagem da vizinhança e do bairro!

Reference 2 - 1,42% Coverage

Vivo aqui porque os meus pais quiseram vir para aqui e também porque as irmãs da minha mãe já viviam cá há uns bons anos. Assim ficamos mais perto da família... é aquela protecção familiar.

<Documents\Entrevistada NETA9\Entrevistada NETA9> - § 1 reference coded [1,62% Coverage]

Reference 1 - 1,62% Coverage

Não tenho uma imagem má, mas como expliquei anteriormente tenho a sensação que este bairro tem muita fama, muitos conhecem de nome e não pela positiva. Na verdade desde os tempos da faculdade que não passo muito tempo aqui...

INTEGRAÇÃO

<Documents\Entrevistada AVÓ1\Entrevistada AVÓ1> - § 1 reference coded [2,16% Coverage]

Reference 1 - 2,16% Coverage

Com a convivência formámos uma grande família, que partilha muito das suas coisas sem pedir nada em troca, que vive os problemas de cada família como se fosse o dela, porque não é fácil viver num sítio onde a pobreza é o teu pano de fundo de todas as manhãs...

<Documents\Entrevistada AVÓ2\Entrevistada AVÓ2> - § 1 reference coded [0,75% Coverage]

Reference 1 - 0,75% Coverage

e vivemos todos em comunidade, capazes de estender a mão a quem precisa.

<Documents\Entrevistada AVÓ3\Entrevistada AVÓ3> - § 2 references coded [3,57% Coverage]

Reference 1 - 1,17% Coverage

Amin gosta pamodi un vivi tempu e tempu na bairro.

Reference 2 - 2,40% Coverage

Aiam, tudu genti conheci a velha e o carinho é importanti par un velha como eu, mas di forças grandi.

<Documents\Entrevistada AVÓ4\Entrevistada AVÓ4> - § 1 reference coded [4,70% Coverage]

Reference 1 - 4,70% Coverage

Sinto que pertenço a esta comunidade, a este grupo de moradores, porque procuramos em conjunto estimá-lo e recuperá-lo nas nossas pequenas acções do dia-a-dia. E só é possível porque as pessoas estão disponíveis para os outros, receptivos a cumprimentar os vizinhos do lado e logo de manhã, quando se encontram na paragem para irem trabalhar.

<Documents\Entrevistada AVÓ5\Entrevistada AVÓ5> - § 2 references coded [9,14% Coverage]

Reference 1 - 6,65% Coverage

Nha Maria sabi ki Portugal ê mas un terra na sê vida... pamodi el nasci e cria nês kau mas hora ki povo português fazi revolution, ondi ki nu ata bai?!Nha Maria ta passa por português?! Nau nau, ês ta mandau nos tudu di volta pa nês terra, pamodi nos côr li si sim ta grita em primeru lugar, memu ku studos, ku documentu amarelo, ku tudo.

Reference 2 - 2,49% Coverage

Ma min sta habituado a kel li... ê nha bairro, nha casa, nha comunidade... nu sobrevivi mó ki no podi, na pobreza, na violência...

<Documents\Entrevistada AVÓ6\Entrevistada AVÓ6> - § 2 references coded [3,35% Coverage]

Reference 1 - 0,74% Coverage

Não quero dizer que gosto nem desgosto... é o que se tem.

Reference 2 - 2,61% Coverage

Não me sinto como um elemento da comunidade porque não convivo com as pessoas daqui... cumprimento no máximo os meus vizinhos do prédio e algumas pessoas que são minhas amigas. Passo o tempo mais em casa.

<Documents\Entrevistada AVÓ7\Entrevistada AVÓ7> - § 1 reference coded [0,93% Coverage]

Reference 1 - 0,93% Coverage

Sim, é verdade. Já ao tempo que aqui estou e conheço toda a gente. Somos uma grande família.

<Documents\Entrevistada AVÓ8\Entrevistada AVÓ8> - § 1 reference coded [2,65% Coverage]

Reference 1 - 2,65% Coverage

Hoji saudadis tá bati forti, ma nha vida, nha pensamento propi sta na Portugal, na kel bairro memu, na comunidade...

<Documents\Entrevistada NETA1\Entrevistada NETA1> - § 1 reference coded [1,12% Coverage]

Reference 1 - 1,12% Coverage

Sim, uma vez que as necessidades, os objectivos, os problemas e as características físicas e emocionais dos habitantes do mesmo são basicamente as mesmas.

<Documents\Entrevistada NETA10\Entrevistada NETA10> - § 2 references coded [2,43% Coverage]

Reference 1 - 1,58% Coverage

Vivo aqui porque os meus pais vieram para cá morar, por dificuldades económicas, e os preços das habitações eram mais acessíveis. Mas não desgosto de cá viver.

Reference 2 - 0,85% Coverage

Não, não me sinto como um elemento da comunidade, de todo, embora resida num bairro.

<Documents\Entrevistada NETA2\Entrevistada NETA2> - § 1 reference coded [1,48% Coverage]

Reference 1 - 1,48% Coverage

Sim porque para mim, o bairro não é um dormitório. É onde passo o meu tempo livre, onde partilho muito do meu tempo com os amigos. Tanto aquilo que acontece de bom ou de mau tem reflexos na minha maneira de estar. Por vezes vivem-se situações preocupantes que me fazem reflectir e procurar soluções.

<Documents\Entrevistada NETA3\Entrevistada NETA3> - § 2 references coded [2,02% Coverage]

Reference 1 - 1,59% Coverage

e que se temos o comportamento que temos é porque somos obrigados a ser assim. Vêm-nos como marginais e que chegamos aqui para fazer porcaria e como não nos dão oportunidades porque somos pretos... é como se diz... "para vestir limpo temos que usar dinheiro sujo".

Reference 2 - 0,43% Coverage

A segunda é o português por uma questão de necessidade, de integração!

<Documents\Entrevistada NETA4\Entrevistada NETA4> - § 1 reference coded [2,82% Coverage]

Reference 1 - 2,82% Coverage

Acredito que sim porque se formos a ver, somos uma comunidade que vive num mesmo local de certa forma estigmatizado. Portanto, todos os problemas ou situações que ocorrem cá dentro afectam todos nós positiva ou negativamente. E há uma imagem a defender e preserva-se um sentimento bairrista, de pertença que procuramos exteriorizar junto de outras pessoas de outros bairros ou não.

<Documents\Entrevistada NETA5\Entrevistada NETA5> - § 1 reference coded [3,88% Coverage]

Reference 1 - 3,88% Coverage

Sim, pertenço a esta comunidade porque quando eu nasci, os meus pais já viviam cá e é um estilo de vida diferente, não é como a vida dos riquinhos de Cascais. Aqui vive-se os problemas uns dos outros, crescemos uns com os outros e é fixe, existe um sentimento de amizade, de partilha, de companhia e acima de tudo de solidariedade, embora não seja tudo cor-de-rosa... porque inveja e falar de mais, mata! Vive-se um ambiente agradável embora não seja uma regra, que depende mais das noites do que dos dias.

<Documents\Entrevistada NETA6\Entrevistada NETA6> - § 1 reference coded [3,61% Coverage]

Reference 1 - 3,61% Coverage

Claro, afinal é aqui que eu vivo e há uma amizade diferente, damo-nos com as pessoas, há uma interajuda... porque não quer dizer que todos os que vivem no bairro são

criminosos ou conflituosos. Também há! É verdade! Mas não dá para generalizar. Não tenho quaisquer problemas em dizer que moro no Monte da Caparica, porque sou uma pessoa como outra qualquer, com educação e estudos. Por exemplo, o meu namorado vive em Vialonga e lá na zona dele ninguém se conhece, as pessoas não se cumprimentam.

**<Documents\Entrevistada NETA7\Entrevistada NETA7> - § 2 references coded
[1,78% Coverage]**

Reference 1 - 0,85% Coverage

Vivo aqui porque os meus pais assim o quiseram e não desgosto de cá morar. Já tenho o meu grupo de amigos, a minha vida organizada

Reference 2 - 0,92% Coverage

Sim, morar num bairro faz-me sentir parte de uma comunidade porque partilhamos o mesmo espaço, vivemos situações e experiências parecidas.

**<Documents\Entrevistada NETA8\Entrevistada NETA8> - § 3 references coded
[7,54% Coverage]**

Reference 1 - 2,77% Coverage

Nós que vivemos neste bairro temos sempre aquele orgulho em ser d'Árrentela como também o pessoal da Quinta da Princesa ou da Jamaica também dizem o mesmo. Acho que o bairro é o espaço de grupos de jovens, de convívio... porque acabamos por nos unir em grupinhos e ali criamos as nossas amizades e saímos juntos, e combinamos coisas depois da escola e alguns do trabalho.

Reference 2 - 1,12% Coverage

Sim era o que eu estava a dizer. Sinto que pertença a esta comunidade e mais do que isso, ao meu grupo de amigos com quem partilho muito do meu tempo.

Reference 3 - 3,66% Coverage

Vivo num prédio, num andar que tem uma boa vista, é espaçoso e sinto-me bem lá. A minha casa está sempre cheia de pessoas ao fim-de-semana. Quando cheguei de Cabo Verde tinha a sensação de que o bairro era enorme...(riso), mas agora até parece pequeno porque cada vez mais chega pessoas de fora, de Cabo Verde, da Guiné, do Brasil também! É um bairro acolhedor, porque as pessoas chegam e são bem recebidas... e isso vê-se porque as pessoas ficam e passado um tempo, chegam mais familiares.

<Documents\Entrevistada NETA9\Entrevistada NETA9> - § 3 references coded [5,04% Coverage]

Reference 1 - 2,01% Coverage

Nasci aqui, cresci aqui e não o vejo exactamente como um bairro social. Bom...se é um bairro social, não desgosto de cá viver. Tem o que preciso perto, transportes à porta de casa, não é muito barulhento à noite e não tenho um especial medo ao sair de casa de noite ou de dia.

Reference 2 - 1,67% Coverage

Bom...mais ou menos...às vezes sim, outras não de todo, passo grande parte do meu tempo fora da área da minha casa...mas digo sem problemas nenhuns onde moro, bairro por vezes com alguma fama e acho que desmistifico algumas opiniões

Reference 3 - 1,36% Coverage

Não sei exactamente como descrever...existem várias comunidades existentes, talvez isso leve a uma quase que obrigatória tolerância entre as diversas comunidades, com um bom relacionamento.

INTERESSES E PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA

<Documents\Entrevistada AVÓ1\Entrevistada AVÓ1> - § 1 reference coded [3,70% Coverage]

Reference 1 - 3,70% Coverage

Ela é toda virada para essas coisas... e ela fazia parte de uma associação qualquer por estas bandas, mas ultimamente nem tem comentado nada sobre isso. Parece-me muito pouco motivada. Não sei o que se passou. Ela tem muitos amigos que vivem em outros bairros e pelas conversas que tem comigo, acho que procuram ajudar as pessoas, as crianças e os jovens também, a terem um rumo na vida, a tratarem dos documentos, a irem para a escola... por aí.

<Documents\Entrevistada AVÓ2\Entrevistada AVÓ2> - § 2 references coded [1,76% Coverage]

Reference 1 - 0,74% Coverage

Eu gosto de estar informada sobre tudo o que se passa à minha volta.

Reference 2 - 1,01% Coverage

Que eu saiba, não participa. O porquê não sei... falta de tempo? Não está para ali virada? Não sei!

<Documents\Entrevistada AVÓ3\Entrevistada AVÓ3> - § 2 references coded [5,09% Coverage]

Reference 1 - 2,40% Coverage

Nha vida sata kaba faxi... por isso, nha tristeza bati na peto ku miseria dês mundo e na bairro existi.

Reference 2 - 2,68% Coverage

Un ka sabi si ta bai ou nau, ma acho que sim... é importante pa ser um mudjer di sabedoria, di conhecimentos di fora.

<Documents\Entrevistada AVÓ4\Entrevistada AVÓ4> - § 2 references coded [3,76% Coverage]

Reference 1 - 1,30% Coverage

Sim os problemas desta comunidade fechem comigo profundamente, porque também faço parte dela.

Reference 2 - 2,46% Coverage

Que eu saiba não e nunca manifestou interesse em participar. Até podia ser uma boa estratégia para perceber melhor o que faz e o porquê!... e o que está para além deste bairro.

<Documents\Entrevistada AVÓ5\Entrevistada AVÓ5> - § 1 reference coded [2,04% Coverage]

Reference 1 - 2,04% Coverage

Nau, Maria ka tem tempu pa isso. Un dia... ku vontadi e empenho!Novas amizades, ê un trabdjo di valor!

<Documents\Entrevistada AVÓ6\Entrevistada AVÓ6> - § 2 references coded [9,89% Coverage]

Reference 1 - 2,88% Coverage

Acho que sou mais uma observadora e que consigo ver as coisas como são e como acontecem e daí tirar as minhas conclusões, mas não as comento com qualquer pessoa, porque aqui conta-se uma linha, entretanto já é um parágrafo.

Reference 2 - 7,01% Coverage

Não, que eu saiba pelo menos. Também para ela estar envolvida nessas coisas, é preciso ter tempo e aquela dedicação e para o futuro dela, não sei. Estar só a trabalhar nessas áreas, então é muito difícil, porque nem sequer pagam bem às pessoas. Admiro aquelas que lá estão por amor à causa. Talvez uma associação ou um centro social trouxesse mais segurança aos moradores, que pudessem ter os miúdos entretidos. Já houve vários espaços para jovens mas acabaram todos vandalizados e apenas ficou um no Bairro Amarelo... mas aqui para baixo, esquece!

<Documents\Entrevistada AVÓ7\Entrevistada AVÓ7> - § 3 references coded [4,64% Coverage]

Reference 1 - 1,93% Coverage

Sim procuro saber mais alguma coisa que saía fora do quotidiano, porque entretanto as notícias se espalham. Mas para além disso sou uma boa observadora que também não tem muito para fazer.

Reference 2 - 1,47% Coverage

Sim a miúda participa sempre que tem tempo, está integrada nas actividades da associação de jovens aqui do bairro e ajuda a fazê-las acontecer.

Reference 3 - 1,24% Coverage

Acredito que levará a mais contactos informais, mais partilha de experiências e novos contactos com outras organizações.

<Documents\Entrevistada AVÓ8\Entrevistada AVÓ8> - § 2 references coded [3,87% Coverage]

Reference 1 - 1,84% Coverage

Aiam, modi ki kuza sta, nu teni ki manti olho aberto. Problemas ê di nós tudu.

Reference 2 - 2,03% Coverage

Nha moçinha badja na grupo di dansa di associação e ba sempre pa actividades di verão.

<Documents\Entrevistada NETA1\Entrevistada NETA1> - § 2 references coded [2,18% Coverage]

Reference 1 - 0,99% Coverage

Claro! Embora estejam a demoli-lo aos poucos, ainda existem muitos sobreviventes e tudo o que se passa com eles, interessa-me,e muito!

Reference 2 - 1,19% Coverage

Sim participo, mas não tanto como queria. Sou voluntária em algumas associações culturais. Assim apoio quando posso, mas a bem da verdade, podia fazer muito mais.

<Documents\Entrevistada NETA10\Entrevistada NETA10> - § 2 references coded
[7,09% Coverage]

Reference 1 - 3,97% Coverage

Infelizmente não muito, porque não passo muito tempo nele, e quando estou no bairro costumo estar dentro de casa. Existem questões importantes que deveriam ser trabalhadas não só pelos moradores deste bairro como por instituições locais. Culturalmente é rico pela diversidade de culturas e hábitos, mas que por vezes não é reconhecido pelos outros de fora como um aspecto importante e caracterizador.

Reference 2 - 3,12% Coverage

Gostaria de participar e de me envolver em associações e movimentos, mas nunca o fiz porque... não é justificação, mas talvez falta de tempo e por ter outras prioridades. Portanto, desconheço o que se passa no mundo associativo, embora considere que é importante e que o seu papel num bairro pode fazer a diferença.

<Documents\Entrevistada NETA2\Entrevistada NETA2> - § 2 references coded
[3,97% Coverage]

Reference 1 - 1,85% Coverage

Sim claro. É aqui que eu vivo e se não me interessa-se pelas questões sociais, então este bairro não teria muito significado para mim. É aqui que o meu irmão vai crescer e portanto, se não começarmos a preocupar-nos em resolver os problemas que aqui existem, largando um pouco o individualismo e o egocentrismo, então as coisas vão piorando e então ai, isto vai virar um caos.

Reference 2 - 2,12% Coverage

Sim participo activamente, embora neste momento esteja a desenvolver apenas uma acção específica a quem deido muito tempo. Por outro lado, procuro estar atenta aos acontecimentos actuais ligados a questão social dos imigrantes porque só assim conseguirei dar um bom contributo a todos aqueles que precisam. Acho que sinto-me mais valorizada a nível pessoal... é bastante gratificante todo o trabalho que se faz com esta comunidade.

<Documents\Entrevistada NETA3\Entrevistada NETA3> - § 3 references coded
[4,97% Coverage]

Reference 1 - 2,73% Coverage

Sim, afinal eu vivo neste bairro e tudo o que acontece por cá toca-me e faz-me pensar. Procuro estar sempre informada sobre o que se passa ao meu redor embora o que me preocupe mais são as questões ligadas à falta de segurança para as crianças e o abuso policial. Não é a toa que escrevam em várias paredes policia igual a skinheads. Porque o que se vivo nos bairros só quem lá está é que sabe, é que sente na pele, é que chora, que perde, que sobrevive.

Reference 2 - 1,57% Coverage

Actualmente não participo, mas já estive envolvida em actividades de bairro e já fui sócia da associação aqui do bairro, a Khapaz. Ajudava naquilo que podia e participei em actividades que pensámos e na organização de convívios culturais com outras raparigas.

Reference 3 - 0,67% Coverage

Fizeram-me crescer enquanto pessoa e é sempre bom ajudar os mais novos e ajudá-los a encontrar um outro caminho.

<Documents\Entrevistada NETA4\Entrevistada NETA4> - § 2 references coded
[2,54% Coverage]

Reference 1 - 2,30% Coverage

Sim interesse-me, porque... a maioria das pessoas que vivem no bairro são pessoas com dificuldades financeiras e grande parte dos moradores são pessoas que acabamos por conhecer no dia-a-dia e com o passar dos anos. Ninguém consegue ficar indiferente com a infelicidade e pouca sorte do vizinho... acho eu!

Reference 2 - 0,24% Coverage

Não, nunca tive esse interesse.

<Documents\Entrevistada NETA5\Entrevistada NETA5> - § 3 references coded
[7,93% Coverage]

Reference 1 - 1,27% Coverage

Sim muito, porque vejo que o meu bairro esta com poucas condições e sozinha não consigo e que muito passa por intervir no percurso sócio educativo destas crianças.

Reference 2 - 6,66% Coverage

Não participo, mas não é porque não tenha interesse é mais porque ainda não encontrei nenhuma associação que me interessasse e que realmente estivesse virada para estas questões sociais. Acho que acima de tudo consegues entrar no mundo institucional e daí já é um passo para construíres o teu caminho. É óbvio que a partir desse momento, nem tudo correrá como queremos e as instituições vão querer mandar e decidir muita coisa porque as associações de bairro, geralmente são erguidas pelo pessoal de bairro, e então... parece que todos somos uns burros e que não temos nada a dizer sobre o nosso bairro, sobre aquilo que precisamos, sobre os nossos problemas que vivemos todos os dias.

<Documents\Entrevistada NETA6\Entrevistada NETA6> - § 2 references coded
[11,29% Coverage]

Reference 1 - 5,12% Coverage

Sim interesse-me... afinal é o sítio onde moro desde pequena e se é importante para o bairro é importante para mim. Por exemplo, há uma coisa que faz-me imensa confusão, tudo aqui à nossa volta no bairro tem aspecto sujo e degradado e está mesmo tudo estragado e não achas que a CMA podia limpar as ruas com mais frequência, porque também é verdade que as pessoas não valorizam. Estamos aqui metidos no bairro, por isso deixa lá! E não é assim... epáh podiam por uns caixotes de lixo pequenos, porque até sardinhas encontram-se espalhadas pelo chão e é lá que as crianças vão brincar e ainda para mais, o lixo atraí ratazanas que mais parecem coelhos com o risco de doenças e essas coisas... não se justifica!

Reference 2 - 6,16% Coverage

Não! (risos)... Mas porque nunca me informei se existe alguma associação e também as minhas amigadas são fora daqui do bairro. Em tempos havia uma, mas acabou por fechar porque entretanto, aquilo tornou-se num espaço com outros fins que não o de convívio saudável, um espaço de actividades...

Acho que com uma associação no bairro, muitas portas se abrem... não só para os jovens mas para a comunidade em geral. Conseguem-se contactos com outras instituições para além destas que temos aqui no bairro que podem ajudar a melhorar o bairro. Mas para isso é importante ter um bom grupo de trabalho, porque se é uma associação de bairro, são os jovens quem fazem ela andar, mas é preciso ter objectivos claros e pulso, porque senão torna-se num fracasso.

<Documents\Entrevistada NETA7\Entrevistada NETA7> - § 2 references coded
[2,39% Coverage]

Reference 1 - 1,27% Coverage

Sim interesse-me e muito, porque se vivo num bairro é normal que tenha interesse nestas questões, pois podem me afectar então acho obrigatório ter algum conhecimento sobre os bairros sociais.

Reference 2 - 1,12% Coverage

Sim, participo. Participo em actividades através de associações sócio-culturais, comentários em blogs que foquem as questões sociais e aí incluo, a dos bairros sociais.

<Documents\Entrevistada NETA8\Entrevistada NETA8> - § 2 references coded
[1,97% Coverage]

Reference 1 - 0,81% Coverage

Acho que me passa um pouco ao lado, sei que o bairro tem muitos problemas mas não penso deles no meu dia-dia.

Reference 2 - 1,16% Coverage

Sim sou sócia daqui da associação. No Verão participo nas actividades de Verão com eles, costumo ir à internet, jogo e também faço parte do grupo de dança.

<Documents\Entrevistada NETA9\Entrevistada NETA9> - § 2 references coded [3,38% Coverage]

Reference 1 - 2,07% Coverage

Sim, de alguma forma. Gostava de poder contribuir de certa forma para que as coisas corressem melhor, gostava que no bairro houvesse um ambiente mais leve e descontraído, que deixasse de ter a fama que tem, que por vezes é fundamentado mas outras é em grande parte exagerado talvez...

Reference 2 - 1,30% Coverage

Não, mas talvez participasse, mas não acredito que fosse eu a despoletar esse movimento...Participando na organização de eventos quem sabe...nunca reflecti exactamente sobre isso.

LINGUA MATERNA

Documents\Entrevistada AVÓ1\Entrevistada AVÓ1> - § 1 reference coded [9,07% Coverage]

Reference 1 - 9,07% Coverage

A língua ou o dialecto se a minina preferível é uma das nossas principais falhas na transmissão de valores e costumes. Ao contrário do povo caboverdeanos, num certo período da nossa história, nós não tínhamos orgulho da nossa língua, por ser vista como a língua dos escravos. Quando nós mulheres trabalhávamos nas fazendas dos colonizadores, éramos as governantas ou as grandes cozinheiras, as empregadas da casa, as *mokambas*, tá a ver?... e éramos as mães dos filhos dos patrões e era proibido mesmo falar-se a língua dos pretos, dos escravos dentro das casas... só se ouvia nas senzalas, nas casas dos criados. Com isso, os meus pais proibiram também a utilização da nossa língua para que não fossem chamados à atenção por outras pessoas do meio onde andava. Ainda consegui que os meus filhos aprendessem mais do que eu, mas a minha neta não apanhou essa fase. Mesmo assim tento ensinar-lhe algumas expressões, mas é

mais complicado porque aqui só se fala português e os amigos dela também não falam dialecto, mas são angolanos e outros que são portugueses. É um mal geral desta geração!

<Documents\Entrevistada AVÓ2\Entrevistada AVÓ2> - § 1 reference coded [7,73% Coverage]

Reference 1 - 7,73% Coverage

A nossa família fala Bitonga e Changana. Mas infelizmente, os meus netos não aprenderam a falar por culpa nossa, avós e pais. Sempre estivemos mais preocupados em passar os valores religiosos e éticos, do que passar a nossa cultura que muito passa pela língua. Por iniciativa própria ela pergunta como se diz algumas coisas e vai apanhando quando estamos nos convívios e em reuniões familiares... depois é mais complicado, porque são dialectos que não se falam e não se ouvem aqui... a única mais usual é o crioulo, porque as pessoas de Cabo Verde fazem questão. Às vezes penso e não consigo perceber... mas tem muito a ver com a cor, porque lá fazem muita diferença entre ser preto e mulato, e portanto os mulatos não falam a língua dos pretos...

<Documents\Entrevistada AVÓ3\Entrevistada AVÓ3> - § 1 reference coded [3,17% Coverage]

Reference 1 - 3,17% Coverage

Crioulo di nós terra. Nha português ê un calamidadi. Tudu hora min ta fala crioulo, e ela també, com toda a genti e em qualquer sitio...

<Documents\Entrevistada AVÓ4\Entrevistada AVÓ4> - § 1 reference coded [4,12% Coverage]

Reference 1 - 4,12% Coverage

Para além de português falo mais três dailectos. Nunca quisemos passar esta parte da nossa cultura porque pensámos que deveria ser uma aposta individual de cada pessoa. A minha neta assim como todos os outros falam unicamente português e até hoje não se pronunciaram sobre o porquê de não saberem...?!

<Documents\Entrevistada AVÓ5\Entrevistada AVÓ5> - § 1 reference coded [3,56% Coverage]

Reference 1 - 3,56% Coverage

Nu ta fala tudo crioulo. Português é quando ês ta bai pa schola, tudu alguém ta fala portugues e dipos es ka ta percebi nada... na casu di Maria, na trabadjo ku sês colegas brancos.

<Documents\Entrevistada AVÓ6\Entrevistada AVÓ6> - § 1 reference coded [4,35% Coverage]

Reference 1 - 4,35% Coverage

Sei falar o nosso dialecto mas ela não sabe, mas deixei de falar há muito tempo. Às vezes, falo um pouco quando realizamos os conselhos familiares. Português é a nossa língua de interação e do nosso dia-a-dia... até porque a minha neta tem amigos portugueses, no trabalho também se fala a mesma língua e assim até há uma maior integração.

<Documents\Entrevistada AVÓ7\Entrevistada AVÓ7> - § 1 reference coded [3,02% Coverage]

Reference 1 - 3,02% Coverage

Para nós velhos é o Kimbundu e depois o português, mas para elas mais novas, é o português. Dificilmente conseguirão apanhar este barco, porque devíamos tê-los ensinado logo de bebés, mas por detrás disto estão outras questões ligadas ao racismo colonial e outros... é um grande handicap, mas enfim...

<Documents\Entrevistada AVÓ8\Entrevistada AVÓ8> - § 1 reference coded [4,40% Coverage]

Reference 1 - 4,40% Coverage

Krioulo ê nôs lingua Mãe, amin fala badiu e sampaia, ma nôs família é di S. Antão e tudu alguen fala sampadjudo. Fora di casa, português pamodi amigos di Leida ê tudo português di portugal.

<Documents\Entrevistada NETA1\Entrevistada NETA1> - § 3 references coded
[6,59% Coverage]

Reference 1 - 1,76% Coverage

Falo a língua portuguesa, apenas. Os angolanos que vivem em cidades como Luanda e Benguela, de uma maneira geral não ingeriram as línguas nacionais como o Kimbundu e o Umbundu. Espero ainda poder vir a corrigir esses erro identitários em mim.

Reference 2 - 2,17% Coverage

O português no meu dia-a-dia, no trabalho, na escola, com amigos, familiares, conhecidos... com toda a gente que me rodeia. O Inglês em determinados momentos profissionais, geralmente com profissionais da minha área e outras e por vezes com amigos quando nos encontramos em países estrangeiros.

Reference 3 - 2,65% Coverage

Tenho amigos de várias nacionalidades porque cada vez mais estamos num país de uma variedade cultural enorme. As minhas dinâmicas culturais são mais partilhadas com os meus familiares e amigos com os quais me identifico. Por vezes juntamo-nos para recriar um pouco aquele ambiente de confraternização, de convívio, de alegria, de dança... de estarmos juntos.

<Documents\Entrevistada NETA10\Entrevistada NETA10> - § 3 references coded
[4,25% Coverage]

Reference 1 - 0,28% Coverage

Português e depois Inglês.

Reference 2 - 0,88% Coverage

Dialecto?... lol. Não. Sei algumas palavras, mas não suficientes para ter uma conversa.

Reference 3 - 3,10% Coverage

Para mim é indiferente, mas basicamente com todas as pessoas com as quais me relaciono, nomeadamente familiares, amigos e colegas mais próximos já numa esfera

mais laboral ou se preferires, estudantil e sempre que é possível ou se faz por isso... é tipo quando nos fazemos os momentos para as coisas acontecerem.

<Documents\Entrevistada NETA2\Entrevistada NETA2> - § 3 references coded
[4,22% Coverage]

Reference 1 - 0,08% Coverage

É o Português.

Reference 2 - 1,45% Coverage

Acho que não posso falar em segunda língua. Consoante as situações ou as pessoas com que estou... talvez o Crioulo e depois o Inglês. Entretanto sei algumas palavras e expressões em Bitonga (uma das línguas do meu país)... como por exemplo, (risos)... Gu hodza (comer), dzindrolo (caranguejo)...

Reference 3 - 2,69% Coverage

Português falo sempre no meu dia-a-dia com os meus familiares, pai, irmãos , mãe, tios, avós em qualquer local, embora eles não deixem de falar bitonga em convívios familiares. O inglês é esporadicamente, quando me desloco para locais turísticos e ponho em prática com alguns amigos e familiares. O crioulo aparece como a minha de interação pois é partilhada com os amigos mais chegados e com as pessoas da comunidade deste e de outros bairros. Por vezes no meu local de trabalho também utilizo o Crioulo com um ou outro colega assim como o Inglês.

<Documents\Entrevistada NETA3\Entrevistada NETA3> - § 3 references coded
[2,28% Coverage]

Reference 1 - 0,08% Coverage

É o crioulo!

Reference 2 - 0,43% Coverage

A segunda é o português por uma questão de necessidade, de integração!

Reference 3 - 1,76% Coverage

O Crioulo falo em casa e no bairro com os meus pais, irmã, sobrinho com cinco anos para ele não perder as raízes, com todos os meus familiares e amigos africanos sempre que estou com eles. O português é mais profissionalmente, no trabalho e quando estou fora do meu habitat natural (risos).

<Documents\Entrevistada NETA4\Entrevistada NETA4> - § 2 references coded [3,84% Coverage]

Reference 1 - 0,13% Coverage

Língua portuguesa.

Reference 2 - 3,70% Coverage

Não tenho uma segunda língua. Poderia saber um dos dialectos do meu país, mas a esse difícil, a minha família falharam porque nunca nos ensinaram a falar. Até porque no tempo da minha avó, as minhas tias e mãe não podiam falar nenhum dialecto porque só os pretos, os negros escravos é que falavam esse dialecto. Até hoje fala-se em dialecto, mas essa palavra tem uma conotação negativa que simbolizava o mundo dos pretos subordinados, escravos, empregados, que não tinham qualquer instrução escolar.

<Documents\Entrevistada NETA5\Entrevistada NETA5> - § 1 reference coded [2,73% Coverage]

Reference 1 - 2,73% Coverage

É o Crioulo, porque em casa todos nós falamos tirando os meus sobrinhos. Isto porque eu sempre falei crioulo desde pequena e depois quando fui para escola não sabia falar português. Dava imensos erros e era gozada pelos colegas de turma. Por isso como já sei o que a casa gasta, só falo português com os meus sobrinhos para terem mais facilidade na escola.

<Documents\Entrevistada NETA6\Entrevistada NETA6> - § 1 reference coded [5,23% Coverage]

Reference 1 - 5,23% Coverage

Falo unicamente português, em casa com os meus familiares, no trabalho, com os meus amigos... em toda a esfera do meu quotidiano é a língua que falo e com a qual interajo com o mundo! Não tenho necessidade de falar uma outra língua para me integrar, porque sinto-me em casa! Com a família, todos falam português e alguns dialectos mas é uma escolha deles, eu pessoalmente não sinto a necessidade de falar dialecto porque não me identifico com, tás a ver? Partilhamos umas e outras coisas como estamos em família e as portas da minha casa estão sempre abertas aos meus amigos. Eles, de vez em quando estão presentes nos convívios e conseguem-se integrar, porque também nós damos esse espaço... o que é importante também!

<Documents\Entrevistada NETA7\Entrevistada NETA7> - § 2 references coded
[2,23% Coverage]

Reference 1 - 0,80% Coverage

Português e depois Inglês, porque ainda vivi cinco anos em Londres. Daí o aparecimento do Inglês, que falo fluentemente.

Reference 2 - 1,43% Coverage

O português é a minha língua mãe e portanto falo com toda a gente, familiares, amigos, vizinhos, e o inglês é na esfera laboral, porque estou a seguir a área do turismo e portanto tenho sempre de recorrer ao inglês.

<Documents\Entrevistada NETA8\Entrevistada NETA8> - § 3 references coded
[4,08% Coverage]

Reference 1 - 0,11% Coverage

Crioulo sempre.

Reference 2 - 0,17% Coverage

Depois falo português.

Reference 3 - 3,80% Coverage

Crioulo fa-lo sempre com a minha família porque foi sempre a língua que falamos em casa. Já o português é com os amigos, com os colegas da escola, porque a minha mãe também me diz que se eu não falar português com as outras pessoas, vou ter mais dificuldades em perceber as coisas na escola e acho que é verdade. Tenho colegas meus que só falam crioulo e também chegaram à pouco tempo de lá e para além de serem gozados porque é um crioulo muito brabo, que nem todos conseguem perceber, são muito mais rebeldes.

<Documents\Entrevistada NETA9\Entrevistada NETA9> - § 3 references coded [5,23% Coverage]

Reference 1 - 3,25% Coverage

A primeira com família, amigos, colegas de trabalho e segunda mais com os amigos. Relativamente a língua, uso frequentemente o português, tanto com a família como com os amigos/colegas de trabalho, contudo tenho alguns amigos estrangeiros com os quais comunico em Inglês. Relativamente a hábitos familiares tradicionais penso que os pratico mais entre família e amigos mais chegados apenas, dado serem pessoas com as quais estou mais à vontade.

Reference 2 - 1,78% Coverage

Diariamente falo português, e penso que sempre que me encontro com amigos mais chegados e família ponho em prática, alguns costumes, expressões mais usuais...mesmo sem pensar, contudo não é assim tão frequentemente que nos reunimos, talvez semanal

Reference 3 - 0,21% Coverage

mente ou de 2 em 2 semanas.

ORIGEM ÉTNICA

Documents\Entrevistada AVÓ1\Entrevistada AVÓ1> - § 1 reference coded [1,19% Coverage]

Reference 1 - 1,19% Coverage

é mais complicado porque aqui só se fala português e os amigos dela também não falam dialecto, mas são angolanos e outros que são portugueses.

<Documents\Entrevistada AVÓ2\Entrevistada AVÓ2> - § 1 reference coded [0,98% Coverage]

Reference 1 - 0,98% Coverage

depois a minha neta não convive muito com africanos no dia-a-dia e aí é então muito difícil.

<Documents\Entrevistada AVÓ3\Entrevistada AVÓ3> - § 1 reference coded [1,24% Coverage]

Reference 1 - 1,24% Coverage

Amigos dja habitua.... Mas kauverdianos ki português.

<Documents\Entrevistada AVÓ4\Entrevistada AVÓ4> - § 1 reference coded [0,89% Coverage]

Reference 1 - 0,89% Coverage

Não sei se é 50 50, se não for mais portugueses do que africanos.

<Documents\Entrevistada AVÓ5\Entrevistada AVÓ5> - § 1 reference coded [4,95% Coverage]

Reference 1 - 4,95% Coverage

Un ka concheu. Maria sta más tempu na rua ki na casa. Na nôs festas di bairro bem familia di tudo kau, Cova da Moura, Chelas, Portela, Amadora e ta bai ti manchi ku monti di bebi Amigas di peto tá vivi tudo na outro kau, uns africanos outros brancos.

<Documents\Entrevistada AVÓ6\Entrevistada AVÓ6> - § 1 reference coded [1,64% Coverage]

Reference 1 - 1,64% Coverage

até porque a minha neta tem amigos portugueses, no trabalho também se fala a mesma lingua e assim até há uma maior integração.

<Documents\Entrevistada AVÓ7\Entrevistada AVÓ7> - § 1 reference coded [0,86% Coverage]

Reference 1 - 0,86% Coverage

as amigas da minha neta participam em algumas comemorações, que também são africanas

<Documents\Entrevistada AVÓ8\Entrevistada AVÓ8> - § 1 reference coded [1,29% Coverage]

Reference 1 - 1,29% Coverage

pamodi amigos di Leida ê tudo português di portugal.

<Documents\Entrevistada NETA1\Entrevistada NETA1> - § 1 reference coded [0,81% Coverage]

Reference 1 - 0,81% Coverage

Tenho amigos de várias nacionalidades porque cada vez mais estamos num país de uma variedade cultural enorme.

<Documents\Entrevistada NETA10\Entrevistada NETA10> - § 1 reference coded [0,25% Coverage]

Reference 1 - 0,25% Coverage

Caucasianos e africanos.

<Documents\Entrevistada NETA2\Entrevistada NETA2> - § 1 reference coded [0,42% Coverage]

Reference 1 - 0,42% Coverage

Maioritariamente descendentes de africanos dos PALOP, Moçambique, Cabo Verde, Angola.

<Documents\Entrevistada NETA3\Entrevistada NETA3> - § 1 reference coded [0,83% Coverage]

Reference 1 - 0,83% Coverage

numa mistura de culturas, porque nem todos são caboverdeanos, tenho amigas angolanas e moçambicanas, mas realmente a maioria é caboverdeana.

<Documents\Entrevistada NETA4\Entrevistada NETA4> - § 1 reference coded [0,79% Coverage]

Reference 1 - 0,79% Coverage

Acho que é metade metade! Uns são brancos e outros africanos, grande parte nascidos em território nacional.

<Documents\Entrevistada NETA5\Entrevistada NETA5> - § 1 reference coded [0,48% Coverage]

Reference 1 - 0,48% Coverage

Lá em casa somos todos bumbus e tenho amigos brancos e bumbus.

<Documents\Entrevistada NETA6\Entrevistada NETA6> - § 1 reference coded [0,22% Coverage]

Reference 1 - 0,22% Coverage

Africanos, indianos e brancos.

<Documents\Entrevistada NETA7\Entrevistada NETA7> - § 1 reference coded [2,17% Coverage]

Reference 1 - 2,17% Coverage

alguns dos meus amigos também façam parte destes momentos e também faço questão de participar nos deles, porque de certa forma partilhamos uns com os outros, um pouco da nossa cultura africana e todos juntos estão sempre disponíveis para participar em festas culturais e comunitários, convívios musicais dentro e fora do bairro.

<Documents\Entrevistada NETA8\Entrevistada NETA8> - § 1 reference coded [0,21% Coverage]

Reference 1 - 0,21% Coverage

São portugueses e africanos.

<Documents\Entrevistada NETA9\Entrevistada NETA9> - § 1 reference coded [0,64% Coverage]

Reference 1 - 0,64% Coverage

Família –raça negra; Amigos – raça negra e caucasiana; colegas de trabalho - caucasiana

PRÁTICAS CULTURAIS

<Documents\Entrevistada AVÓ1\Entrevistada AVÓ1> - § 1 reference coded [7,06% Coverage]

Reference 1 - 7,06% Coverage

Estou sempre a correr de um lado para o outro, passo umas boas temporadas cá em Lisboa, outras lá porque tenho de estar presente no crescer dos meus netos... já tenho a idade que tenho, 83 anos, mas só eu quem dita as regras da casa para toda a família, porque o respeito existe nesta família e quando as coisas começam a descarrilar, aí pára o barco e vamos lá falar. É mais uma reunião familiar e juntos tentamos encontrar uma solução para a situação. Só não quero vagabundos na família, tanto elas como eles, porque epáh sofri muito para criar meus filhos, lutei, batalhei e agora querem ficar só a passear e ver as pitinhas aí na rua... aqui na minha cubata não quero isso. Prefiro que me digam, mamã preciso que fiques com a minha filha para eu ir trabalhar... e eu não me importo nada! Sou avó mesmo, mas ficar na sombra do *imbondeiro*, não é vida.

<Documents\Entrevistada AVÓ2\Entrevistada AVÓ2> - § 1 reference coded [5,85% Coverage]

Reference 1 - 5,85% Coverage

Com a idade estou mais debilitada, mas estou sempre protegida e na companhia dos meus netos. Tenho o respeito e carinho deles e estamos juntos sempre que dá. Sei que tenho toda a consideração da parte deles, mas já não tenho 50 anos, já me custa subir e

descer escadas, sinto-me mais cansada... mas são sempre muito queridos para mim. Com os meus netos, acho que ainda tento dar-lhes bons conselhos, respeitar os mais velhos, dar o lugar à mesa, saber cozinhar, lavar, passar, cuidar de uma casa. e praticarem mais a religião, que é a mais certa herança que têm.

<Documents\Entrevistada AVÓ3\Entrevistada AVÓ3> - § 1 reference coded [9,57% Coverage]

Reference 1 - 9,57% Coverage

Agora estou doente, mas não deixo de estar com ela na cozinha a fazer os preparos para almoço e djanta e quando nu teni un festa, enton cozinha ê nha casa propi... e ela tá lá tambi. Nu sta muito tempu di nos vida junto. Porque un dia, avó já não está e quem vai continuar a nossa linhagem... porque cada família teni un tradiçon diferenti di kel lá, ma tudo kauverdiano. Ela tem de aprender para amanhã ensina.

<Documents\Entrevistada AVÓ4\Entrevistada AVÓ4> - § 1 reference coded [4,77% Coverage]

Reference 1 - 4,77% Coverage

Com os mais novos, minhas netas e um bisneto, preocupo-me em lhes dar mais miminhos, mais atenção, passar-lhes uma mensagem de conforto, de esperança e de conhecimentos importantes para a sua formação. Porque às vezes nós adultos somos muito cruéis e acabamos por magoar quem não tem culpa das burrices dos mais velhos... que à partida têm mais juízo.

<Documents\Entrevistada AVÓ5\Entrevistada AVÓ5> - § 1 reference coded [2,77% Coverage]

Reference 1 - 2,77% Coverage

Nu sta li pa orienta nha vida e di sês... amin sta demasiadu cansadu pa sofri mas... nha homi dja bai na caminhu di Deus e nha cabeça sta longi.

<Documents\Entrevistada AVÓ6\Entrevistada AVÓ6> - § 1 reference coded [3,10% Coverage]

Reference 1 - 3,10% Coverage

Sou uma das pessoas mais velhas da família e a minha maior preocupação é acompanhar o nascimento, o crescimento e a formação da minha neta, para que esteja presente nas melhores e piores alturas da sua vida, nos momentos de tomada de decisão.

<Documents\Entrevistada AVÓ7\Entrevistada AVÓ7> - § 2 references coded [9,59% Coverage]

Reference 1 - 3,87% Coverage

Agora e tu minha querida? Assim como a minha neta? O que esperam desta vida? Facilidades? Um mundo cor-de-rosa... Não não... vai chegar o dia em que terão de tomar decisões importantes e eu estarei cá se Deus quiser, para apoiar, para mostrar onde estarão a errar, mas não mais do que isso, porque é a vossa vida, o vosso caminho e aqui cabe-me a mim como aos pais dela, de orientar!

Reference 2 - 5,72% Coverage

como a pessoa mais velha da família, essa função recaí muito sobre mim, porque afinal passei aos meus filhos como de certeza também o fazem presentemente nas suas casas, no seu lar, mas em termos de grande família essa responsabilidade é minha. Pois esse é o meu papel e para além disso nunca quis ser a avó mandona, que impõe regras.

Sempre conversei muito com todos os meus netos, para que houvesse uma relação aberta, de amizade. É isso que tenho com a minha neta, um dia-a-dia comum, onde nós as duas podemos partilhar um mesmo sentimento, uma mesma dor.

<Documents\Entrevistada AVÓ8\Entrevistada AVÓ8> - § 1 reference coded [5,06% Coverage]

Reference 1 - 5,06% Coverage

Amin toma conta di casa pamodi un sta cansadu, nha dor di coluna ta matam faxi faxi.

Bedja sima mi, ma ê mi ki ta manda! (risos)... amin flan Leida ba fazi kel li, Leida ba cumpra pão... ma ê ku carinho de bibinha bu sabi.

<Documents\Entrevistada NETA1\Entrevistada NETA1> - § 3 references coded [7,57% Coverage]

Reference 1 - 2,90% Coverage

A minha Avó materna tem 83 anos e é obviamente a Matriarca da Família. A nossa Família funciona muito com base nos pareceres dos mais experientes, nesse caso a Vovó, e como tal a palavra dela tem muito peso nas decisões que os meus primos, a minha Mãe, o meu Tio tomam. Eu e a minha irmã já nos tornamos mais ocidentalizados nesse aspecto e acreditamos que não precisamos de conselhos (gargalhada).

Reference 2 - 1,77% Coverage

Como lido somente com a minha Avó Materna devo dizer que ela tem todas as tarefas do mundo. Uma vez que ela é a típica Avó que adora cozinhar, costurar, contar histórias intermináveis e se for preciso dar-nos uns bafos, quando precisamos ou não.

Reference 3 - 2,90% Coverage

As minhas Avós têm uma forma de estar na vida mais compreensiva, mais tolerante e embora não esteja tanto com a minha Avó paterna como deveria e queria estar, tenho a sempre presente da mesma forma que tenho a minha Avó materna. Sei que posso contar com elas para tudo. Se quiser rir, se quiser chorar, se quiser falar á toa. Elas são as minhas sistaz mais kôtas, principalmente a minha Avó Materna.

<Documents\Entrevistada NETA10\Entrevistada NETA10> - § 1 reference coded
[3,52% Coverage]

Reference 1 - 3,52% Coverage

Tem um papel fundamental na minha vida, servindo, de certa forma, de núcleo familiar, ajudando da minha educação, transmitindo-me valores, tanto religiosos como morais. È aquele significado especial na minha vida porque, longe ou perto, participaram na minha educação e criação. Sempre fizeram os possíveis para acompanhar toda a minha vida desde pequena.

<Documents\Entrevistada NETA2\Entrevistada NETA2> - § 1 reference coded
[3,97% Coverage]

Reference 1 - 3,97% Coverage

Já estão na casa dos oitenta anos, mas continuam a determinar e a resolver algumas questões familiares. Para veres, por vezes ainda se realizam conselhos familiares com os elementos mais velhos, sempre que nas microfamílias, alguma coisa não corre bem e as pessoas que a integram não conseguem resolver sozinhas. Geralmente, é ali que se discute o problema e se tenta orientá-las para um caminho melhor. Eles estão no topo da pirâmide e são respeitados por todos. Este foi sempre um valor incutido (pelo menos os meus pais e avós sempre procuraram transmitir-lo) que é o de respeitar sempre os mais velhos em todas as circunstâncias da minha vida, porque eles detêm uma sabedoria única conquistada ao longo dos seus percursos de vida. Passaram por vivências que nós, mais novos, e até os nossos pais não passaram.

<Documents\Entrevistada NETA3\Entrevistada NETA3> - § 2 references coded
[7,56% Coverage]

Reference 1 - 2,86% Coverage

ão as minhas duas avós e depois os meus pais claro. Sinceramente, as minhas avós não têm muita importância na minha vida, porque sempre se puseram um pouco à parte da minha educação, não cheguei a conviver muito com elas. a partir dos 17 anos mais ou menos. No entanto, são figuras de respeito e são sempre um exemplo a seguir porque mesmo com a idade que têm, continuam a trabalhar e fazem-me sempre ver que o dinheiro não é tudo, desde que tenhas saúde e vontade de viver.

Reference 2 - 4,70% Coverage

Elas são duas e já viúvas. Já não têm um papel tão activo como há uns anos atrás, porque têm as noras, filhos e netos nas suas casas e que fazem tudo por elas... é que elas já têm uma certa idade e alguns problemas de saúde. Mas mesmo assim não deixaram de ser os pilares da família porque gostando ou não, o que elas diziam era para ser cumprido. E há um único sítio que realmente é delas... a cozinha (risos)... ali são elas quem ditam as regras e as restantes mulheres seguem-nas à risca. São grandes panelões de comida e doces para uma família que é enoorrme! (risos). Acho que quando era mais pequena, sentia mais a falta delas pelos momentos de contar histórias, aprender algumas coisinhas mais simples na cozinha, estar no colo delas também... e agora já não é bem assim.

<Documents\Entrevistada NETA4\Entrevistada NETA4> - § 1 reference coded [4,07% Coverage]

Reference 1 - 4,07% Coverage

Bem... ela vem substituir um pouco o papel da mãe, quando esta não está!E no meu caso em concreto, que já não vivo com a minha mãe há muito tempo porque os meus pais separaram-se, ela foi um pouco aquele consolo... era uma figura feminina que fazia falta. Até porque quando somos crianças, nós pedimos mais atenção às pessoas que nos rodeiam e foi nessa altura, que me senti mais fragilizada. Ela esteve presente nos maus momentos, reconfortou a minha família, cozinhou, limpou, orientou a casa e acima de tudo deu-me o seu colo sempre que precisei.

<Documents\Entrevistada NETA5\Entrevistada NETA5> - § 2 references coded [2,83% Coverage]

Reference 1 - 2,82% Coverage

Como te disse, ela é a matriarca da família e independentemente dos valores que tenha muito pegados à sua educação, toda a gente a respeita porque é a mãe da minha mãe, é aquela pessoa que se sacrificou por todos nós e por isso, há que respeitar. Até podes ter as tuas ideias e maneiras diferentes de ver as coisas, mas é a tua avó e o que ela diz é para ser ouvido.

Reference 2 - 0,02% Coverage

<Documents\Entrevistada NETA6\Entrevistada NETA6> - § 1 reference coded [3,28% Coverage]

Reference 1 - 3,28% Coverage

Acho que agora ela já não tem uma função muito definida como tinha há alguns anos atrás. Porque... sei lá... talvez agora a estimemos mais porque vemos que está mais cansada, até a respiração é diferente embora seja uma pessoa muito alegre. Acho que está sempre no topo por uma questão de respeito e também nos nossos corações por ser

a pessoa linda que é! É uma ótima cozinheira e está sempre a mimar-nos com petiscos e bolos... e doces que adoramos.

<Documents\Entrevistada NETA7\Entrevistada NETA7> - § 1 reference coded [4,77% Coverage]

Reference 1 - 4,77% Coverage

Opáh acho que agora é mais de companhia e são aquelas pessoas a quem podemos recorrer para falar e discutir algumas coisas sem problemas nenhuns. Se calhar, e algumas vezes, não temos aquela paciência porque entretanto, a idade não perdoa e cada vez mais precisam da nossa atenção, mas não deixam de ser respeitadas e são ainda muito independentes porque dizem não querer virar uma couve-flor. (risos). Agora o meu pai trata da área financeira como por exemplo, despesas da casa (sustento) e a mãe é responsável na área da educação embora o pai seja também... mas a mãe exerce mais influência na educação dos filhos e na gestão da casa: higiene, relação com os filhos entre outras preocupações, gestão no equilíbrio dos gastos.

<Documents\Entrevistada NETA8\Entrevistada NETA8> - § 1 reference coded [2,58% Coverage]

Reference 1 - 2,58% Coverage

Mas mesmo assim ainda querem me pentear e quando estamos todos juntos... Tipo eu e os meus primos, ainda conta aquelas histórias de Cabo Verde e brinca connosco. Elas gostam de se sentar no sofá e dormir ou ouvir as conversas, gostam de um bom grogue depois das refeições... elas agora descansam mais e aproveitam o tempo enquanto cá estão né?!

<Documents\Entrevistada NETA9\Entrevistada NETA9> - § 3 references coded [3,94% Coverage]

Reference 1 - 0,81% Coverage

Eram e são como um símbolo representativo da família, têm o papel de orientar, ensinar, juntar todas a família...

Reference 2 - 1,35% Coverage

A minha avó dá especial importância ao papel da mulher em casa, que a meu ver, hoje em dia se encontra bastante desatualizado e motivo pelo qual neste tema discordávamos muitas vezes...

Reference 3 - 1,78% Coverage

Para começar passavam cá as férias muitas vezes e estando eu também de férias eram uma companhia, nós passeávamos imenso, acho que de certa forma foram eles que incutiram na minha mãe a apetência por viajar que acabou também por passar para mim.

PARTILHA DE VIVÊNCIAS

<Documents\Entrevistada AVÓ1\Entrevistada AVÓ1> - § 1 reference coded [1,97% Coverage]

Reference 1 - 1,97% Coverage

Hoje em dia continuo a contá-las mas numa conversa mais adulta e a ouvi-la... o que a aflige, problemas no trabalho, com o namorado... o *madjé* é patrício!...(risos) assim como também lhe falo da minha mocidade, das minhas fugidas nocturnas...

<Documents\Entrevistada AVÓ2\Entrevistada AVÓ2> - § 1 reference coded [2,10% Coverage]

Reference 1 - 2,10% Coverage

Ela é um pouco reservada por natureza e nem sempre me conta as coisas dela, mais pessoais, mas eu sei quando está bem ou não... não me engana porque já a começo desde o tempo que ainda era uma *mangussa*.

<Documents\Entrevistada AVÓ3\Entrevistada AVÓ3> - § 1 reference coded [2,92% Coverage]

Reference 1 - 2,92% Coverage

. Ela conta a mim un cenas e mi aconselha dum manera, mas ka podi fica tristi. È uma boa neta, ki se preocupa com esta velha.

<Documents\Entrevistada AVÓ4\Entrevistada AVÓ4> - § 1 reference coded [3,23% Coverage]

Reference 1 - 3,23% Coverage

também estive sempre por perto duma fase muito complicada da vida dela, ainda muito miúda e com isso estreitamos as nossas ligações e afinidades... tenho-a como alguém muito especial que não assume somente o papel de neta na minha vida.

<Documents\Entrevistada AVÓ5\Entrevistada AVÓ5> - § 1 reference coded [3,26% Coverage]

Reference 1 - 3,26% Coverage

Maria tchiga ku sê jeto e flan... “Bibinha, hoji trabadjo k’ta corri dretu pamodi kel li e kel lá... e nha pikeno ta discuti ku mi sem razon... e amin ta dau nha conselhos

<Documents\Entrevistada AVÓ6\Entrevistada AVÓ6> - § 1 reference coded [3,40% Coverage]

Reference 1 - 3,40% Coverage

Como todas as famílias temos os nossos problemas, mas sinto que a nossa relação, eu e a minha neta não é muito intimiva, mas é saudável, alegre, espiritual... gostava de poder estar mais tempo com ela, mas os problemas que existem dificultam um pouco esta aproximação.

<Documents\Entrevistada AVÓ7\Entrevistada AVÓ7> - § 1 reference coded [1,31% Coverage]

Reference 1 - 1,31% Coverage

É isso que tenho com a minha neta, um dia-a-dia comum, onde nós as duas podemos compartilhar um mesmo sentimento, uma mesma dor.

<Documents\Entrevistada AVÓ8\Entrevistada AVÓ8> - § 1 reference coded [2,81% Coverage]

Reference 1 - 2,81% Coverage

Hoji ê Leida ki bem fazi un visitinha di medico, ki bem konta mó ki bai sê schola, bem fazi tradajos di casa na nha bera.

**<Documents\Entrevistada NETA1\Entrevistada NETA1> - § 2 references coded
[1,77% Coverage]**

Reference 1 - 0,44% Coverage

Não estão sempre comigo,actualmente ambas estão em Luanda.

Reference 2 - 1,33% Coverage

Sim. Vivi grande parte da minha adolescência junto da minha Avó Materna, e na ausência da minha Mãe, era com a minha Vovó que eu falava sobre quase tudo. E ainda falo, sempre que posso.

**<Documents\Entrevistada NETA10\Entrevistada NETA10> - § 1 reference coded
[2,07% Coverage]**

Reference 1 - 2,07% Coverage

Não tanto como gostaria, visto que eles não se encontra presente no meu dia-a-dia constantemente, no entanto quando me encontro com ela converso acerca de um pouco de tudo o que sucede na minha rotina diária.

**<Documents\Entrevistada NETA2\Entrevistada NETA2> - § 1 reference coded
[0,90% Coverage]**

Reference 1 - 0,90% Coverage

Sim por vezes conto-lhe as minhas peripécias do dia-a-dia, as minhas frustrações... é um desafio por saber que ela já sabe muito da vida e poderá sempre passar-me a sua tranquilidade.

**<Documents\Entrevistada NETA3\Entrevistada NETA3> - § 1 reference coded [2,58%
Coverage]**

Reference 1 - 2,58% Coverage

Às vezes sim outras vezes é com a minha mãe, porque acho que a minha avó é mais importante quando a minha mãe não está. Acho que assume o seu papel e aí é com ela que discuto um pouco, que partilho as coisas do meu dia-a-dia, tás a ver? Há coisas que só mesmo com a minha mãe... porque é a minha mãe! Com as minhas avós é mais os namoricos, porque estão sempre a perguntar quando é que apresento o neto... essas coisas (risos).

**<Documents\Entrevistada NETA4\Entrevistada NETA4> - § 1 reference coded
[1,84% Coverage]**

Reference 1 - 1,84% Coverage

Sim, ela esteve presente na miha infância e adolescência e com ela não tenho segredos... sei que posso falar abertamente com ela sobre os meus problemas e alegrias. E ela sabe quando estou triste, chateada... seja o que for, ela apercebe-se logo.

**<Documents\Entrevistada NETA5\Entrevistada NETA5> - § 2 references coded
[1,02% Coverage]**

Reference 1 - 1,01% Coverage

Não não costumo, sou mais de ouvir porque não sei... há coisas que possivelmente ela não iria entender e também sou mais reservada.

Reference 2 - 0,02% Coverage

**<Documents\Entrevistada NETA6\Entrevistada NETA6> - § 2 references coded
[2,99% Coverage]**

Reference 1 - 1,66% Coverage

Não tenho um verdadeiro lar, tenho sim pessoas à minha volta, mas que não sabem dos meus problemas, com quem não partilho as minhas conquistas e alegrias... porque não somos uma família unida entre as quatro paredes da minha casa.

Reference 2 - 1,32% Coverage

Com a minha avó tenho aqueles momentos de convívio, mas não chega a ser uma relação de muita intimidade, que só tenho mesmo com a minha mãe e com os meus melhores amigos, percebes?!

<Documents\Entrevistada NETA7\Entrevistada NETA7> - § 1 reference coded [4,22% Coverage]

Reference 1 - 4,22% Coverage

Sim, com a minha avó e com a minha mãe porque são elas quem me ajudam a tomar decisões e partilhamos ideias e sentimentos, os laços de amor se fortalecem quando temos a possibilidade (que nem todos têm) de estar com os familiares diariamente. Por vezes, um simples toque ou um abraço de um familiar, como irmão, pai, mãe, avó, todos os dias, leva-nos a sermos mais confiantes. Um fenómeno, aliás uma realidade que tem acontecido nas últimas décadas é a falta de frieza, de profissionalismo, falta de auto-estima que 70% é consequência da falta de amor no seio familiar... e que é substituída ou tenta ser substituída por integração em grupos...

<Documents\Entrevistada NETA8\Entrevistada NETA8> - § 1 reference coded [2,74% Coverage]

Reference 1 - 2,74% Coverage

7 Não costumo fazer isso, mas gosto de ouvir as histórias delas, quando ela era uma pitinha e tinha muitos namorados, e muitas vezes fugia de casa à noite para ir dançar... essas coisas, porque é uma maneira de também ... me chamara à atenção e porque também às vezes dá-me preguiça de ir à escola e ela está sempre a falar dos meus ouvidos... e eu, sim vó... tá bem!

<Documents\Entrevistada NETA9\Entrevistada NETA9> - § 1 reference coded [2,17% Coverage]

Reference 1 - 2,17% Coverage

Alguns tendo em conta o tipo de problemas que se pode partilhar com as avós... não é uma relação assim tão aberta. Mas problemas na escola, assuntos familiares sim,

claramente. Conversamos sobre temas da escola, quando um exame tinha corrido menos bem ela era bastante compreensiva na época de exames.

HÁBITOS CULTURAIS

Documents\Entrevistada AVÓ1\Entrevistada AVÓ1> - § 1 reference coded [5,86% Coverage]

Reference 1 - 5,86% Coverage

Já sou uma pessoa vivida, com muita experiência e às vezes, faço-me de parva, a dikôta já está velhinha... mas se tenho alguma coisa a dizer, digo-lhe sem problemas, ela gostando ou não. Afinal eu criei essa mulher que está aí. Muito daquilo que ela sabe hoje, fui eu que lhe ensinei para ela ser alguém na vida. Pergunta-lhe só?! Desde pequena que ela vê-me a cozinhar, a fazer roupas para fora e muitas malabas contei depois dos grandes almoços e antes de ela ir dormir... Oh lembrei de um “A Kerere, a galinha angolana” e o “Macaco e o Coelho”, histórias que no fim tinham sempre uma moral da história, que era muito “não ser invejosa, peneirenta de mais, mentirosa, porque são pequenas lições de vida.

<Documents\Entrevistada AVÓ2\Entrevistada AVÓ2> - § 1 reference coded [9,56% Coverage]

Reference 1 - 9,56% Coverage

Tudo o que sei... é o reflexo da educação que tive, africana e religiosa, porque sempre estiveram lado a lado, não quero obrigar a fazer nada, mas podem saber um pouco mais sobre as suas origens. Mantemos costumes que são da nossa terra e são muçulmanos também... fazemos o jejum na altura do Ramadão, comemoramos o nosso Natal, o Ideh, comemos todos aqueles pratos típicos, matapas, caril de amendoim, com uma mistura da cultura indiana também. Porque também temos indianos na família... bebemos o nosso chá preto ao final da tarde, à noite, sempre que nos apetece, depois de uma boa refeição e num convívio agradável e com um ambiente familiar harmonioso. Na hora da refeição, os mais velhos estão à mesa e os mais novos distribuem-se pela sala e quartos. E sabem porque são ensinados desde pequenos a fazê-lo... e a primeira

coisa que lhes ensinei foi a cumprimentar os nossos familiares... *Salam Aleikum... Aleikum Salam.*

<Documents\Entrevistada AVÓ3\Entrevistada AVÓ3> - § 1 reference coded [3,22% Coverage]

Reference 1 - 3,22% Coverage

Bom comida cachupa, bebida, musica funaná para nu pila, penteados na nês cabelo bedju... nês rituais, nês cânticos, ku familia tudo reunido.

<Documents\Entrevistada AVÓ4\Entrevistada AVÓ4> - § 1 reference coded [6,26% Coverage]

Reference 1 - 6,26% Coverage

A nossa história passa por conhecer os nossos costumes e os nossos hábitos como a comida, o vestir, a maneira como penteamos o cabelo, a música, mas não é o que se ouve hoje... estou a falar da música tradicional como é a marrabenta e as danças tribais de outros povos do norte de Moçambique. Desde cedo, começou a dançar ao som destes ritmos tradicionalmente africanos e a apreciar alguns pratos típicos e frutos tropicais como a papaia e o coração de boi.

<Documents\Entrevistada AVÓ5\Entrevistada AVÓ5> - § 1 reference coded [7,04% Coverage]

Reference 1 - 7,04% Coverage

A nês ê un povo alegri di tradiçon, nu pila mundo ti manhan, nês terra labanta hora ki no solta nos pé di badjo. Na Portugal, terra nu ka teni, ê verdadi, ma som ês nês vida... na nha casa, na di comadri, nu fazi nês parodias ku bom catchupada refugado, kuskus, un canjinha levi... e Maria ta bem fazi ku nês salgadinhos, canja, bolos... nês família ê largo!!!

<Documents\Entrevistada AVÓ6\Entrevistada AVÓ6> - § 1 reference coded [3,80% Coverage]

Reference 1 - 3,80% Coverage

Os únicos hábitos que temos é a comida e ouvir música de Moçambique, e de outros países africanos e europeus, mas nada é por ser algo de especial. Não é uma preferência. Sempre cozinhei estes pratos e sabe sempre, embora demore a ser feito, para os meus filhos e netos também, ainda pequeninos.

<Documents\Entrevistada AVÓ7\Entrevistada AVÓ7> - § 1 reference coded [7,82% Coverage]

Reference 1 - 7,82% Coverage

Nós temos alguns costumes que faço questão de partilhá-los na nossa família e com os mais novos principalmente, desde muito cedo... sentá-los à minha volta e contar-lhes o princípio da sua história... falar-lhes das nossas conquistas enquanto povo angolano, das riquezas da nossa terra, o clima, dos nossos frutos tropicais. Esta minha neta nasceu lá e portanto está muito mais ligada ao nosso país do que muitos que nasceram cá e com ela, faço as nossas comidas, o feijão de óleo de palma que tanto ela gosta, de vez em quando tranço os mais novos, a ela já não porque entretanto curtou o cabelo, mas aprecio os penteados mais afros, porque espelham uma parte do nosso povo, os nossos vestidos compridos de pano africano, muitos deles tingidos à mão e que aqui não existem.

<Documents\Entrevistada AVÓ8\Entrevistada AVÓ8> - § 2 references coded [8,15% Coverage]

Reference 1 - 4,95% Coverage

Dispos, nu gosta di un bom prato di cachupa, un bom grogue, di badja un funaná rocha bai... tudo na nós cantu... Natal, Fim d'ano, Fim di semana, ê un motivo pa fazi un almoçarada ti noite cai. E nós cultura, bu sabê!

Reference 2 - 3,20% Coverage

nu kanta na noiti di finadu, na velorio, ê un tradiçon religiosa, ma na nha mocidadi, amin ta cantaba na grupo di batuku... momento mágico!

<Documents\Entrevistada NETA1\Entrevistada NETA1> - § 2 references coded [3,95% Coverage]

Reference 1 - 2,48% Coverage

Tenho alguns! Por exemplo, adoro almoçar às 17h da tarde e ficar sentada à mesa a fofocar até às 22h, muito ao estilo mwangole. Ou melhor muito ao estilo africano. Faz parte do africano, degustar um bom convívio. Também adoro sentar-me no chão, esteira é comigo! Mas o frio cá da Tuga nem sempre me permite realizar essas “excentricidades”.

Reference 2 - 1,48% Coverage

Sim, são importantes e ligam-me à minha cultura, apesar de nem sempre parar para pensar nisso quando os faço... mas se vejo outra pessoa fazer, sinto logo uma empatia diferente com a pessoa em questão

**<Documents\Entrevistada NETA10\Entrevistada NETA10> - § 2 references coded
[3,39% Coverage]**

Reference 1 - 1,79% Coverage

Os hábitos culturais que ainda se mantém relacionam-se principalmente com a gastronomia, no mês de Ramadão fazer jejum alguns dias e o facto de comer alguns pratos típicos “à mão”.

Reference 2 - 1,60% Coverage

Foram aprendidos tanto pela minha avó, que por sua vez herdou dos seus pais, como pela minha mãe, porque era um hábito que elas já possuíam desde há muito tempo.

**<Documents\Entrevistada NETA2\Entrevistada NETA2> - § 2 references coded
[7,78% Coverage]**

Reference 1 - 5,77% Coverage

Sim, alguns. Por exemplo, a gastronomia típica de Moçambique como o Caril de Amendoim, a Matapa, o Frango à Zambeziana, os Camarões com Limão, as Chamussas (embora sejam de tradição indiana, estas fazem parte da nossa alimentação pelo facto da cultura indiana estar muito enraizada em Moçambique), a prática do jejum no mês de Ramadão, o comer à mão alguns destes pratos tradicionais, a questão do vestuário e

acessórios feitos de panos africanos e matérias primas como o pau preto, a dança e música tradicional... a conhecida marrabenta que retrata também muito das questões sociais do país de alguns anos atrás e da actualidade, nomeadamente a situação das mulheres que ficam em casa a tomar conta dos filhos enquanto os seus maridos vão trabalhar. Também os penteados mais afros e as tranças... por exemplo, a minha avó e a minha mãe fizeram-me tranças desde pequenina e isso tem um significado específico... significa a fase da inocência é como se fosse o marcar da nossa primeira etapa da vida. Quando se deixa de fazer quer dizer que entraste num outro ciclo, a de jovem mulher, onde te dão outras responsabilidades... e depois, temos o convívio familiar... são muitos!

Reference 2 - 2,01% Coverage

Uns sim, como a gastronomia e a parte religiosa, os outros fui descobrindo por iniciativa própria. E também são coisas que vão sendo passadas pelos meus pais, mas principalmente pelas mulheres. Até porque a nível educacional, os pais são mais rígidos com as suas filhas, onde temos menos espaço de manobra (por assim dizer... risos), há uma atenção redobrada sobre nós na questão do sair, vestir, estar...!

<Documents\Entrevistada NETA3\Entrevistada NETA3> - § 3 references coded [7,02% Coverage]

Reference 1 - 5,42% Coverage

Sim tenho, alguns como a gastronomia... a nossa famosa cachupa, feijoada, bolacha de Cabo Verde, doce de côcô... A nossa cultura está sempre presente nas nossas festas tipo casamentos, baptizados, enterros e é o dia-a-dia na tuga. Por exemplo, a nossa maneira de vestir e de pentear como as tranças... para mim não têm significado nenhum, mas como cada povo tem a sua identificação pessoal, nós temos as tranças para nos embelezarmos. Temos também a dança tradicional como o funaná e o batuku, que refelctem a nossa maneira de ser que é... divertidos, alegres com a vida! As minhas avós cantavam e dançavam com outras senhoras da terra e que voltarm a estar juntas aqui na tuga... e é algo que faz parte de nós caboverdeanos e através dela, damo-nos a conhecer. As letras das nossas músicas falam das cenas que se passam em Cabo Verde, da tradição, das coisas da terra, o que sentimos e *é pa nu pila!*

Reference 2 - 0,72% Coverage

De certa forma sim. Sempre me deram a conhecer as músicas... e não sei... é aquele gosto pessoal... já está no sangue!

Reference 3 - 0,88% Coverage

Sim. Apesar de estar longe sinto-me perto. É uma forma de estar ligada à minha cultura, de estar presente no meu dia-a-dia quer queira ou não

<Documents\Entrevistada NETA4\Entrevistada NETA4> - § 2 references coded [8,69% Coverage]

Reference 1 - 5,98% Coverage

Sim alguns! A maioria tem a ver com a gastronomia. Acho que é um dos aspectos da nossa cultura que mais preservamos e também... talvez a utilização de algumas expressões e o nosso sotaque que é inconfundível. Os penteados são um aspecto que considero único, porque é para mim um aspecto ou factor de identificação com as minhas origens e as dos meus pais e avós. Os nossos cabelos com aquele aspecto afro, os caracóis, as tranças... simbolizam várias fases da nossa vida e hoje, estes penteados estão presentes em todas as cabeças... uns por ser moda e outros por uma questão de identificação pessoal e cultural E depois a música, que aos poucos tem vindo a perder as suas raízes e que são consumidas por nós africanos e por todos os outros, por ser fixe como é o caso da Tarraxinha, do Kuduro e da Kizomba.

Reference 2 - 2,70% Coverage

Sim, pelo menos o gosto pelos penteados e foi com ela que aprendi a trançar e embora não goste de cozinhar ainda consegui aprender com ela alguns pratos típicos, que dão imenso trabalho e e perde-se muito tempo. tu querendo ou não vai ganhando o gosto e acabas por sentir que faz parte de ti... é que estas fontes... podes te perguntar "então quem sou?" Não achas?

<Documents\Entrevistada NETA5\Entrevistada NETA5> - § 1 reference coded [2,81% Coverage]

Reference 1 - 2,81% Coverage

Sim, a gastronomia principalmente e a música. Todos os fins-de-semana há almoçadas lá em casa e fazemos alguns pratos típicos como a cachupa, congo, cuscus sempre com música a acompanhar como o funaná, mornas e kisomba, num ambiente muito descontraído. Também costumo fazer penteados tipicamente africanos como as tranças que a minha avó tem as faz no seu cabelo.

<Documents\Entrevistada NETA6\Entrevistada NETA6> - § 1 reference coded [2,03% Coverage]

Reference 1 - 2,03% Coverage

Embora os meus pais sejam de Moçambique, a nossa tradição não é muito utilizada aqui em casa. O que é habitual é a gastronomia como um bom caril, uma matapa bem feita e depois, costumam ouvir marrabenta, mas eu nem sequer sei dançar e também não tenho muita vontade de aprender.

<Documents\Entrevistada NETA7\Entrevistada NETA7> - § 4 references coded [8,86% Coverage]

Reference 1 - 3,90% Coverage

Sim claro. Tenho hábitos culturais típicos do meu país de origem, acima de tudo alimentação como funge, moamba, feijão de óleo de palma... como também a música e dança... o kuduro e a kizomba... O convívio que é um hábito africano... ou seja, o estar em grupo, no colectivo que é uma característica marcante e um pouco do vestuário. Por exemplo, na província onde nasci, o feijão de óleo de palma come-se com a colher, hábito que até hoje não perdi e que aqui na Europa não é comum e por vezes, com a vida quotidiana muitos têm a tendência a perder pequenos hábitos que se identificam com a cultura

Reference 2 - 1,39% Coverage

Sim foram transmitidos por elas em conjunto com os meus pais, para nos fazer sentir mais perto do nosso país, apesar da distância geográfica. São informações importantes para a nossa formação como indivíduos.

Reference 3 - 3,16% Coverage

São importantes para mim! No meu caso, eu nasci em Angola e cresci em Portugal e sinto saudades das brincadeiras que lá fazia que são únicas... próprias devido ao meio em que vivia. O mesmo para o caso daqueles que cá nasceram. Por vezes vejo-os a dançar e têm aquele ritmo no corpo...dá a sensação que a cultura é injectada biologicamente, ou seja, parece que nascemos com aquilo... apenas vamos depois nos aproximar e desenvolver aquilo que já existia... seja cantar, dançar, brincar...

Reference 4 - 0,41% Coverage

Desde pequenina e a partir dai continuei sempre a preservá-los.

<Documents\Entrevistada NETA8\Entrevistada NETA8> - § 4 references coded [11,98% Coverage]

Reference 1 - 2,79% Coverage

E depois os pratos mais complicados e que demoram bué tempo a preparar e a fazer é a cachupa, a nossa canja que é diferente dos portugueses, doce de papaia, doce de manga que também fazem aqui,mas pronto... há maneiras diferentes de fazer. Nós também convivemos sempre no Natal, quando fazemos anos, fim do ano e também aos fins-de-semana, porque gostamos de estar juntos.

Reference 2 - 6,38% Coverage

A comida, a maneira de falar e é a nossa maneira de conviver. Nós estamos sempre à procura de alguma data para estarmos a fazer festas de família. Também seguimos as nossas tradições religiosas, quando por eexemplo alguém morre. As senhoras mais velhas e também agora já muitas mulheres mais novas... a minha mãe e as minhas tias, por exemplo, cantam músicas de despedida das pessoas que partiram... são tipo cânticos e depois cozinha-se para toda a gente e as pessoas vão lá a casa e choram todas juntas. Acho que isto faz parte do nosso povo e da nossa tradição. são coisas que vão passando de pais par filhos e que a nossa família faz questão de manter percebes? A minha alimentação é tipicamente caboverdeana como também falo sampadjudó em casa, porque somos de Santo Antão e não falamos badiu, que também é Crioulo mas de outras ilhas de Cabo Verde.

Reference 3 - 1,17% Coverage

Sim, mas não só por elas. Toda a nossa família dá uma mãozinha para que os mais novos como eu sigam a nossa cultura e que a façam chegar aos nossos filhos.

Reference 4 - 1,64% Coverage

Opáh acho que são as minhas raízes e portanto são especiais. É manter viva toda a nossa tradição porque sem ela não seríamos ninguém... porque estamos num país que não é o nosso e não temos nada a ver com a portuguesa.

<Documents\Entrevistada NETA9\Entrevistada NETA9> - § 3 references coded
[7,20% Coverage]

Reference 1 - 1,57% Coverage

graças à minha avó que hoje em dia gosto de cozinhar. Começou por ser apenas uma obrigação, depois comecei a apanhar o gosto por fazer sobremesas e hoje em dia cozinhar para mim é até algo que me relaxa e distrai!

Reference 2 - 1,38% Coverage

Sim, em termos de alimentação e hábitos à mesa o simples facto de à tarde beber um chá, um costume que mantenho há anos e termos de convívio o facto de ter sempre a casa cheia de pessoas.

Reference 3 - 4,26% Coverage

Em termos de culinários bastantes mesmos, religiosos também...embora não os aplique muito, pelo facto de não concordar com muitas coisas da minha religião e não ser praticante. A minha avó era uma pessoa que tinha muito prazer em transmiti-los, mesmo que soubesse que não os ia aplicar todos, ela achava que era esse o seu papel. Uns são um pouco retrógradas dada a sociedade actual e dada a submissão da mulher que é um pouco imposta na religião muçulmana, haviam outros como a importância da família, que considero bastante importantes e considero uma forma de ligação com a cultura.

REDES E COMUNICACÃO

<Documents\Entrevistada AVÓ1\Entrevistada AVÓ1> - § 1 reference coded [1,18% Coverage]

Reference 1 - 1,18% Coverage

E isso é importante e acho que pode ser um trabalho de respeito. Vão falando entre si e tentam encontrar a cura para todos estes problemas.

<Documents\Entrevistada AVÓ2\Entrevistada AVÓ2> - § 1 reference coded [1,38% Coverage]

Reference 1 - 1,38% Coverage

Até podia ser uma forma de conhecer novas caras, ver o mundo de outra maneira, fazer novas amizades... não sei, desconheço essa área.

<Documents\Entrevistada AVÓ3\Entrevistada AVÓ3> - § 1 reference coded [1,45% Coverage]

Reference 1 - 1,45% Coverage

Aiam, agora ki ta bai pa kel sitio di homi, teni di certeza.

<Documents\Entrevistada AVÓ4\Entrevistada AVÓ4> - § 1 reference coded [1,75% Coverage]

Reference 1 - 1,75% Coverage

Sim, mais 50% e 50%, para cada lado. Não dá para ela fechar-se aqui no cubiculo que é o nosso bairro e ver para dentro apenas.

<Documents\Entrevistada AVÓ5\Entrevistada AVÓ5> - § 2 references coded [2,26% Coverage]

Reference 1 - 1,42% Coverage

Amigas di peto tá vivi tudo na outro kau, uns africanos outros brancos.

Reference 2 - 0,83% Coverage

Novas amizades, é un trabdjo di valor!

<Documents\Entrevistada AVÓ6\Entrevistada AVÓ6> - § 1 reference coded [4,09% Coverage]

Reference 1 - 4,09% Coverage

A minha neta tem alguns conhecidos aqui no bairro, mas eu sempre a aconselhei a sair daqui e procurar outras amizades. Aqui as pessoas são muito limitadas e contentam-se com o pouco que já têm ou menos ainda. Ela trabalha aqui no trabalho e acho que só por isso, já chega! Tem de procurar novos horizontes, novas metas!

<Documents\Entrevistada AVÓ7\Entrevistada AVÓ7> - § 1 reference coded [2,42% Coverage]

Reference 1 - 2,42% Coverage

A minha neta tem de certeza porque o telemóvel dela não pára de tocar e se não é chamada são as mensagens. Acho é muito saudável conhecer mais do que os limites que nos impuseram, para crescer não só no cabedal, mas também na inteligência.

<Documents\Entrevistada AVÓ8\Entrevistada AVÓ8> - § 2 references coded [1,57% Coverage]

Reference 1 - 0,92% Coverage

Nau.... tudo alguém ta vivi li sim si.

Reference 2 - 0,64% Coverage

Podi fazi outros amizadis...

<Documents\Entrevistada NETA1\Entrevistada NETA1> - § 2 references coded [6,08% Coverage]

Reference 1 - 1,15% Coverage

Tenho mas infelizmente falamos de futilidades, uma vez que temos poucas coisas em comum,e como tal o que é importante para elas não é para mim e vice versa.

Reference 2 - 4,92% Coverage

É relativamente complicado porque as associações actualmente estão muito dependentes das verbas que programas concebidos pelo Estado como por exemplo as que o programa Escolhas disponibiliza. E como é óbvio, estes intervenientes têm as suas políticas. Políticas estas que nem sempre vão de encontro com o que os dirigentes e voluntários das associações pretendem implementar nos seus espaços. Logo, as relações internas e externas que existem nem sempre são as melhores. Mas de uma forma geral, as associações vão estabelecendo parcerias com outras organizações não governamentais e é desta forma que vão cimentando as suas ideias fora do controlo constante do Estado.

<Documents\Entrevistada NETA10\Entrevistada NETA10> - § 1 reference coded
[2,79% Coverage]

Reference 1 - 2,79% Coverage

Sim, tenho contacto com outras mulheres essencialmente na escola, mas fora do bairro porque não tenho relações que eu possa dizer de amizade estabelecidas dentro do bairro Este contacto é essencialmente com amigas minhas, logo o papel que elas têm na minha vida é de bastante relevo.

<Documents\Entrevistada NETA2\Entrevistada NETA2> - § 3 references coded
[10,02% Coverage]

Reference 1 - 3,94% Coverage

Para mim, hoje o bairro é um espaço de habitação, de comunicação, de partilha de vivências entre todos os moradores desta comunidade. Porque independentemente da sua nacionalidade, a maioria trabalha fora do bairro... muitos deles em Lisboa, com o objectivo de trazer dinheiro para casa para sustentar uma família, muitas vezes dirigidas pelas mulheres (mães e avós). Os laços de amizade e as ligações entre as pessoas são bastante visíveis na forma como se falam, riem, choram... no entanto, tudo isto se passa dentro do bairro. Para fora, são poucos aqueles que conseguem uma maior mobilidade que não passe pelo trabalho... principalmente nós jovens! Muitos nunca saíram do bairro por falta de recursos, por falta de ligação com o outro mundo... porque é isto que somos enquanto bairro... um outro mundo!

Reference 2 - 2,78% Coverage

Sim, procuro sempre estabelecer contactos e criar laços de amizade com outras mulheres com o objectivo de aprender mais alguma coisa, conhecer as suas experiências e trabalhos já realizados, porque não nos podemos cingir às relações que estabelecemos aqui do bairro... acabam por se tornar viciantes e bloqueadoras. Muitas vezes precisamos ver outras fotografias para enriquecermos o nosso album não? Por outro lado, acho que nós mulheres podemos ter um papel mais proactivo aqui no bairro, mais de liderança e também sermos impulsionadores de novos passos, acções!

Reference 3 - 3,30% Coverage

Neste mundo associativo criam-se relações internas e externas com instituições sociais, associações de bairro, escolas, centros de saúde. Constituem-se parcerias no sentido de tentar solucionar algumas lacunas com base nas necessidades identificadas pela comunidade, pela associação que está no terreno e algumas instituições de carácter social. Também surgem os programas de cariz social e financiadores como o Programa Escolhas que procuram trabalhar com as associações de bairro e aproveitar os recursos humanos para intervir no bairro, que trazem algo de positivo como também de negativo... que é a dependência económica com a qual não se consegue a curto prazo largar!

<Documents\Entrevistada NETA3\Entrevistada NETA3> - § 3 references coded [6,24% Coverage]

Reference 1 - 1,44% Coverage

Sim tenho algumas! Acho que é importante conhecer outras pessoas e como funcionam outros bairros, para quem sabe um dia conseguirmos melhor o nosso bairro. Por vezes vou a outros bairros, estar um pouco por lá e pormos a conversa em dia.

Reference 2 - 3,49% Coverage

Acho que se criam relações positivas, que ajudam a criar outros postos de trabalho e mantêm os jovens activos, que podem de certa forma avançarem para um futuro, a serem mais sociáveis e é bom para os imigrantes que muito precisam de ajuda para

tratarem dos documentos e ficarem legais no país. Ao termos estas relações com outras instituições que não são só as do bairro conseguimos mostrar a nossa cultura e valores... porque nós temos valores! Muitos dos bairros que conheço e as suas associações de bairro trabalham com o Escolhas... para mim está bom, mas é lento (risos)!

Reference 3 - 1,31% Coverage

Epáh é um programa fixe porque mantem os jovens ocupados mas também tem falhas porque não conseguimos fazer nada sem precisar do dinheiro deles... é uma pura dependência e parece que são os nossos donos, mais ou menos!

<Documents\Entrevistada NETA4\Entrevistada NETA4> - § 1 reference coded [0,62% Coverage]

Reference 1 - 0,62% Coverage

Tenho mais amizades e outro tipo de relações com pessoas que não são do meu bairro.

<Documents\Entrevistada NETA5\Entrevistada NETA5> - § 1 reference coded [3,83% Coverage]

Reference 1 - 3,83% Coverage

Acho que acima de tudo consegues entrar no mundo institucional e daí já é um passo para construíres o teu caminho. É óbvio que a partir desse momento, nem tudo correrá como queremos e as instituições vão querer mandar e decidir muita coisa porque as associações de bairro, geralmente são erguidas pelo pessoal de bairro, e então... parece que todos somos uns burros e que não temos nada a dizer sobre o nosso bairro, sobre aquilo que precisamos, sobre os nossos problemas que vivemos todos os dias.

<Documents\Entrevistada NETA6\Entrevistada NETA6> - § 2 references coded [7,87% Coverage]

Reference 1 - 4,55% Coverage

Sim, tenho, mais porque as minhas amizades estão fora daqui. Há pessoas aqui do bairro que me são indiferentes. Os meus amigos não vivem aqui, mas não sou mal-educada

com ninguém... Embora a preocupação sobressaia quando acontece alguma coisa, porque também não me consigo desligar, mas não temos uma ligação de afecto. E é importante também não estares só virada para o bairro, é trabalho, amizades, família, tudo no bairro! É importante teres novas experiências, conhecer pessoas de fora, ir às discotecas de Lisboa e outras, ir ao café fora do bairro porque... muito sinceramente... nem tudo o que procuramos está no bairro.

Reference 2 - 3,32% Coverage

Acho que com uma associação no bairro, muitas portas se abrem... não só para os jovens mas para a comunidade em geral. Consegue-se contactos com outras instituições para além destas que temos aqui no bairro que podem ajudar a melhorar o bairro. Mas para isso é importante ter um bom grupo de trabalho, porque se é uma associação de bairro, são os jovens quem fazem ela andar, mas é preciso ter objectivos claros e pulso, porque senão torna-se num fracasso.

<Documents\Entrevistada NETA7\Entrevistada NETA7> - § 2 references coded
[4,68% Coverage]

Reference 1 - 2,51% Coverage

Tenho contactos com outras mulheres, porque acho que é importante envolvemo-nos e convivemos com os colegas de trabalho, na faculdade ou em outro meio em que estamos inseridos... porque só vai servir omo uma mais valia, porque podemos aprender sempre com aqueles que nos rodeiam... discutir assuntos pessoais ou relacionados com o trabalho... que por vezes fortalecem os laços.

Reference 2 - 2,17% Coverage

As relações que se estabelecem, na minha perspectiva, são mais num campo mais individual, como troca de mensagens, email, informações, pequenas reuniões informais ao passo que as externas, são mais de construção de novos laços que passam muito pela participação nos encontros, amnifestações, concertos, workshops e por aí adiante.

<Documents\Entrevistada NETA8\Entrevistada NETA8> - § 2 references coded
[3,03% Coverage]

Reference 1 - 1,79% Coverage

De momento não tenho. Todas as minhas amigas são aqui do bairro como também os meus colegas, pelo menos a maioria e com quem me dou mesmo. Não tenho necessidade de ir para fora do bairro, tenho tudo que preciso e é importante para mim aqui.

Reference 2 - 1,24% Coverage

Não sei... talvez de amizade, de ajuda e companheirismo e também conhecemos mais pessoas de outras zonas e de bairros diferentes, podemos trocar ideias e aprendemos!

<Documents\Entrevistada NETA9\Entrevistada NETA9> - § 1 reference coded [1,03% Coverage]

Reference 1 - 1,03% Coverage

Aprende-se de uma forma interessante, conversa-se, partilhasse experiências, transmite-se opiniões, em grupo talvez fosse mais interessante.

RELACIONAMENTO DE BAIRRO E SENTIMENTOS

Documents\Entrevistada AVÓ1\Entrevistada AVÓ1> - § 3
references coded [5,43% Coverage]

Reference 1 - 2,16% Coverage

Com a convivência formámos uma grande família, que partilha muito das suas coisas sem pedir nada em troca, que vive os problemas de cada família como se fosse o dela, porque não é fácil viver num sítio onde a pobreza é o teu pano de fundo de todas as manhãs...

Reference 2 - 1,18% Coverage

Nunca estou sozinha... se não estou com a minha família, há sempre uma vizinha que bata à porta para irmos apanhar sol e pôr a conversa em dia.

Reference 3 - 2,09% Coverage

Não é o mais bonito de se ver ao longe, mas é rico de laços, de pessoas, de sentimentos... uns dias de sofrimento, de revolta e de cansaço por mais um dia de luta, de trabalho para sobreviver e noutros de alegria, de esperança, que amanhã seja melhor!

<Documents\Entrevistada AVÓ2\Entrevistada AVÓ2> - § 1 reference coded [6,72% Coverage]

Reference 1 - 6,72% Coverage

Mas no geral tem uma boa vizinhança, não há assaltos e crimes assim do nada. Acabamos por partilhar a nossa vida com os outros, ajudamos quem precisa, sabemos da história de vida de cada morador... muito tricot, (risos) e já estou habituada a cá morar. Acho é que o bairro é fechado para os que querem cá entrar e muito aberto para quem cá está. As pessoas não escondem aquilo que fazem, porque sentem-se em casa. A minha neta não passa muito tempo aqui no bairro. Cheg,a come, dorme e dia seguinte vai trabalhar. Não é de ficar na conversa no bairro, com os vizinhos é só o básico do civismo e da boa educação “bom dia, boa tarde, boa noite...”

<Documents\Entrevistada AVÓ3\Entrevistada AVÓ3> - § 1 reference coded [2,24% Coverage]

Reference 1 - 2,24% Coverage

Ser um pessoa bom, di coração ouro, capaz di ajuda kel outro ki ta passa fomi, ki ka tem casa...

<Documents\Entrevistada AVÓ4\Entrevistada AVÓ4> - § 1 reference coded [2,52% Coverage]

Reference 1 - 2,52% Coverage

E só é possível porque as pessoas estão disponíveis para os outros, receptivos a cumprimentar os vizinhos do lado e logo de manhã, quando se encontram na paragem para irem trabalhar.

<Documents\Entrevistada AVÓ5\Entrevistada AVÓ5> - § 1 reference coded [5,74% Coverage]

Reference 1 - 5,74% Coverage

Na nôs festas di bairro bem familia di tudo kau, Cova da Moura, Chelas, Portela, Amadora e ta bai ti manchi ku monti di bebi Amigas di peto tá vivi tudo na outro kau, uns africanos outros brancos. das, grogue e comida... pamodi manhan bu podi bai pa céu e sentimentu di família morri ku bo!

<Documents\Entrevistada AVÓ6\Entrevistada AVÓ6> - § 1 reference coded [3,25% Coverage]

Reference 1 - 3,25% Coverage

Não sei... talvez solidariedade e cunplcidade, porque embora os moradores saibam o que se passa aqui dentro preferem remeter-se ao silêncio, porque não sabem se amanhã o pior não virá bater à sua porta, porque têm filhos pequenos e adolescentes em casa.

<Documents\Entrevistada AVÓ7\Entrevistada AVÓ7> - § 1 reference coded [1,24% Coverage]

Reference 1 - 1,24% Coverage

Há uma amizade, companheirismo e solidariedade para com os moradores e isso é importante e também dá-nos mais segurança.

<Documents\Entrevistada AVÓ8\Entrevistada AVÓ8> - § 1 reference coded [1,43% Coverage]

Reference 1 - 1,43% Coverage

Nôs é amigo, vizinho, conhecido, mas nôs é tudo genti di bem.

<Documents\Entrevistada NETA1\Entrevistada NETA1> - § 2 references coded [2,71% Coverage]

Reference 1 - 0,74% Coverage

Com uns há laços de amizade que nos unem, com outros nem por, numa relação estritamente de trabalho.

Reference 2 - 1,97% Coverage

Antigamente quando vivia na Amadora, tinha relações de amizade com quase todos os moradores do bairro mas actualmente em Queluz, julgo que nem conheço as caras de metade dos vizinhos. Logo, eles não têm grande importância para mim, como têm até hoje os moradores do BSF.

<Documents\Entrevistada NETA10\Entrevistada NETA10> - § 2 references coded
[5,06% Coverage]

Reference 1 - 1,69% Coverage

Pelo que vejo o ambiente parece-me cordial, mas podem sobressair alguns sentimentos de frustração visto o bairro ser habitado por uma população maioritariamente carenciada.

Reference 2 - 3,37% Coverage

A minha relação com os meus vizinhos é quase inexistente, não passando para além do “bom dia”, logo a importância que eles têm na minha vida não é muito manifesta. Já a minha relação com os meus amigos e família é bastante boa e a relevância que eles têm na minha vida é bastante patente, e tento levar sempre em consideração as suas opiniões.

<Documents\Entrevistada NETA2\Entrevistada NETA2> - § 4 references coded
[3,91% Coverage]

Reference 1 - 0,66% Coverage

Ela é uma amiga mais velha... E acabo sempre por saber mais um pouco da sua vida com as histórias que conta da sua infância e não só!

Reference 2 - 1,72% Coverage

Penso que seja de união e de solidariedade. Existem pequenos grupos de jovens e de adultos que confraternizam diariamente... acho que existe uma confiança entre as pessoas que possibilita estarem mais à vontade dentro do bairro. Por outro lado, observa-se claramente que alguns dos moradores estão descontentes com o aumento do número de pessoas que têm

Reference 3 - 0,25% Coverage

m vêm morar para este meio sem condições mínimas.

Reference 4 - 1,28% Coverage

Tenho uma relação simpática com todos eles porque estamos sempre receptivos... quando precisamos de um favor (ou dar uma olhadela nos filhos, precisar de algum ingrediente ou alimento, dar um recado)... é algo normal e que encaramos como um gesto de confiança.

<Documents\Entrevistada NETA3\Entrevistada NETA3> - § 5 references coded
[7,42% Coverage]

Reference 1 - 2,06% Coverage

Estão connosco sempre que lhes apetece, porque gostam muito de falar e limpar as coisas... tipicamente de avós. Temos alguma relação, mas não é a mais próxima que se calhar gostaria. Às vezes meto-me com elas para lhes pregar alguns sustos. Já brinco com elas já há uns tempos, mas mesmo assim ainda não conseguiram perceber e caem sempre...!

Reference 2 - 1,52% Coverage

E por vezes, outras pessoas do bairro chegam e também e estão lá a conviver porque existem sentimentos de solidariedade, de boa vizinhança, onde as pessoas sentem-se bem... livres e bem dispostas como também estão lá nos maus momentos como nos funerais

Reference 3 - 1,09% Coverage

Então, uns somos família, parentes! Outras pessoas somos amigas e tenho também conhecidos e vizinhos com os quais temos aquelas conversinhas banais *enton tudu drêtu? familia sta bon?*

Reference 4 - 1,91% Coverage

Sim , porque tirando o facto de estar agora fora, porque estou no exercito, o resto das minhas coisas são feitas aqui do bairro e as minhas grandes amizades são vividas aqui e com elas, porque somos um grupo daqui. muitos dos meus familiares vivem aqui e em outro bairros sociais na Amadora, Buraca, Outurela-Portela.

Reference 5 - 0,84% Coverage

Deixa-me pensar... acho que são os sentimentos de amizade, companheirismo, de partilha de problemas porque estamos todos numa mesma situação.

<Documents\Entrevistada NETA4\Entrevistada NETA4> - § 2 references coded
[5,77% Coverage]

Reference 1 - 2,89% Coverage

Há muita alegria com tristeza, mas acima de tudo existe um companheirismo único que não se encontra em todo o lado, mas que tanto dá para o bem como para o mal. Acho que para os mais velhos, pode-se chamar de solidariedade. Há uma partilha dos mesmos sentimentos de frustração, de receios, de sofrimento, dos problemas do dia-a-dia, sempre encarregados como se houvesse um melhor dia amanhã.

Reference 2 - 2,88% Coverage

Não posso dizer que tenho grandes contactos com os meus vizinhos, não tenho, mas o meu pai e outros familiares como tios e avó têm as suas conversas matinais, vão ao café, enquanto que nós mais jovens temos os nossos pontos de encontro como parque e muro, onde lá falamos de tudo um pouco. Penso que... este espaço de convívio, de estar com as nossas amigas também nos abrem os horizontes!

<Documents\Entrevistada NETA5\Entrevistada NETA5> - § 2 references coded
[4,81% Coverage]

Reference 1 - 1,89% Coverage

Aqui vive-se os problemas uns dos outros, crescemos uns com os outros e é fixe, existe um sentimento de amizade, de partilha, de companhia e acima de tudo de solidariedade, embora não seja tudo cor-de-rosa... porque inveja e falar de mais, mata!

Reference 2 - 2,92% Coverage

Sim tenho. As minhas melhores amigas não são do meu bairro, mas falo com toda a gente e cumprimento sempre. Não deixam de ser importantes para mim, porque desde que nasci que fazem parte da minha vida. Tenho algumas amizades aqui no bairro com raparigas e rapazes, mas como trabalho aqui no Monte, se ficarmos a andar sempre no mesmo sitio, acabamos por não aprender e estagnar.

<Documents\Entrevistada NETA6\Entrevistada NETA6> - § 1 reference coded [9,03% Coverage]

Reference 1 - 9,03% Coverage

Acho que por um lado são sentimentos de interajuda, amizade, solidariedade, porque realmente os meus pais e os meus vizinhos conhecem-se bem e conversam, riem, choram juntos e isso demonstra que as pessoas têm ligações. Há um sentimento de pertença a esta comunidade que não se vê em todo o lado. Mas depois, também sobressaem os sentimentos de revolta, porque nem tudo é positivo e que tem muito a ver com a falta de emprego, muita gente está desempregada e inclui pessoal da minha idade e mais novos, muita gente está reformada por questões de saúde e quase imploram na segurança social, por um pequeno subsídio que ajude a sustentar a família e para não falar de muito pessoal novo que não tem documentos e que portanto não arranja trabalho porque está ilegal. É também por questões de documentos, que muitos imigrantes vêm morar para aqui porque o bairro também é um espaço de refúgio, porque o SEF não pára aqui... a polícia não consegue entrar aqui no bairro assim à toa... é complicado! Porque nesse aspecto, este bairro torna-se bastante fechado. Mal entra alguém novo, já toda a gente faz saber e se não é bem vindo, arranjam maneira de pô-lo fora daqui... há logo clima de desconfiança, porque é de fora e não sabe a que propósito veio.

<Documents\Entrevistada NETA7\Entrevistada NETA7> - § 2 references coded [5,83% Coverage]

Reference 1 - 2,49% Coverage

O ambiente entre as pessoas é muito especial devido a similaridades culturais e vivências até mesmo com as pessoas que não são africanas e que passam a fazer parte

desta união, entre os membros de um grupo. Como tudo há aspectos que nos unem como por exemplo, os hábitos, a maneira de vestir, de conviver e a música, mas também há factores que nos separam como a mentalidade.

Reference 2 - 3,35% Coverage

A relação com os meus vizinhos é saudável e de respeito acima de tudo. Com o meu grupo de amigos, a minha relação é mais intensa, porque confio e gosto do meu grupo de amigos. A família como é óbvio, é a mais importante para mim. Relaciono-me bem com a minha família, penso que cada grupo desempenha o seu papel mas todos eles são importantes na minha vida, há coisas que só a família me pode ajudar, mas há determinados assuntos que os amigos me ajudam quando a minha família não pode ou não está presente.

<Documents\Entrevistada NETA8\Entrevistada NETA8> - § 3 references coded
[4,54% Coverage]

Reference 1 - 1,26% Coverage

Dou-me bem com os meus vizinhos e a minha melhor amiga é minha vizinha. Os meus vizinhos não são muito barulhentos nem nada disso... são até calminhos. São pessoas fixas.

Reference 2 - 1,01% Coverage

União em algumas coisas e noutras nem por isso, às vezes também são um pouco individualistas, solidariedade, boa disposição e respeito.

Reference 3 - 2,27% Coverage

Algumas são de afecto, familiares e amigos e com os vizinhos são mais de vizinhança, "Olá, bom dia! Como está? Emprста-me um bocadinho de sal, que o meu acabou?" São mais estas coisas do dia-a-dia, que também são muito importantes para nos sentirmos bem e acolhidos pelas pessoas que estão à nossa volta.

<Documents\Entrevistada NETA9\Entrevistada NETA9> - § 4 references coded
[5,40% Coverage]

Reference 1 - 0,31% Coverage

Familiares e de amizade respectivamente.

Reference 2 - 0,65% Coverage

os meus vizinhos não são propriamente os meus amigos, mas considero-me uma moradora comum.

Reference 3 - 1,82% Coverage

Existem várias comunidades representadas aqui, e cada vez mais diversificadas. Penso que as pessoas se dão bem, mas poderia ser melhor. A minha casa é a MINHA CASA, um sítio onde me sinto bem, o sítio em que penso em chegar no final do dia e relaxar.

Reference 4 - 2,62% Coverage

Vizinhos ...não os conheço muito bem...apenas falamos o necessário para viver em sociedade. Família... tenho até bastantes familiares que moram no e perto do meu bairro com os quais tenho óptima relação e para mim são bastante importante. Amigos ...Tenho alguns amigos que moram aqui perto, mas não a maioria, contudo têm um papel muito importante na minha vida.

REPRODUÇÃO HÁBITOS CULTURAIS

<Documents\Entrevistada AVÓ1\Entrevistada AVÓ1> - § 1 reference coded [3,75% Coverage]

Reference 1 - 3,75% Coverage

Penso que agora o povo tem procurado recuperar os nossos hábitos tradicionais, junto das suas famílias e dos vizinhos mais próximos, porque sente-se essa necessidade de estar mais em contacto, de sentir e ouvir as outras pessoas a falarem, de se comer em grande família, porque a tradição é importante para nos tornarmos pessoas. A língua ou o dialecto se a minina preferível é uma das nossas principais falhas na transmissão de valores e costumes.

<Documents\Entrevistada AVÓ2\Entrevistada AVÓ2> - § 1 reference coded [3,39% Coverage]

Reference 1 - 3,39% Coverage

Cresceu com conhecimento da cultura europeia e tem muitas coisas dela... a maneira de falar, de vestir... mas nunca perde as suas raízes. É que isso que é importante, o continuar a ensinar o que resta da nossa cultura, para que ela possa fazer o mesmo quando formar uma família e até mesmo passá-los aos seus amigos africanos.

<Documents\Entrevistada AVÓ3\Entrevistada AVÓ3> - § 1 reference coded [4,22% Coverage]

Reference 1 - 4,22% Coverage

È importanti ki continua os nossos costumes ku amigos, ku fidjos, vizinhos, tudo alguém para ser uma mulher di força, di garra, di brio! Não un mocinha apenas ki vivi na Portugal.

<Documents\Entrevistada AVÓ4\Entrevistada AVÓ4> - § 1 reference coded [3,62% Coverage]

Reference 1 - 3,62% Coverage

É bom que haja, porque estas miúdas só aprendem História de Portugal, que descobriram e conquistaram as nossas terras e a verdadeira história não é bem essa e se formos a ver bem.. Jesus nem sequer era loiro de olhos claros, mas moreno de olhos e cabelos castanhos.

<Documents\Entrevistada AVÓ5\Entrevistada AVÓ5> - § 1 reference coded [3,48% Coverage]

Reference 1 - 3,48% Coverage

Kel li ê pa nu konta, ê pa nu dansa, ê pa nu kanta sem vergonha... manham nha Maria pega sê caminhu preparadu pa venci problemas di vida, ki brancos fazi queston di poi na mesa.

<Documents\Entrevistada AVÓ6\Entrevistada AVÓ6> - § 1 reference coded [1,07% Coverage]

Reference 1 - 1,07% Coverage

a minha neta nasceu cá, é portuguesa e porque insistir nas tradições e nos costumes.

<Documents\Entrevistada AVÓ7\Entrevistada AVÓ7> - § 1 reference coded [3,24% Coverage]

Reference 1 - 3,24% Coverage

Tem mesmo de existir essa reprodução porque senão, o povo deixa de existir, deixa-se de escrever no livro e com o tempo a tinta vai desaparecendo. Somos nós quem preenchemos cada página deste caderno imenso que se chama Angola. Eu já escrevi a minha, falta a dela, e um dia... os seus filhos deixarão aqui um pouco de si...

<Documents\Entrevistada AVÓ8\Entrevistada AVÓ8> - § 1 reference coded [2,92% Coverage]

Reference 1 - 2,92% Coverage

Nu teni ki fazi nos cultura vivi na nova geração... e pa kel li, nu passa nós passado, pa es fazi presenti e pa construir futuro!

<Documents\Entrevistada NETA1\Entrevistada NETA1> - § 1 reference coded [3,89% Coverage]

Reference 1 - 3,89% Coverage

Depende muito do país de que estivermos a falar. Como já havia referido o nosso continente é um mosaico cultural, é extremamente diversificado. E existem países em que podemos falar da reprodução de hábitos familiares tradicionais, da mesma forma que existem países que se têm vindo a afastar completamente de tudo o que implica tradição. Infelizmente. A Angola em que eu fui gerada é exemplo disso, não obstante o facto de agora, num contexto pós-guerra, existirem claras tentativas de resgate das práticas familiares tradicionais.

<Documents\Entrevistada NETA10\Entrevistada NETA10> - § 1 reference coded [2,69% Coverage]

Reference 1 - 2,69% Coverage

Existe, na minha família mantém-se os princípios adquiridos enquanto africanos, porque são eles que nos fazem pertencer a uma determinada comunidade... e neste caso, africana... pertencentes algo partilhado por várias pessoas que nos ajudam a crescer enquanto seres humanos.

<Documents\Entrevistada NETA2\Entrevistada NETA2> - § 1 reference coded [0,50% Coverage]

Reference 1 - 0,50% Coverage

Sim existe numa perspectiva de continuidade de todos os hábitos familiares assim como os tradicionais.

<Documents\Entrevistada NETA3\Entrevistada NETA3> - § 1 reference coded [2,05% Coverage]

Reference 1 - 2,05% Coverage

Acho que sim, mas não é só dentro de casa. Também na rua, aqui no bairro oiço muitas pessoas e principalmente jovens a falarem crioulo e não são caboverdeanos nem descendentes assim como nos transportes. A música africana ouve-se nos carros até dos tucas para não falar nos ciganos, nas discotecas dos tucas é moda. A nossa música faz-se ouvir!

<Documents\Entrevistada NETA4\Entrevistada NETA4> - § 1 reference coded [4,47% Coverage]

Reference 1 - 4,47% Coverage

Sim claramente, mas a questão que se coloca é se essa reprodução é suficiente para nós nos considerarmos africanas ou não... se calhar para umas é porque entretanto procurando outras fontes ou formas que complementem todo esse conjunto de maneiras de estar e de fazer e para outras, é diferente por desinteresse, inércia, não sei... por muitos outros motivos que ultrapassam os meus. Para mim, o facto de estar longe do país, leva-me a dizer que não sou uma mulher africana dado ao meu handicap a nível de

história e conhecimento em relação ao meu país. Poderei, um dia, a sê-lo, mas não presentemente.

<Documents\Entrevistada NETA5\Entrevistada NETA5> - § 1 reference coded [1,41% Coverage]

Reference 1 - 1,41% Coverage

Até agora sim, espero que nas próximas gerações todos estes hábitos continuem e perdurem por muito tempo. Afinal é uma herança cultural e como tal tem de haver alguém para recebê-la.

<Documents\Entrevistada NETA6\Entrevistada NETA6> - § 1 reference coded [1,64% Coverage]

Reference 1 - 1,64% Coverage

Sim há uma reprodução que por vezes torna-se doentia. Não falo dos costumes alimentares nem convívios, mas sim de outras questões mais profundas que por vezes estão interligadas com a religião, machismo, poder, superioridade.

<Documents\Entrevistada NETA7\Entrevistada NETA7> - § 1 reference coded [1,14% Coverage]

Reference 1 - 1,14% Coverage

Sim existe essa reprodução, porque é necessária para que haja uma continuidade. Sem ela, tudo estagnava... não havia hipótese de mudança, de inovação, de crítica, de nada...

<Documents\Entrevistada NETA8\Entrevistada NETA8> - § 1 reference coded [2,07% Coverage]

Reference 1 - 2,07% Coverage

Sim existe na minha família, como na maioria das famílias caboverdeanas, porque prezam muito as tradições e os costumes. E isso vê-se na língua. Desde pequenas que nos ensinam a falar crioulo e não é português!... da mesma forma que comemos a nossa canja e mais tarde a cachupa.

<Documents\Entrevistada NETA9\Entrevistada NETA9> - § 1 reference coded [1,03% Coverage]

Reference 1 - 1,03% Coverage

Penso que sim, eles foram-me transmitidos e penso fazer o mesmo, não só para os meus filhos mas também para amigos, que já vem acontecendo.

TIPOLOGIA DE FAMÍLIA

Documents\Entrevistada AVÓ1\Entrevistada AVÓ1> - § 1 reference coded [5,83% Coverage]

Reference 1 - 5,83% Coverage

Acabei por casar cedo e tive nove filhos todos do mesmo pai, embora ele tenha arranjado umas mulheres por fora e teve mais dois filhos, que hoje até falo bem com eles, sem problemas. A nossa família é tudo o que esta *moça* tem... não é o namorado, nem os amigos que vão socorrê-la quando ela precisar. Sim, porque existe muito amor, muito amor até o dia em que se tropeça na corda que estendeu tá a ver?!Ela pelo menos aqui, sabe que nada lhe vai faltar, tudo o que ela pede, nós tentamos dar... eu e a mãe dela, minha filha do meio. Afinal, família protege os seus *candengues*, cuida, educa, dá umas *bazulas* se for preciso, para que não saiam do bom caminho e que se tornem verdadeiros homens e mulheres.

<Documents\Entrevistada AVÓ2\Entrevistada AVÓ2> - § 1 reference coded [1,30% Coverage]

Reference 1 - 1,30% Coverage

Filhos tive oito, uma delas a mãe da minha neta e pronto cá estamos. Já todos os filhos me deram netos e vivo rodeada deles.

<Documents\Entrevistada AVÓ3\Entrevistada AVÓ3> - § 1 reference coded [4,64% Coverage]

Reference 1 - 4,64% Coverage

Nôs família é grandi di más nmas feliz. Tudo genti sabi que melhor do que estar vivo é ter companhia de quem nos ama e quer nos ver feliz...amin é mas velha mas eu sei bem o que se passa à minha volta...

<Documents\Entrevistada AVÓ4\Entrevistada AVÓ4> - § 1 reference coded [2,69% Coverage]

Reference 1 - 2,69% Coverage

Sou a pessoa mais velha, pelos menos em 1º grau e procuro passar um pouco despercebida nesta questões de conflitos familiares, já são todos grandes e vacinados, puxem um cadeira, sentem e conversem.

<Documents\Entrevistada AVÓ5\Entrevistada AVÓ5> - § 1 reference coded [4,95% Coverage]

Reference 1 - 4,95% Coverage

Amin teneu más de dozi fidjos na kel corpo li e ninguem ta fika paradu nês mundo pamodi nha casa ka ê penson! Nu sta li pa orienta nha vida e di sês... amin sta demasiadu cansadu pa sofrir mas... nha homi dja bai na caminhu di Deus e nha cabeça sta longi.

<Documents\Entrevistada AVÓ6\Entrevistada AVÓ6> - § 1 reference coded [2,81% Coverage]

Reference 1 - 2,81% Coverage

Somos uma família grande e gosto de tê-los todos ao meu redor, a encherem a casa, muita confusão e agitação. Já tou mais gasta porque os anos passam, mas não deixo de impor respeito quando é necessário fazê-lo aparecer.

<Documents\Entrevistada AVÓ7\Entrevistada AVÓ7> - § 1 reference coded [2,74% Coverage]

Reference 1 - 2,74% Coverage

Depois também somos uma família grande, porque nós africanos gostamos de procriar (risos), que se divide em outras tantas e que nem sempre está unida o suficiente para

apoiar toda a gente, uns mais outros menos, mas lá vamos permanecendo unidos e minimamente orientados.

<Documents\Entrevistada AVÓ8\Entrevistada AVÓ8> - § 1 reference coded [2,12% Coverage]

Reference 1 - 2,12% Coverage

Nos ser un família grandi amin teni mas de catorze fidjos, tud homi seriu e mudjers di garra

<Documents\Entrevistada NETA1\Entrevistada NETA1> - § 3 references coded [5,89% Coverage]

Reference 1 - 2,70% Coverage

Actualmente não vivo com ninguém da minha Família, mas os elementos que constituem a minha Família são a minha Avó Materna,a minha Mãe, irmã, primos do lado materno,meu Tio do lado materno. Os elementos do lado do meu Pai são mais conhecidos do que propriamente Família.Temos laços sanguíneos mas não temos tudo o resto que para mim realmente importa numa Família.

Reference 2 - 2,90% Coverage

A minha Avó materna tem 83 anos e é obviamente a Matriarca da Família.A nossa Família funciona muito com base nos pareceres dos mais experientes,nesse caso a Vovó,e como tal a palavra dela tem muito peso nas decisões que os meus primos,a minha Mãe,o meu Tio tomam. Eu e a minha irmã já nos tornamos mais ocidentalizados nesse aspecto e acreditamos que não precisamos de conselhos (gargalhada).

Reference 3 - 0,29% Coverage

Duas,felizmente.A materna e a paterna.

<Documents\Entrevistada NETA10\Entrevistada NETA10> - § 2 references coded [1,03% Coverage]

Reference 1 - 0,92% Coverage

Ao certo não sei porque a família é muito grande. Neste momento vivo com mais 3 pessoas.

Reference 2 - 0,11% Coverage

Uma apenas.

<Documents\Entrevistada NETA2\Entrevistada NETA2> - § 3 references coded
[1,94% Coverage]

Reference 1 - 1,03% Coverage

Sim... a minha família é aquela tipicamente africana. Para veres a minha avó teve nove filhos e portanto, os tios e tias são muitos e primos então nem se fala. Isto tudo tanto do lado materno como do lado paterno.

Reference 2 - 0,23% Coverage

A viver comigo lá em casa somos quatro pessoas.

Reference 3 - 0,68% Coverage

As pessoas mais velhas são os avós, que são três. Tenho uma de 1º grau, que é a mãe da minha mãe e dois que são os chefes da grande família.

<Documents\Entrevistada NETA3\Entrevistada NETA3> - § 2 references coded
[4,55% Coverage]

Reference 1 - 1,54% Coverage

Não consigo quantificar um número exacto porque nós nos multiplicamos a olhos vistos... mas comigo vivem mais quatro pessoas... mãe, pai, irmã e sobrinho. A minha avó tem a casa dela também cheia de filhos e noras, embora meia volta esteja connosco.

Reference 2 - 3,00% Coverage

As pessoas mais velhas são as minhas duas avós e depois os meus pais claro. Sinceramente, as minhas avós não têm muita importância na minha vida, porque sempre se puseram um pouco à parte da minha educação, não cheguei a conviver muito com

elas.. a partir dos 17 anos mais ou menos. No entanto, são figuras de respeito e são sempre um exemplo a seguir porque mesmo com a idade que têm, continuam a trabalhar e fazem-me sempre ver que o dinheiro não é tudo, desde que tenhas saúde e vontade de viver.

<Documents\Entrevistada NETA4\Entrevistada NETA4> - § 3 references coded [7,36% Coverage]

Reference 1 - 2,38% Coverage

A minha família é bastante grande, avós, tios, primos..., mas vivia com mais três pessoas... meu pai e dois irmãos e agora vivo sozinha, mudei-me à pouco tempo para a minha casa. Tanto cá em Portugal como em Moçambique, a família tem vindo a alargar-se, pois uns já casaram, outros juntaram-se e já têm filhos... é assim!

Reference 2 - 4,49% Coverage

Mais velha é a minha avó e como em todas as pessoas mais velhas da minha família, ela tem um lugar de destaque e de respeito. É um pote de sabedoria e de conhecimentos que por vezes, não são muito actuais mas que nos enriquecem de alguma maneira. Na mesa têm sempre o lugar da cabeçeira como chefes de família, embora não vivamos na mesma casa e utilizamos sempre a 3ª pessoa do singular quando nos dirigimos a ela, pelo menos foi essa a educação que me deram. Depois vêm os meus pais que ocupam um papel também muito relevante porque estão sempre por perto para nos apoiar, ajudar, aconselhar e respeitar.

Reference 3 - 0,48% Coverage

Só tenho uma, da parte da minha mãe. Os outros já são falecidos.

<Documents\Entrevistada NETA5\Entrevistada NETA5> - § 1 reference coded [3,51% Coverage]

Reference 1 - 3,51% Coverage

Uma avó e depois a minha mãe e tios. São eles que de certa forma criam alguns espaços de conversa familiar e que o pessoal começa a ver os problemas com outros olhos. Portanto, a minha avó e outras pessoas mais velhas da família já têm os seus espaços de

domínio criados, onde aos poucos vão dando uns ajustes ao agregado familiar. Pois, parece um pouco complicado, mas como somos uma família grande, só em casa somos seis pessoas, o respeito é muito maior.

<Documents\Entrevistada NETA6\Entrevistada NETA6> - § 1 reference coded [3,44% Coverage]

Reference 1 - 3,44% Coverage

A minha avó é a mais velha e é a bebé da família (risos). Está sempre rodeada de todos os filhos, toda a gente faz-lhe as vontades todas e também se preocupa com toda a gente. Adora os netos e é uma pessoa bué carinhosa a quem todos devem respeito pela pessoa que é. É bué fixe, mesmo cool! Somos uma família que nem sempre é unida, mas que com ela, tudo isso se esquece... ela tem sempre os filhos, netos, noras, todos à sua volta... como podes imaginar somos muitos mesmo!

<Documents\Entrevistada NETA7\Entrevistada NETA7> - § 3 references coded [5,41% Coverage]

Reference 1 - 1,08% Coverage

A minha família é composta por seis elementos mas vivo com cinco pessoas: tenho duas irmãs (elas são mais velhas), comigo três e um irmão mais novo... e a minha mãe.

Reference 2 - 4,10% Coverage

Lá de casa, as pessoas mais velhas são o meu pai e a minha mãe. São os membros mais importantes da composição familiar. São a base e sustentam a casa financeiramente e dão amor aos filhos... são os mais velhos e os respeito e os valorizo pela educação que me dão como também exercem autoridade. Depois vem a minha irmã que é a mais velha do que eu e temos a diferença de seis anos, mas dela recebo conselhos como uma amiga. É muito compreensiva e a respeito bastante. As minha avós não vivem comigo e lógico que antes dos meus pais, vêm elas como as asnciãs da família...(risos) já estão velhinhas mas bem lúcidas e inchutas!

Reference 3 - 0,23% Coverage

Tenho três avós. Uma por afinidade.

<Documents\Entrevistada NETA8\Entrevistada NETA8> - § 2 references coded
[2,24% Coverage]

Reference 1 - 1,04% Coverage

Na minha casa?... a minha mãe, pai, as minhas duas irmãs mais velhas, a minha avó não vive lá mais está lá quase todos os dias e eu!(risos)

Reference 2 - 1,20% Coverage

As pessoas mais velhas são as minhas duas avós. Como são as mais velhas temos de ter mais cuidado porque elas já cuidaram de nós e agora nós é que cuidamos delas

<Documents\Entrevistada NETA9\Entrevistada NETA9> - § 3 references coded
[4,74% Coverage]

Reference 1 - 0,55% Coverage

Tenho uma família bastante grande, contudo só vivem comigo mais 3 pessoas.

Reference 2 - 3,17% Coverage

De momento penso que a minha avó. Dado que os meus avós de 1º grau já faleceram passaram a ser estes os membros de união da família, é na casa dela que nos reunimos várias vezes para comemorações, ou mesmo sem nenhum motivo especial, apenas para fazer companhia. Penso que ocupa um lugar bastante importante, uma espécie de pilar onde normalmente estão todos à volta, simbolizando por isso, o respeito e carinho existente na família.

Reference 3 - 1,01% Coverage

De 1º grau já não tenho nenhuns, só a minha avó da parte da minha mãe. Mas considero os avós aqueles com quem estou quase sempre e são 2.

TIPOLOGIA DE RELAÇÕES

<Documents\Entrevistada AVÓ1\Entrevistada AVÓ1> - § 1 reference coded [3,09% Coverage]

Reference 1 - 3,09% Coverage

temos uma relação aberta, de amizade e confiança. A minha filha, mãe dela teve um grande período longe dela por motivos profissionais, mas nunca a deixou desamparada como se não tivesse família. Eu ocupei um pouco esse lugar e fui quase uma segunda mãe. Ela sabe que aqui comigo, ela pode ser ela mesma, uma moça sensível, afectuosa que precisa do nosso apoio e carinho.

<Documents\Entrevistada AVÓ2\Entrevistada AVÓ2> - § 1 reference coded [6,22% Coverage]

Reference 1 - 6,22% Coverage

E tem vindo a ser assim desde então... aprendi a ser uma boa dona de casa e boa mãe e sei que não é o mesmo que desejo para a minha neta. Acredito que as pessoas leem nestas frases o que lhes interessa e não dizem que Allah quis dizer ao espalhar a sua mensagem. Com a idade estou mais debilitada, mas estou sempre protegida e na companhia dos meus netos. Tenho o respeito e carinho deles e estamos juntos sempre que dá. Sei que tenho toda a consideração da parte deles, mas já não tenho 50 anos, já me custa subir e descer escadas, sinto-me mais cansada... mas são sempre muito queridos para mim.

<Documents\Entrevistada AVÓ3\Entrevistada AVÓ3> - § 1 reference coded [3,15% Coverage]

Reference 1 - 3,15% Coverage

Amin gosta de fala com ela porque é un mocinha engraçada, bem disposta, ki teni sempri muito pa contar. E assim , o tempo vai passando.

<Documents\Entrevistada AVÓ4\Entrevistada AVÓ4> - § 1 reference coded [4,12% Coverage]

Reference 1 - 4,12% Coverage

Penso que tenha uma relação muio próxima com a minha neta porque também estive sempre por perto numa fase muito complicada da vida dela, ainda muito miúda e com

isso estreitamos as nossas ligações e afinidades... tenho-a como alguém muito especial que não assume somente o papel de neta na minha vida.

<Documents\Entrevistada AVÓ5\Entrevistada AVÓ5> - § 1 reference coded [0,67% Coverage]

Reference 1 - 0,67% Coverage

Maria é nha tisouro, nha amiga...!

<Documents\Entrevistada AVÓ6\Entrevistada AVÓ6> - § 1 reference coded [3,42% Coverage]

Reference 1 - 3,42% Coverage

Como todas as famílias temos os nossos problemas, mas sinto que a nossa relação, eu e a minha neta não é muito intimiva, mas é saudável, alegre, espiritual... gostava de poder estar mais tempo com ela, mas os problemas que existem dificultam um pouco esta aproximação.

<Documents\Entrevistada AVÓ7\Entrevistada AVÓ7> - § 1 reference coded [2,30% Coverage]

Reference 1 - 2,30% Coverage

Sempre conversei muito com todos os meus netos, para que houvesse uma relação aberta, de amizade. É isso que tenho com a minha neta, um dia-a-dia comum, onde nós as duas podemos compartilhar um mesmo sentimento, uma mesma dor.

<Documents\Entrevistada AVÓ8\Entrevistada AVÓ8> - § 1 reference coded [6,10% Coverage]

Reference 1 - 6,10% Coverage

Hoji ê Leida ki bem fazi un visitinha di medico, ki bem konta mó ki bai sê schola, bem fazi tradajos di casa na nha bera. Amin gosta di fala storias di nha tempu di pikena atrevida, pamodi ê un grandi ensinamentu di vida... ês krês tudu hora, brincadera, djuga bola...

**<Documents\Entrevistada NETA1\Entrevistada NETA1> - § 3 references coded
[4,76% Coverage]**

Reference 1 - 2,90% Coverage

As minhas Avós têm uma forma de estar na vida mais compreensiva, mais tolerante e embora não esteja tanto com a minha Avó paterna como deveria e queria estar, tenho a sempre presente da mesma forma que tenho a minha Avó materna. Sei que posso contar com elas para tudo. Se quiser rir, se quiser chorar, se quiser falar á toa. Elas são as minhas sistaz mais kôtas, principalmente a minha Avó Materna.

Reference 2 - 0,44% Coverage

Não estão sempre comigo, actualmente ambas estão em Luanda.

Reference 3 - 1,43% Coverage

A minha Avó materna é uma grande amiga, a minha Avó paterna sei que pode ser ainda mais mas devido a alguns problemas causados pelo filho dela, não temos o contacto permanente que devíamos ter.

**<Documents\Entrevistada NETA10\Entrevistada NETA10> - § 2 references coded
[1,52% Coverage]**

Reference 1 - 0,84% Coverage

Neste momento convivo com a minha avó, sendo que esporadicamente faço-lhes visitas.

Reference 2 - 0,69% Coverage

Temos uma relação de proximidade e bastante sólida, bastante salutar.

**<Documents\Entrevistada NETA2\Entrevistada NETA2> - § 2 references coded
[4,24% Coverage]**

Reference 1 - 2,40% Coverage

Na minha vida, são muito importantes. não muito no sentido de resolução de problemas e de orientação, mas mais pela sua companhia e partilha de experiências. Claramente somos duas gerações diferentes e como tal temos formas de estar diferentes associados a

outros valores. Por outro lado, a minha avó é aquela pessoa que faz todos os carinhos e miminhos às netas como os famosos bolos e cozinhados típicos. Tenho uma relação próxima com ela, de respeito, carinho... porque ela faz-me falta.

Reference 2 - 1,84% Coverage

Ela está presente sempre que é possível. Quando era mais nova lembro-me de tê-la sempre por perto e era uma figura que fazia parte do quadro familiar. Hoje acho que ela continua a fazer parte dele, mas talvez eu já não esteja tão presente porque a minha vida quotidiana faz-me passar menos tempo em casa e leva-me a ser uma presença menos constante nos convívios familiares.

<Documents\Entrevistada NETA3\Entrevistada NETA3> - § 1 reference coded [2,06% Coverage]

Reference 1 - 2,06% Coverage

Estão connosco sempre que lhes apetece, porque gostam muito de falar e limpar as coisas... tipicamente de avós. Temos alguma relação, mas não é a mais próxima que se calhar gostaria. Às vezes meto-me com elas para lhes pregar alguns sustos. Já brinco com elas já há uns tempos, mas mesmo assim ainda não conseguiram perceber e caem sempre...!

<Documents\Entrevistada NETA4\Entrevistada NETA4> - § 1 reference coded [5,17% Coverage]

Reference 1 - 5,17% Coverage

Acho que toda a importância. Afinal se também aqui estou neste momento é porque ela existe! Ela deve ser sempre estimada, acarinhada, porque já fez muito nesta vida, já criou, já educou, já sofreu, já fez tudo em circunstâncias muito mais difíceis que as nossas... consequências do colonialismo, da guerra, da pobreza. Por vezes não damos o seu devido valor... pois a velha já não diz coisas deste século... pois mas depois quando as coisas não correm bem... lá vamos chorar no colo dela, porque ela avisou, mas a nossa teimosia é sempre a mais rápida a falar mas a mais burra a pensar. Por isso, sinto-me bem perto dela e tento passar o menos tempo possível longe dela. Somos amigas mesmo a sério.

<Documents\Entrevistada NETA5\Entrevistada NETA5> - § 1 reference coded [2,59% Coverage]

Reference 1 - 2,59% Coverage

Na minha vida quotidiana não tem muita importância porque passo muito tempo fora de casa, mas nos momentos em que estou com ela e mais num ambiente familiar, a presença dela, faz-me sentido e preenche-me de certa forma e tenho em atenção aquilo que me diz, os conselhos, as chamadas de atenção... ela é importante na minha vida familiar.

<Documents\Entrevistada NETA6\Entrevistada NETA6> - § 2 references coded [2,01% Coverage]

Reference 1 - 0,70% Coverage

Tem importância, mas não aquela que gostaria. A minha família aparenta ser tudo aquilo que não é.

Reference 2 - 1,31% Coverage

Com a minha avó tenho aqueles momentos de convívio, mas não chega a ser uma relação de muita intimidade, que só tenho mesmo com a minha mãe e com os meus melhores amigos, percebes?!

<Documents\Entrevistada NETA7\Entrevistada NETA7> - § 1 reference coded [4,79% Coverage]

Reference 1 - 4,79% Coverage

8 Apesar da vida quotidiana ser agitada, actualmente os meus pais e as minhas avós têm muita importância, ... hum... por exemplo, com a minha mãe estabeleço contacto na hora de almoço. Já o meu pai não tem quase influência nenhuma porque a profissão dele envolve viagens e deslocações constantes. Com elas são sempre aqueles momentos das vóvós, com demonstrações de carinho quase sempre... não há um espaço só para estarmos juntas... acho que é algo contínuo e que já entra no meu quotidiano, mesmo sem me aperceber. No meu dia-a-dia, estou com a minha mãe e com o meu pai muito esporadicamente devido à profissão dele como já referi

anteriormente, daí que a minha relação com ela seja de proximidade e com o meu pai é quase nula.

<Documents\Entrevistada NETA8\Entrevistada NETA8> - § 1 reference coded [2,34% Coverage]

Reference 1 - 2,34% Coverage

Então acho que toda, porque são a minha família e se passam comigo muitas horas e estamos juntas são importantes. Elas são as minhas avós, de quem gosto muito e me sinto à vontade com elas. Às vezes mandam-me fazer recados e nem sempre gosto disso porque estou a fazer as minhas cenas... mas também faz parte né?!

<Documents\Entrevistada NETA9\Entrevistada NETA9> - § 1 reference coded [1,24% Coverage]

Reference 1 - 1,24% Coverage

Relação próxima, mas não propriamente íntima, mas claramente de confiança e sólida, alguém que embora muitas vezes não partilhasse da mesma opinião, ouvia os conselhos...

TIPOLOGIA DE VALORES

<Documents\Entrevistada AVÓ1\Entrevistada AVÓ1> - § 1 reference coded [5,48% Coverage]

Reference 1 - 5,48% Coverage

Quando estou com ela em Lisboa, ela sente-se mais acarinhada porque não deixo de dar cafonés de vó e digo-lhe sempre “estás na terra dos brancos, comporta-te com dignidade, com respeito para que não te apontem o dedo”, como se não bastasse és mulher e preta com estudos. Sim porque seria único se a cor da pele não contasse neste país. Por isso é que eu digo, para ela estudar, trabalhar, ter as coisas dela sem depender dos outros. Só procuro transmitir o lado bom da minha educação, os verdadeiros pontos de orientação e ela lá faz as suas escolhas, mas a principal delas é estimar a família que tem porque é só uma, com todos os defeitos que possa ter.

<Documents\Entrevistada AVÓ2\Entrevistada AVÓ2> - § 1 reference coded [4,33% Coverage]

Reference 1 - 4,33% Coverage

Com os meus netos, acho que ainda tento dar-lhes bons conselhos, respeitar os mais velhos, dar o lugar à mesa, saber cozinhar, lavar, passar, cuidar de uma casa. e praticarem mais a religião, que é a mais certa herança que têm. Já nascem com ela. A minha neta meia volta discute comigo porque diz que estou muito desactualizada, mas é como digo... foi a educação que me deram e ela saberá escolher as boas parte dela

<Documents\Entrevistada AVÓ3\Entrevistada AVÓ3> - § 1 reference coded [8,47% Coverage]

Reference 1 - 8,47% Coverage

não estou caduca, porque a inteligência não é enganar as pessoas ou contar mentira... eu sempre falo pa conta verdadi, ser uma pessoa honesta, correcta a ela e a todos os outros netos e bisnetos tambi. Fazi fidjos cada un com sê pai?! Isso não é bom, porque tudu nha fidjus... amin fazi ku un homi so... ma estas mocinhas ka ten vergonha. Mas respectu... ninguén tira!

<Documents\Entrevistada AVÓ4\Entrevistada AVÓ4> - § 2 references coded [14,14% Coverage]

Reference 1 - 9,35% Coverage

Embora ela não os compreenda há valores que são tudo na vida de uma mulher e agora com estas modernices de mulher independente, mãe solteira e emancipada, vem confundir a cabeça destas jovens mulheres... qual o problema de ser mais tolerante com o namorado ou marido? Revela submissão? Penso que não, revela sim astúcia, porque o homem precisa de ser levado... saber cozinha hoje em dia é um dote que poucas têm... e pode ser uma boa arma para fiscar como vocês, a vossa cara metade. Mas a miúda é teimosa como tudo. Mas é assim que vejo as coisas... sim é bom ter canudo nas mãos, para não estarem nas limpezas e nessas TMNs e empresas de inquéritos que nos cansam a cabeça logo de manhã.

Reference 2 - 4,79% Coverage

Também tem muito a ver com a educação que tive... estudei, mas não fiz as classes mais puxadas porque tive de ir trabalhar e os meus pais eram muito rígidos connosco e a disciplina era prato da casa... as raparigas moças nas lidas da casa e os rapazes no mercado... educação à moda africana, um pouco mais conservadora e de pouco espaço para as mulheres.

<Documents\Entrevistada AVÓ5\Entrevistada AVÓ5> - § 1 reference coded [8,25% Coverage]

Reference 1 - 8,25% Coverage

Mudjer teni um papel diferenti na sociedade... teni ki respecta pa ser respectadu na trabadjo, na casamento, na vida. Pa isso, ka podi fica na rua ti manhan... vizinhos ta fala tcheu, bu sabi!Ê importanti, un mudjer di studos, ki toma conta di casa, codézinha! Amin ka ê mudjer di muito studos pamodi nha pai staba tempu di mas na São Vicente e nha mãe ta mesti di apoio na cultivo di midjo, batata doci la na nós tchada.

<Documents\Entrevistada AVÓ6\Entrevistada AVÓ6> - § 1 reference coded [3,66% Coverage]

Reference 1 - 3,66% Coverage

Desde sempre procurei transmitir que é importante ser verdadeiro, que é necessário arriscar em determinados momentos da nossa vida, estudar e trabalhar porque na minha maneira de ver as coisas, uma coisa não invalida a outra e é uma forma de se preparar para a batalha que é a vida.

<Documents\Entrevistada AVÓ7\Entrevistada AVÓ7> - § 2 references coded [13,26% Coverage]

Reference 1 - 0,78% Coverage

Tudo o que procuramos transmitir são valores de sobrevivência e de conquista...

Reference 2 - 12,48% Coverage

Sempre conversei muito com todos os meus netos, para que houvesse uma relação aberta, de amizade. É isso que tenho com a minha neta, um dia-a-dia comum, onde nós as duas podemos compartilhar um mesmo sentimento, uma mesma dor.

Mais do qualquer outro aspecto, está o respeito e a educação, porque só assim as pessoas não se atropelam, não se agridem, não se magoam, isto em relação a todas pessoas com quem ela tenha laços afectivos, de cordialidade, seja o que for e é isso a base de um bom namoro, de um bom casamento, de uma relação a dois... e depois, há o respeito pelos mais velhos, que nem sempre têm razão, mas que no fundo querem o bem dos netos, dos filhos, dos bisnetos, saber amar a pessoa que está ao nosso lado com todas as suas virtudes e defeitos porque nem eu, nem tu, nem ela, nenhuma de nós é perfeita para julgar a imperfeição do outro. Só assim poderão ser bons estudantes e profissionais de amanhã. Tudo acontece segundo a base da pessoa... se estiver com defeito, ou manda-se consertar ou então, dificilmente se endireita. São valores culturais porque em toda a África, a pessoa mais velha é a verdadeira sabedoria e como tal, o respeito por si recai e também religiosos, já que nós procuramos praticar o bem.

<Documents\Entrevistada AVÓ8\Entrevistada AVÓ8> - § 2 references coded [7,14% Coverage]

Reference 1 - 3,61% Coverage

un grandi ensinamentu di vida... ês krês tudu hora, brincadera, djuga bola... un ka podi ser!Studos ê bom pa futuro!Cozinhar a alisar a roupa traz bom casamento!

Reference 2 - 3,52% Coverage

Enton na Portugal, nada ê diferenti... tarefas di casa é trabadjo di mudjer, homi teni ki pega sê caminhu... ganha sustento pa casa. É assim ki nu funciona...

<Documents\Entrevistada NETA1\Entrevistada NETA1> - § 1 reference coded [1,97% Coverage]

Reference 1 - 1,97% Coverage

Passou a vida a dizer me frases como: “Uma mulher deve sempre dar se ao respeito/Os homens não gostam de mulheres fáceis/Dinheiro não é nada nesta vida,Dignidade é o que nos veste a alma desta e doutras vidas/Desde que haja saúde e comida,o resto é isso mesmo,resto.

<Documents\Entrevistada NETA10\Entrevistada NETA10> - § 1 reference coded [4,26% Coverage]

Reference 1 - 4,26% Coverage

A minha avó materna... e, sim, transmitia-me constantemente valores morais, principalmente religiosos, que eram pelos quais ela se regrava mais, muito ligados `tradição familiar africana... Sem dúvida, porque o que sempre mais me marcou na minha avó foram os princípios religiosos que ela sempre tentou transmitir, visto que antigamente a religião tinha um grande peso e influenciava bastante as decisões familiares que se tomavam.

<Documents\Entrevistada NETA2\Entrevistada NETA2> - § 1 reference coded [2,34% Coverage]

Reference 1 - 2,34% Coverage

Sim claro. Muitos desses valores passam pelo respeito pela minha pessoa enquanto mulher, por uma educação religiosa e por ser alguém na vida. A minha avó fez sempre questão de me ensinar um pouco da sua arte de cozinhar, lembrando que é um aspecto importante para me tornar numa boa mulher e esposa (risos), associado aos valores religiosos e por estudar, ir para a faculdade e tirar um curso...e o respeito pelos mais velhos e por todos aqueles com quem trabalho, convivo!

<Documents\Entrevistada NETA3\Entrevistada NETA3> - § 1 reference coded [1,93% Coverage]

Reference 1 - 1,93% Coverage

Valores? Essa pergunta é complicada! Epáh... deixa-me ver... olha nunca se esquecem de dizer que a família é muito importante e que não pode ser esquecida, porque em todos os momentos a união familiar sempre faz a diferença, que também tenho de ser alguém na vida para um dia voltarmos pá terra e então fazê-la crescer.

<Documents\Entrevistada NETA4\Entrevistada NETA4> - § 1 reference coded [3,78% Coverage]

Reference 1 - 3,78% Coverage

(risos) Sim alguns. Estou-me a rir porque não concordo com alguns dos valores transmitidos que são ou estão ultrapassados. A minha avó diz que os valores mantêm-se e passam de geração em geração, sem caírem em desuso. Para ela, a mulher tem que ser obediente e fiel ao marido, boa dona de casa, boa mãe, sempre numa perspectiva de submissão e não é nisto que acredito. Mas por outro lado, insiste muito na nossa educação, o falar correctamente com as pessoas, não dizer asneiras, respeitar os mais velhos.

<Documents\Entrevistada NETA5\Entrevistada NETA5> - § 1 reference coded [2,21% Coverage]

Reference 1 - 2,21% Coverage

Sim para ela o respeito é muito importante, pelos mais velhos e pela experiência que trazem consigo, o estudar e trabalhar para ajudar em casa e para sermos mulheres de sucesso amanhã e não umas perdidas, o conhecimento de quem somos e para onde vamos e o nosso desenvolvimento também.

<Documents\Entrevistada NETA6\Entrevistada NETA6> - § 2 references coded [1,29% Coverage]

Reference 1 - 1,27% Coverage

Alguns valores sim como o respeito que acho que é o mais importante, o estudar para ser alguém na vida e o nosso desenvolvimento pessoal enquanto pessoas. Basicamente foi isso.

Reference 2 - 0,01% Coverage

<Documents\Entrevistada NETA7\Entrevistada NETA7> - § 1 reference coded [3,64% Coverage]

Reference 1 - 3,64% Coverage

Sim transmitem embora a convivência seja repartida com os netos que estão em Angola, mas também os meus pais fazem questão de os transmitir. São valores muito ligados ao

respeito pelos mais velhos e pelos nossos pais, por serem as pessoas que nos puseram no mundo e nos criaram e deram-nos bases para sermos alguém, pelo amor ao próximo nosso semelhante e a rezar por nós e pelos outros, pelo estimar a família que temos e tudo o que conquistamos com os nossos estudos e força de vontade... sermos no fundo verdadeiros connosco e com os outros também.

**<Documents\Entrevistada NETA8\Entrevistada NETA8> - § 1 reference coded
[2,82% Coverage]**

Reference 1 - 2,82% Coverage

Valores como assim?... tipo coisas que elas me ensina?... Yah... ela diz sempre que uma boa esposa tem de saber cozinhar para o casamento durar, tem de estudar para ser alguém na vida, que tenho de rezar todos os dias porque é importante pensar também nos outros... e rezo mesmo! Olha cozinhar estou a aprender, com elas, minha mãe e irmã, que também aprenderam com a minha avó.

**<Documents\Entrevistada NETA9\Entrevistada NETA9> - § 3 references coded
[9,11% Coverage]**

Reference 1 - 2,95% Coverage

Os meus avós tentaram sempre passar-me valores, desde coisas simples, como a importância de passar na passadeira, passando pelo respeito pelos mais velhos, até a assuntos mais complexos como valores e ideais religiosos...A minha avó dá especial importância ao papel da mulher em casa, que a meu ver, hoje em dia se encontra bastante desactualizado e motivo pelo qual neste tema discordávamos muitas vezes...

Reference 2 - 3,37% Coverage

Para começar passavam cá as férias muitas vezes e estando eu também de férias eram uma companhia, nós passeávamos imenso, acho que de certa forma foram eles que incutiram na minha mãe a apetência por viajar que acabou também por passar para mim. É graças à minha avó que hoje em dia gosto de cozinhar. Começou por ser apenas uma obrigação, depois comecei a apanhar o gosto por fazer sobremesas e hoje em dia cozinhar para mim é até algo que me relaxa e distrai!

Reference 3 - 2,79% Coverage

Até hoje ela continua a transmitir-me imensos valores, religiosos, morais, culturais, sociais também, nomeadamente: respeito pelos outros e principalmente pelos mais velhos. Penso que me transmitia valores porque acho que faz parte do papel dos avós. Por norma eles querem ver-nos crescer e tornar-nos pessoas integras e que de certa forma sejam a sua continuação e motivo de orgulho.

TRADIÇÃO E CONHECIMENTO

<Documents\Entrevistada AVÓ1\Entrevistada AVÓ1> - § 1 reference coded [1,51% Coverage]

Reference 1 - 1,51% Coverage

Tá a ver, todas têm a ver com o nosso país, com a maneira de povo viver, de estar e que remontam às nossas tradições. Hoje em dia continuo a contá-las mas numa conversa mais adulta

<Documents\Entrevistada AVÓ2\Entrevistada AVÓ2> - § 1 reference coded [2,71% Coverage]

Reference 1 - 2,71% Coverage

Tudo o que sei... é o reflexo da educação que tive, africana e religiosa, porque sempre estiveram lado a lado, não quero obrigar a fazer nada, mas podem saber um pouco mais sobre as suas origens. Mantemos costumes que são da nossa terra e são muçulmanos também...

<Documents\Entrevistada AVÓ3\Entrevistada AVÓ3> - § 2 references coded [9,15% Coverage]

Reference 1 - 4,46% Coverage

Porque un dia, avó já não está e quem vai continuar a nossa linhagem... porque cada família teni un tradiçõn diferenti di kel lá, ma tudo kauverdiano. Ela tem de aprender para amanhã ensina.

Reference 2 - 4,69% Coverage

Cultura di nós terra... é o que cultivamos na nossa terra sagrado e si bën di lá fruto é porke nós tudo sta abençoado, porke nos somos um bom genti, ki honra sê terra, sê história, sê país, sê tradiçon.

<Documents\Entrevistada AVÓ4\Entrevistada AVÓ4> - § 1 reference coded [3,24% Coverage]

Reference 1 - 3,24% Coverage

É util ela saber um pouco mais das suas origens porque veio de lá ainda pequena. Pode sempre comparar com os hábitos europeus... e é uma escolha que pode fazer livremente... só conto quando estão dispostos a ouvir um pouco da nossa história.

<Documents\Entrevistada AVÓ5\Entrevistada AVÓ5> - § 1 reference coded [3,90% Coverage]

Reference 1 - 3,90% Coverage

Enton, tradiçon é nós guia, é nós cultura pamodi nós é povo di terra grandi, ki bai na sê caminhu hora kês krê, mudjers de seti saias na corpu e di pé na tchon. Maria é nha tisouro, nha amiga...!

<Documents\Entrevistada AVÓ6\Entrevistada AVÓ6> - § 1 reference coded [3,49% Coverage]

Reference 1 - 3,49% Coverage

As tradições, não as vejo como de grande importância, porque realmente vivemos aonde?... em Portugal, a minha neta nasceu cá, é portuguesa e porque insistir nas tradições e nos costumes. Nós havemos de morrer e eles lá continuaram, porque é algo que não morre... permanece.

<Documents\Entrevistada AVÓ7\Entrevistada AVÓ7> - § 1 reference coded [2,05% Coverage]

Reference 1 - 2,05% Coverage

Aqui mesmo onde estamos, apesar de longe da nossa terra, os sentimentos são os mesmos, os hábitos, as vontades, o ambiente... tudo o que nos faz viajar até Luanda está aqui conosco nos nossos corações.

<Documents\Entrevistada AVÓ8\Entrevistada AVÓ8> - § 1 reference coded [2,97% Coverage]

Reference 1 - 2,97% Coverage

E nós cultura, bu sabê!

Leida ben di Kau Verdi ku 11 anos, ma ela conscheu nós manera di vivi, nós ritmo di trabadju tudu kel la

<Documents\Entrevistada NETA1\Entrevistada NETA1> - § 2 references coded [3,67% Coverage]

Reference 1 - 1,35% Coverage

Sim, porque de certa forma foi o que ela aprendeu dos seus familiares, que por sua vez aprenderam com outros familiares. Consequentemente estes acabam por se tornar um legado familiar.

Reference 2 - 2,32% Coverage

Não, necessariamente. A minha família, apesar de ser tipicamente africana mais propriamente bantu não vive as imposições que outrora os avós da minha Mãe, por exemplo injectaram aos meus avós. Gosto de saber das minhas origens pois acredito que é importante para a minha formação enquanto ser humano saber donde vim.

<Documents\Entrevistada NETA10\Entrevistada NETA10> - § 2 references coded [4,27% Coverage]

Reference 1 - 1,57% Coverage

Sim, são importantes porque são atitudes/formas de estar com as quais me identifico e, de certa forma, fazem-me sentir um pouco mais próxima da minha cultura.

Reference 2 - 2,69% Coverage

Existe, na minha família mantêm-se os princípios adquiridos enquanto africanos, porque são eles que nos fazem pertencer a uma determinada comunidade... e neste caso, africana... pertencentes algo partilhado por várias pessoas que nos ajudam a crescer enquanto seres humanos.

<Documents\Entrevistada NETA2\Entrevistada NETA2> - § 4 references coded
[10,37% Coverage]

Reference 1 - 3,21% Coverage

Sem dúvida que sim. A religião sempre foi algo de grande peso para a minha família, em que toda gente deveria seguir e respeitar. Muitas das atitudes dos meus familiares são pensadas segundo os valores religiosos. Inevitavelmente, a minha geração apresentou-se menos conformista e mais revolucionária e de quando em quando, existem alguns conflitos entre gerações, pois não partilhamos dos mesmos valores e hoje é impensável falar-se de uma mulher que deve ser submissa ao seu marido, obediente, dona-de-casa, mãe de filhos. Provavelmente nós netas, um dia chegaremos as esposas e mães mas numa dinâmica familiar totalmente diferente, muito mais proactivas.

Reference 2 - 3,15% Coverage

Eu penso que é fundamental saber mais sobre as nossas origens, porque embora tenha nascido em Moçambique, vim de lá muito pequena e ao viver tantos anos na Europa, acho que acabamos por perder a ligação com as nossas raízes. Se não tivermos uma família que se preocupa em transmitir o nosso background, dificilmente construímos a nossa identidade. As avós nas famílias africanas têm muito esse papel de mensageiro, que traz a riqueza cultural do nosso país até nós e assim temos vontade de voltar ao nosso país de origem para ver com os nossos próprios olhos, o que é sentir o cheirinho da terra no nosso país, as pessoas, os costumes, etc.

Reference 3 - 1,81% Coverage

Eu não vejo como uma imposição familiar, mas sim como um valor! Acho que para a minha avó, os nossos hábitos culturais são para serem passados de pais para filhos, de avós para netos e assim sucessivamente para esta continue viva. Assim como ser

muçulmano é algo hereditário, que passa de pais para filhos, também as nossas raízes devem-se fazer parte de cada africano.

Reference 4 - 2,21% Coverage

Todos este hábitos me completam enquanto pessoa, enquanto mulher africana porque só assim consigo perceber um pouco mais da minha história... é algo que não passa só pela transmissão de valores feita pelos nossos familiares, mas também pela tua procura, pela tua vontade. só o facto de saber que estes hábitos existem e são preservados fazem-me sentir alguém e conquistando mais ainda, poderei continuar este ciclo junto dos meus filhos, sobrinhos,etc.

<Documents\Entrevistada NETA3\Entrevistada NETA3> - § 1 reference coded [1,45% Coverage]

Reference 1 - 1,45% Coverage

Sim, acho que estão porque sempre ouvi isso desde pequena, foram os conselhos que sempre me deram. Para além disso, as minhas avós são aquelas mulheres do campo, das sete saias, de pilão na mão, de *pé na tchon*... tipicamente caboverdeanas.

<Documents\Entrevistada NETA4\Entrevistada NETA4> - § 3 references coded [6,48% Coverage]

Reference 1 - 3,35% Coverage

Pois claro!Têm muito a ver com a tradição familiar... mas é africana. Sim porque os homens africanos são mais egoístas e lá no tempo da minha avó elas eram obrigadas a aceitar tudo e mais alguma coisa, sem poder reclamar sobre...Daí todo esse discurso muito conformista, onde as mulheres não têm direito a dizer "não, não me apetece fazer nada". O que vale é que não estamos no nosso país, porque ali sim sente-se logo na maneira de estar dos patricios.

Reference 2 - 1,27% Coverage

Sim sem dúvida que é importante saber sobre as nossas origens. Para mim elas contribuem para a nossa formação enquanto pessoas a ajuda-nos a enriquecer os nossos valores.

Reference 3 - 1,86% Coverage

Acho que não, mas é como se fosse um ritual, todos nós acabamos por passar por isto, com especial atenção para os raspanetes intermináveis, onde tínhamos de estar em fila para ouvir e levar uns puxões quando éramos infelizes nas nossas brincadeiras.

**<Documents\Entrevistada NETA5\Entrevistada NETA5> - § 2 references coded
[3,68% Coverage]**

Reference 1 - 2,02% Coverage

Não sei... nunca pensei sobre isso, mas acho que nós africanos temos uma educação diferente da de outras culturas, onde preservamos muito os avós e avós, não discutimos com os nossos pais com faltas de respeito e acho que é assim que nós nos respeitamos melhor.

Reference 2 - 1,66% Coverage

Sim sim e por isso fui até Cabo Verde e amei. Se pudesse investia lá em algum projecto para trabalhar com aquelas crianças e ia viver para lá. E isto vem do nosso interesse pessoal, dos nossos interesses e vontades.

**<Documents\Entrevistada NETA6\Entrevistada NETA6> - § 2 references coded
[1,93% Coverage]**

Reference 1 - 0,76% Coverage

Possivelmente sim, mas deverá ter mais haver com a educação que lhes deram e que agora passam para mim.

Reference 2 - 1,17% Coverage

Não ,muito mais. Já conheço o país onde os meus pais nasceram e viveram durante muito tempo e eu também já lá estive e gostei, mas o que eu sei já é suficiente.

**<Documents\Entrevistada NETA7\Entrevistada NETA7> - § 2 references coded
[5,04% Coverage]**

Reference 1 - 3,01% Coverage

Penso que sim, porque a minha família sempre foi religiosa e vou à missa não regularmente mas sempre que posso e no Natal, estamos juntos na missa do Galo e durante a ceia e só depois vou ter com os meus amigos. Também somos uma família que veio há cerca de 9 anos para Portugal, com uma bagagem cultural que nunca quis deixar e se calhar por isso, os nossos valores estão mais enraizados em nós, numa perspectiva muito diferente da portuguesa, se calhar.

Reference 2 - 2,04% Coverage

Para quem não sabe nada ou pouco das suas origens é importante procurar por elas se assim entender. Agora eu, aquilo que não sei e quero saber... procuro e pergunto e aprendo. Não tenho quaisquer problemas. Sem isso é um vazio ou então procuras interiorizar uma outra cultura, que neste caso é a portuguesa.

<Documents\Entrevistada NETA8\Entrevistada NETA8> - § 2 references coded
[4,02% Coverage]

Reference 1 - 2,42% Coverage

Sim, porque viemos de Cabo Verde há uns sete anos para trás e continuamos a fazer as mesmas coisas que fazíamos lá... só com uma diferença que é o espaço. Lá era tudo mais livre, mais aberto, mais natureza e aqui não. Já não dá para conviver na rua como fazíamos lá, com fogueiras e danças, andar descalça... essas coisas!

Reference 2 - 1,60% Coverage

Para mim está bem assim! Sei de onde vim e espero voltar um dia, porque gostava de lá estar. Vim porque tive de vir, porque as coisas lá não estavam fáceis e sei que os meus pais procuram sempre o melhor para nós.

<Documents\Entrevistada NETA9\Entrevistada NETA9> - § 2 references coded
[4,16% Coverage]

Reference 1 - 3,25% Coverage

Sim, muitos deles valores religiosos e culturais. Porque embora vivamos em Portugal a influência da cultura moçambicana e muçulmana encontra-se bastante enraizada na

minha família em Portugal...em pequenas coisas: alimentação, convívio, música...Acho que é muito importante estar ligada às nossas origens... sim é bastante importante e mais que tudo interessante! Conhecer certas expressões, tradições, saber como viviam os meus pais em Moçambique...

Reference 2 - 0,92% Coverage

Não considero de todo uma imposição, pelo contrário...acho que esse aspecto foi um pouco descurado, gostava de saber muito mais...